

B. C. GARMATZ

MONTE RORAIMA

A MORADA DE MAKUNAIMA

THE ABODE OF MAKUNAIMA



Português - English

3ª Edição - 3rd Edition

ARTES &
TEXTOS

MONTE RORAIMA
A Morada de Makunaima
The Abode of Makunaima

B. C. Garmatz
Copyright do Autor

Registrado na Biblioteca Nacional. Permitida a reprodução desde que citada a fonte.

Este livro foi produzido com apoio do Governo do Estado de Roraima, através da Secretaria da Cultura, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (Lei nº 318/2001), com o patrocínio de Frios Rio Branco.

This book was produced with support from the State Government of Roraima, through the Department of Culture, by means of the State Law of Incentive for Culture (Law #º 318/2001), with the sponsorship of the Frios Rio Branco.



**Governo
de Roraima**



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

G233 Garmatz, Bruno Cláudio
Monte Roraima: a morada de Makunaima / 2ª Edição
por Bruno / Cláudio Garmatz. ___ Curitiba: Artes & Textos,
2019.
398 p.: Il.
Texto em português e inglês.
ISBN 978-85-99592-93-9

1. Estado Bolívar – Venezuela - História. 2. Monte Roraima - Fotografias. 3. República da Guiana - História. 4. Roraima - História. I. Título.

Versão para o inglês: Sandra Milena Palomino Ortiz
Revisão da Versão para inglês: Dr. Richard Allen Thiele
Layout do Projeto e Capa : Artes & Textos
Impressão : Comunicare

AGRADECIMENTO

ACKNOWLEDGMENTS

Agradeço, de forma muito especial, aos meus amigos fotógrafos que gentilmente cederam imagens para compor este livro.

Adroaldo Ranzi, Aluizio Nascimento, Amauri e Sandra, Andrezza Mariot, Dilamar Demétrio e Inajara Leviski, Eduardo Andrade, Fabiano de Lima Lopes, Fernando Teixeira, Fernando Oliveira, Jackson Souza, Janos Bodi, Luis Felipe Gonçalves, Marcelo Camacho, Orib Ziedson, Reynesson Damasceno, Richard Messias, Roraima Adventures, SECOM, Taylor Nunes, Tiago Orihuela, Vagner Santos e Valter Vogel.

Fotos de Theodor Koch-Grünberg reproduzidas do livro “Von Roraima zum Orinoco” de autoria do mesmo.

Agradeço de coração, aos meus amigos Eugênio Thomé, Geninho Thomé, Inácio Thomé, Roque Stumm, Silmar Gonçalves e Walter Berrish Filho, pelo apoio, sem o qual não seria possível realizar este projeto

I acknowledge, in a very special way, my photographer friends who kindly provide images to compose this book.
Adroaldo Ranzi, Aluizio Nascimento, Amauri e Sandra, Andrezza Mariot, Dilamar Demétrio e Inajara Leviski, Eduardo Andrade, Fabiano de Lima Lopes, Fernando Teixeira, Fernando Oliveira, Jackson Souza, Janos Bodi, Luis Felipe Gonçalves, Marcelo Camacho, Orib Ziedson, Reynesson Damasceno, Richard Messias, Roraima Adventures, SECOM, Taylor Nunes, Tiago Orihuela, Vagner Santos e Valter Vogel.

Photos by Theodor Koch-Grünberg reproduced from the book “Von Roraima zum Orinoco” by the same author.

Heartfelt thanks, my friends Eugênio Thomé, Geninho Thomé, Inácio Thomé, Roque Stumm, Silmar Gonçalves e Walter Berrish Filho, for their support, without which it would not be possible to carry out this project.

DEDICATÓRIA

Dedication



Bruno Garmatz

Dedico este livro aos índios Taurepang da comunidade de Paraitepuy, os verdadeiros guardiões do monte Roraima e, especialmente, ao guia Adelino Castro e ao carregador Francisco Lezama, responsáveis pela minha condução através das trilhas durante os oito dias (26-03 a 02-04-2011) de jornada pela montanha para coletar o material fotográfico que compõe este livro.

I dedicate this book to the Taurepang Indians of the community of Paraitepuy, the true guardians of Mount Roraima and especially to the guide Adelino Castro and to the porter Francisco Lezama, who were responsible for guiding me through during the eight days (26-03 to 02-04-2011) journey to the mountain to collect the photographic material that compose this book.

APRESENTAÇÃO

Vivo em Roraima desde 1983 e sempre que viajo para outras regiões do Brasil de férias, ou por outro motivo qualquer, e converso com as pessoas, geralmente me perguntam onde moro. Respondo que moro em Boa Vista/Roraima e aí, invariavelmente, vem uma nova pergunta:

- Mas o que é que você faz nesse fim de mundo?

Percebo, pela pergunta um tanto quanto irônica, que é essa a visão que a maioria dos brasileiros de outras regiões do país tem sobre Roraima, o estado mais novo da federação. A maioria pensa, ou imagina, por desconhecimento, que aqui só tem mato, índio e bicho. Por sermos um estado novo e ainda parcamente habitado (pouco mais de quinhentos mil habitantes), distante dos principais centros produtores e culturais, é compreensível não desfrutarmos ainda do progresso e do desenvolvimento de outras regiões. Somos carentes de algumas coisas e, geograficamente, Roraima sofre certo isolamento por conta da imensa Amazônia que, com seus rios e matas, nos separa da Região Centro-Oeste e Nordeste, e que, por sua vez, servem de passagem às regiões Sudeste e Sul.

Mas nem por isso deixamos de ser um estado interessante. Como jornalista, fotógrafo, morador de Roraima e apaixonado pela natureza exuberante desse pedaço da Amazônia Brasileira, há algum tempo eu vinha alimentando a ideia de fazer um livro sobre o Monte Roraima e a região. E essa falta de conhecimento e discernimento sobre ela pelas pessoas de outras regiões foi um dos motivos que me fez escrever este livro, justamente para desmistificar um pouco essa visão errônea e equivocada a respeito do estado onde vivo.

As fotos que verão adiante mostram que não é bem como a maioria das pessoas pensam e nos veem. Temos muita coisa boa e bonita para mostrar e para ser apreciada por quem nos visita, ou mesmo para quem vem para ficar e adota Roraima como seu novo lar.

Usei o Monte Roraima como atrativo principal do livro, inclusive na capa, mas na verdade não queria fazer apenas um livro de fotos, mostrando as espetaculares paisagens, a flora e fauna, as águas, as formações rochosas dessa montanha que é um ícone do turismo na Região Norte do Brasil e igualmente da vizinha Venezuela, atraindo anualmente milhares de turistas de todos os cantos do planeta ao seu platô. Queria algo mais. Pensei então, por que não mostrar junto com as fotos um pouco da história do monte com seus pioneiros, das lendas que o envolvem, da geografia da região, das cidades próximas que fazem parte desse roteiro, enfim, contar um pouco da região do entorno do monte?

PRESENTATION

I live in Roraima since 1983 and whenever I travel to other regions of Brazil for vacation or any other reason, people often ask me where I live. I reply that I live in Boa Vista/Roraima and invariably comes a new question:

- But what do you do living in the end of the world?

I realize the question is somewhat ironic as this is the view that most Brazilians from other regions of the country have about Roraima, the newest state of the federation. Most think, or imagine, by ignorance, that in Roraima there is only forest, indigenous people and wild animals.

Because we are a new and still sparsely populated state (just over half a million inhabitants), far from the main producers and cultural centers, understandably we do not enjoy the advance and development of other regions.

We are in need of some things and, geographically, Roraima suffers a certain isolation due to the immense Amazon region that, with its rivers and forests, separates us from the Midwest and Northeast, which in turn, serve as a transition to the Southeast and South.

But not because of this, it ceases to be an interesting state. As a journalist, photographer, resident of Roraima and in love with the lush nature of this piece of the Brazilian Amazon, I had been, for some time, nurturing the idea of writing a book on Mount Roraima and the region. And the lack of knowledge and insight about it by people from other regions was one of the reasons that made me write this book, just to demystify some of these erroneous and mistaken views about the state where I have been living..

The photos that you will see a continuation do not reflect the image in which most people think about and see us. We have a lot of good and beautiful things to show and to be appreciated by those who visit us, or even by those who come to stay and do adopt Roraima as their new home.

I used Mount Roraima as the main attraction of the book, including the cover, but I did not really want to do just a book of photos that showed the spectacular scenery, flora and fauna, the water, the rock formations of this mountain which is a touristic icon in the North of Brazil and as it is also from neighboring Venezuela, that attracts thousands of tourists every year from all corners of the planet to its plateau. I wanted something more.

Then I thought, why not show along with the photos a bit of history of the Mount with its pioneers, surrounding legends, geography of the region, nearby cities that are part of this scenery, finally, tell a little about surrounding area of the Mount?

The idea began to take shape in 2008, after a conversation with my friend, craftsman and designer, Irmênio Magellan. In January 2007 I had released my first book, 'Conversations with Guillermo', illustrated with photos, maps and documents, in which I narrate the wanderings of the Costa Rican Guillermo Alfaro Garbanzo (in me-

A ideia começou a tomar forma em 2008, depois de uma conversa com meu amigo, artesão e designer, Irmânio Magalhães. Em janeiro de 2007 havia lançado meu primeiro livro, *Conversando com Guillermo*, ilustrado com fotos, mapas e documentos, no qual narro as andanças do costarricense Guillermo Alfaro Garbanzo (in memoriam), aventurando-se pelos caminhos das Américas ao longo de mais de três décadas (40 até começo de 70), quando chegou em Roraima e nunca mais daqui arredou pé.

Como o livro era uma produção independente, não tinha um esquema de distribuição através da editora e eu mesmo os comercializava. Dessa forma, deixei-os à venda em alguns locais, como na loja de artesanato de Irmânio, que era bastante frequentada por turistas estrangeiros que visitavam Boa Vista e ali iam à procura de camisetas e peças de artesanato para levar de lembrança. Irmânio e os vendedores de outros locais onde deixava os livros me contavam que muitos estrangeiros viam o meu livro e, folhando-o, achavam-no interessante pelas fotos e mapas, mas acabavam não comprando por ser impresso apenas em português. Também me contavam que os turistas procuravam por livros com fotos e informações sobre Roraima e não encontravam em bancas de revistas e livrarias.

Como eu já andava com a ideia de fazer um livro sobre o Monte Roraima essas informações aguçaram ainda mais a minha vontade de fazê-lo, e em dois idiomas, português e inglês, porque percebi que dessa forma poderia atingir um público maior, contemplando também os estrangeiros, que assim poderiam levar uma bela lembrança para seu país de origem. E nada melhor do que um livro para mostrar, através de fotos e textos informativos, não só a beleza ímpar do monte, mas também de outros lugares de Roraima, da Venezuela e da República da Guiana, pois fazem parte da tríplice fronteira onde se encontra o Monte Roraima.

Depois de muita pesquisa em livros e sites, da segunda subida ao monte em março de 2011 – a primeira foi em 2002 – e da batalha para se conseguir patrocínio, finalmente o projeto saiu do forno e agora está sendo apresentado aos leitores já em sua segunda edição.

Espero que gostem.

O autor

moriam), whilst adventuring on the paths of the Americas for over three decades (since beginning of the 40's to the 70's), until he arrived at Roraima and never again left.

Because the book was an independent production that did not have a distribution scheme through a publisher I commercialized it myself. Thus, I left them for sale in some places, such as the craft store Irmânio, which was frequented by foreign tourists visiting Boa Vista looking for T-shirts and crafts to take home.

Irmânio and sellers in other places where I left the books told me that many foreigners saw my book and browsing through it, found it interesting because of the photos and maps, but ended up not buying it due to it being published only in Portuguese language.

They also told me that tourists looked for books with pictures and information about Roraima and did not find any in newsstands and bookstores.

As I walked around with the idea of making a book about Mount Roraima this information sharpened even more my desire to do so even more, in two languages, Portuguese and English, because I realized that in this way I could reach a wider audience, including also foreigners, so they could take a beautiful keepsake back to their country.

And what better than a book to show, through photos and informative text, not only the unique beauty of the mountain, but also other places of Roraima, Venezuela and the Republic of Guyana, that form part of the triple border where Mount Roraima is located.

After much research using books and websites, with information from the second climb to the mountain in March 2011 - the first was in 2002 - and a battle to obtain sponsorship, finally, the project came out of the oven and is now being presented to readers in its second edition.

I hope you enjoy.

Autor

TÓPICOS ABORDADOS

Content

APRESENTAÇÃO | PRESENTATION

1 –ESTADO DE RORAIMA – UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA.....	15
THE STATE OF RORAIMA – A BIT OF ITS HISTORY AND GEOGRAPHY	
2 –ESTADO BOLÍVAR – UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA.....	191
THE STATE OF BOLIVAR – A BIT OF ITS HISTORY AND GEOGRAPHY	
3 – REPÚBLICA DA GUIANA – UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA.....	209
REPUBLIC OF GUYANA – A BIT OF ITS HISTORY AND GEOGRAPHY	
4 – MONTE RORAIMA	223
MOUNT RORAIMA	
4.1 FAUNA E FLORA	273
FAUNA AND FLORA	
4.2 AS LENDAS.....	285
THE LEGENDS	
4.3 OS PIONEIROS.....	291
THE PIONEERS	
4.4 O MONTE RORAIMA NA LITERATURA E CINEMA	307
MOUNT RORAIMA IN LITERATURE AND THE CINEMA	
5 – MONTE KUKENAN	323
MOUNT KUKENAN	
6 – PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA	335
NATIONAL PARK OF MOUNT RORAIMA	
7 – PARQUE NACIONAL CANAIMA.....	349
CANAIMA NATIONAL PARK	
7.1 A GRANDE SABANA	359
THE GREAT SAVANNA	
8 – SANTA ELENA DE UAIRÉN	371
SANTA ELENA OF UAIREN	
9 – PACARAIMA	383
PACARAIMA	
Sobre o Autor	395



1

ESTADO DE RORAIMA

The State of Roraima



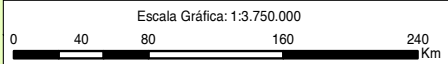
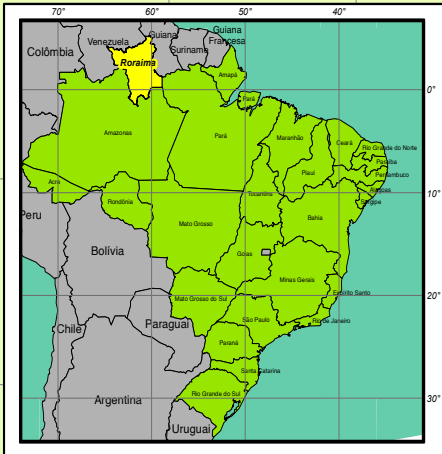



GOVERNO DO ESTADO DE RORAIMA
 SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO - SEPLAN
 CENTRO DE GEOTECNOLOGIA, CARTOGRAFIA E PLANEJAMENTO TERRITORIAL - CGPTERR



Convenções

-  Sedes Municipais
-  Rios
-  Rodovias



Edição: Maio/2016
 Formato: A4

Fonte de Dados: Base Cartográfica Contínua 1:100.000 (CGPTERR/IBGE)

ESTADO DE RORAIMA

UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA

As terras que formam o estado de Roraima, nos séculos XVI, XVII e XVIII despertaram a cobiça de holandeses, espanhóis e ingleses.

Por volta de 1741, o holandês Nicholas Horstman chegou ao rio Branco através do território que é hoje a República da Guiana e desceu até o rio Negro. Notícias dessa expedição chegaram ao conhecimento da Coroa Portuguesa e despertaram a preocupação com a área, pois confirmavam a existência de acesso e transações entre holandeses e os índios da região.

Por sua vez, os espanhóis chegaram ao território de domínio português através da Venezuela, pela cabeceira do rio Orinoco e seus afluentes. Na invasão, estabeleceram-se às margens do rio Uraricoera, onde fundaram três núcleos populacionais: Santa Rosa, São João Batista de Caya-Caya e Santa Bárbara.

Os portugueses achavam pouco provável a ocupação por parte de espanhóis por causa da dificuldade de acesso, uma vez que existia uma cordilheira entre Brasil e Venezuela. Entretanto, eles fizeram a invasão pela cabeceira do rio Uraricoera, que nasce na fronteira entre os dois países.

A partir desses fatos, a defesa e ocupação definitiva do vale do rio Branco passaram a ser uma real preocupação do governo português, tanto que em 1752 o soberano lusitano determinou a construção de um forte na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu.

Sabedores da existência de espanhóis na região do vale do rio Branco, o governo português contratou o capitão alemão Philip Sturn para expulsá-los e construir a fortaleza, que ficou pronta apenas em 1776, recebendo o nome de Forte São Joaquim do Rio Branco. A construção teve um papel importante na conquista definitiva da região do rio Branco, transformando-se na primeira repartição pública oficial, servindo também de base para a evangelização dos nativos, assim como para a moradia de um capitão Carmelita e de um pároco Capuchinho. Há registros do ano de 1780 de que cerca de 700 pessoas, grande parte delas crianças, foram batizadas na região.

Mas, apesar da existência do forte e do início da formação de fazendas de gado, o governo português não dava a devida importância à região.

De 1750 a 1800, o que ocorreu em relação à colonização foi a tentativa de aldeamento dos índios, concentrando-os em povoações como as de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara e Santa Isabel. As regras e condições eram duras e injustas para com os indígenas,

THE STATE OF RORAIMA

A BIT OF HISTORY AND GEOGRAPHY

The lands that comprise the State of Roraima in the sixteenth, seventeenth and eighteenth centuries aroused the ambition of the Dutch, Spanish and English.

Around 1741, the Dutchman Nicholas Horstman arrived at the White River by the territory that is today the Republic of Guyana and descended to the Negro River. News of this expedition came to the attention of the Portuguese crown and sparked interest for the area, for it confirmed the existence of access and transactions between the Dutchmen and the Indians of the region.

On the other hand, the Spanish arrived at the territory of Portuguese dominion via Venezuela by the headwaters of the Orinoco River and its tributaries. As they invaded the land, they settled along the Uraricoera River, where they founded three populated centers: Santa Rosa, São João Batista de Caya-Caya and Santa Bárbara.

The Portuguese believed that it was unlikely that the Spanish would occupy the land due to the difficulty of access, since there was a mountain range between Brazil and Venezuela. However, they did invade the land through the headwaters of the Uraricoera River, which rises on the border between the two countries.

Due to these facts, the defense and the definitive occupation of the valley of the White River became a real concern of the Portuguese Government, so much so that, in 1752, the Lusitanian sovereign ordered the construction of a fort at the confluence of the rivers Uraricoera and Tacutu.

Aware of the existence of Spaniards in the region of the valley of the White River, the Portuguese government contracted the German captain Philip Sturn to evict them and to build the fortress, which became ready only in 1776, receiving the name Forte São Joaquim do Rio White (Fort of Saint Joaquín of the White River). The construction had an important role in the final conquest of the region of White River, becoming the first official government department, serving also as a base for the evangelization of the natives, as well as the home of a Carmelite captain and a Capuchin priest. There are records of the year 1780 that about 700 people, a large part of them children, were baptized in the region.

But, despite the existence of the fort and the beginning of the formation of cattle ranches, the Portuguese government did not give due importance to the region.

From 1750 to 1800, what occurred in relation to the colonization was the attempt to organize the Indians into villages, concentrating them in settle-

não acostumados a viver desse modo. Privados de sua liberdade, os nativos se revoltaram e em 1780 a insurreição culminou no sangrento episódio conhecido como Revolta da Praia do Sangue, em que os índios foram massacrados pelos portugueses. Os que conseguiram fugir do massacre foram capturados e feitos prisioneiros, enquanto o chefe Parauijamari foi executado, para servir de exemplo aos demais. A opressão aos indígenas pelos colonizadores prosseguiu no período seguinte, compreendido entre 1800 e 1890.

O governador da Capitania do rio Negro, coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, encantou-se com a beleza dos campos naturais do rio Branco, quando visitou a região em 1789. Foi ele que introduziu o gado bovino na região, trazendo as primeiras reses, transportadas em barcos a remo, vindas de Tefé, no Amazonas. Os índios, até então, não conheciam gado bovino. Cinco anos depois, o Governo Português criou, na bacia do rio Branco, as chamadas Fazendas do Rei: São Marcos (ainda hoje existente), São José e São Bento. Esse período foi marcado pela introdução do gado bovino nos campos naturais por Lobo d'Almada, fato que acabou atraindo brasileiros de outras regiões.

Nos anos seguintes, os ingleses começaram a cobiçar a região, provavelmente a partir da guerra de 1803 entre Inglaterra e Holanda. Até então, a Inglaterra não tinha possessões na América Latina, mas acabou tomando posse da região do Essequibo, Demerara e Berbice, na costa norte da América do Sul, antes do domínio holandês.

Em 1835, com a autorização do governo do Brasil, o alemão Robert Schomburgk, a serviço da Coroa Britânica, entrou em território brasileiro através do rio Tacutu com o propósito oficial de estudar este divisor natural entre o Brasil e a Guiana Inglesa. Schomburgk, através de relatórios enviados à Londres, sugeriu que as terras por ele visitadas pertenciam à Inglaterra, quando na verdade estava dentro do vale do rio Branco e seus afluentes, em território brasileiro. Chegou a elaborar um mapa, indicando uma nova fronteira para a região. A Coroa Inglesa, acreditando no seu emissário, deu ordens para que se colocassem marcos demarcatórios nas terras que Schomburgk julgava pertencerem à Inglaterra. Ainda hoje é possível encontrar alguns desses marcos nos rios Maú, Cotingo e Surumu, pertencentes à bacia do rio Branco.

Em 1841, frei José dos Santos Inocentes alertou as autoridades brasileiras de que os ingleses estavam colocando marcos divisórios além dos limites fronteiriços do Brasil com a Guiana. A ousadia de Schomburgk resultou numa questão diplomática envolvendo os limites entre a colônia inglesa e o Brasil, que se arrastou até 1903, quando a disputa foi submetida ao rei Vitória Emanuel III da Itália, que serviu de mediador, sendo o Brasil defendido por Joaquim Nabuco. O rei da Itália deu veredicto favorável à Inglaterra, estabelecendo como limite entre os dois países o rio Tacutu, fazendo com que através dessa sentença o Brasil perdesse 19.630 km² de terras para a Inglaterra. O episódio ficou conhecido como a questão do Pirara.

Antes disso, em 1877, a região Nordeste do Brasil era assolada por uma grande seca e muitos nordestinos, fugindo dela, vieram se aventurar na região Norte, em terras do vale do rio Branco. Os novos colonizadores dedicaram-se principalmente à atividade pecuária, limitando-se a criar o gado solto no campo, nas terras que julgavam devolutas. Com mão de obra escassa, os novos colonizadores dependiam dos índios para as lides do campo, os quais acabaram se tornando bons vaqueiros.

ments such as Nossa Senhora do Carmo (Our Lady of Carmen), Nossa Senhora da Conceição (Our Lady of Conception), Santa Bárbara (Saint Barbara) and Santa Isabel (Saint Isabel). The rules and conditions were harsh and unfair to the indigenous peoples who were not accustomed to living this way. Deprived of their freedom, the natives revolted and in 1780 the insurrection culminated in the bloody incident known as the “Revolta da Praia do Sangue” (Revolt of the Beach of Blood), where the Indians were massacred by the Portuguese. Those who managed to escape the massacre were captured and made prisoners, while the chief Parauijamari was executed, to serve as an example to the others. The oppression of indigenous peoples by the settlers continued in the following period, between 1800 and 1890.

The governor of the province of the Negro River, Coronel Manuel da Gama Lobo d’Almada was delighted by the beauty of the natural lands of the White River when he visited the region in 1789. It was he who introduced cattle in the region. He brought the first livestock, transporting them in rowboats, coming from Tefê, in Amazonas. The Indians, until then, were unfamiliar with cattle. Five years later, the Portuguese government created, in the basin of the White River, the so-called Fazendas do Rei (Ranches of the King): São Marcos (which still exists today), São José and São Bento. This period was marked by the introduction of cattle in the grasslands by Lobo d’Almada, a fact that ended up attracting people from other regions.

In the following years, the British began to covet the region, probably after the war of 1803 between England and Holland. Until then, England did not have possessions of land in Latin America, but ended up taking possession of the region of Essequibo, Demerara and Berbice, on the northern coast of South America, before the Dutch dominion.

In 1835, with the authorization of the government of Brazil, the German Robert Schomburgk, at the service of the British Crown, entered into Brazilian territory across the via the Tacutu River with the official purpose of studying this natural dividing point between Brazil and British Guyana. Schomburgk, through reports sent to London, suggested that the lands he visited belonged to England, when in fact he was in the valley of the White River and its tributaries, in Brazilian territory. He drew a map, indicating a new frontier for the region. The English Crown, believing in its emissary, gave orders that landmarks be put up in the lands that Schomburgk judged that belonged to England. Even today it is possible to find some of these markers along the rivers Maú, Cotingo and Surumu, belonging to the basin of the White River.

In 1841, Father José dos Santos Inocentes alerted the Brazilian authorities that the British were putting up landmarks beyond the limits of Brazil’s border with British Guyana. The boldness of Schomburgk resulted in a diplomatic issue involving the limits between the English colony and Brazil, which lasted until 1903, when the dispute was submitted to King Victor Emmanuel III of Italy, who served as mediator, with Brazil being defended by Joaquim Nabuco. The king of Italy gave a verdict favorable to England, establishing as the boundary between the two countries the Tacutu River, resulting that, through this decision, Brazil lost 19,630 km² of land to England. The episode became known as the Issue of Pirara.

Before this, in 1877, the northeastern region of Brazil was plagued by a severe drought and many northeasterners, fleeing from it, came to venture in

O gado criado extensivamente nos campos naturais do vale do rio Branco era vendido em Manaus e transportado em barcos chamados batelões durante o inverno, época em que o nível das águas subia e oferecia condições para que as embarcações não encalhassem nos bancos de areia que se formavam no verão e nas corredeiras do Bem Querer, em Caracaráí. Em troca dos bois, os fazendeiros recebiam dos “aviadores” (grandes comerciantes de Manaus) as mercadorias de que necessitavam para a sua manutenção anual.

Dessa época em diante, o forte São Joaquim entrou em decadência e dos pequenos povoados antigos, apenas um sobreviveu. O capitão Inácio Lopes de Magalhães, ex-comandante do forte, criou a fazenda Boa Vista e em sua volta surgiu um pequeno povoado, que em 1858 passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora do Carmo da Boa Vista do Rio Branco. Lopes de Magalhães é considerado o fundador da capital de Roraima.

Foi o primeiro núcleo populacional caracteristicamente urbano e no dia 9 de julho de 1890, pelo Decreto Estadual nº 49, a freguesia foi elevada à categoria de município pelo governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy. A instalação do município de Boa Vista do Rio Branco, feita em nome do governador pelo capitão Fábio Barreto Leite, ocorreu em 25 de julho do mesmo ano.

Em 1938, uma lei amazonense alterou o nome de Boa Vista do Rio Branco para Boa Vista e em 13 de setembro de 1943, pelo decreto nº 5.812, o Município de Boa Vista se desmembrou do Estado do Amazonas, passando à condição de Território Federal, com o nome de Território Federal do Rio Branco, durante o governo do presidente Getúlio Vargas.

O primeiro governador do novo território foi o capitão Ene Garcez dos Reis e Boa Vista passou a condição de capital do território em 1944. O nome do novo território (Território Federal do Rio Branco) passou a criar confusão na destinação da correspondência dos correios, com Rio Branco, a capital do Acre.

Por essa razão, em 1962, pela lei nº 4.182, promulgada pelo Congresso Nacional em 13 de dezembro, ocorreu a mudança do nome do território, que passou a se chamar Território Federal de Roraima.

Em 1988, com a promulgação da Nova Constituição Federal, foi criado o Estado de Roraima, instalado em 1º de janeiro de 1991, com a posse do primeiro governador eleito, Ottomar de Sousa Pinto.

Quanto à geografia, o Estado de Roraima tem uma superfície de 225.116km² e divide-se atualmente em quinze municípios. Faz fronteira ao sul com os Estados do Amazonas e Pará; a oeste com o Estado do Amazonas e com a Venezuela; ao norte com a Venezuela e a leste com a República da Guiana e o Estado do Pará. Ao sul predominam as matas da floresta amazônica com algumas áreas alagadiças. A oeste, a região é montanhosa e coberta de selva, onde se localiza a Reserva Yanomami com seus mais de nove milhões de hectares. Ao norte, é onde se localizam as serras mais altas, sendo em parte cobertas por selva e parte por savanas. A leste, ao longo da fronteira com a Guiana, predomina a selva mais ao sul, e a savana mais ao norte. A fronteira com a República da Guiana é delimitada pelos rios Tacutu¹ e Maú, sendo que o Tacutu é o único rio do estado cujas águas correm no sentido sul/norte, até receber as águas do Maú, enquanto os demais correm ao contrário. Depois, ele vai ao encontro do Uraricoera para, juntos, formarem o rio Branco, a cerca de 30km ao norte de Boa Vista.

¹ É possível encontrar nos livros de geografia e história a grafia do nome do rio Tacutu também como rio Itacutu.

the northern region, in lands of the valley of the White River. The new settlers dedicated themselves principally to cattle raising, limiting themselves to raising loose, cattle in the countryside, in the lands that they considered unoccupied. With scarcity of workers, the new settlers depended on the Indians for the work in the land, who ended up becoming good cowboys.

The cattle raised extensively in the grasslands of the valley of the White River were sold in Manaus and transported in boats called barges during the winter, a season when the river level rose and offered conditions that the boats would not run aground on the sandbars that formed in the summer and in the rapids of the Bem-Querer, in Caracaraí. In exchange for the cattle, the ranchers received from the “suppliers” (large merchants) of Manaus the goods that they needed for their annual maintenance.

From then on, the Fort São Joaquim fell into decay, and of the old small towns, only one survived. Captain Ignácio Lopez de Magalhães, ex-commander of the fort, created the ranch Boa Vista and around it a small village grew up, which in 1858 came to be called Freguesia de Nossa Senhora do Carmo da Boa Vista do Rio Branco (Parish of Our Lady Carmen of Boa Vista of the White River). Lopes de Magalhães is considered the founder of the capital of Roraima.

It was the first populated center that was characteristically urban and on July 9, 1890, by State Decree # 49, the parish was elevated to the category of city by the governor of Amazonas, Ximeno Augusto de Villeroy. The installation of the city of Boa Vista of the White River, made on behalf of the governor by Captain Fábio Barreto Leite, occurred on July 25 of the same year.

In 1938, an Amazonian law changed the name from Boa Vista do Rio White to Boa Vista. And on September 13, 1943, by Decree # 5812, the city of Boa Vista was separated from the state of Amazonas, taking on the status of a Federal Territory, with the name of Território Federal do Rio White (Federal Territory of the White River), during the government of President Getúlio Vargas.

The first governor of the new territory was Captain Ene Garcez dos Reis and Boa Vista took on the status of capital of the territory in 1944. The name of the new territory Território Federal do Rio Branco (Federal Territory of the White River) went on to create confusion in the destination of postal correspondence, with Rio Branco, the capital of Acre.

For this reason, in 1962, by Law # 4182, enacted by the National Congress on December 13, the name of the territory was changed, which came to be called Território Federal de Roraima (Federal Territory of Roraima).

In 1988, with the enactment of the New Federal Constitution, the state of Roraima was created, installed on January 1, 1991 with the inauguration of the first elected governor, Ottomar de Sousa Pinto

As for the geography, the state of Roraima has an area of 225,116km², and is divided currently into fifteen counties. It is bordered on the south by the states of Amazonas and Pará, in the west with the state of Amazonas and with Venezuela, in the north with Venezuela, and in the east with the Republic of Guyana and the state of Pará. In the south, the trees of the Amazonian forest predominate, with some wetlands. In the west, the region is mountainous and covered with jungle, where the Yanomami Reserve is located with its more than nine million hectares. In the north, is where the highest ridges are located, being covered in part by jungle and in part by savannas. In the east,

O Branco é o maior rio de Roraima. Com uma extensão de 548km, é formado pela confluência dos rios Uraricoera e Tacutu e suas águas correm na direção norte/sul até desembocarem no rio Negro, que por sua vez, junto com o Solimões, forma o gigante Amazonas. No verão o rio Branco seca muito e fica navegável somente até Caracaraí, onde se localiza a corredeira do Bem-Querer, a qual impossibilita o acesso até Boa Vista a barcos maiores, o que ocorre somente no período do inverno ou das chuvas (abril a setembro), quando o leito chega a subir mais de cinco metros e permite a navegação até a capital.

A região central do estado é coberta por savanas, popularmente chamadas de “lavrados”, com uma área de 44.000km². Roraima é o estado brasileiro com a maior população indígena do país, estimada em mais de 60 mil, divididos em dois Distritos Sanitários: 1 - Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomani e Yecuana (2016 - 14.608 índios). 2 - Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima, com 7 etnias: Macuxi, Wapixana, Ingaricó, Patamona, Taurepang, Saporá e Wai Wai (2016 - 46.144 índios).

Grande parte do estado é coberto por reservas e parques: Reservas Yanomami, Raposa-Serra do Sol, São Marcos, Waimiri-Atroari, Wai-Wai, Jacamim, Trombetas-Mapuera, Parque Nacional do Monte Roraima, Parque Nacional do Viruá, Parque Nacional da Serra da Mocidade, Estação Ecológica da Ilha de Maracá, Estação Ecológica de Niquiá, Estação Ecológica de Caracaraí e Floresta Nacional de Roraima, além de várias áreas pertencentes ao Exército, entre elas a da Serra do Tucano.

along the border with Guyana, the jungle predominates more in the south and savanna more in the north. The border with the Republic of Guyana is marked by the rivers Tacutu¹ and Maú, being that the Tacutu is the only river of the state whose waters flow from the south to the north, until receiving the waters of the Maú, while the others flow in the other direction. Then it meets the Uraricoera River to, together, form the White River, about 30km north of Boa Vista.

The White River is the largest river in Roraima. With a length of 548km, it is formed by the confluence of the Uraricoera and Tacutu rivers and its waters flow in the direction from north to south until they flow into the Negro River, which in turn, along with the Solimões River, form the giant Amazon River. In the dry season, the White River is navigable until Caracaraí, where the rapids of Bem-Querer are located, which prevents access to Boa Vista with larger boats, which occurs only during the rainy season (April to September), when the river level rises more than five meters and permits navigation to the capital.

The central region of the state is covered by savannas, popularly called lavrados (tilled land) with an area of 44.000km². Roraima is the Brazilian state with the largest indigenous population of the country, estimated at sixty thousand, divided in two health districts: 1 - Special Indigenous Sanitary District Yanomami and Yecuana (2016-14608 Indians). 2 - Special Indigenous Sanitary District of the Eastern Roraima, with 7 races: Macuxi, Wapixana, Ingaricó, Patamona, Taurepang, Saporá and Wai Wai (2016-46144 Indians).

Much of the state is covered by reservations and parks: the reservations Yanomami, Raposa-Serra do Sol, São Marcos, Waimiri-Atroari, Wai-Wai, Jacamim, Trombetas-Mapuera, and the parks: Parque Nacional do Monte Roraima, Parque Nacional do Viruá, Parque Nacional da Serra da Mocidade, Estação Ecológica da Ilha de Maracá, Estação Ecológica de Niquiá, Estação Ecológica de Caracaraí, and Floresta Nacional de Roraima, plus various areas belonging to the army, including Serra do Tucano.

¹ It is possible to find in geography and history books the spelling of the name of the Tacutu River also as Itacutu River.

BOA VISTA

A Boa Vista dos dias atuais não guarda mais quase nada da cidade provinciana de décadas atrás. Com uma população já acima de trezentos mil habitantes e expectativas de crescimento cada vez maiores, a capital de Roraima tornou-se um centro universitário e com a implantação da ZPE (Zona de Processamento de Exportação) e da ALC (Área de Livre Comércio), abre-se um leque de oportunidades de negócios para empresários que queiram investir no extremo norte brasileiro. Boa Vista é a única capital de estado situada totalmente acima da linha do Equador.

As avenidas largas e bem arborizadas, as inúmeras praças, as construções modernas, o comércio variado e o aeroporto reformado e bem aparelhado, demonstram que a cidade vai ao encontro do seu destino, que é o de ser uma das maiores e melhores cidades da Amazônia brasileira.

A mistura de raças que compõe a população boa-vistense resultou numa cidade cosmopolita, de cultura diversificada. As festas de origem nordestina - sua maior colônia de imigrantes - têm forte apelo junto à população no estado todo, principalmente as festas juninas. O boi-bumbá e as cirandas amazônicas são outro atrativo nas festas populares e até mesmo a tradição gaúcha está fortemente representada através do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Nova Querência.

Na música, o forró, o reggae, o pagode, o rock, o sertanejo, a eletrônica music, MPB (música popular brasileira), o brega e o samba, fazem parte do gosto musical no dia-a-dia dos boa-vistenses.

Um espetáculo da cultura popular se torna mais grandioso a cada ano que passa. São as “Festas Juninas”, organizadas tanto pela Prefeitura como pelo Governo do Estado, onde os grupos folclóricos chamados de “Quadrilhas Juninas” disputam durante vários dias prêmios em dinheiro e a honra de conquistar o primeiro lugar no concurso de quadrilhas, tal como ocorre nos desfiles de escolas de samba do Carnaval. As Festas Juninas em Boa Vista atraem mais público que o Carnaval. Milhares de pessoas comparecem à Praça do Centro Cívico e ao Parque Anauá durante os dias de festejos para assistirem não somente às apresentações das quadrilhas, mas também shows variados, com artistas locais e de outros estados, brincadeiras com palhaços para as crianças, se deliciar nas barracas com comidas típicas e visitar estandes de empresas, ou comprar pequenos objetos e peças de artesanato num variado comércio informal. As Festas Juninas ocorrem sempre nos meses de junho e julho e duram em média de sete a dez dias.

Outra festa popular que a cada ano que passa atrai mais gente é o “Festival das Araras”. Assim como em Parintins, no estado do Amazonas existe o Festival do Boi, onde os grupos folclóricos Boi Caprichoso e Boi Garantido competem em rivalidade, em Boa Vista existe o Festival das Araras, onde a Arara Azul e a Arara Vermelha rivalizam entre si. Cada grupo folclórico tem a sua torcida, barulhenta e calorosa, que comparece nos dias das apresentações para torcer por sua agremiação. As encenações e danças apresentadas remetem aos rituais indígenas, às lendas e mitos amazônicos. A indumentária usada pelos participantes é rica em cores e adereços. Ao som de toadas e muita luz, os grupos folclóricos transformam as apresentações em verda-

BOA VISTA

The Boa Vista of today retains very little of the provincial city from decades ago. With a population of around three hundred thousand inhabitants and expectations of increasing growth, the capital of Roraima became a university center and with the introduction of the ZPE - Zona de Processamento de Exportação - (Export Processing Zone) and the ALC - Área de Livre Comércio - (Free Trade Area) opens up a wide range of business opportunities for entrepreneurs who would want to invest in the extreme north of Brazil. Boa Vista is the only state capital located entirely above the equator.

The broad and well wooded avenues, the many squares, the modern buildings, the diverse commerce and the remodeled and well-equipped airport, demonstrate that the city will meet its target, which is to be one of the biggest and best cities in the Brazilian Amazon.

The mixture of races that make up the population of Boa Vista resulted in cosmopolitan city of diversified culture. The commemorations of the Northeast - its largest colony of immigrants - have a strong appeal to the population in the whole state, especially the celebrations in June. The Amazonian *boi-bumbá* and *cirandas* [types of folk dances and music] are another attraction at popular festivals and even the gaucho tradition [of the south] is strongly represented through the CTG - Centro de Tradições Gaúchas - (Center of Gaucho Traditions) Nova Quêrêcia.

In music, *forró*, *reggae*, *pagode*, *rock*, *country music*, *eletronic music*, *MPB* (Brazilian popular music), *brega* and *samba* are all part of musical taste in the day-to-day life of the people of Boa Vista.

A show of popular culture becomes grander with each passing year. They are the "June celebrations", organized by both the city and the state government, where the folk groups called *Quadrilhas Juninas* (June groups) vie for several days cash prizes and the honor of winning first prize at the group contest, such as occurs in the samba school parades of Carnival. The June celebrations in Boa Vista attract more audience of Carnival. Thousands of people attend the *Praça do Centro Cívico* (Civic Center Plaza) and the *Parque Anauá* (Anauá Park) during the days of festivities to attend not only the presentations of groups but also diverse shows, with local artists and artists from other states, performances by clowns for children, delighting in the booths with typical foods and to visit company displays, or buy small items and handicrafts in a diverse informal commerce. The June celebrations occur always in the months of June and July and last on average from seven to ten days.

Another popular festival which every year attracts more people is the *Festival das Araras* (Festival of Macaws). As in Parintins, in the state of Amazonas, where there is the *Festival do Boi* (Festival of the Ox), where the folk groups *Boi Caprichoso* and *Boi Garantido* compete in rivalry, in Boa Vista there is the *Festival das Araras* (Festival of Macaws), where a *Arara Azul* (the Blue Macaw) and the *Arara Vermelhas* (Red Macaw) compete with each other. Each folk group has its fans, loud and energetic, which attend on the days of presentations to cheer for their association. The stages and dances presented refer to Indian rituals, to Amazonian myths and legends. The clothing worn by participants is rich in colors and furnishings. At the sound of tunes and lots of light, the folk

deiros espetáculos teatrais, multicoloridos e fascinantes aos olhos de quem assiste. O Festival das Araras acontece quase sempre no final de agosto, no parque Germano Sampaio.

O Instituto Boa Vista de Música (IBVM) foi criado por meio da Lei Municipal nº 831, em 15/09/2005, como Organização Social e tem como finalidades sociais o ensino gratuito de música, a inclusão social, a promoção da cidadania e o desenvolvimento artístico cultural de crianças e adolescentes. Atende jovens de inúmeros bairros da cidade que se encontram em situação de vulnerabilidade social, contribuindo com a formação intelectual e profissional através do aprendizado musical. Fazem parte do Instituto a Banda Infanto-Juvenil, a Orquestra Sinfônica Infanto-Juvenil, a Orquestra de Violões, o Grupo de Canto Coral e Flauta Doce, o Projeto Inclusão em Sol Maior e o Projeto Música Que Acolhe direcionado à primeira infância. Seguindo essa filosofia, o IBVM atendeu até agosto de 2018 a 698 indivíduos dentro de seus variados projetos. Os eventos do IBVM acontecem em sua maioria em locais democráticos, como praças públicas, escolas e salas de espetáculos nos mais diversos bairros da cidade de forma gratuita, fazendo com que indivíduos tenham acesso pela primeira vez a espetáculos musicais de qualidade.

Há mais de quinze anos vem se desenvolvendo também, e com um público cada vez maior, um projeto de incentivo pela música clássica, que culminou recentemente com a criação da Orquestra Sinfônica de Roraima. Esporadicamente ela se apresenta em eventos e praças públicas para um público cada vez mais cativo.

A música e a poesia regionais usam elementos como a natureza, as tradições e a cultura indígenas em seus temas, principalmente através do Grupo Roraimeira, movimento criado pelos poetas, músicos e cantores Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa há mais de vinte anos, com o intuito de divulgar a cultura local.

A culinária regional tem forte influência nordestina e indígena, e os peixes fazem parte permanentemente do cardápio da população. A farinha de mandioca é também item quase que obrigatório, sempre presente na mesa do roraimeiro. É possível encontrar na cidade restaurantes servindo os mais variados pratos e sabores, desde comida a quilo, peixes, massas e pizzas, comida japonesa, comida árabe, comida regional, churrasco, comida mineira, comida alemã, fast-food, etc...

A rede hoteleira dispõe atualmente de centenas de leitos, desde simples pousadas à hotéis quatro estrelas.

Há ainda muitas atrações turísticas no estado, como a Serra do Tepequém, a belíssima região de Uiramutã no norte do estado, a Pedra Pintada, um monólito de granito com 40m de altura onde são encontradas inscrições rupestres de antigos povos que habitaram a região do rio Parimé.

Na região do baixo rio Branco existe dois hotéis³ de selva, com pista de pouso e todo conforto da vida moderna, para os amantes da natureza e da pesca esportiva. Para quem quiser conhecer a Guiana, estamos apenas a 120 km da fronteira. Bonfim, no Brasil, e Lethem, na Guiana, são separadas pelo rio Tacutu e unidas por uma ponte inaugurada recentemente. Lethem se tornou um centro de compras para os brasileiros, que vão até o país vizinho em busca de mercadorias importadas e com preços acessíveis.

Por tudo isso, Roraima e Boa Vista geralmente surpreendem quem vem visitá-los. Seja bem-vindo!

groups transform the presentations into true theatrical shows, multicolored and fascinating in the eyes of the audience. The Festival das Araras almost always at the end of August, in the Parque Germano Sampaio.

The Music Institute of Boa Vista was created by the Municipal Law number 831 on 09/15/2005, as a Social Organization and provides social purposes for free music teaching, social inclusion, the citizenship promotion and the artistic and cultural development of children and adolescents. It receives young people from several neighborhoods of the city who are in a social vulnerability situation, contributing for the intellectual and professional graduation through musical learning. Belong to the Music Institute of Boa Vista, the Infant-youth Band, the Infant Youth Symphony Orchestra, the Guitars Orchestra, the Singing Choral and the Sweet Flute Group, the Inclusion Project of Great Sun and the Project Music Hasting, directed to the first childhood.

Following this philosophy, the Music Institute of Boa Vista received until August 2018, 698 individuals inside its several projects. The events of Institute take place the majority at the democratic places like public squares, schools and show rooms in the many neighborhoods in Boa Vista at free form as far as possible, the individuals have accessed by the first time with quality musical attractions.

More than ten years ago, there also began to develop, and with a loyal and increasing public, a project to encourage classical music, which recently culminated with the creation of the Orquestra Sinfônica de Roraima (Symphony Orchestra of Roraima). Occasionally, it performs at events and at public squares to a public that is increasingly captive.

The regional music and poetry use elements such as nature, indigenous traditions and culture in its themes, mainly through the Grupo Roraimeira (Roraimeira Group), a movement created by the poets, musicians and singers Eliakin Rufino, Zeca Preto and Neuber Uchôa for more than twenty years, with the intention of promoting the local culture.

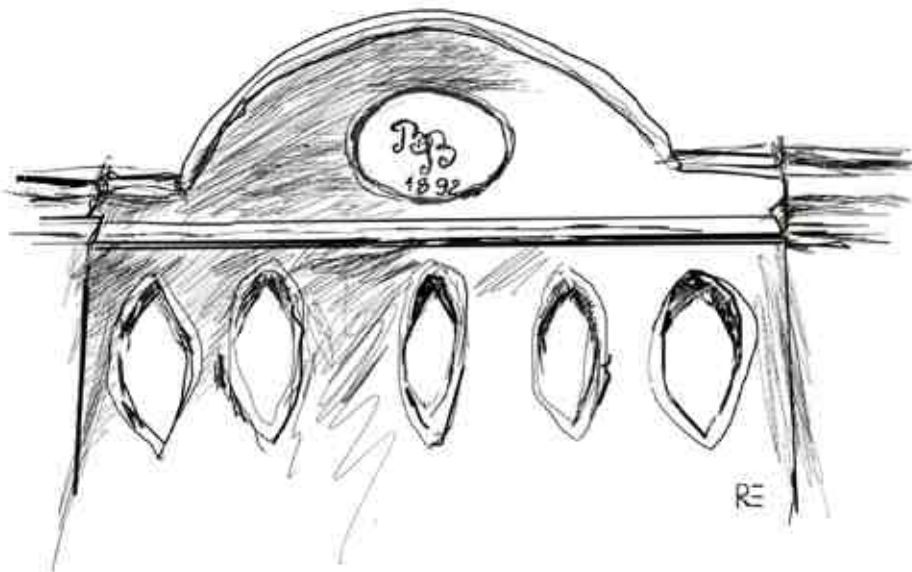
The regional cuisine has a strong northeastern and Indian influence, and fish is a permanent part of the menu of the population. Cassava flour is also an item almost mandatory, always present at the table of the people of Roraima. It is possible to find in the city, restaurants serving the most diverse dishes and flavors, from food by the kilo, fish, pasta and pizzas, Japanese food, Arabic food, regional food, barbecue, food typical of Minas Gerais, German food, fast food, etc.

The hotel network currently has hundreds of beds, from simple hostels to four-star hotels.

There are many tourist attractions in the state, such as Serra do Tepequém, the beautiful region of Uiramutã in the north of the state, the Pedra Pintada, a granite monolith 40m high, where there are found stone inscriptions of ancient peoples who inhabited the region of the Parimé River.

In the region of the lower White River, there is a jungle lodge with an airstrip and all the comfort of modern life, for nature lovers and sport fishing. For who wants to know Guyana, we are just 120 km from the border. Bonfim, in Brazil, and Lethem, in Guyana, are separated by the Tacutu River and joined by a bridge inaugurated recently. Lethem has become a shopping center for the Brazilians, who go to the neighboring country in search of imported goods with accessible prices.

For all this, Roraima and Boa Vista usually surprise those who come to visit them. Welcome!









Boa Vista - primeira foto aérea - 1924 | Boa Vista - First aerial photo - 1924

Hamilton Rice



Plano urbanístico anos 40 - Urbanistic Plan years 40's

Arq. PMBV - Archivo PMBV - File PMBV



Boa Vista aérea - 1975 - Boa Vista aerial view 1975

Arq. PMBV - Archivo PMBV - File PMBV



Boa Vista aérea - 2004 - 2004. Boa Vista aerial view

Arq. PMBV - Archivo PMBV - File PMBV



Boa Vista - Foto Aérea 2010 - Boa Vista - Aerial view 2010

Orib Ziedson



Aérea de Boa Vista - Aerial view Boa Vista

Orib Ziedson



Vista Aérea de Boa Vista - Aerial view Boa Vista

Plató Filmes



Vista aérea da Orla Taumanan - Aerial View of Taumanan complex

Plató Filmes



Bruno Garmatz

Portal da Orla Taumanan - Portal Taumanan Complex



Bruno Garmatz

Orla Taumanan - Taumanan Complex



Av. Ene Garcez - Praça das Águas - Ene Garcez Avenue - Water's Square

Plató Filmes



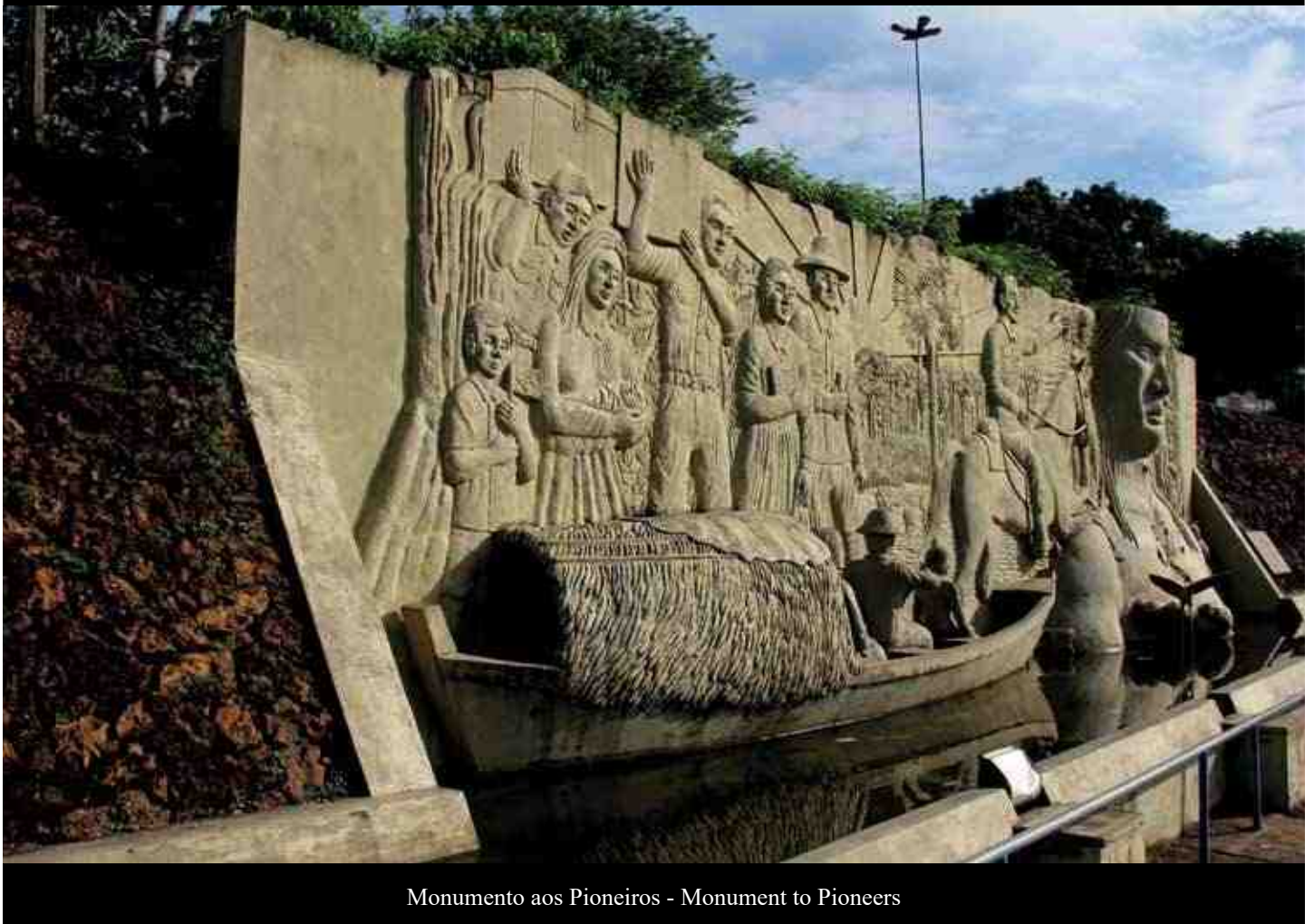
Campus Paricarana - Universidade Federal de Roraima - Paricarana Campus - Federal University of Roraima

Plató Filmes



Orib Ziedson

Vila Olímpica - Olympic Village



Bruno Garmatz

Monumento aos Pioneiros - Monument to Pioneers



Igreja Catedral Cristo Redentor - Church Cathedral Christ the Redeemer

Reynesson Damasceno



Palácio da Cultura - Palace of Culture

Bruno Garmatz



Fernando Oliveira

Parque Anauá - Anauá Park



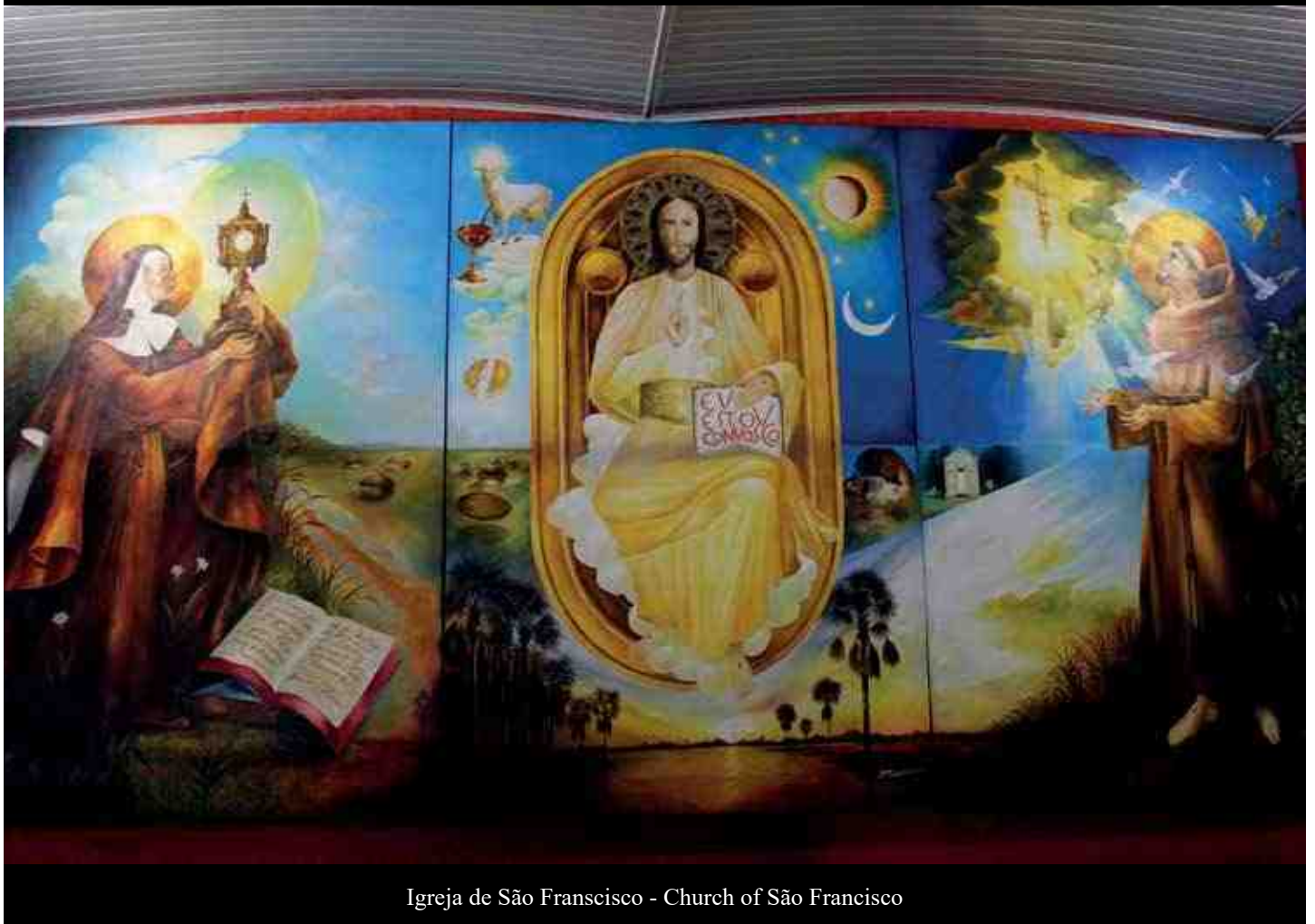
Vagner Santos

Garimpeiro ao anoitecer - Miner at nightfall



Bruno Garmatz

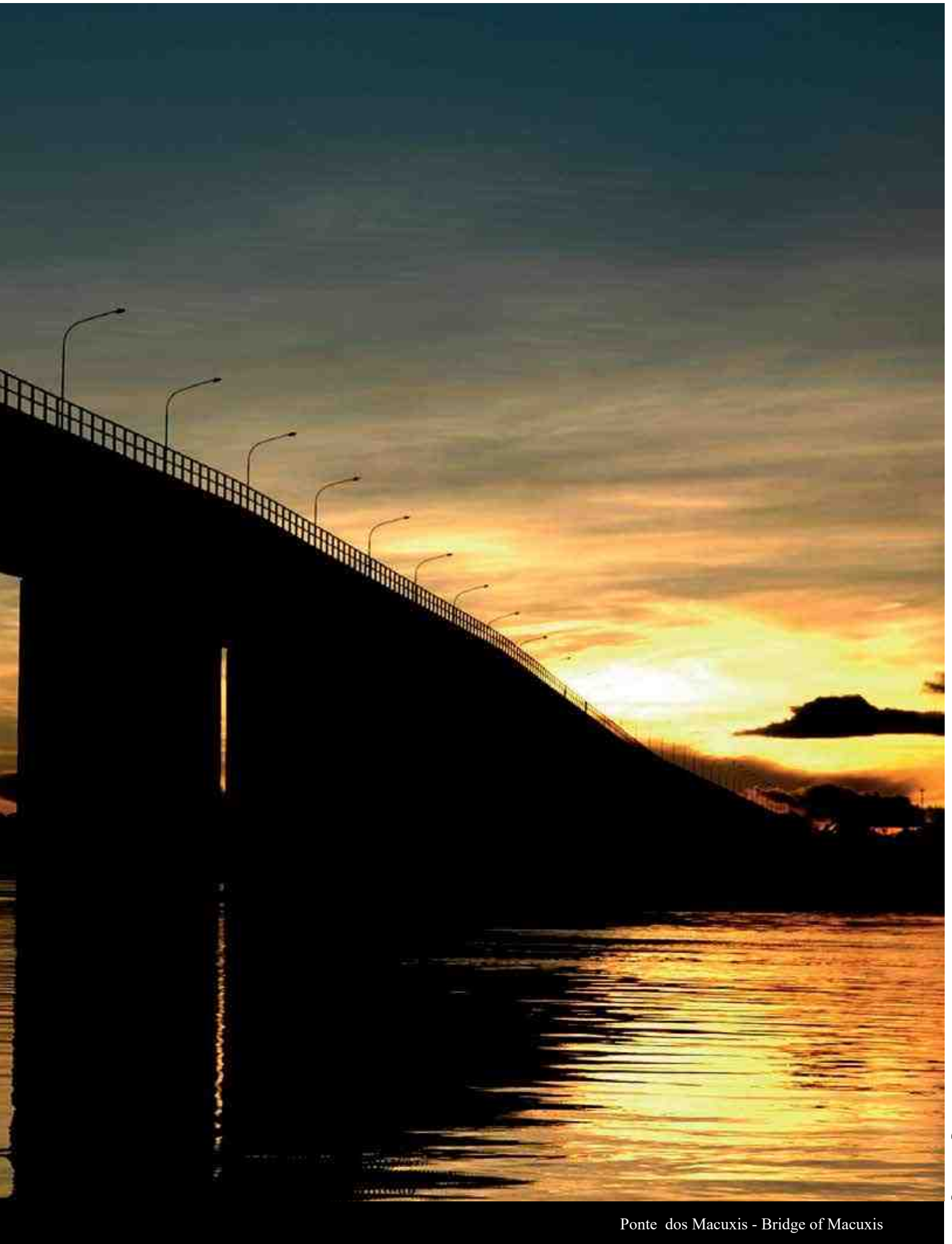
Igreja de São Francisco - Church of São Francisco



Bruno Garmatz

Igreja de São Francisco - Church of São Francisco





Reynesson Damasceno

Ponte dos Macuxis - Bridge of Macuxis



Igreja de São Sebastião



São Sebastião Church



Igreja São Sebastião

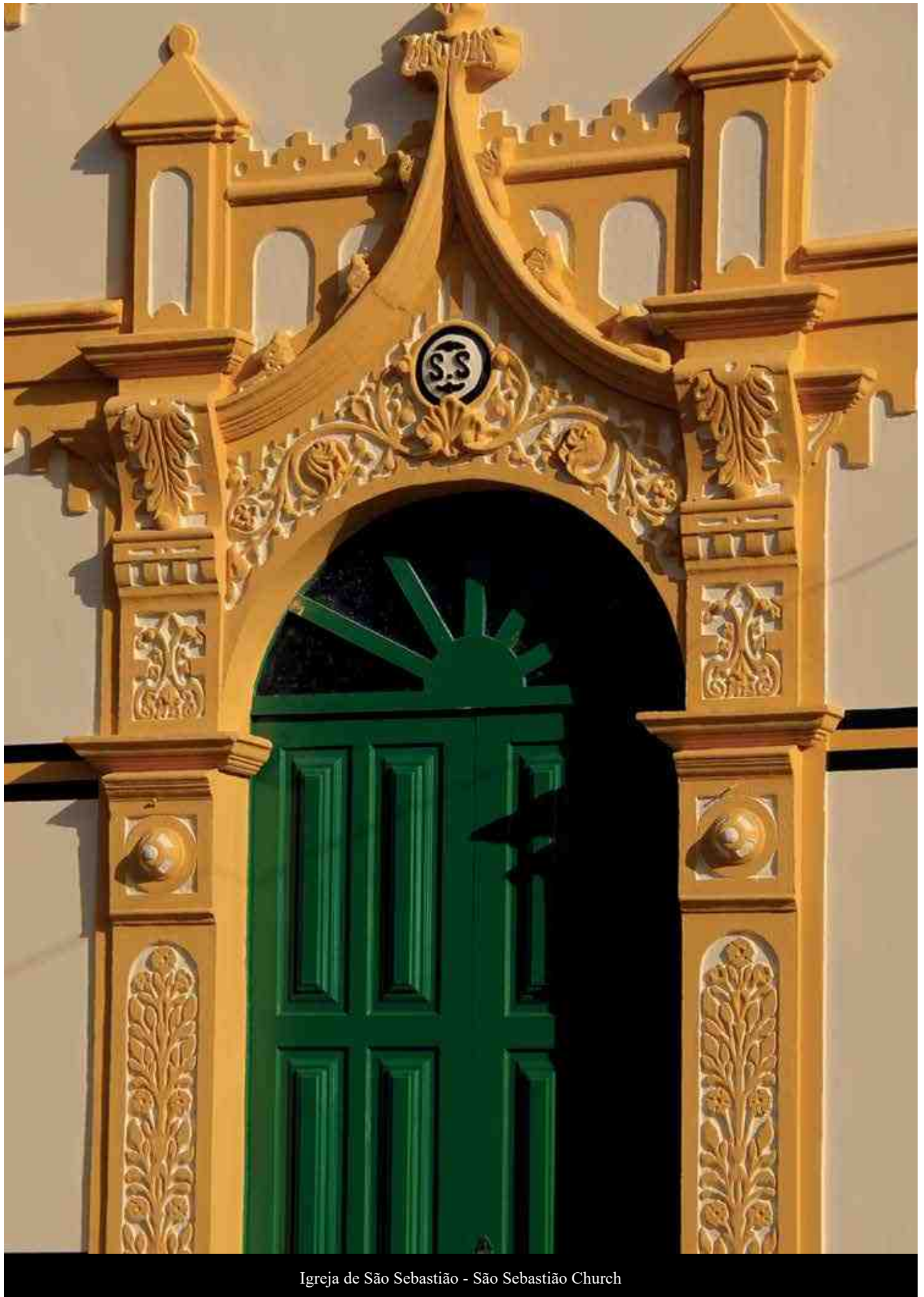
Inaugurada no dia de São Sebastião, 20 de janeiro, em 1924, a construção da Igreja partiu de uma campanha iniciada por Guilhermina Almeida de Holanda Bessa e continuada por suas filhas, Francisca Bessa de Lima e Cecília. Nos festejos de 1927, a Igreja foi entregue à Prelazia de Boa Vista do Rio Branco, que até essa data era administrada pelas duas filhas de dona Guilhermina.

Igreja São Sebastião

Inaugurated in the St Sebastian Day, January 20th, in 1924, the building of the Church started from a campaign that Guilhermina Almeida de Holanda Bessa had begun. And so it continued led by her daughters Francisca Bessa Lima and Cecília. In the festivities of 1927, the Church was handed to the Boa Vista do Rio Branco's Prelature which until that date had been administrated by Guilhermina's two daughters.

Igreja São Sebastião

Inaugurada el día de San Sebastián, el 20 de enero, en 1924, la construcción de la Iglesia partió de una campaña iniciada por Guilhermina Almeida de Holanda Bessa y continuada por sus hijas, Francisca Bessa de Lima y Cecília. En los festejos de 1927, la Iglesia fue entregada a la Prelatura de Boa Vista do Rio Branco, que hasta esa fecha era administrada por las dos hijas de doña Guilhermina.



Igreja de São Sebastião - São Sebastião Church





Casa João XXIII - House João XXIII



Casa João XXIII

Casa construída entre 1920 e 1922. De estilo alemão, funcionou como escola e internato de meninas. Desde a sua inauguração, em 1922, até 1949, foi administrada pelas irmãs beneditinas, vindas da Baviera (Alemanha). A partir de 1949 até 1975, foi administrada pelas missionárias da ordem Consolata. Depois de 1975, o internato foi desativado, permanecendo ligada à Diocese de Roraima.

Casa João XXIII

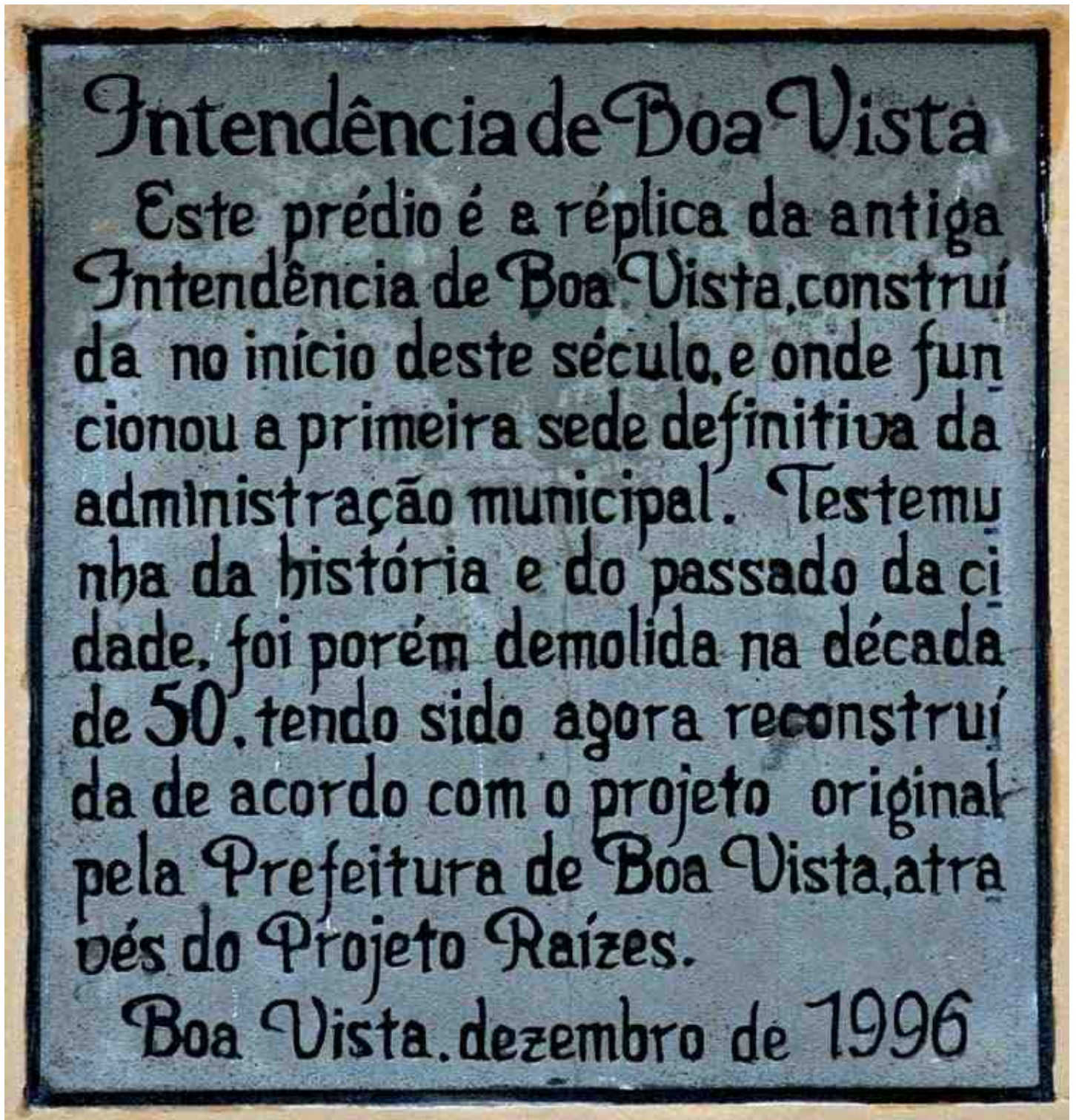
House built between 1920 and 1922. With a German style, it served as boarding school for girls. Since its opening in 1922 and until 1949 it was run by the Benedictine sisters, from Baviera (Germany). From 1949 to 1975 it was run by the missionaries of the Consolata Order. After 1975 the boarding school was deactivated but it remained connected to the Roraima's Diocese.

Casa João XXIII

Casa construída entre 1920 y 1922. De estilo alemán, funcionó como escuela e internato de niñas. Desde su inauguración, en 1922 hasta 1949, fue administrada por las hermanas beneditinas, venidas de la Baviera (Alemania). Desde 1949 hasta 1975, fue administrada por las misioneras del orden Consolata. Después de 1975, el internato fue desactivado, permaneciendo vinculada a la Diócesis de Roraima.



Casa João XXIII - House João XXIII



Intendance of Boa Vista

This building is a replica of the ancient Intendência of Boa Vista, constructed in the beginning of this century, and where functioned the first permanent headquarters of the municipal administration. A witness of the history and of the apst of the city, it was, however, demolished in the decade of the 50s, having been now reconstructed in accordance with the original project by the City of Boa Vista, through the Project Roots.

Boa Vista, December of 1996.



Prédio da Intendência - Building Stewardship

Bruno Garmatz



Prelazia - Prelature

Bruno Garmatz



Bar Meu Cantinho local onde começou Boa Vista - Meu Cantinho Bar place here started Boa Vista.

Bruno Garmatz



Aerporto - Airport

Bruno Garmatz



Bruno Garmatz

Praça das Águas - Portal do Milênio - Waters Square - Millennium Portal



Plató Filmes

Praça das Águas - Waters Square



Casa de Petita Brasil - Petita Brasil's House

Bruno Garmatz



Casa de Petita Brasil - Petita Brasil's House

Bruno Garmatz



Bruno Garmatz

Casa da Família Brasil - Family Brasil House



Bruno Garmatz

Cine Super K - Super K Cinema



Bruno Garmatz

Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo - Nossa Senhora do Carmo Matrix Church



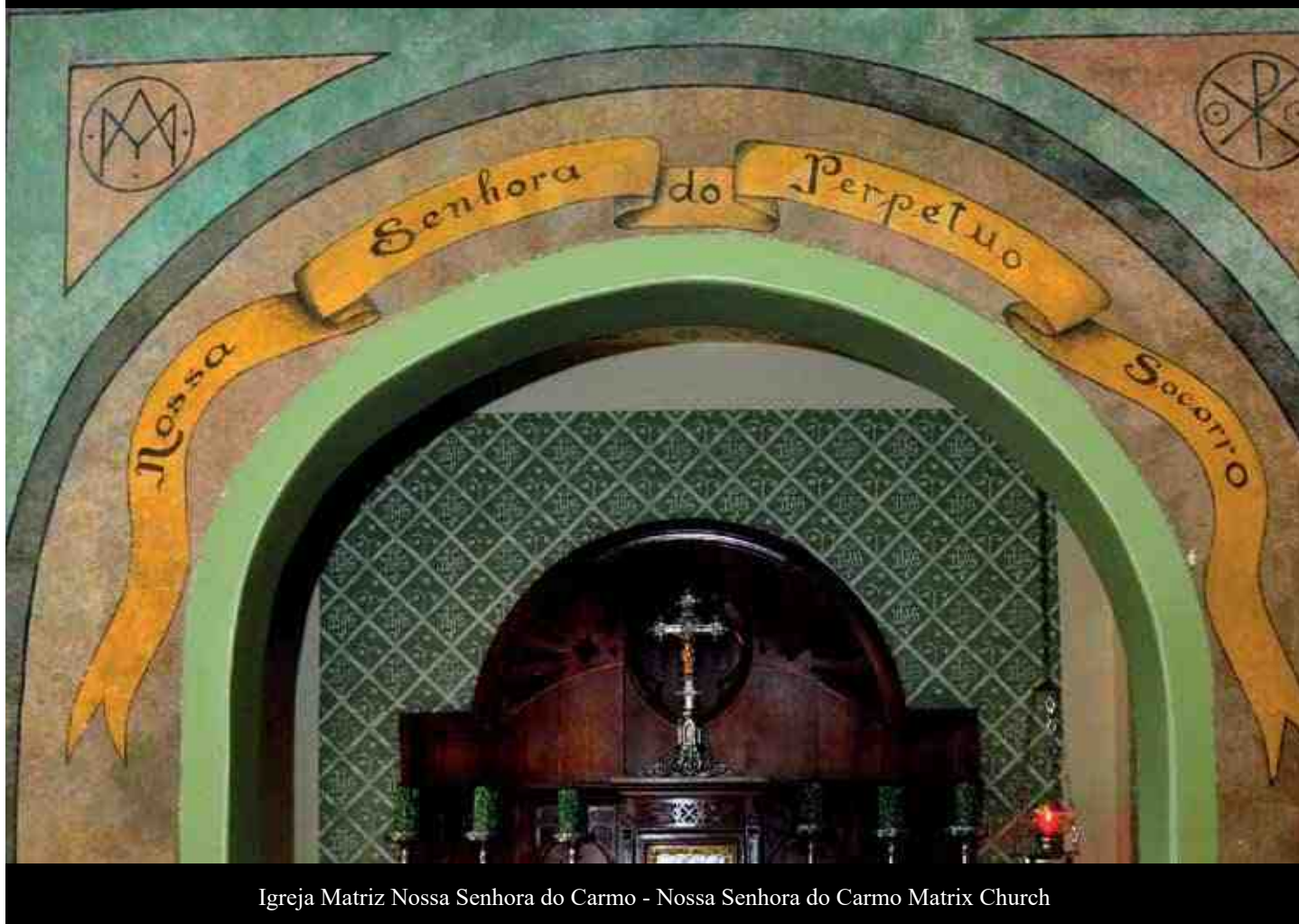
Bruno Garmatz

Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo - Nossa Senhora do Carmo Matrix Church



Bruno Garmatz

Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo - Nossa Senhora do Carmo Matrix Church



Bruno Garmatz

Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo - Nossa Senhora do Carmo Matrix Church



Boa Vista começa a se verticalizar - Boa Vista starts to verticalize



Fernando Teixeira

Av. João Alencar - João Alencar Avenue



Fernando Teixeira

Av. Ville Roy com ciclovía - Ville Roy Avenue with bike lane



Roraima Garden Shopping

Platô Filmes



Pátio Roraima Shopping

Platô Filmes



Tiago Orihuela

IBIS HOTEL



Plató Filmes

Palácio do Governo Senador Hélio Campos - Government Building Senator Hélio Campos

Parque Rio Branco



Foto: Tiago Oriuela



Foto: Tiago Oriuela

Rio Branco Park



Foto: Tiago Oriuela



Foto: Tiago Oriuela

Parque Rio Branco



Foto: Tiago Oriuela



Foto: Tiago Oriuela

Parque Rio Branco



Foto: Tiago Oriuela



Foto: Tiago Oriuela

Parque Rio Branco



Foto: Tiago Oriuela



Foto: Tiago Oriuela

Parque Rio Branco



Foto: Tiago Oriuela



Foto: Tiago Oriuela



Avenida das Guianas - Guianas Avenue

Jackson Souza



Mercado Municipal - Municipal Market

Richard Messias



Teatro Municipal - Municipal Theater

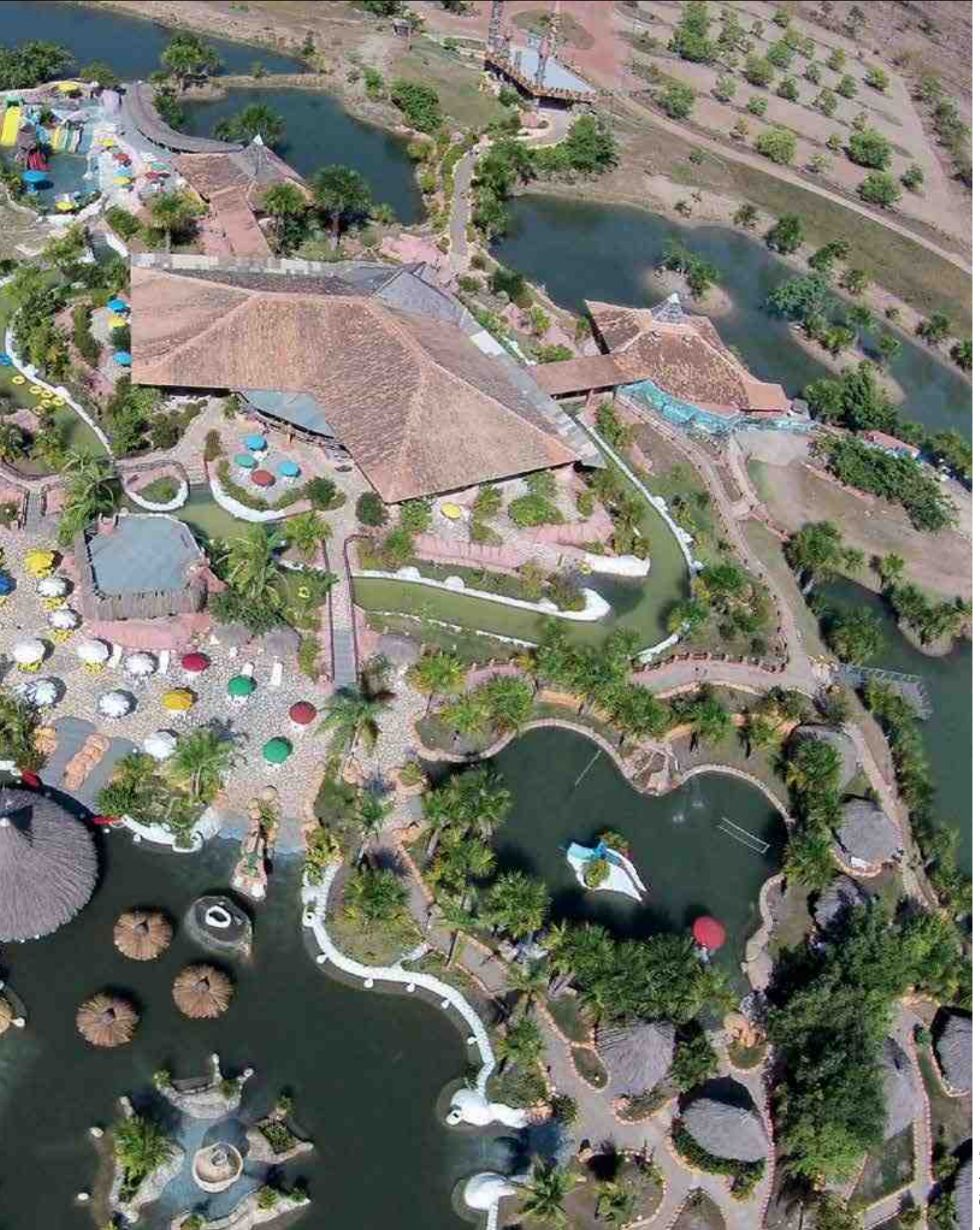


Teatro Municipal - Municipal Theater

Aquamak - O maior parque aquático de Roraima

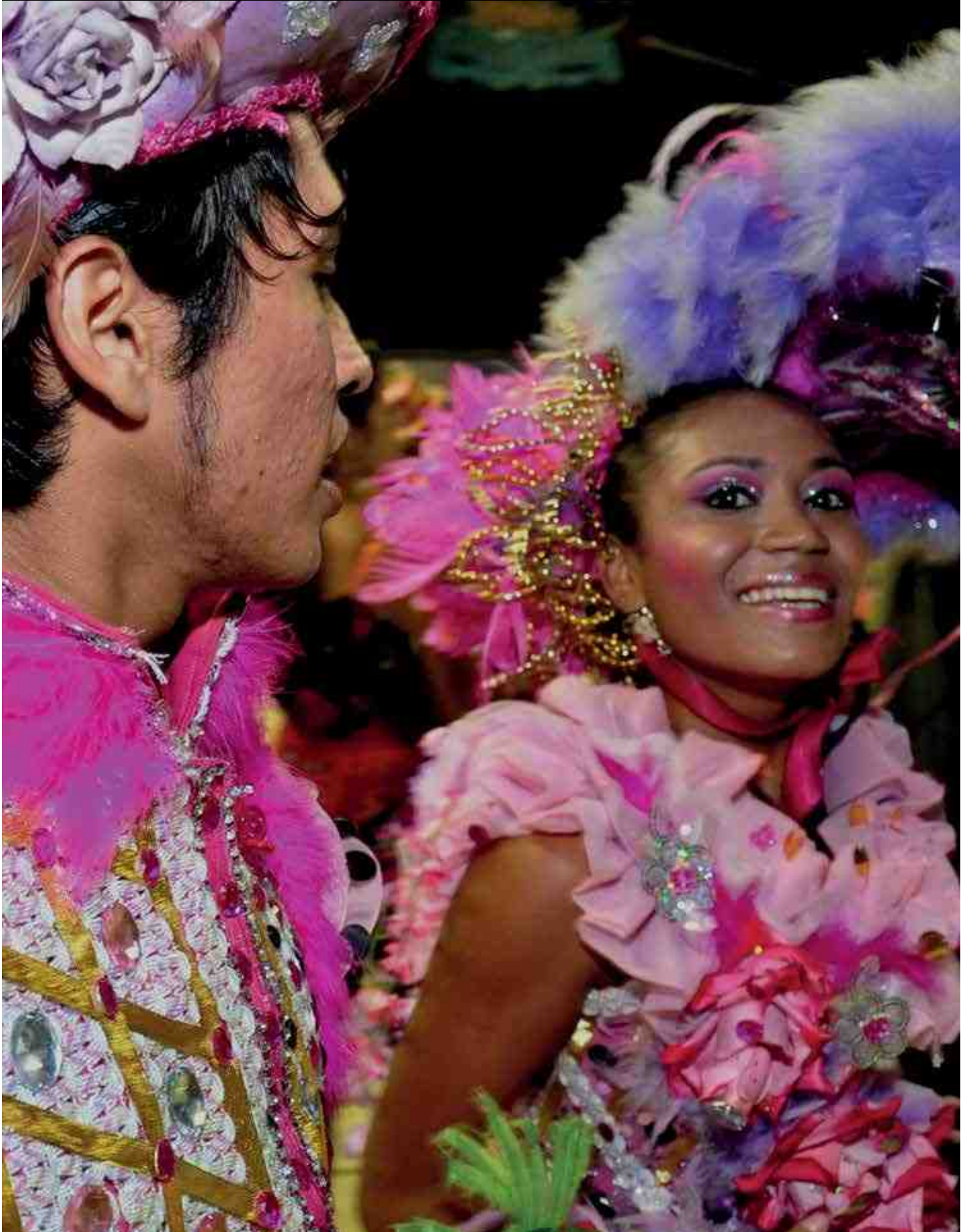


Aquamak - The biggest aquatic park of Roraima



Festas Populares - Common Feast

CIRANDA





Bruno Garmatz



Bruno Garmatz





Festas Populares - Common Feast
ARRAIAL DA PREFEITURA - PRAÇA FÁBIO PARACAT
JUNE FEAST - FÁBIO PARACAT SQUARE



Platô Filmes



Reynesson Damasceno



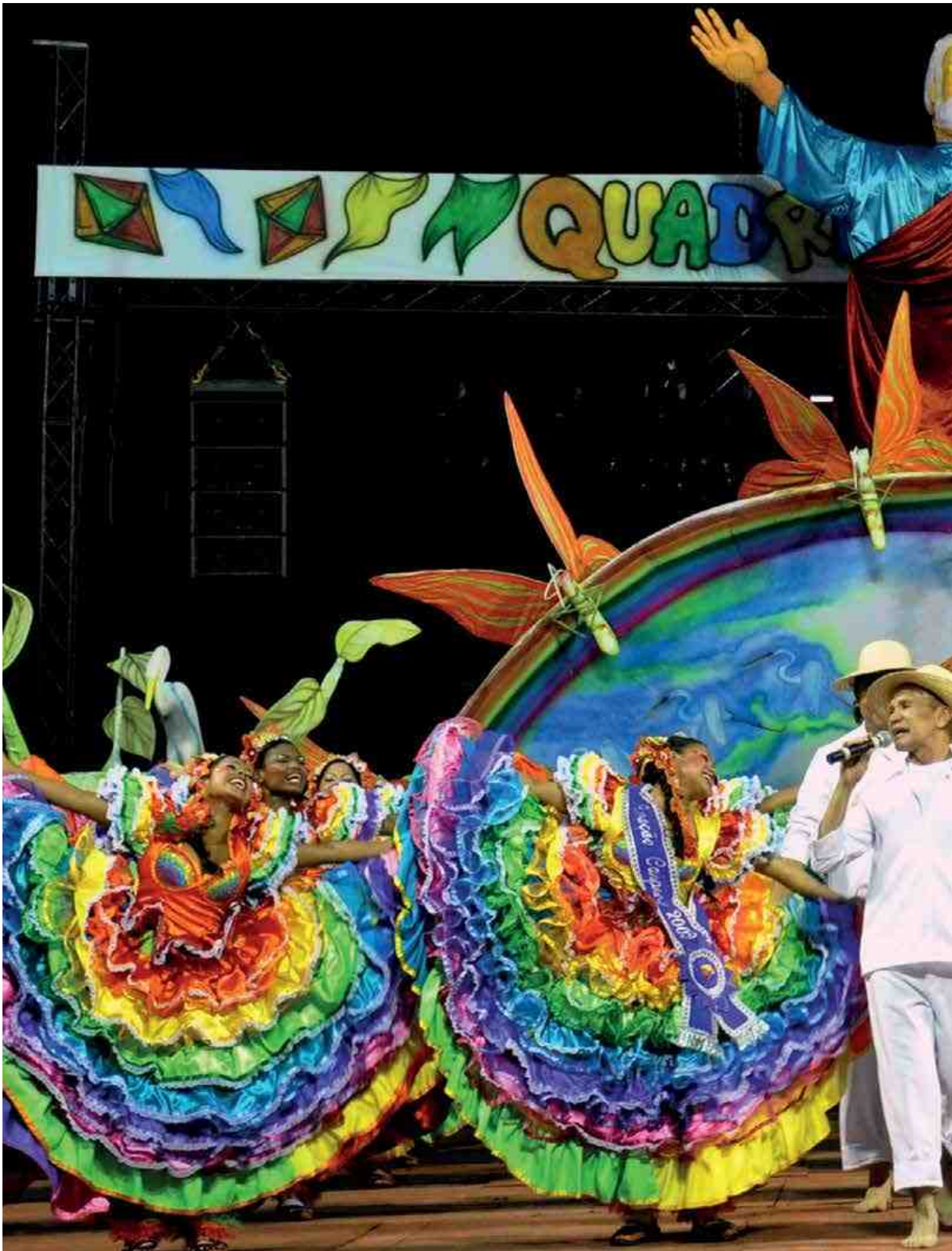
Reynesson Damasceno



Reynesson Damasceno



Bruno Garmatz









Bruno Garmatz



Reynesson Damasceno

Reynesson Damasceno



Reynesson Damasceno



Reynesson Damasceno



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz

Festas Populares - Common Feast

ARRAIAL DO PARQUE ANAUÁ - GOVÊRNO DE RORAIMA
ANAUÁ PARK JUNE FEAST - RORAIMA GOVERNMENT



SECOM - RR



Fernando Oliveira



Fernando Oliveira









FOTO: **ANDREZZA MARIOT** PMBV / 2023 - SEMUC

Andrezza-Mariot

Festas Populares - Common Feast

FESTIVAL DAS ARARAS - MACAW'S FESTIVAL



Reynesson Damasceno



Reynesson Damasceno

Marcelo Rodrigues



Orib Ziedson



Reynesson Damasceno











Festas Populares - Common Feast

IBVM - Instituto Boa Vista de Música - Boa Vista Music Institute

O Instituto Boa Vista de Música (IBVM) foi criado por meio da Lei Municipal nº 831, em 15/09/2005, como Organização Social e tem como finalidades sociais o ensino gratuito de música, a inclusão social, a promoção da cidadania e o desenvolvimento artístico cultural de crianças e adolescentes.

Atende jovens de inúmeros bairros da cidade que se encontram em situação de vulnerabilidade social, contribuindo com a formação intelectual e profissional através do aprendizado musical. Fazem parte do Instituto a Banda Infante-Juvenil, a Orquestra Sinfônica Infante-Juvenil, a Orquestra de Violões, o Grupo de Canto Coral e Flauta Doce, o Projeto Inclusão em Sol Maior e o Projeto Música Que Acolhe direcionado à primeira infância. Seguindo essa filosofia, o IBVM atendeu até agosto de 2018 a 698 indivíduos dentro de seus variados projetos. Os eventos do IBVM acontecem em sua maioria em locais democráticos, como praças públicas, escolas e salas de espetáculos nos mais diversos bairros da cidade de forma gratuita, fazendo com que indivíduos tenham acesso pela primeira vez a espetáculos musicais de qualidade.

The Music Institute of Boa Vista was created by the Municipal Law number 831 on 09/15/2005, as a Social Organization and provides social purposes for free music teaching, social inclusion, the citizen ship promotion and the artistic and cultural development of children and adolescents.

It receives youngs from several neighborhood of the city who are on social vulnerability situation, contributing for the intelectual and professional graduation through musical learning. Belong to the Music Institute of Boa Vista, the Infant-youth Band, the Infant Youth Symphony Orchestra, the Guitars Orchestra, the Singing Choral and the Sweet Flute Group, the Inclusion Project of Great Sun and the Project Music Hasting, directioned to the first childhood. Following this philosophy, the Music Institute of Boa Vista received until August 2018, 698 individuals inside its several projects. The events of Institute take place the majority at the democratics places like public squares, schools and show rooms in the many neighborhoods in Boa Vista at free form as far as possible, the individuals have accessed by the first time with quality musical attractions.



IBVM - Instituto Boa Vista de Música - Boa Vista Music Institute



ORQUESTRA SINFÔNICA - SYMPHONY ORCHESTRA



FRUTAS TÍPICAS - TYPICAL FRUITS



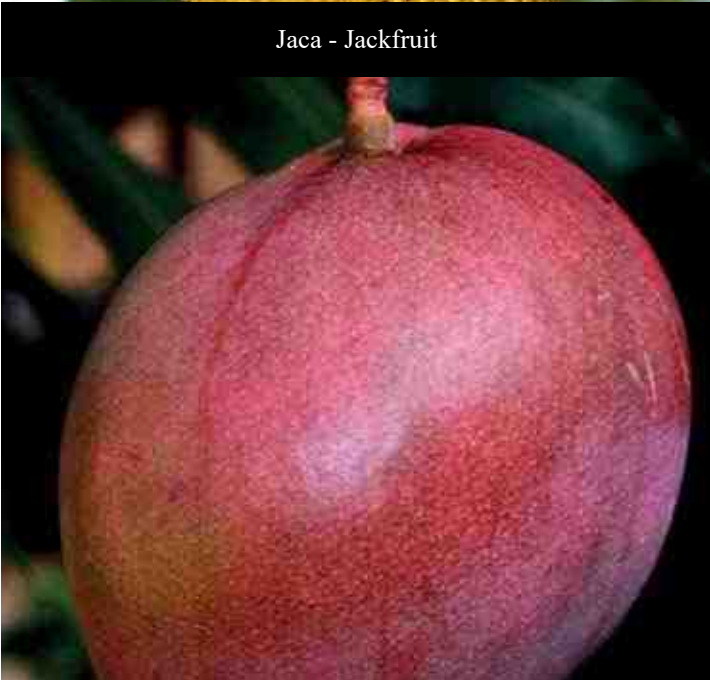
Cacho de Buriti - Buriti Bunch



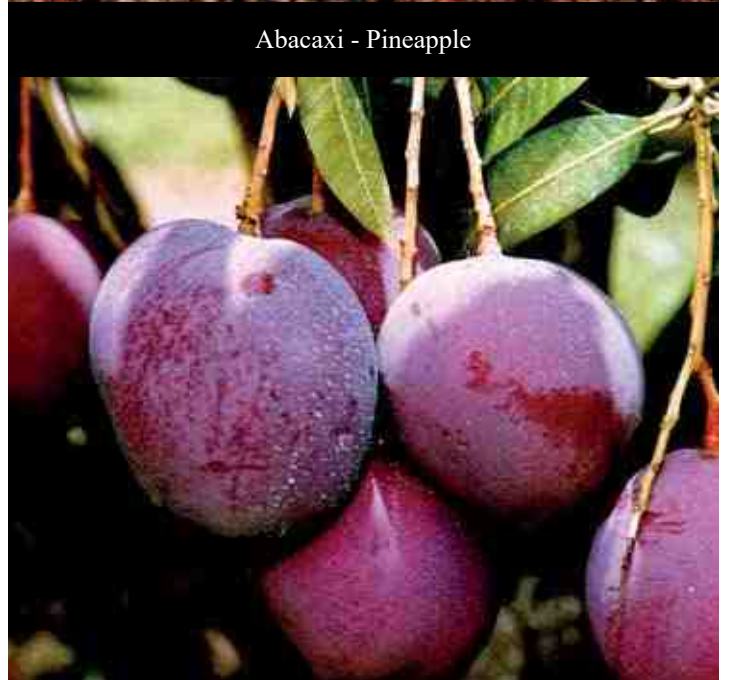
Jaca - Jackfruit



Abacaxi - Pineapple



Mangas - Mangos





Cupuaçu - Cupuassu



Graviola - Soursop



Ata - Custard Apple



Pupunha - Peach-palm



Banana - Banana

COMIDAS TÍPICAS - TYPICAL FOODS



Comida indígena Damurida - Indigenous food Damurida

Bruno Garmatz



Pimentas vendidas na Feira - Peppers sold at the Fair

Bruno Garmatz



Beiju - Tapioca Pankake



Farinha de mandioca - Cassava flour



Tempêros encontrados na Feira - Herbs in the Fair



Cuscuz - Couscous



Bruno Garmatz

Costela de tambaqui - Rib tambaqui



Reynesson Damasceno

Peixe na folha de banana - Fish in a banana leaf



Bruno Garmatz

Peixe na telha - Fish on tile



Bruno Garmatz

Paçoca com banana - Paçoca with banana



Prato a base de peixe - Dish based on fish



Prato a base de peixe - Dish based on fish



Prato a base de peixe - Dish based on fish

ARTESANATO INDÍGENA - INDIGENOUS HANDICRAFTS





Bruno Garmatz





Fibras naturais usadas em artesanato indígena - Natural fibers used in indigenous handicrafts



Fibra de buriti - Buritis fiber



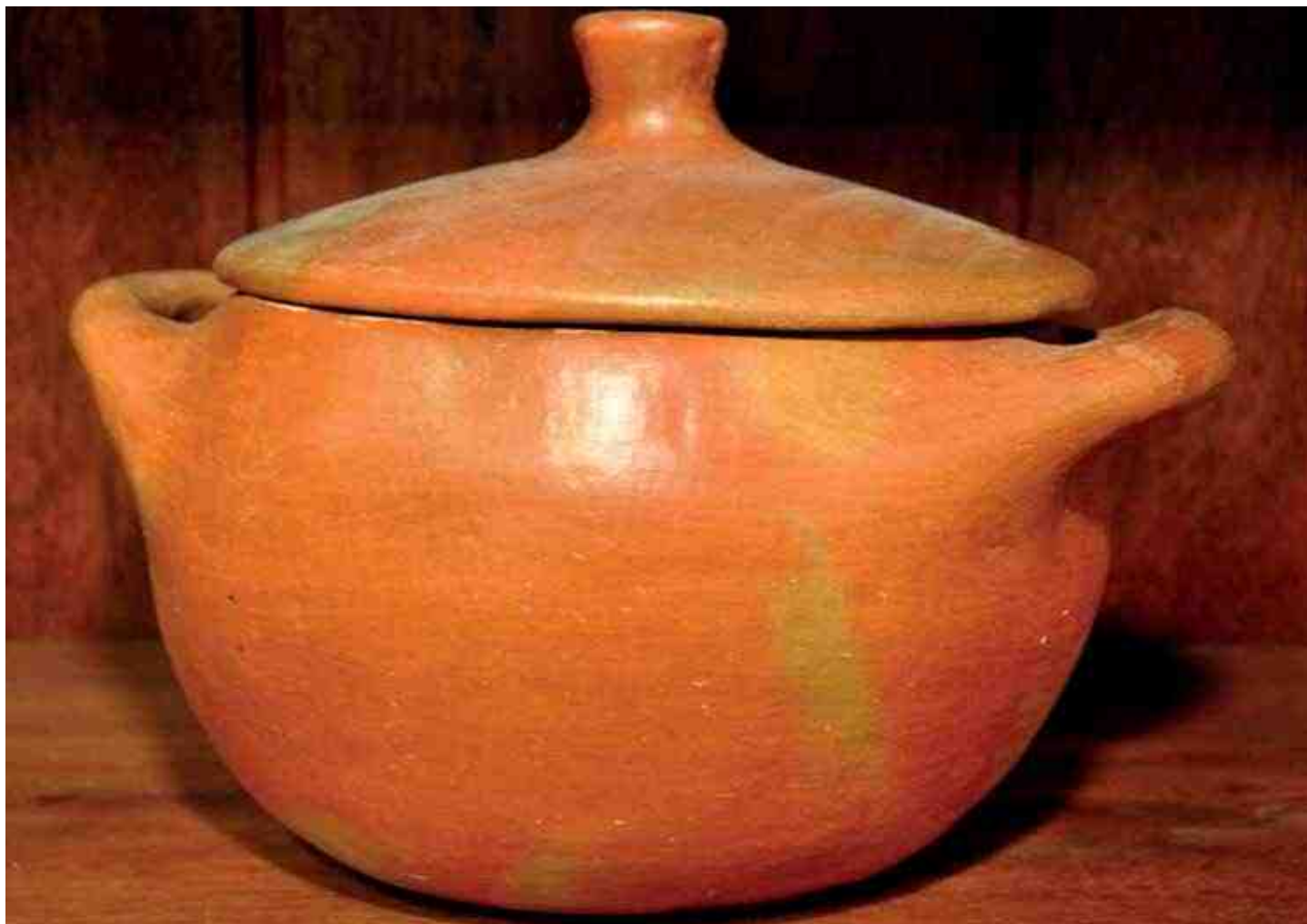




Artesanato em fibras vegetais - Crafts in natural fibers



Artesanato em barro - Pottery Crafts



Artesanato em barro - Pottery Crafts







Artesanato - Handcrafts



Artesanato - Handcrafts



Móveis em pneus reciclados - Furnitures in recycled tyres

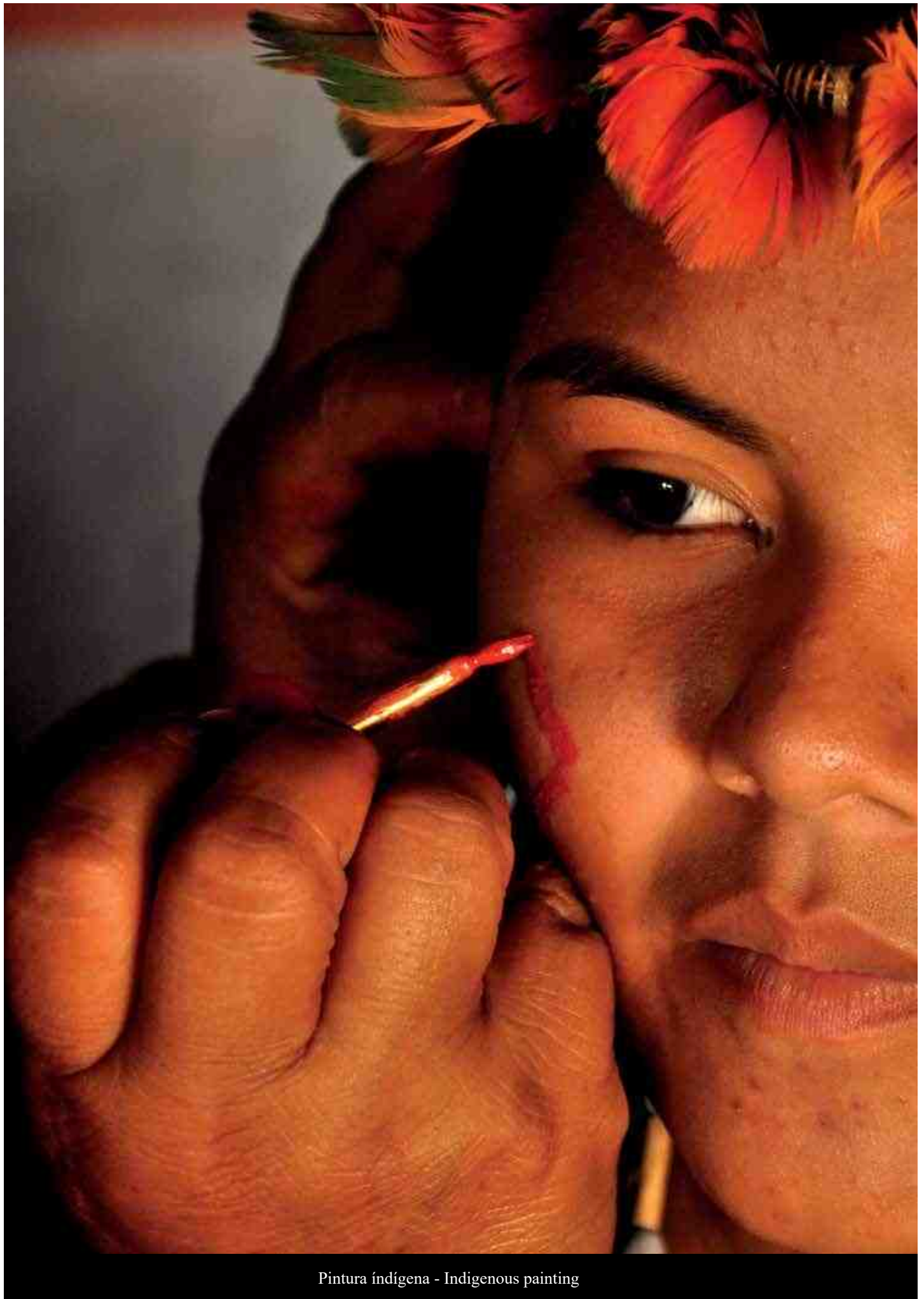


Artesanato - Handcrafts



Orlib Ziedson

Pintura indígena - Indigenous painting



Reynesson Damasceno

Pintura indígena - Indigenous painting







Reynesson Damasceno

Influência da televisão entre os índios - Influence of television among the indians



Reynesson Damasceno

Influência da televisão entre os índios - Influence of television among the indians.



Reynesson Damasceno

Crianças Macuxis - Macuxis Children



Reynesson Damasceno

Pintura indígena - Indigenous painting



Renato Guariba

Comunidade Ingaarumã - Community Ingaarumã



Renato Guariba

Comunidade Ingaarumã - Community Ingaarumã



Renato Guariba

Comunidade Ingaarumã - Community Ingaarumã



Renato Guariba

Comunidade Raposa - Fox community



Renato Guariba

Comunidade Raposa - Fox community



Renato Guariba

Comunidade Tarau Paru - Tarau Paru



Renato Guariba

Comunidade Tarau Paru - Tarau Paru



Renato Guariba

Comunidade Kauwê - Kauwê community



Renato Guariba

Comunidade Kauwê - Kauwê community



Elias Macuxi

Comunidade Kauwê - Kauwê community



Renato Guariba

Comunidade Kauwê - Kauwê community

INFLUÊNCIA DA CULTURA ÍNDIGENA NA PINTURA INFLUENCE OF THE INDIGENOUS CULTURE ON PAINTING

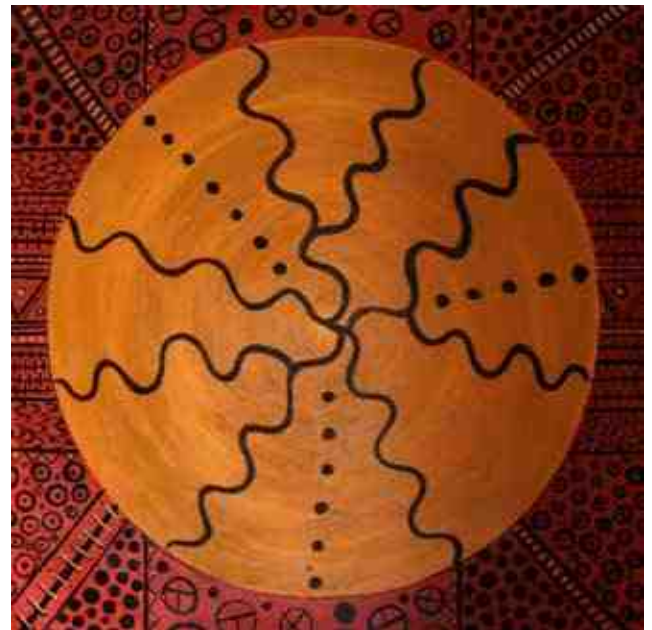


Bruno Garmatz

Ana Mendina

Nasceu em Santana do Livramento/RS e ainda pequena veio morar em Boa Vista, onde cresceu. A paixão pela cultura dos povos indígenas e o encanto com as belezas e mistérios da natureza amazônica vem eternizada em suas obras. Em 1998 estudou pintura, desenho e escultura na Universidade de San José, na Costa Rica. Em 2002 viajou para Sidney, Austrália, onde ingressou no Departamento of Educacion and Training Sidney, estudando fotografia, desenho, pintura, xilogravura e história da arte mundial. Já fez exposições em Brasília, Boa Vista, Manaus, Austrália e Nova Zelândia. Morou alguns anos na Nova Zelândia e atualmente vive novamente no Brasil. www.anamendina.blogspot.com - www.anamendina.com

Was born in Santana do Livramento / RS while still small, she came to live in Boa Vista, where she grew up. The passion for the culture of indigenous peoples and the charm of the beauties and mysteries of the Amazonian nature has become immortalized in her works. In 1998 she studied painting, drawing and sculpture at the University of San Jose, Costa Rica. In 2002 she traveled to Sydney, Australia, where she joined the Department of Training and Education, studying also photography, drawing, painting, woodcutting and world art history. She has done exhibitions in Brasília, Boa Vista, Manaus, Australia and New Zealand. She has lived in New Zealand and now live again in Brasil. www.anamendina.blogspot.com - www.anamendina.com



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz

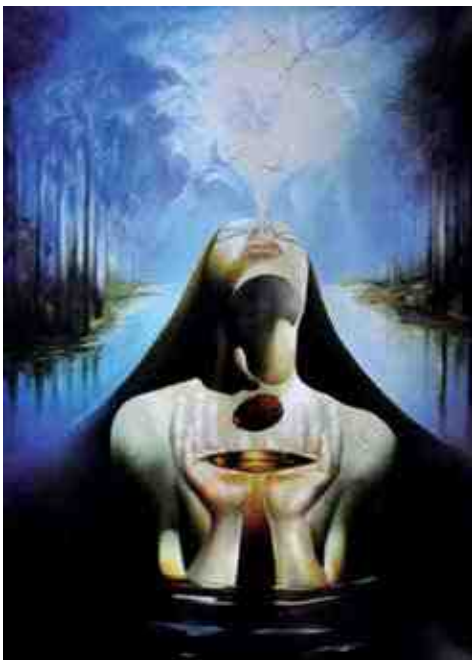
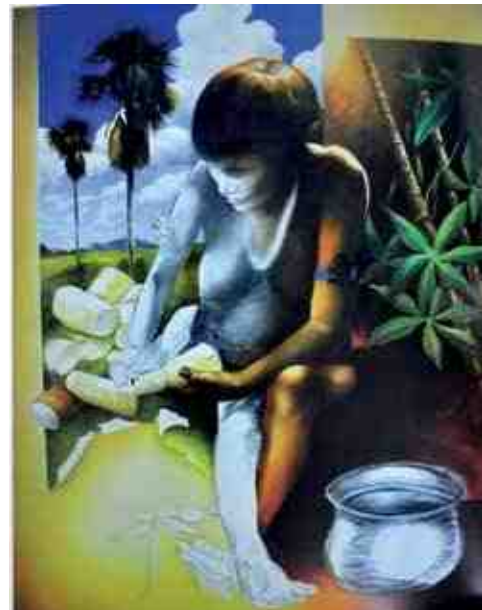
Augusto Cardoso

É o pintor roraimense mais conhecido nacionalmente e internacionalmente. Autodidata, iniciou sua trajetória artística aos 14 anos. Têm quadros espalhados em acervos privados e públicos, museus e embaixadas do Brasil, Venezuela, Itália, Argentina, Holanda, Japão, França, Canadá, Austrália e Estados Unidos. Em 2010, sua obra “São Francisco do Lavrado” foi presentada a Sua Santidade o Papa Bento XVI, compondo o acervo do Vaticano.

Email: edy.arte@hotmail.com

Is the painter from Roraima most know at nationally and internationally. Self-taught, he began his artistic career at age 14. He has pictures scattered in private and public collections, museums and embassies of Brazil, Venezuela, Italy, Argentina, Netherlands, Japan, France, Canada, Australia and USA. In 2010, his work “San Francisco’s Lavrado” was presented to His Holiness Pope Benedict XVI, becoming part of the collection of the Vatican.

Email: edy.arte@hotmail.com



Bruno Garmatz

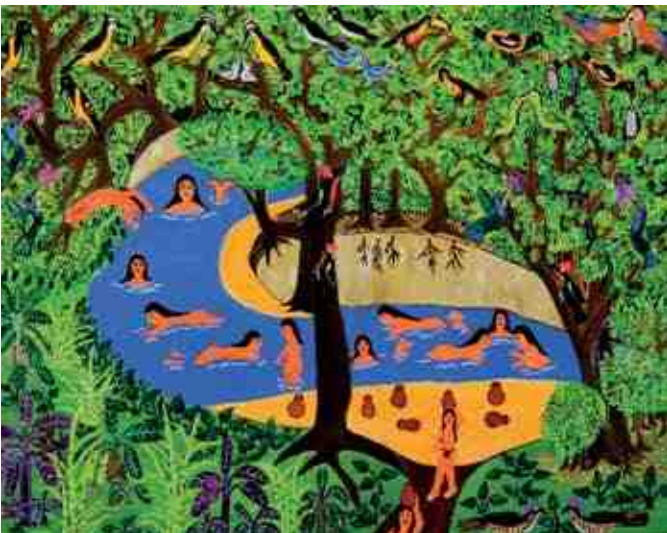


Bruno Garmatz

Carmezia Emiliano

Nasceu em 1960, na região de Normandia, na maloca do Japó. Iniciou como autodidata em 1992, tendo já feito várias exposições individuais e participado de coletivas, entre elas várias vezes na Bienal Naífs do Brasil, organizada pelo SESC de Piracicaba-SP, sendo premiada com o prêmio aquisição com duas obras.

She was born in 1960 in the region of Normandia, in the village of Japó. She started as an autodidact in 1992, having already done several exhibitions and participated in conferences, including several times in Naífs Biennial in Brazil, organized by SESC from Piracicaba-SP, being awarded the prize acquisition with two works.



Bruno Garmatz

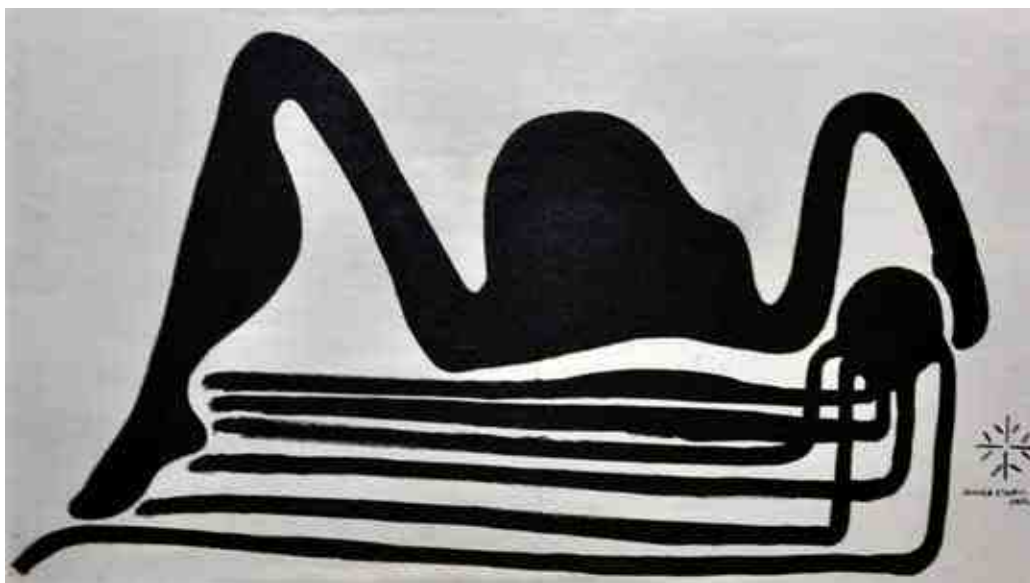
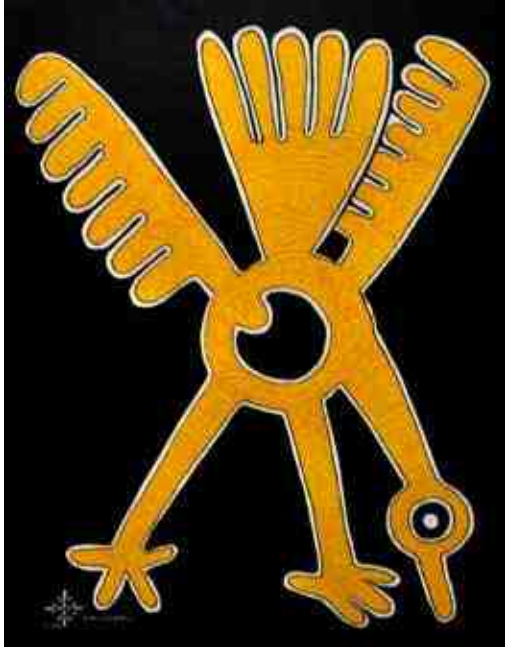


Bruno Garmatz

Jaider Esbell

Artista plástico e escritor indígena da etnia Macuxi, nascido no município de Normandia.

Indigenous artist and writer's of Macuxi ethnicity, born in municipality of Normandia.



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz

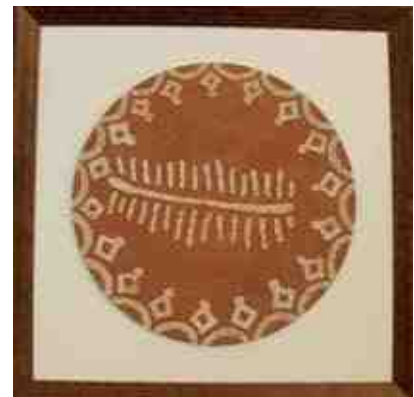
Mari Faccio

Nasceu em Aratiba/RS e é formada em Educação Artística pela Universidade Federal de Pelotas/RS. Expõe desde 1991 em cidades como Manaus, Rio de Janeiro, Curitiba e Boa Vista. Atualmente vive em Curitiba/PR.

Was born in Aratiba/RS and completed studies in Artistic Education at the Federal University of Pelotas/RS. She has held exhibitions since 1991 in cities like Manaus, Rio de Janeiro, Curitiba and Boa Vista. She currently lives in Curitiba, State of Paraná.



Bruno Garmatz



EDINEL PEREIRA

Artista Plástico Roraimense. Autodidata, já participou de várias exposições coletivas e individuais. Tornou-se um artista de vanguarda na luta pelo fortalecimento de espaços culturais. Suas obras expressam as cores e contrastes da natureza de Roraima.

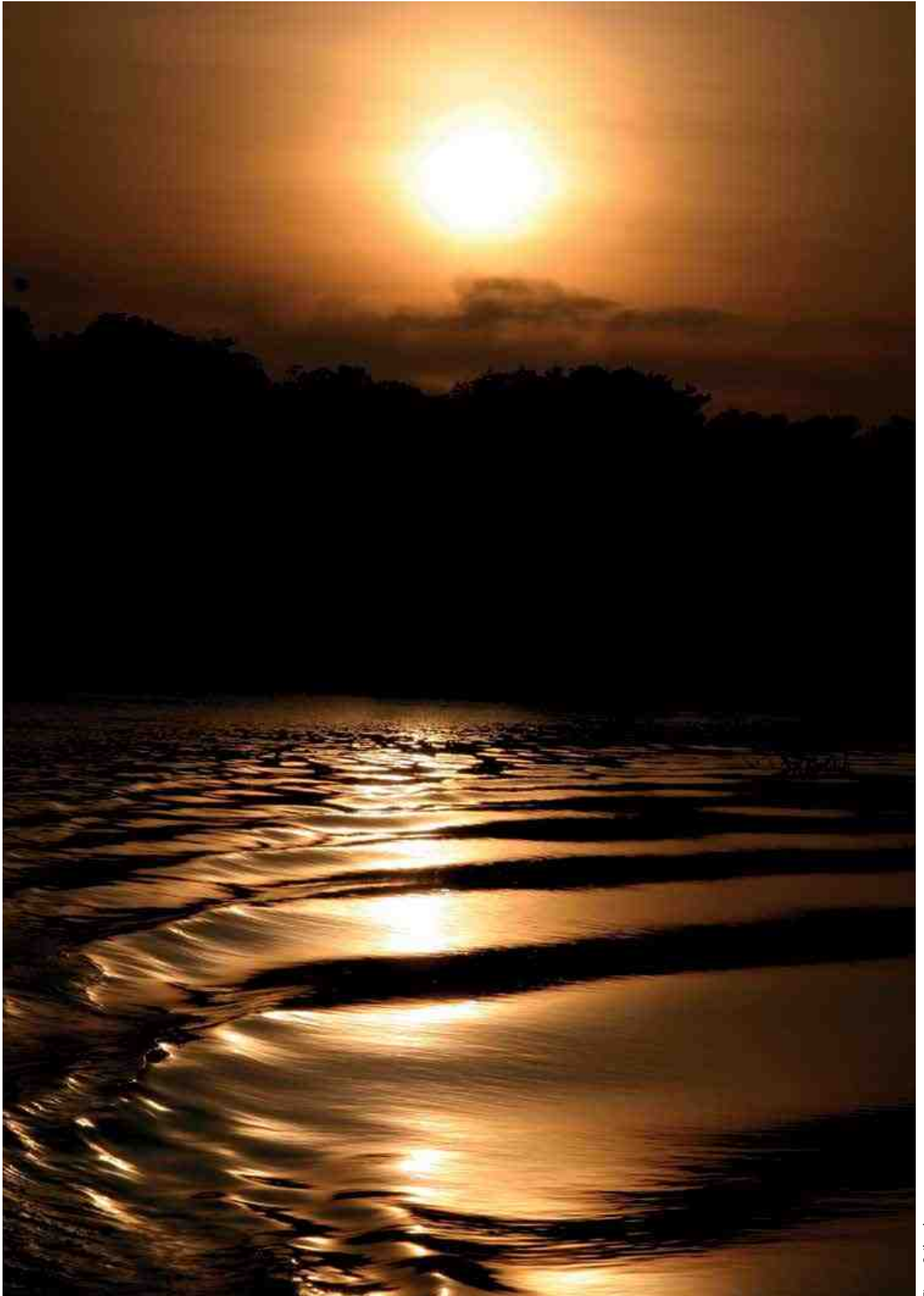
Plastic Artist Roraimense. Self-taught, he has participated in several group and solo exhibitions. He became a leading artist in the struggle for strengthening culture. His works express the colors and contrasts of the nature of Roraima.





BAIXO RIO BRANCO - LOW WHITE RIVER





Tiago Orihuela



Hotel de selva Água Boa Amazon Lodge - Jungle Hotel Água Boa Amazon Lodge



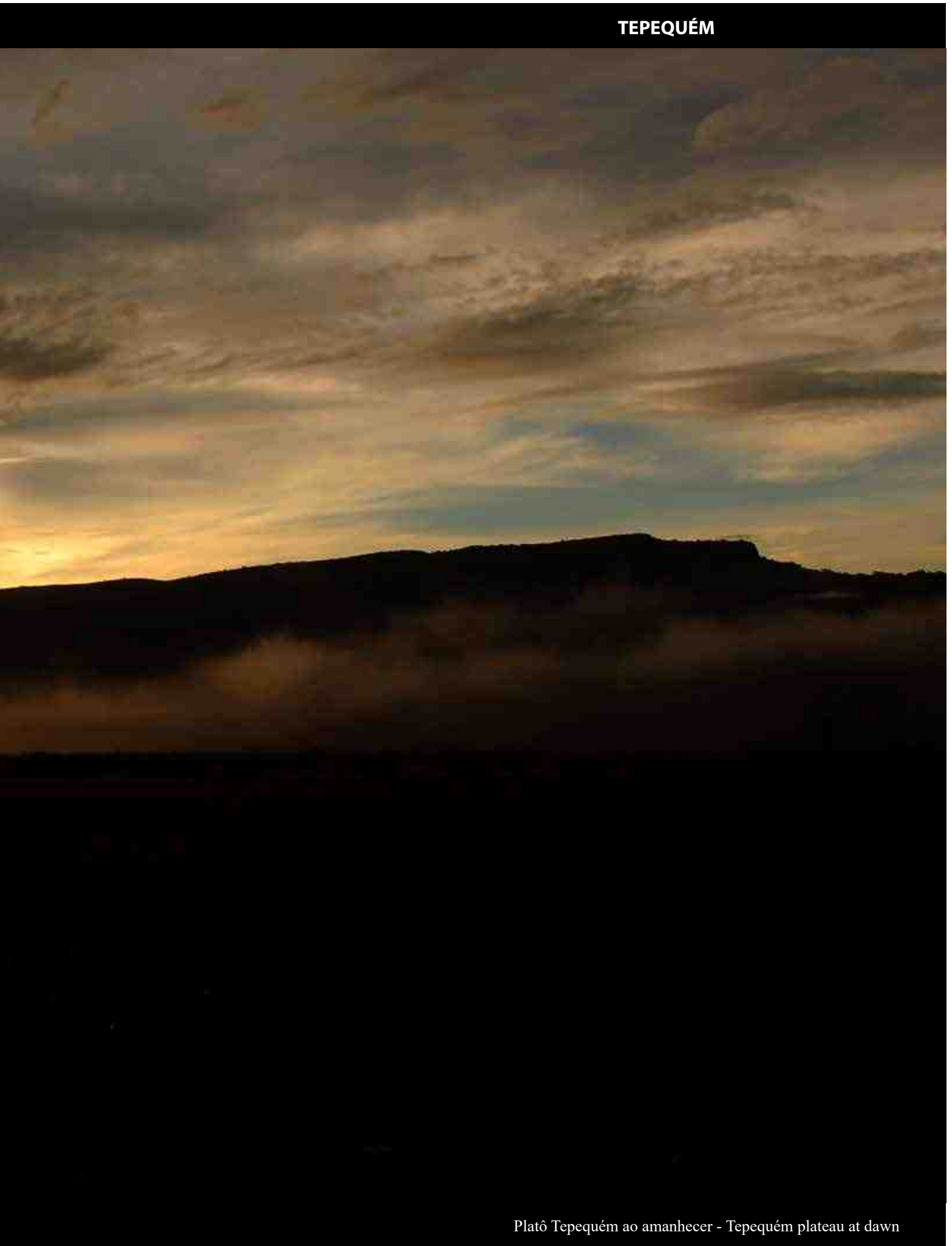
Tiago Orihuela







TEPEQUÉM



Bruno Garmatz

Platô Tepequém ao amanhecer - Tepequém plateau at dawn



Estrada do Tepequém - Road to Tepequém



Pousada do SESC Tepequém - SESC Hostel Tepequém



Hotel SESC Tepequém - SESC Hotel Tepequém



Cachoeira do Funil - Funil Waterfall



Cachoeira do Funil - Funil Waterfall



Cachoeira do Funil - Funil Waterfall



Cachoeira do Paiva - Paiva Waterfall



Cachoeira do Paiva - Paiva Waterfall



Cachoeira do Paiva - Paiva Waterfall



Cachoeira do Funilzinho - Little Funil Waterfall



Degradação ambiental causada pela ação do antigo garimpo - Environmental degradation caused by an old mining operation



Pedra do índio - Indian Rock



Beija-flor - Hummingbird



Beija-flor - Hummingbird



Rã - Frog



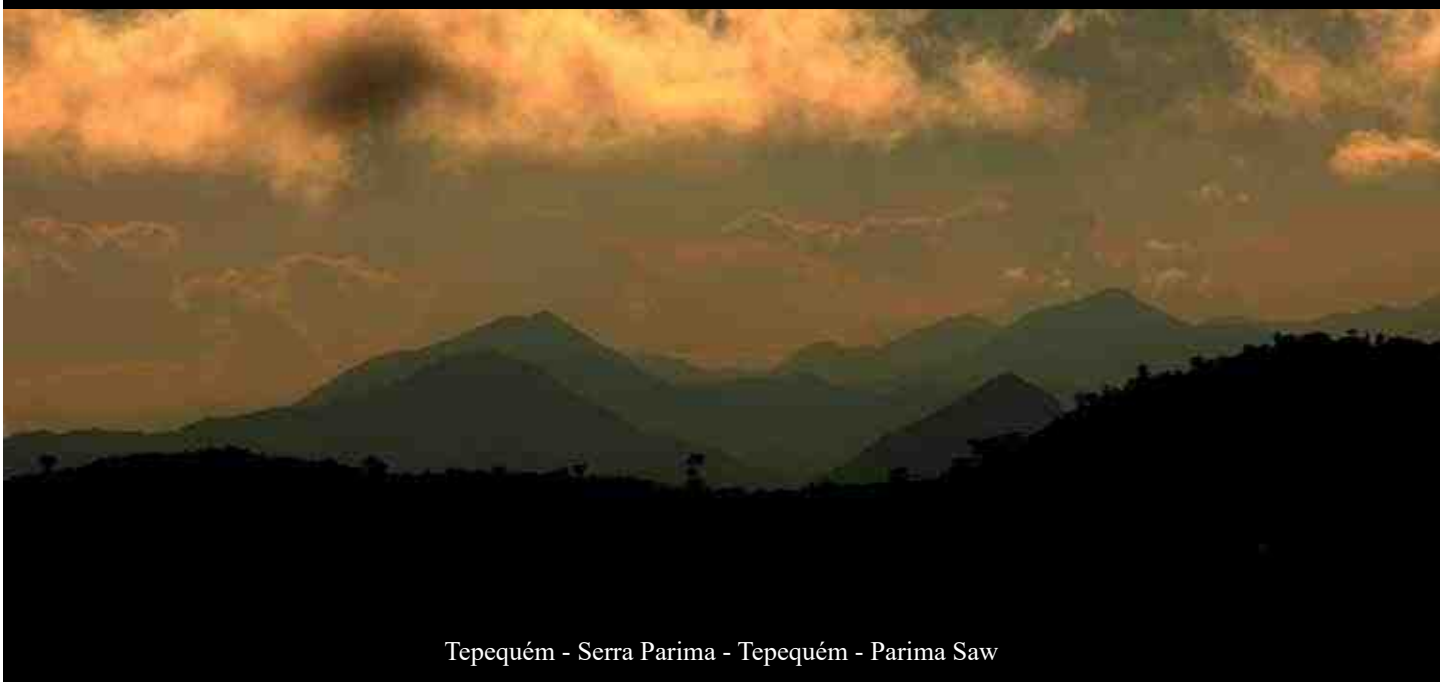
Tatu - Armadillo



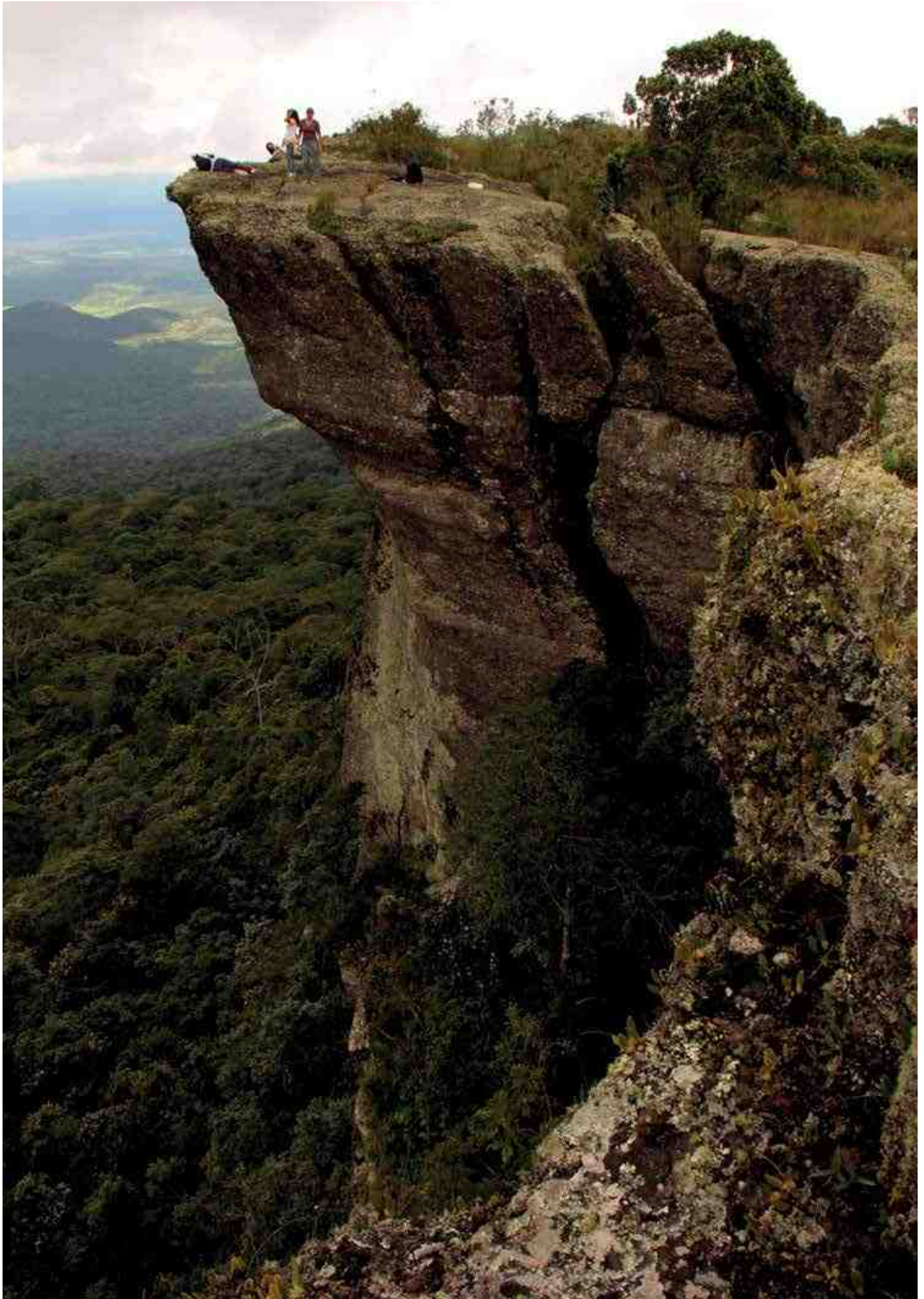
Gado descansando com platô ao fundo - Cattle relaxing with plateau in background



Platô - Plateau

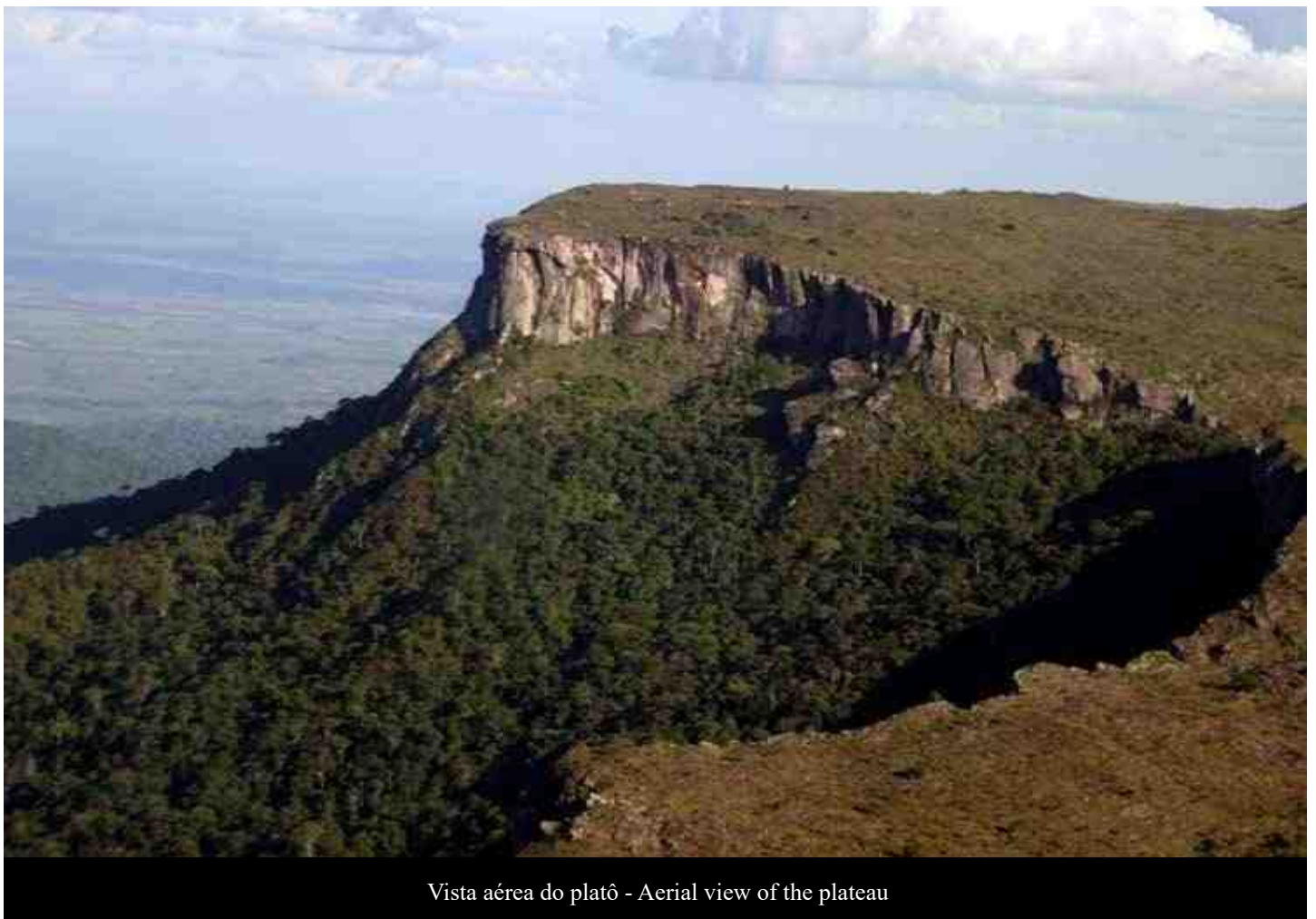


Tepequém - Serra Parima - Tepequém - Parima Saw





Bruno Garmatz



Tiago Oriuela

Vista aérea do platô - Aerial view of the plateau



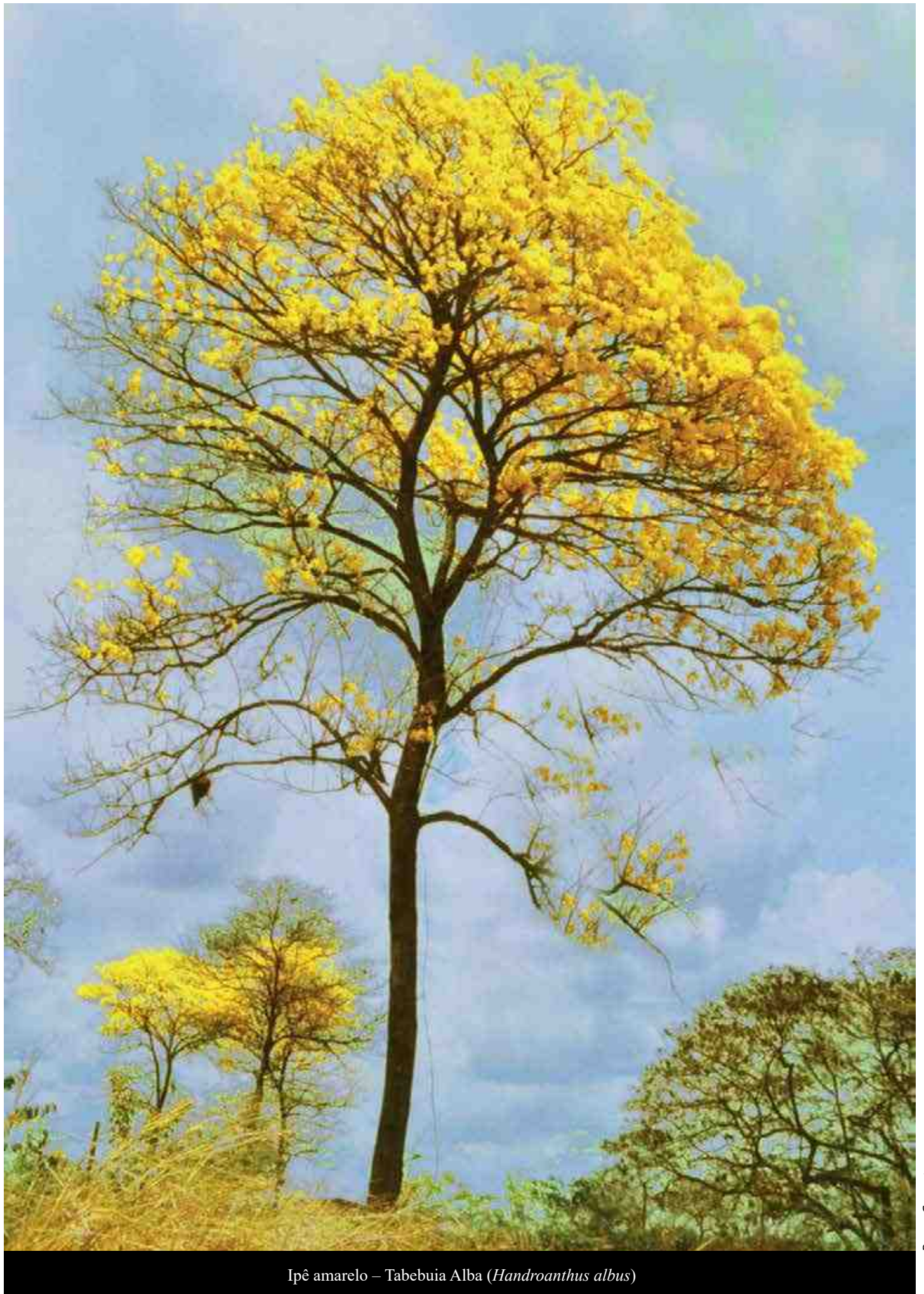


FLORES DE TEPEQUÉM - TEPEQUEM FLOWERS









Ipê amarelo – *Tabebuia Alba (Handroanthus albus)*

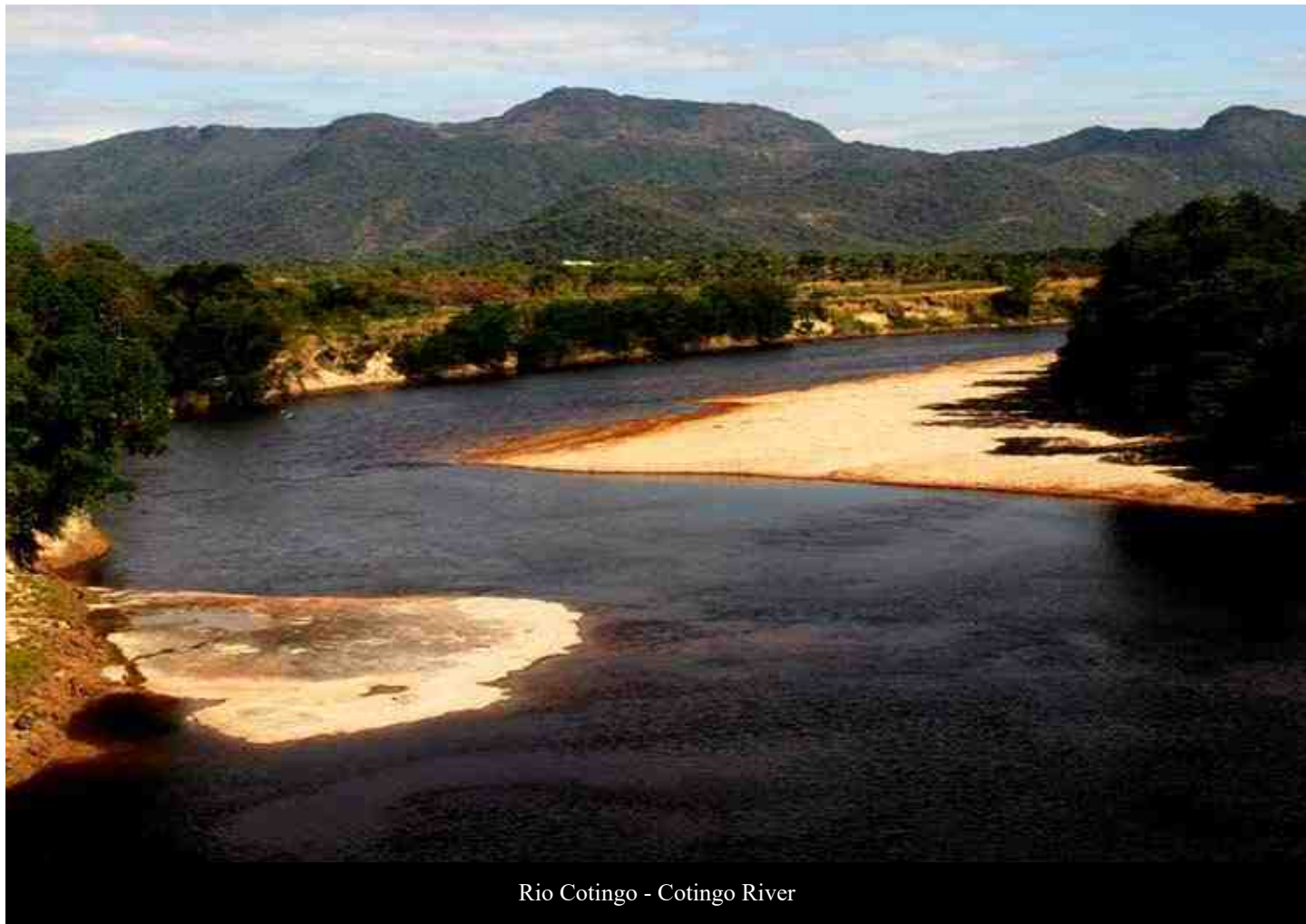


PAISAGENS DO INTERIOR - LANDSCAPE OF INSIDE



Bruno Garmatz

Vista aérea da estrada para o Uiramutã - Aerial view of the road to Uiramutã



Rio Cotingo - Cotingo River

Bruno Garmatz



Rio Cotingo - Município de Uiramutã - Cotingo River - Municipality of Uiramutã

Bruno Garmatz



Lewiiski

Serra do Sol - Saw of Sun



Orib Ziedson

Lago de Caracanã - Caracaranã Lake



Valter Vogel

Rio Mucajaí - Mucajaí River



Bruno Garmatz

Rio Branco no verão - White River in summer



Cavalos selvagens - Savages horses

Orib Ziedson



Vereda de Buritis - Buriti Vereda

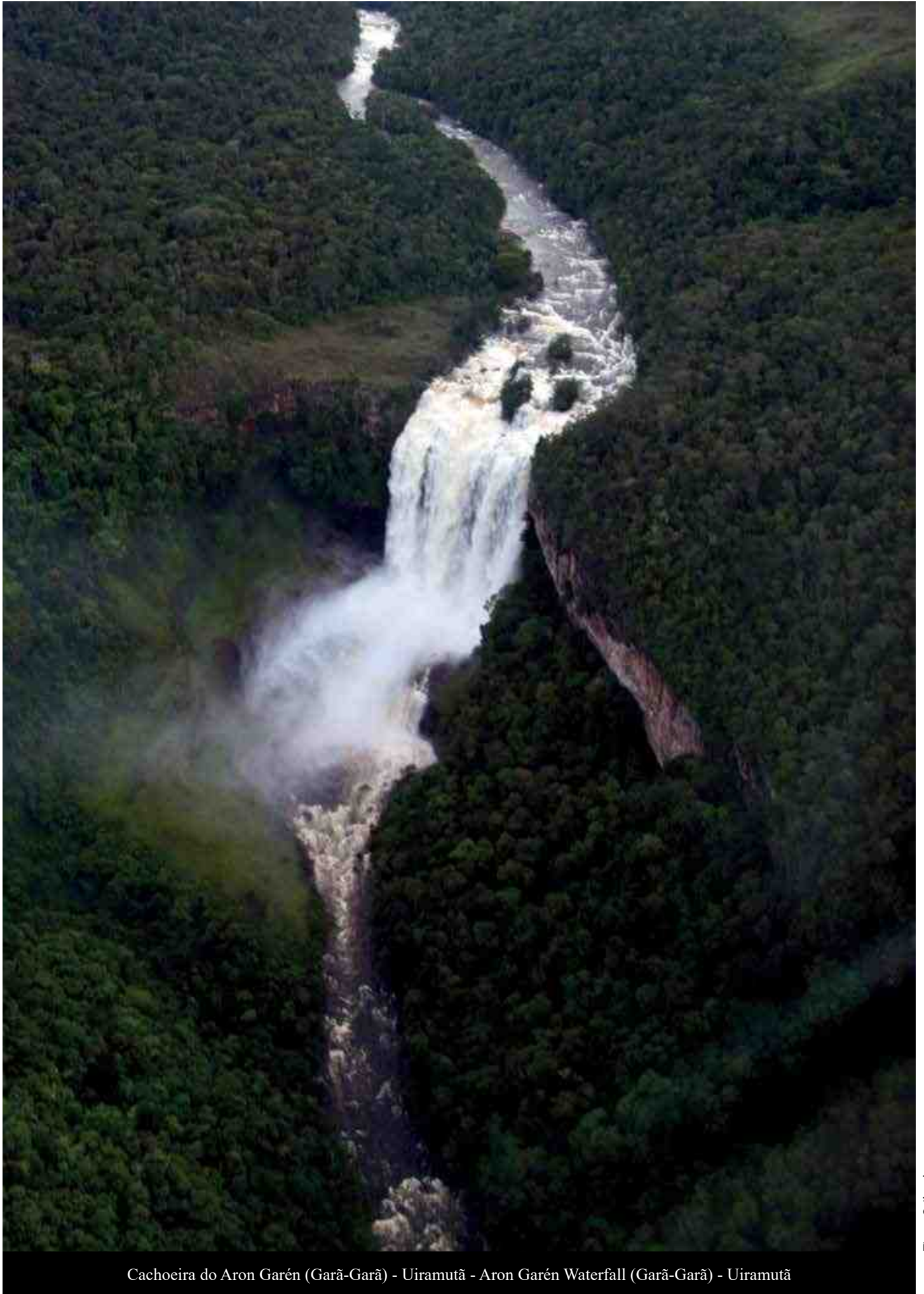
Orib Ziedson



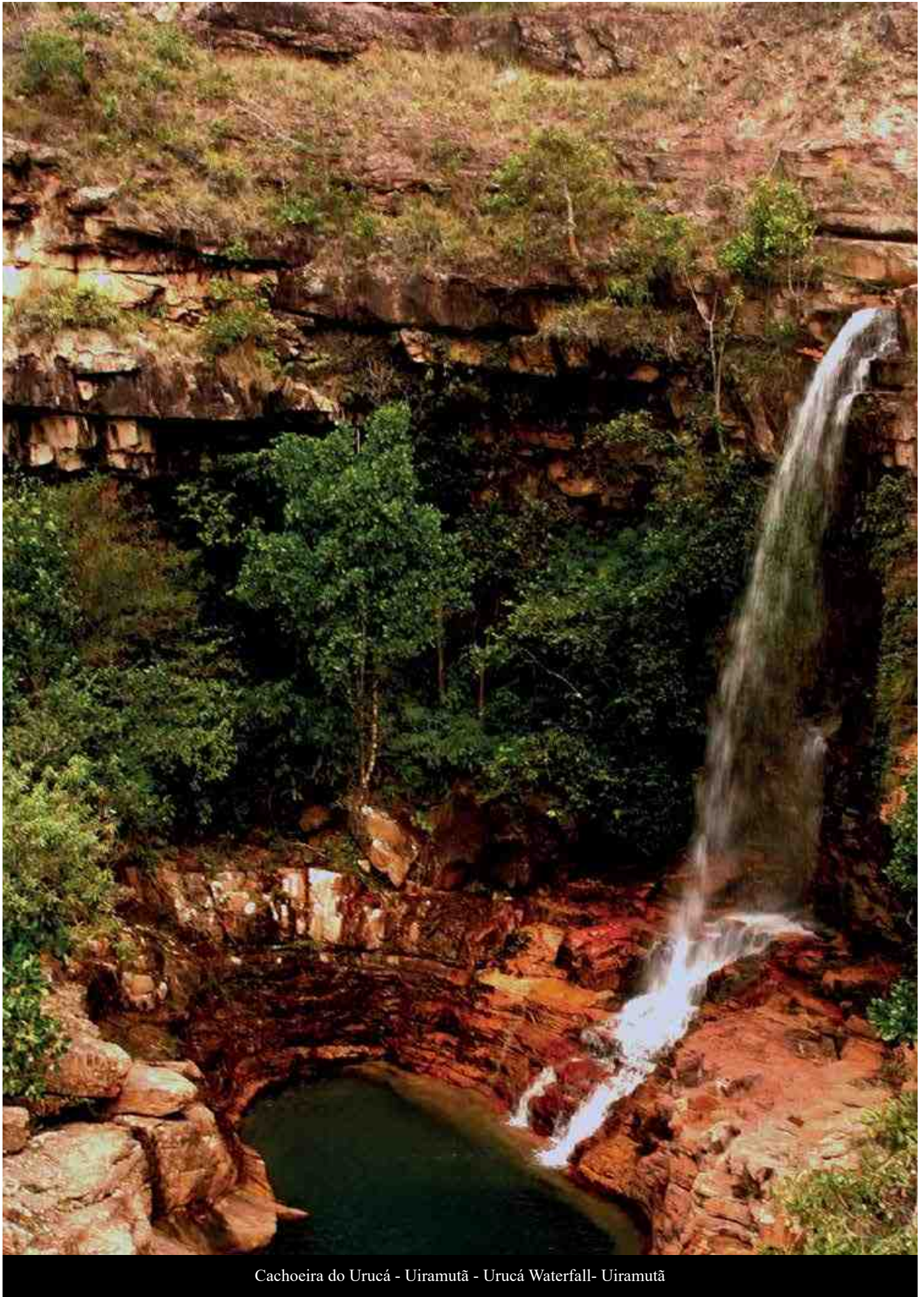




Cachoeira Veu de Noiva - Serra Grande - Waterfall Veu de Noiva - Serra Grande



Cachoeira do Aron Garén (Garã-Garã) - Uiramutã - Aron Garén Waterfall (Garã-Garã) - Uiramutã



Cachoeira do Urucá - Uiramutã - Urucá Waterfall- Uiramutã



Cachoeira do Paracao - Paracao Waterfall





Luis Felipe Gonçalves

Lagoas de Roraima - Lagoons of Roraima



Pedra Pintada - Painted Stone



Serra da Moça - Moça Mountain Range



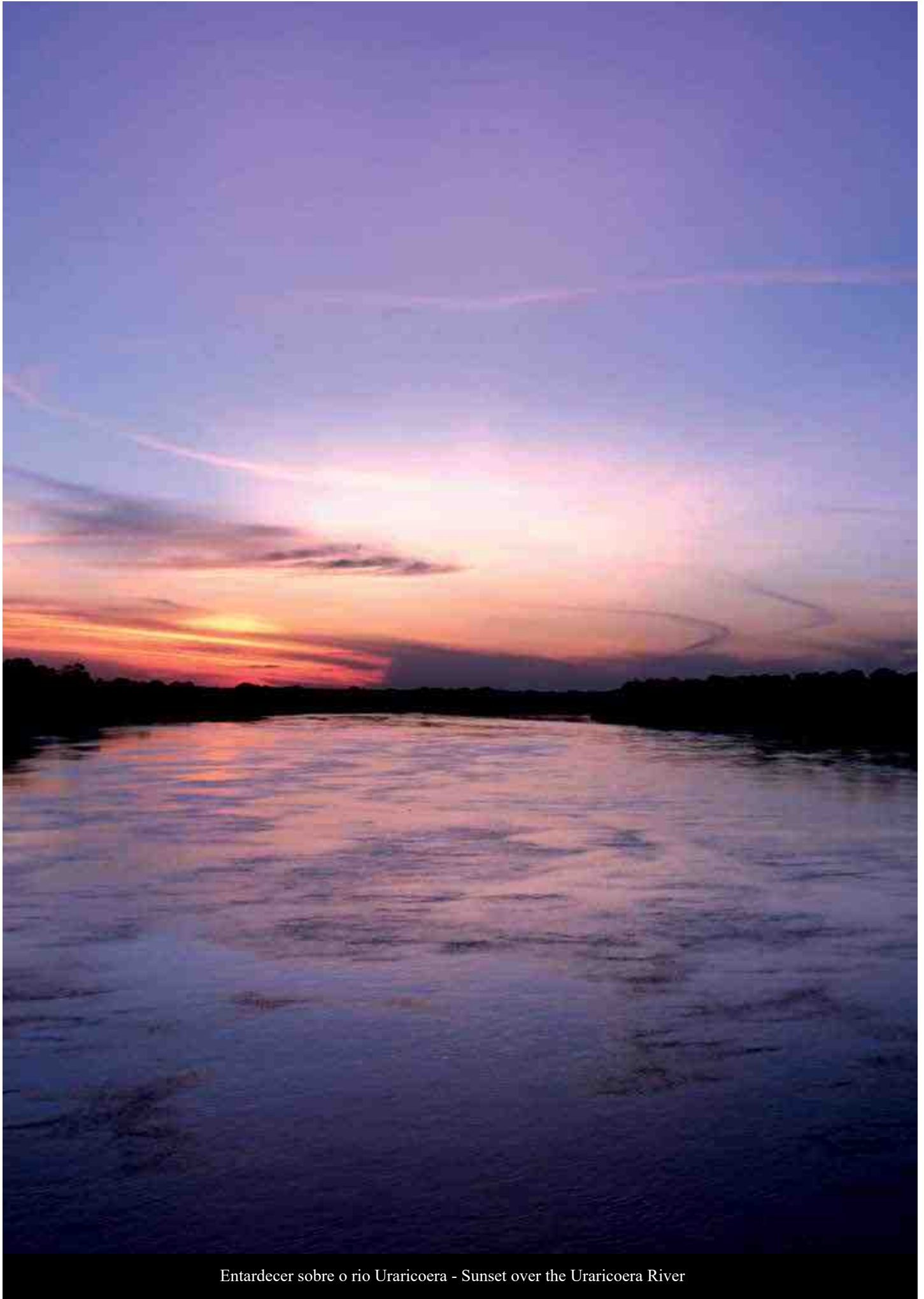
Fernando Oliveira

Paisagem típica do interior - Typical landscape of interior



Lewiski

Cachoeira em Uiramutã - Waterfall of Uiramutã



Entardecer sobre o rio Uraricoera - Sunset over the Uraricoera River



Andrezza Mariot



Andrezza Mariot

Sítio Arqueológico - Vila Água Fria - Archaeological Site - Villa Água Fria

AGRONEGÓCIO EM RORAIMA - AGRO BUSINESS



Valter Vogel

Piscicultura- Fish farming



Foto: reprodução

Piscicultura- Fish farming



Plantação de Manga - Mango plantation

Bruno Garmatz



Plantação de Banana - Banana Plantation

Bruno Garmatz



Valter Vogel

Gado - Cattle



Plantação de milho - Corn plantation



Plantação de arroz - Rice plantation

Bruno Garmatz



Soja - Soil

Aluizio Nascimento



Plantação de algodão - Cotton plantation

Aluizio Nascimento



Plantação de algodão - Cotton plantation

Aluizio Nascimento



Fernando Oliveira

Plantação de algodão - Cotton plantation



William Roth

Colheita de arroz - Rice harvest



William Roth

Colheita de soja - Soibean harvest



Jonathas Oliveira

Colheita de melancia -watermelon harvest



Aluisio Nascimento

Avicultura - Poultry farming



Fernando Oliveira

Soja - Soil



Fotos: Bruno Garmatz

DENDÊ

O dendezeiro (*Eleais guineensis jaquin*) é uma palmeira originária da costa oriental da África (Golfo da Guiné). Chuva, horas de sol, temperaturas máxima e mínima, são fatores essenciais para o cultivo do dendê. O clima de Roraima é propício para o cultivo dessa cultura e encontra-se inserido no zoneamento agroecológico determinado pelo Ministério da Agricultura. O dendê começa a produzir depois do terceiro ano de plantio e pode produzir até 6.000 litros de óleo por hectare, dez vezes mais que a soja. O óleo de dendê é o óleo mais produzido e consumido do mundo, principalmente na Ásia. Os municípios do sul do estado de Roraima, São Luis do Anauá, São João da Baliza, Caroebe e Rorainópolis, com uma área plantada em torno de 4.200ha, são os maiores produtores. Estão sendo instaladas duas esmagadoras na produção de óleo para absorver a produção da região, contribuindo para a criação de milhares de empregos.

PALM OIL

Palm oil (*Eleais Jachin guineensis*) is a native palm of the eastern coast of Africa (Gulf of Guinea). Rain, sunshine hours, maximum and minimum temperatures are essential factors for oil palm cultivation. The climate of Roraima is conducive to the cultivation of this culture and is inserted into the agro-ecological zoning determined by the Ministry of Agriculture. The palm begins to produce after the third year of planting and can produce up to 6,000 liters of oil per hectare, ten times more than soybeans. Palm oil is the most produced and consumed oil in the world, especially in Asia. The municipalities in the southern state of Roraima, São Luis Anauá, São João da Baliza, Caroebe and Rorainópolis with an area planted around 4.200 ha, are the largest producers. They are being installed two crushers in the production of oil to absorb the production of the region, contributing to the creation of thousand jobs.



Dendê - Palm Oil



Plantação de melancia irrigada - Irrigated watermelon plantation

Bruno Garmatz



Melancia - Watermelon

Bruno Garmatz

MADEIRA - Lumber

O setor madeireiro no estado de Roraima é, e sempre foi, um segmento de extrema importância para a economia do estado.

O setor de base florestal (extração de madeira) localiza-se principalmente no sul do estado, região de densas florestas pertencentes à chamada “grande floresta amazônica”. Entre 1997 a 2018 a madeira foi um dos itens mais exportados pelo estado, sendo seus destinos principais a Venezuela, Países Baixos, França e Itália, entre outros.

A partir de 2009 houve uma queda drástica nas vendas por conta de alguns calotes sofridos pelos exportadores, mas em 2014 as exportações voltaram a crescer devido às mudanças de mercado ocorrido, com a venda de madeira para vários países europeus.

Em 1997 foi vendido (valores em dólares) \$ 682.229,00. No pico de vendas em 2008 foi exportado \$ 8.426.262,00. Com a queda das exportações, em 2014 caiu para \$ 1.388.685,00, mas voltou a crescer novamente nos anos seguintes e em 2018 as vendas foram de \$ 2.158.844,00.



Vendas em m³ :

1986 a 1989 = 185.630 m³

1990 a 1999 = 203.623 m³

2000 a 2009 = 3.062.270 m³

2010 a 2017 = 2.151.060 m³

Hoje, com as restrições ao desmatamento na Amazônia através de leis ambientais e de campanhas de preservação, a madeira tornou-se uma espécie de vilã junto aos órgãos fiscalizadores governamentais e aos poucos vai sendo substituída por vários materiais mais em conta, tais como o ferro, o plástico e outros materiais sintéticos, tanto na construção civil como na indústria moveleira.

Fontes de pesquisa: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FIER – Federação da Indústria do Estado de Roraima

MADEIRA - Lumber

The lumber sector in Roraima is and it has always been the extreme importance to Roraima economy. The Forest base sector (wood extration) is located mainly in the South of the State, region of dense forests, belonging to called "Great Amazonic Forest".

From 1997 to 2018 the Wood was one the most exported item from the State, being its main destinies to Venezuela, Netherlands, France, Italy and others.

At begining 2009 there was a drastic sales drop caused by some defaults suffered by the exporters, but in 2014 the exports grew back due to the changes in the market, happened with the Wood sale to many European Countries.

In 1997 it was sold (values in dollars) \$ 682.229,00. At the top of Sales in 2008 was exported \$ 8.426,262,00. With the sales drop in 2014 it fell to \$ 1, 388.685,00. But it came back grow again in the following years and in 2018 the Sales werw about \$ 2.158.844,00.



Sales from m³ :

1986 to 1989 = 185.630 m³

1990 to 1999 = 203.623 m³

2000 to 2009 = 3.062.270 m³

2010 to 2017 = 2.151.060 m³

Nowadays with the restrictions to deforestation in Amazon through prevencion campaign the lumber has become a specie of villain togheter the governments oversight agencies and slowly it is going to such as iron, plastic and others sinthetic materials in the civil cosntruction and in the furniture industry.

Source:

IBGE (Statistics and Geography Brazilian Institute)

FIER (Industry Federation of Roraima State)



Reynesson Damasceno

Garça branca - White Egret



Luis Felipe Gonçalves

Jandaia-sol - Sun Parakeet



Luis Felipe Gonçalves

Téu-téu da savana - Double striped Thick knee



Reynesson Damasceno

Garça branca - White Egret



Príncipe - Vermilion Flycatcher



Sanhaçu de Fogo - Hepatic Tanager



Pedro Ceroulo - Eastern Meadowlark



Caboclinho Lindo - Ruddy-breasted



Gaviãozinho - Pearl Kite



João Pinto Amarelo - Yellow Oriole

Fotos - Marcelo Camacho





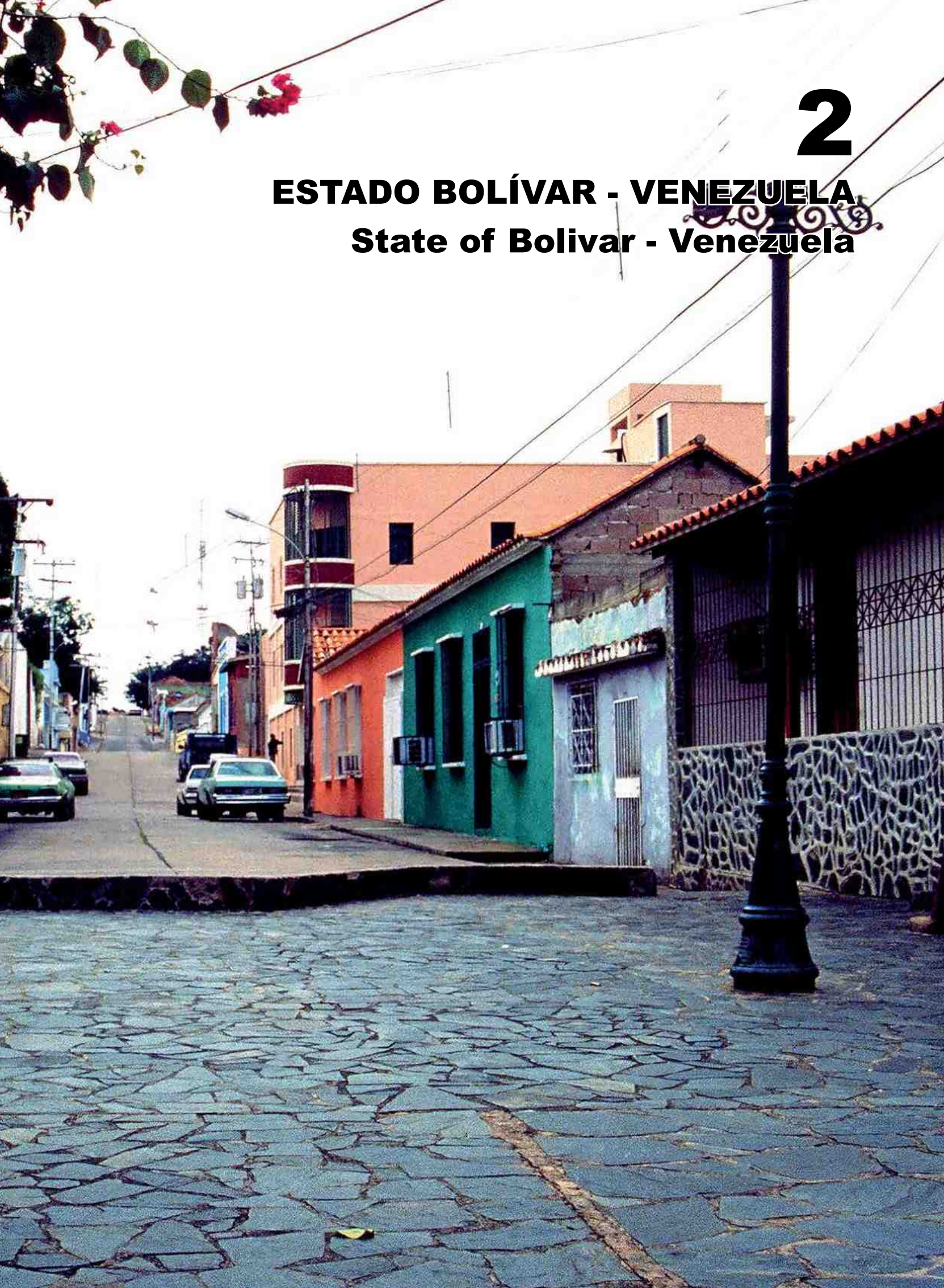
Luis Felipe Gonçalves

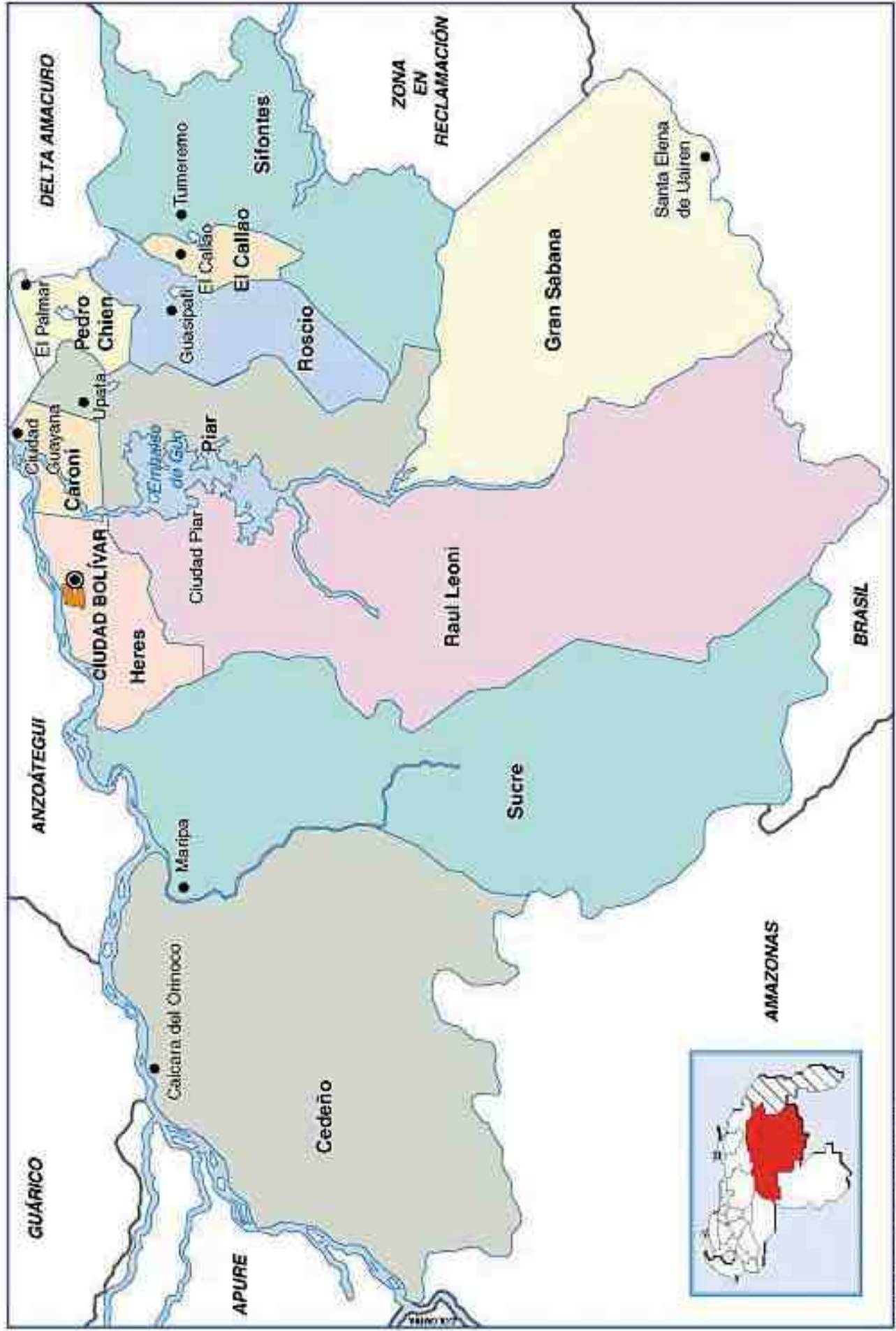
Tamanduá Bandeira - Bandeira Anteater



2

ESTADO BOLÍVAR - VENEZUELA
State of Bolivar - Venezuela





ESTADO BOLÍVAR

ESTADO BOLÍVAR

UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA

É quase impossível falar do monte Roraima sem falar do estado Bolívar, um dos 23 estados da Venezuela, pois é nele que está inserido o Parque Nacional Canaima e dentro do qual se localiza o monte. Bolívar, com uma área de 238.000km², é o maior estado do país, ocupando 26,24% do território venezuelano.

A primeira incursão do homem branco na região da Guayana (estado Bolívar) foi realizada por Diego de Ordaz, em 1531, chegando até as cercanias da serra de Imataca. Em 1587, Antonio de Berrío partiu de Casanare (Colômbia) e chegou até a ilha de Atures, no rio Orinoco, estabelecendo um casario nas serras de Parguaza, Caipo e Suapure, que se constituiu na primeira povoação da Guayana. Porém, as enfermidades e os ataques dos índios dizimaram o povoado. Em 21 de dezembro de 1595, Berrío fundou Santo Tomás (ou Santo Tomás) de Guayana, às margens do Orinoco, que mais tarde transformou-se na capital, Ciudad Bolívar, e serviu de ponto de resistência para as tropas comandadas por Bolívar no século XIX. Foi também em Ciudad Bolívar que foi criado o primeiro jornal da Venezuela: El Correo Del Orinoco, em 1818.

Quem visitar Ciudad Bolívar não deve deixar de visitar as antigas construções e casarões do centro histórico e o Paseo Orinoco, uma bonita alameda arborizada, à beira do grande rio da Venezuela. Outro atrativo é a ponte pênsil Angostura, sobre o rio Orinoco, construída em 1967, com um vão de 712m suspenso por grossos cabos de aço e apoiados em apenas dois pilares em cada margem do rio.

Imperdível também é uma visita ao museu Jesus Soto, com centenas de obras do maior artista plástico da Venezuela, falecido em 2005.

O nome do estado é em homenagem ao libertador Simón Bolívar, herói maior do povo venezuelano. Banhado pelo rio Orinoco, ao norte faz fronteira com os Estados de Delta Amacuro, Monagas, Anzoátegui e Guárico. Ao sul, com o Brasil e Estado Amazonas¹. A leste, com o Estado Delta Amacuro e Zona en Reclamación, que separa a Venezuela da República da Guiana. A oeste, com os Estados Apure e Amazonas.

Fazendo parte do chamado “Escudo Guayanés”, o estado Bolívar apresenta quatro tipos de relevo.

1 - Terras baixas ou savanas: vão desde as margens do Orinoco até alturas não maiores que 300m.

2 - A grande savana: com alturas que variam de 700 a 1.400m, e onde se encontram os famosos tepuyes, com quedas d’água espetaculares e paisagens maravilhosas.

1 A Venezuela também tem um estado chamado “Estado Amazonas”.

STATE OF BOLIVAR

A BIT OF HISTORY AND GEOGRAPHY

It is almost impossible to speak of Mount Roraima without speaking the State of Bolivar, one of the 23 states of Venezuela, for it is there where the Canaima National Park is inserted and inside it is located the mount. Bolivar, with an area of 238.000km², is the country's largest state, occupying 26.24% of the Venezuelan territory.

The first incursion of the white man in the region of Guayana (Bolivar state) was made by Diego de Ordaz in 1531, reaching the outskirts of the Sierra de Imataca. In 1587, Antonio de Berrio left from Casanare (Colombia) and arrived at the island of Atures, in the Orinoco River, establishing a village in the mountains of Parguaza, Caipo and Suapure, which constituted the first town of Guayana. However, the diseases and the attacks of the Indians decimated the village. On December 21, 1595, Berrio founded Santo Tomás (Saint Thomas) of Guayana, on the banks of the Orinoco, which later became the capital, Ciudad Bolivar, and served as a point of resistance for the troops commanded by Bolivar in the nineteenth century. It was also in Ciudad Bolivar, that the first newspaper in Venezuela was created: "El Correo del Orinoco", in 1818.

Whoever visits Ciudad Bolivar should not forget to visit the old buildings and mansions of the historic center and the Paseo Orinoco, a beautiful tree-lined boulevard, along the bank of the great river of Venezuela. Another attraction is the suspension bridge Angostura over the Orinoco River, built in 1967, with a span of 712m suspended by thick steel cables and supported by only two pillars on each bank of the river.

Another must is a visit to the Jesus Soto Museum, with hundreds of works of the greatest plastic artist of Venezuela, who died in 2005.

The state name is in honor of the liberator Simon Bolivar, greatest hero of the Venezuelan people. Bathed by the Orinoco River, in the north it borders the states Delta Amacuro, Monagas, Anzoátegui and Guárico. In the south, with Brazil and Estado Amazonas¹. In the east, with Estado Delta Amacuro and Zona en Reclamación (Zone of Dispute) that separates Venezuela from the Republic of Guyana. In the west, with the states Apure and Amazonas.

As part of the so-called Escudo Guayanés (Guayana Shield), the Estado Bolivar has four types of relief.

1 - Lowlands or savannas, ranging from the banks of the Orinoco to heights not greater than 300m.

2 - The great savanna, with heights ranging from 700 to 1,400m, and where the famous tepuyes, with spectacular waterfalls and marvelous landscapes.

¹ Venezuela also has a state called "Estado Amazonas."

3 – As serranias: onde podemos destacar a Serra de Imataca, perto de El Callao e Guasipati, com altura não superior a 800m. Serra de Nuria, com altura similar a primeira e, ambas, com enormes jazidas de ferro. Serra de Mangualida, na divisa com o estado Amazonas. Serra de Pacaraima, que serve de fronteira com o Brasil e cujo ponto mais alto é o Cerro Chanaro, com 1.680m.

4 – Os tepuyes: fazem parte das primeiras formações geológicas da terra. O monte Roraima é o mais alto, com 2.734m, sendo o ponto culminante do estado. Destacam-se ainda o Camacaibari-tepuy com 2.600m; o Auyan-tepuy com 2.460m, onde se encontra o salto Churún-Merú, mais conhecido como salto Ángel, com seus 979m de altura. O Chimantá-tepuy, Acopán-tepuy e o Kukenán-tepuy também fazem parte da paisagem da Gran Sabana.

Coberto em grande parte por florestas e savanas, o estado tem um grande potencial hidrelétrico, principalmente através do rio Caroni, afluente do Orinoco, onde estão construídas as usinas de Guri e os complexos de Macagua I e II. Seu solo é também rico em minérios, entre eles: ferro, bauxita, alumínio, ouro e diamantes.

As principais indústrias mineradoras e siderúrgicas da Venezuela estão instaladas em Ciudad Guayana, formada pela junção de Puerto Ordaz com San Félix, tornando-a a mais populosa do estado. Mas, sem dúvida, o que mais atrai as pessoas ao estado Bolívar são as suas belezas naturais, fazendo com que o turismo seja um dos carros chefes do seu desenvolvimento. Quem parte de Ciudad Bolívar para conhecer a Gran Sabana passa por várias cidades antes do seu destino final. Puerto Ordaz, San Félix, Upata, Guasipati, El Callao, Tumeremo e Las Claritas, todas à margem da carretera que atravessa o estado no sentido norte/sul, antes de se chegar a Santa Elena, na fronteira do Brasil.

O parque Canaima, com seus três milhões de hectares e suas inúmeras atrações (Salto Ángel, Monte Roraima, Salto Kamá-Meru, Aponwao, Quebradas de Jaspe, Kawanayén e outras) faz com que ele seja um dos destinos preferidos dos turistas de várias partes do mundo.

Santa Elena de Uairén, última cidade venezuelana antes da fronteira com o Brasil, é um centro hoteleiro, de comércio e de serviços que recebe os visitantes desejosos de conhecer e desfrutar das belezas da Gran Sabana e suas inúmeras atrações.

3 - The mountains, where we can highlight the Sierra de Imataca, near El Callao and Guasipati, with height not exceeding 800m. Serra de Nuria, with similar height to the first and, both, with huge deposits of iron. Serra de Mairigualida, on the border with Estado Amazonas. Serra de Pacaraima, which forms the border with Brazil and whose highest point is Cerro Chanaro with 1.680m.

4 – The tepuyes: part of the first geological formations of the earth. Mount Roraima is the highest, with 2.734m, being the culmination of the state. Also noteworthy are the Camacaibari-tepuy with 2.600m; the Auyan-tepuy with 2.460m, where the Churún Merú Falls, better known as Angel Falls, with its 979m of height. Chimantá-tepuy, Acopán tepuy and Kukenan-tepuy also are part of the landscape of the Great Savanna.

Largely covered by forests and savannas, the state has a great hydroelectric power potential, mainly through the Caroni River, a tributary of the Orinoco, where the power plants Guri and the complexes Macagua I and II are built. Its soil is also rich in minerals, including iron, bauxite, aluminum, gold and diamonds.

The major mining and steel industries of Venezuela are installed in Ciudad Guayana, formed by the junction of Puerto Ordaz with San Félix, making it the most populous city of the state. But, without a doubt, what most attract people to Bolivar state are its natural beauties, making tourism one of the most important sectors of its development. Whoever leaves Ciudad Bolivar to see the Great Savanna passes through several cities before arriving at his final destination. Puerto Ordaz, San Félix, Upata, Guasipati, El Callao, Tumeremo and Las Claritas, all alongside the highway that crosses the state in the direction from north to south, before reaching Santa Elena, on the border of Brazil.

Park Canaima with its three million hectares and its many attractions (Angel Falls, Mount Roraima, Kamá-Meru Falls, Aponwao, Broken Jasper, Kawanayén and others) makes it to be one of the favorite destinations of tourists from various parts of the world.

Santa Elena de Uairén, the last Venezuelan city before the border with Brazil, is a hotel center, of commerce and of services that receives the visitors desiring to know and enjoy the beauties of the Great Savanna and its many attractions.



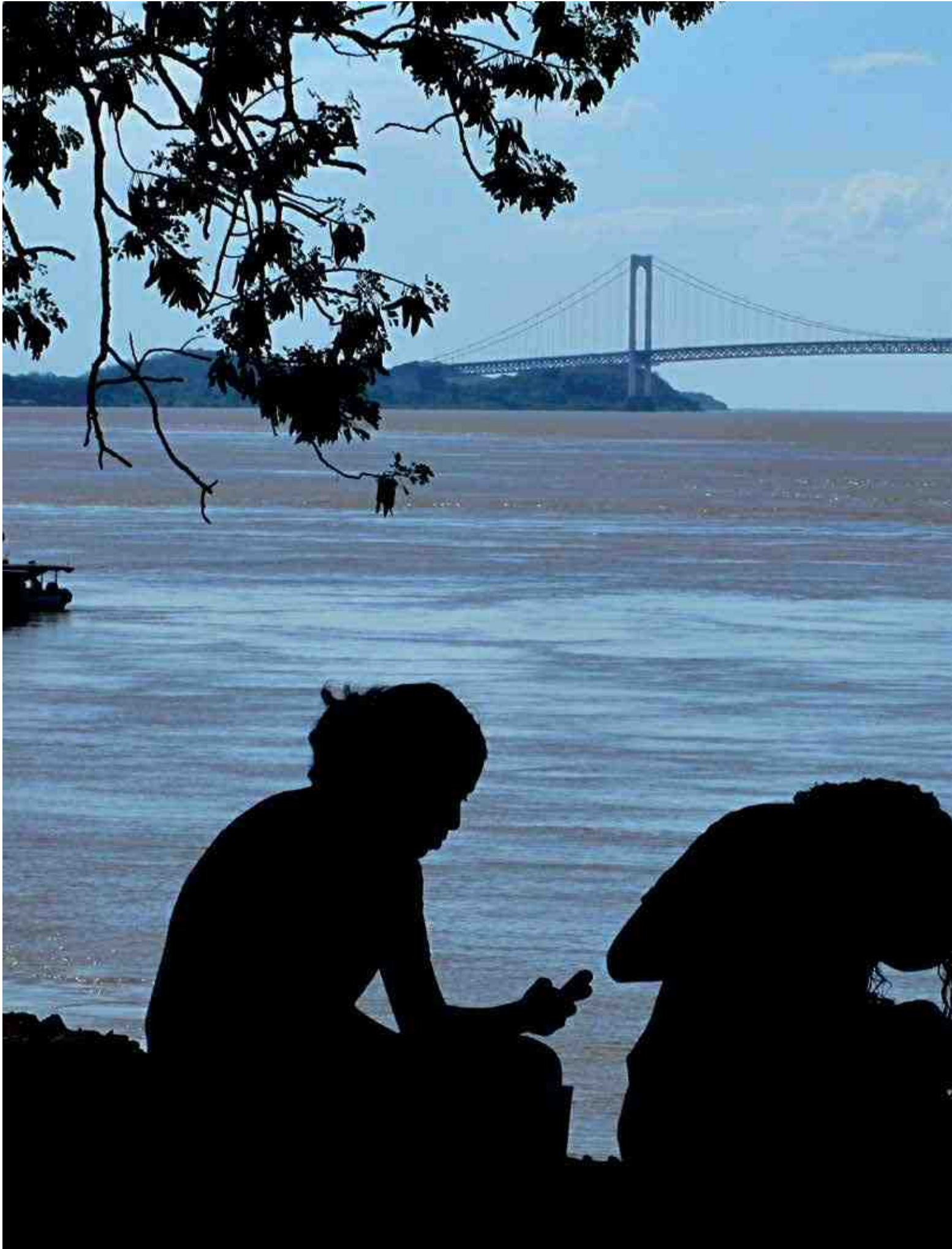
Parque Cachamay - Puerto Ordaz | Cachamay Park - Puerto Ordaz

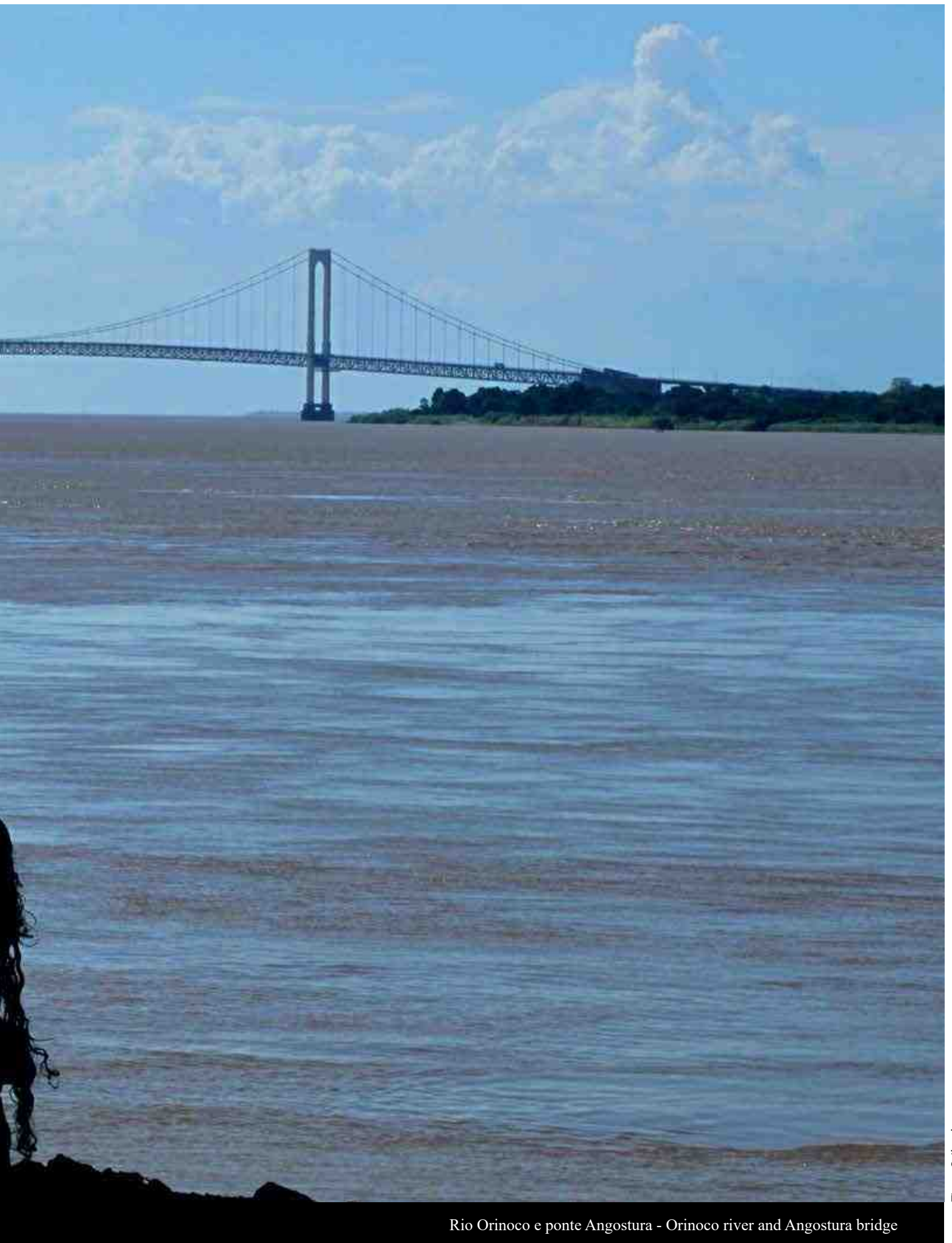
Bruno Garmatz



Ciudad Bolívar - ruas e prédios históricos - Ciudad Bolívar - History streets and buildings







Rio Orinoco e ponte Angostura - Orinoco river and Angostura bridge



Bruno Garmatz



Tiago Orihuela

Ciudad Bolívar - ruas e prédios históricos - Ciudad Bolívar - history streets and buildings



Bruno Garmatz

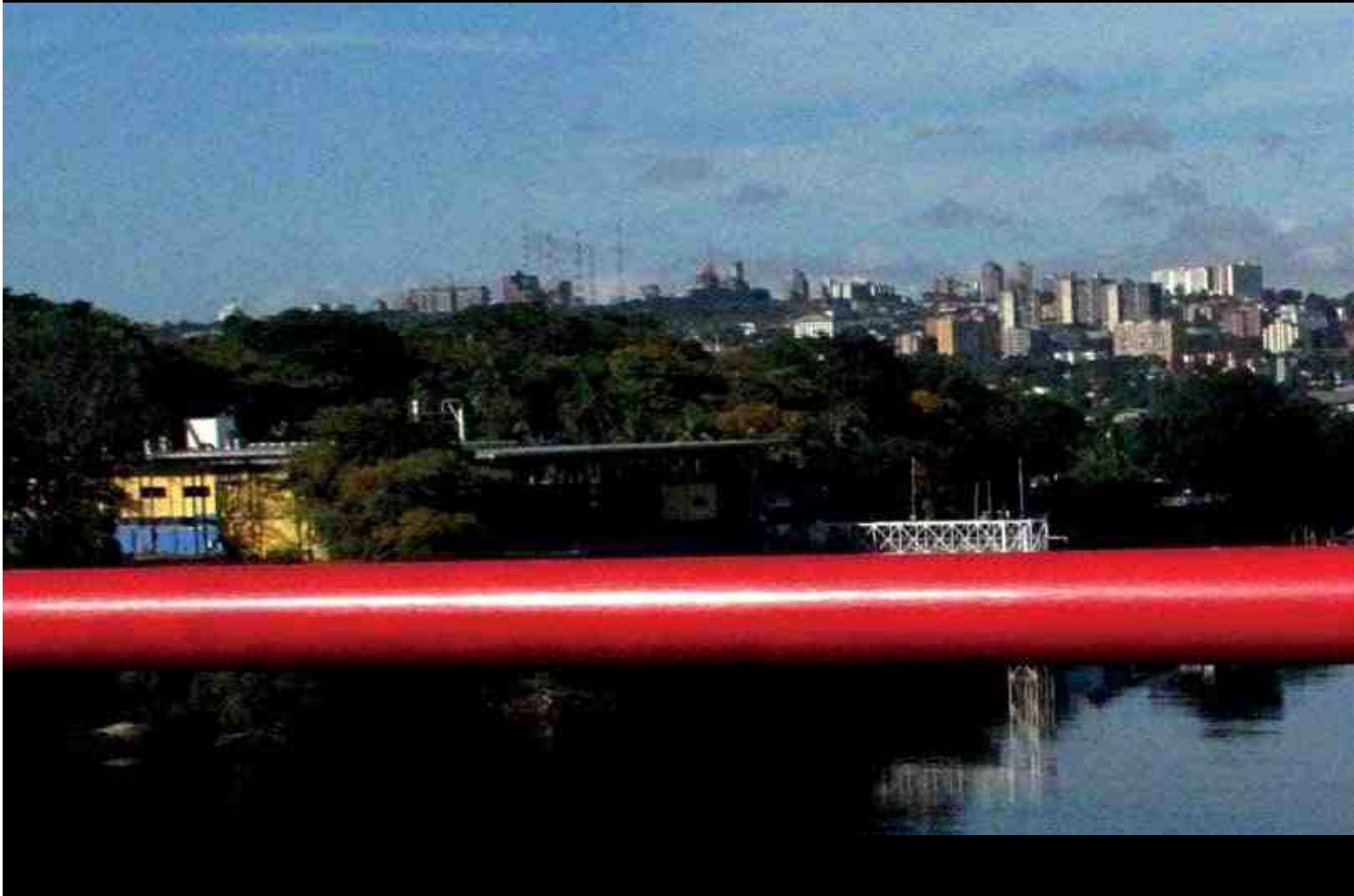


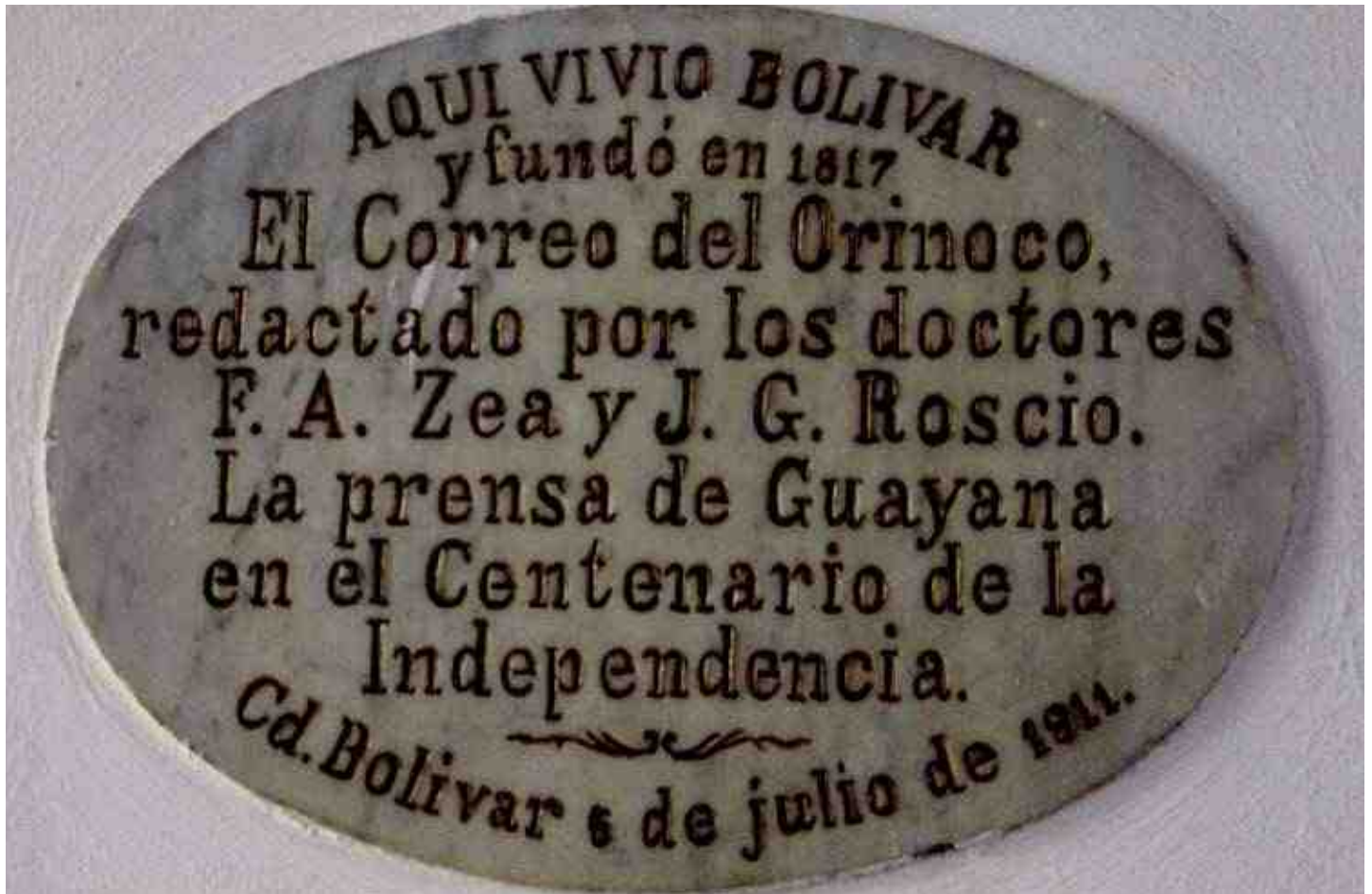
Tiago Orihuela

Ciudad Bolívar - ruas e prédios históricos - Ciudad Bolívar - history streets and buildings



Tiago Orihuea





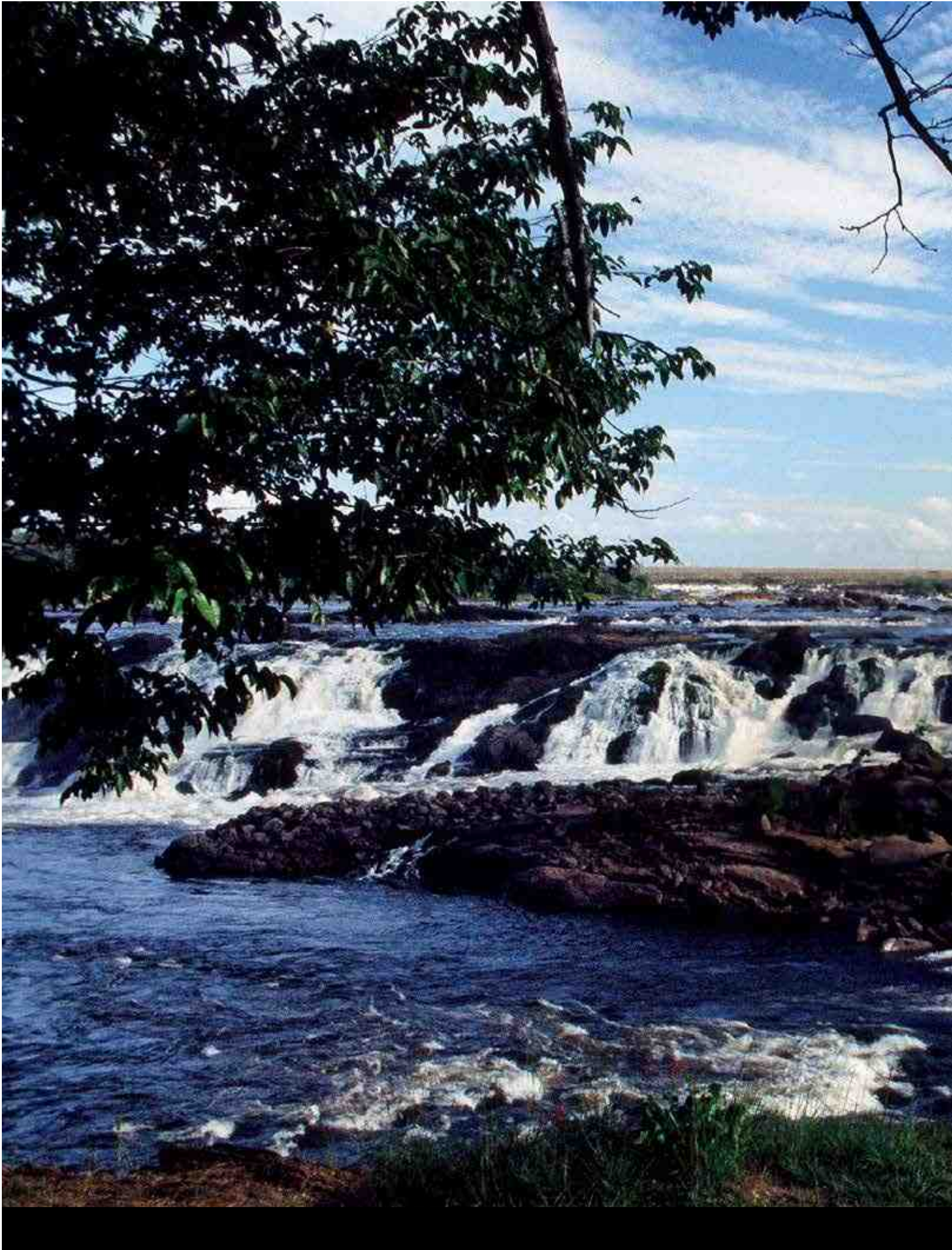
Bruno Garmatz

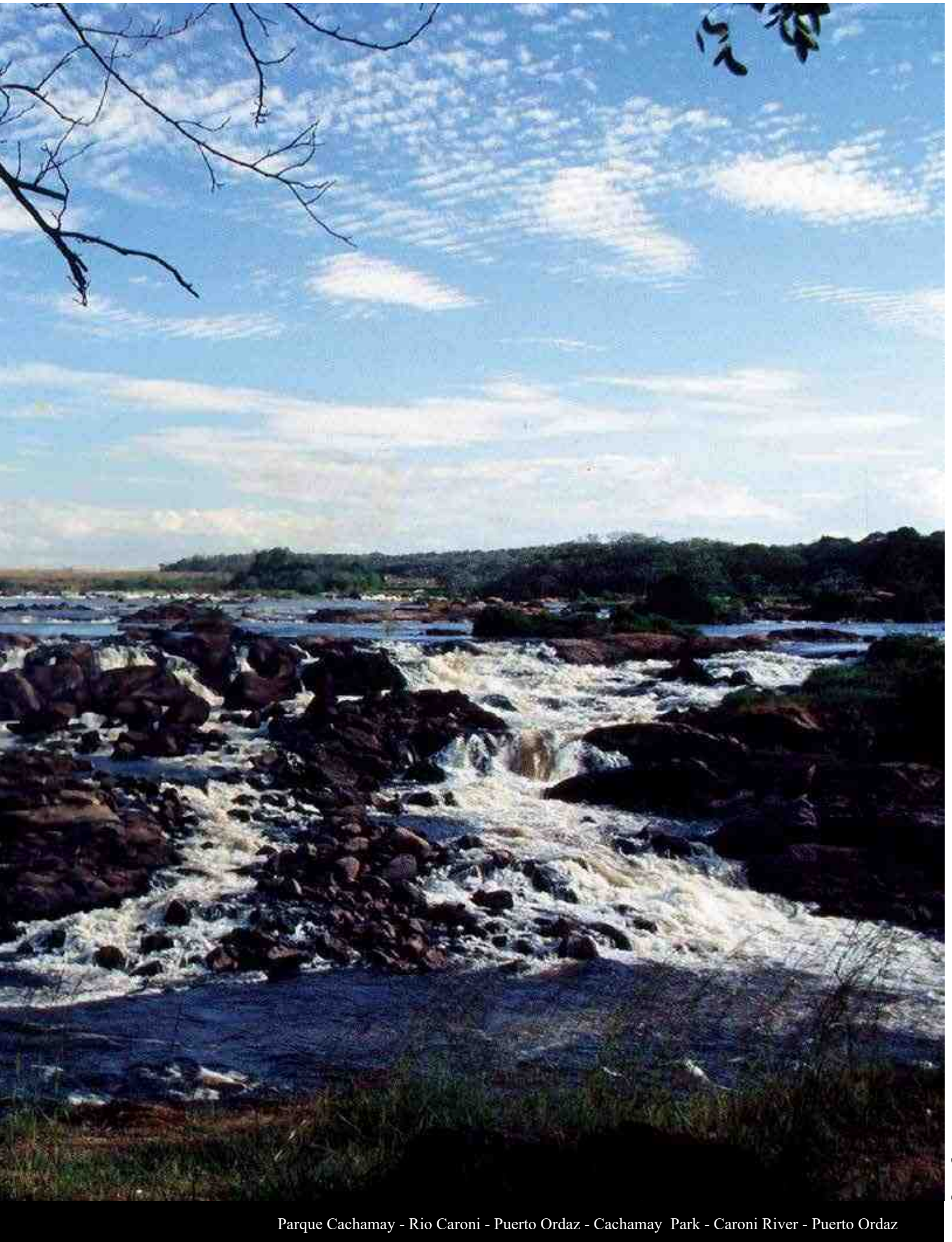
Ciudad Bolívar - ruas e prédios históricos - Ciudad Bolívar - history streets and buildings



Tiago Orihuela

Río Caroni e Puerto Ordaz ao fundo - Caroni River and Puerto Ordaz in the background





Parque Cachamay - Rio Caroni - Puerto Ordaz - Cachamay Park - Caroni River - Puerto Ordaz



3

REPÚBLICA DA GUIANA

Republic of Guyana



GUYANA

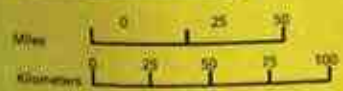


Key to Map

- Waterfall
- Nature Resort
- Historic Site
- Amerindian Site
- Major Town
- Town
- Scenic/Nature
- Main Road
- Minor Road & Trails
Some Trails may need 4WD
- Main River
- Minor River
- Major Airport
- Airstrip

Administrative Regions

1 - 10



GUYANA: FACTS & FIGURES

SIZE: 83,000 square miles (214 960 km²)

POPULATION: 751,223 (2002)

LOCATION: Guyana is located on the eastern shoulder of the South American Continent between latitudes 1° and 10° North and longitudes 57° and 61° West.

The Atlantic Coast stretches for 432km / 270m and extends south to the interior for 720km / 450m. Guyana is bound by Suriname to the East, Venezuela to the North, and Brazil on the South and Southwest at the Atlantic Ocean in the North-Northeast.

CLIMATE: Tropical; hot, humid, mostly by northeast trade winds. Mean Temperature of 27.5°C Coastland ranges from 20°C to 30°C. Interior ranges 18°C - 40°C.

CURRENCY: Guyana dollar

REPÚBLICA DA GUIANA

UM POUCO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Localizada ao norte da América Latina, banhada pelo oceano Atlântico e fazendo divisa com a Venezuela a oeste, a sudoeste e sul com o Brasil, e a leste com o Suriname - a Guiana - como é popularmente conhecida, foi originalmente ocupada pelos espanhóis e mais tarde pelos holandeses, com suas colônias de Berbice, Demerara e Essequibo.

Em 1796 foi tomada pelos ingleses e oficialmente cedida em 1814, tornando-se colônia em 1831, fazendo parte da Commonwealth, denominada de Guiana Inglesa. Conseguiu sua independência em 1966, passando a chamar-se oficialmente República Cooperativista da Guiana e hoje somente República da Guiana.

A Venezuela mantém uma disputa fronteira com a Guiana há muito tempo, reivindicando cerca de 70% de seu território, a oeste do rio Essequibo, o principal do país. No mapa da Venezuela essa porção de terra aparece como “Zona de Reivindicação”, fazendo parte do mesmo.

Na época da colônia, as autoridades encontravam dificuldades para recrutar trabalhadores braçais para as plantações de cana-de-açúcar entre os índios, substituindo-os por escravos vindos da África. Com a abolição da escravidão em 1837, trabalhadores indianos substituíram os negros nas plantações do interior, formando assim os dois principais grupos étnicos do país. Há ainda colônias de chineses, árabes, portugueses e brasileiros, estes principalmente nos garimpos de ouro e diamante. A língua oficial é o inglês, mas um dialeto crioulo é bastante difundido, além das línguas nativas dos imigrantes.

O país é pouco povoado e as cidades se concentram na faixa litorânea. A capital, Georgetown, construída abaixo do nível do mar, com seus diques e canais para retenção das marés, ainda guarda construções e casarões da época colonial.

O país é bastante plano, com uma extensa planície costeira, pequenas elevações no interior e culmina com as montanhas altas do sul e oeste, nas fronteiras de Brasil e Venezuela. O clima é quente, úmido e uniforme. Há um período de seca, que vai de setembro a fevereiro/março.

Quatro rios principais cortam o país de sul a norte, desembocando todos no Atlântico: Courantyne, Berbice, Demerara e Essequibo. Uma de suas maiores atrações turísticas é a cachoeira de Kaeiteur, com 226 m, no rio Potaro.

Para promover a integração entre o Brasil e a Guiana, em 14 de setembro de 2009 foi inaugurada a ponte sobre o rio Tacutu, que faz fronteira entre os dois países, unindo Bonfim, do lado brasileiro, com Lethem, no lado guianen-

REPUBLIC OF GUYANA

A BIT OF HISTORY AND GEOGRAPHY

Located in the north of Latin America, washed by the Atlantic Ocean and bordering Venezuela in the west, in the southwest and in the south with Brazil and in the east with Surinam - Guyana - as it is popularly known, was originally occupied by the Spaniards and later by the Dutch, with their colonies of Berbice, Demerara and Essequibo.

In 1796, it was taken by the English and officially ceded in 1814, becoming a colony in 1831, belonging to the Commonwealth, and called British Guiana. It achieved its independence in 1966, calling itself officially the Cooperative Republic of Guyana and today only the Republic of Guyana.

Venezuela maintains a border dispute with Guyana for a long time, claiming about 70% of its territory west of the Essequibo River, the major river of the country. On the map of Venezuela, this portion of land appears as "Zone of Claim", making up being part of the same (map).

In colonial times, the authorities found it difficult to recruit Indian laborers for the plantations of sugar cane, replacing them with slaves coming from Africa. With the abolition of slavery in 1837, Indian workers replaced the blacks in the plantations of the interior, thus forming the two main ethnic groups in the country. There are also colonies of Chinese, Arabs, Portuguese and Brazilians, these mainly in gold and diamond mining areas. The official language is English, but a Creole dialect is widely spoken, besides the native languages of immigrants.

The country is sparsely populated and the cities are concentrated along the coast. The capital, Georgetown, built below sea level, with its dikes and channels for retention of the tides, still retains buildings and mansions of colonial times.

The country is rather flat, with extensive coastal plain, small hills in the interior and culminates with the high mountains in the south and west, on the borders of Brazil and Venezuela. The climate is hot, humid, and uniform. There is a period of drought, which runs from September to February / March.

Four major rivers cross the country from south to north, all of them flowing into the Atlantic: Courantyne, Berbice, Demerara and Essequibo. One of its biggest tourist attractions are the waterfalls of Kaeiteur, with 226 m, on the Potaro River.

To promote the integration between Brazil and Guyana, on September 14, 2009, the bridge over the Tacutu River, the border between the two countries,

se. O comércio de Lethem atrai muitos boa-vistenses ao país vizinho, com seus produtos importados e preços acessíveis, o que fez com que a cidade crescesse bastante nos últimos anos.

Durante visita do presidente Lula, assinou-se em Georgetown um documento de parceria entre os dois países com a finalidade de construir, por parte do governo brasileiro, uma estrada pavimentada unindo Lethem ao porto de Georgetown, criando, dessa forma, um corredor de exportação de produtos brasileiros a partir, principalmente, dos pólos de Manaus e Roraima, com destino aos mercados europeus, caribenhos e norte-americanos. Esse novo corredor de exportação encurtará em milhares de quilômetros a distância dos centros consumidores e, conseqüentemente, diminuirá o custo das exportações.



Estrada Boa Vista - Guiana - Boa Vista Road - Guyana

linking Bonfim, on the Brazilian side, with Lethem, on the Guyanese side, was inaugurated. The commerce of Lethem attracts many people from Boa Vista to the neighboring country, with its imported products and affordable prices, which means that the city has grown greatly in recent years.

During a recent visit of President Lula, a partnership document between the two countries was signed in Georgetown, with the purpose of constructing, by the Brazilian government, a paved road uniting Lethem with the port of Georgetown. Creating, in this form, an export corridor for Brazilian products, mainly from the poles of Manaus and Roraima, bound for European, Caribbean and North American markets. This new export corridor will shorten by thousands of kilometers the distance from the consumer markets and, consequently, will decrease the cost of exports.



Bruno Garmatz

Herança Britânica - British heritage



Arquitetura lembrando a Índia - Lethem - Architecture remembering India - Lethem

Bruno Garmatz



Posto de combustível - Lethem - Gas Station Lethem

Bruno Garmatz



Serra do Cuano-Cuano - Kanuku Mountains



Ponte sobre o Rio Tacutu - Bonfim-Lethem - Bridge on the Tacutu River- Bonfim-Lethem



Ponte sobre o Rio Tacutu - Bonfim-Lethem - Bridge on the Tacutu River- Bonfim-Lethem



Comércio - Lethem - Business District - Lethem



Comércio - Lethem - Business District - Lethem



Comércio - Lethem - Trade - Lethem



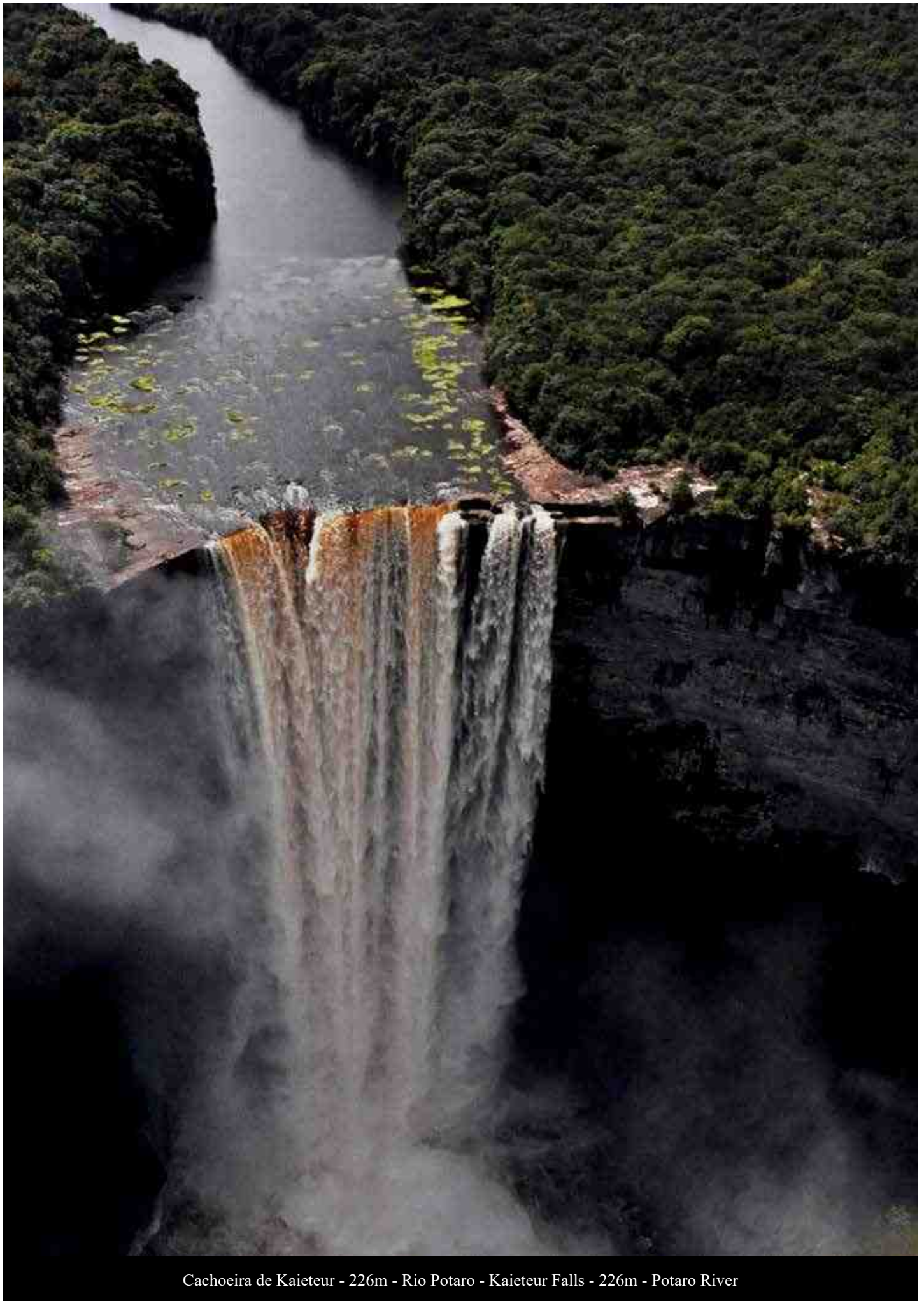
Comércio - Lethem - Business District - Lethem

Bruno Garmatz



Catedral São Jorge - Georgetown - St George Cathedral - Georgetown

Foto Reprodução



Cachoeira de Kaieteur - 226m - Rio Potaro - Kaieteur Falls - 226m - Potaro River



Av. das Guianas

foto Jackson Souza



foto



foto

Texto



foto

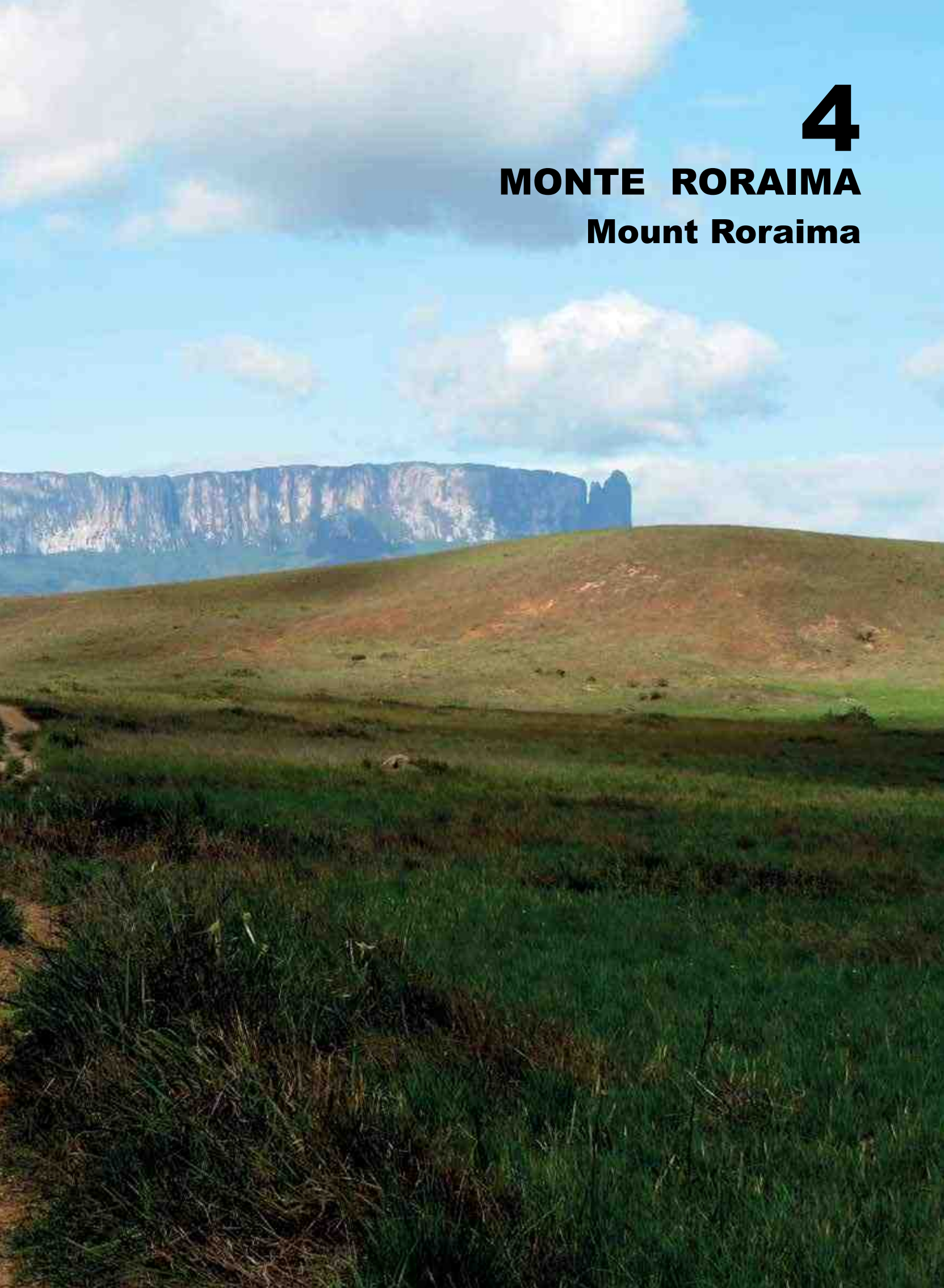
Texto



4

MONTE RORAIMA

Mount Roraima



GUIANA

BRASIL

VENEZUELA

Nascentes do rio Coimgo

Nascentes do rio Arabopó

Vale dos Cristais

Marco da antiga fronteira

- Linha aproximada da fronteira Venezuela - Guiana
- Linha aproximada da fronteira Brasil - Guiana
- Linha aproximada da fronteira Brasil - Venezuela

MONTE RORAIMA

UM POUCO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Roraima, ou Roro-imã na língua dos índios Taurepang, quer dizer “montanha verde-azulada”. Na Venezuela, os Pemóns, indígenas habitantes da Gran Sabana, denominam as formações rochosas como o monte Roraima de “Tepuyes”, cujo termo quer dizer mesa, por serem achatadas na parte superior.

Segundo consta na maioria dos livros antigos de geografia, o monte Roraima tem 2.875m de altitude em relação ao nível do mar. Porém, em 2005, o IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em parceria com o IME (Instituto Militar de Engenharia) e através do Projeto Pontos Culminantes fez uma nova medição com o auxílio de GPS e constataram que o Monte Roraima tem exatos 2.734,06m, tornando-se dessa maneira o sétimo ponto mais alto do Brasil.

O monte fica localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e República da Guiana. O Marco Tríplice das três fronteiras (Ponto de Tríplice Fronteira), implantado sobre o platô em 1931 pelo militar brasileiro Marechal Rondon, funciona como um divisor de águas. Coube à Venezuela cerca de 80% do platô, fazendo parte do Parque Nacional Canaima, dentro do estado Bolívar, na região sul desse país. À República da Guiana coube em torno de 15% e o Brasil ficou com a parte menor, apenas 5%.

A parte brasileira está inserida dentro do Parque Nacional do Monte Roraima, enquanto que a parte da Guiana encontra-se localizada dentro da região 7, chamada de Cuyuni-Mazaruni, uma das dez regiões em que se encontra dividido administrativamente o país vizinho.

No começo de 2010, três alpinistas de São Paulo (Eliseu Frechou, Márcio Bruno e Fernando Leal) escalaram o monte Roraima pelo lado da Guiana, na parte chamada de proa. Por causa do mau tempo, tiveram grande dificuldade para alcançar o topo, levando 12 dias para alcançar o objetivo. Durante a escalada tiveram que permanecer durante alguns dias acomodados em um pequeno platô de pedra de 1mx4m à beira do abismo, até o tempo melhorar, enfrentando chuva e frio de quase zero grau (0°C) em plena região amazônica.

O platô da montanha só é acessível pelo lado venezuelano, que possui a única trilha de acesso possível sem necessidade de uso de equipamentos de alpinismo. Esse fator favoreceu enormemente o turismo da região venezuelana, tornando o país a principal entrada de turistas aventureiros que desejam conhecer essa maravilha da natureza. Os paredões de pedra verticais, com centenas de metros de altura e da densa mata que circunda a base do monte pelo lado

MOUNT RORAIMA

A BIT OF HISTORY AND GEOGRAPHY

Roraima, or “Roro-imã” in the language of the Taurepang Indians, means “bluish-green Mountain”. In Venezuela, the Pemón Indians, inhabitants of the Great Savanna, call “Tepuys” the rocky formations such as Mount Roraima “Tepuyes”, which term means “table,” due to their being flat on top.

According to most of the old geography books, Mount Roraima has 2875m of altitude relative to sea level. However, in 2005, the IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (Brazilian Institute of Geography and Statistics), in partnership with the IME - Instituto Militar de Engenharia – (Military Institute of Engineering), and through the project Pontos Culminantes – (Culminating Points), made a new measurement with the aid of GPS – (Global Positioning System) and established that Mount Roraima has exactly 2734.06m, becoming, in this manner, the seventh highest point in Brazil.

The mount is located in the triple border between Brazil, Venezuela and the Republic of Guyana. The triple point landmark of the three borders, deployed on the plateau in 1931 by the Brazilian military man Marshal Rondon, serves as a watershed. Eighty percent of the plateau belongs to Venezuela, being part of the Canaima National Park, within the state of Bolivar, in the southern region of that country. About fifteen percent belongs to the Republic of Guyana and Brazil has the smallest part, only five percent.

The Brazilian portion of the Mount is located within the National Park of Mount Roraima, while the portion of Guyana is found within region 7, called Cuyuni-Mazaruni, one of the ten regions in which the neighboring country is administratively divided.

In early 2010, three mountain climbers from São Paulo (Eliseu Frechou, Márcio Bruno and Fernando Leal) scaled Mount Roraima from the Guyanese side, on the part called the prow. Due to bad weather, they had great difficulty in reaching the top, taking 12 days to reach their goal. During the climb, they had to stay for a few days on a small rocky plateau measuring one meter by four meters on the edge of the cliff. They stayed there until the weather improved, braving rain and temperatures of almost zero degrees Celsius (32°F) right in the middle of the Amazon rainforest.

The plateau of the mountain only is accessible by the Venezuelan side, which has the only possible trail of access that doesn't require the use of climbing equipment. This factor greatly favored tourism in the Venezuelan region, making this country the main entry for adventurous tourists who wish to know this wonder of nature. The great vertical walls of rock, with hundreds of meters in height and

brasileiro e guianense, não permitem o acesso por esses flancos. Cercado pelas savanas que bordeiam as florestas tropicais da bacia do Amazonas, Orinoco e Essequibo, do platô nascem vários rios que correm tanto para o Brasil (Cotingo) como para a Venezuela (Arabopô – Sororopan-Paru) e Guiana (Kakoó).

O topo do monte Roraima é um lugar simplesmente fantástico, ímpar, diferente de tudo. Um dos lugares mais antigos do planeta, formado na era pré-cambriana. Pertence ao Maciço das Guianas, que remete a 1,7 a 2 bilhões de anos, ou, antes mesmo, segundo a teoria da separação dos continentes da África e América, o Pangéia.

Relatar o que é o monte Roraima não é uma tarefa fácil, considerando-se que para os índios Taurepang (da Venezuela) e os Ingaricós e Macuxis (do Brasil) ele é a morada de um deus, o deus Makunaima. Supõe-se, de antemão, que a casa de um deus seja um lugar maravilhoso, esplendoroso. E o é. Só quem já se aventurou por suas trilhas acidentadas ao longo de dois ou três dias de caminhada tem a consciência exata do que é ter visitado a casa do deus Makunaima. Quando, finalmente, depois da dura caminhada chegamos ao topo, é que podemos entender a pequenez do ser humano frente à grandiosidade da natureza.

Um lugar onde esotéricos, místicos, aventureiros e cientistas buscam decifrar seus mistérios e enigmas. Um lugar mágico, envolto a maioria do tempo por nuvens, onde o relógio parece ter parado. Suas formações rochosas são de uma beleza cênica indescritível. Vales, fendas, elevações, rios, nascentes, quedas d'água, grutas, cavernas, labirintos, plantas, animais e pequenos lagos fazem parte da paisagem. Ao longo de milhões de anos criou-se uma fauna e flora endêmicas, diferenciadas de outras espécies devido ao isolamento e às condições climáticas extremas. O tepuy possui seu próprio micro clima, com variações de temperatura imprevisíveis, podendo chegar a zero grau na madrugada. Devido aos constantes ventos e a chuva, o tempo pode mudar em questão de minutos.

Quem viaja de Santa Elena de Uairén para Puerto Ordaz, através do Troncal 10 da Estrada Panamericana que corta o Parque Canaima, no sul da Venezuela, e vê o Monte Roraima ao longe, não imagina que ele seja tão grande. A parte longitudinal mede cerca de 17km. Sua superfície irregular não permite um cálculo exato de sua área e algumas publicações mencionam mais de 30km², chegando outras a citar até mais de 80km² de superfície.

Como o monte está dentro de parques nacionais protegidos é necessário tirar uma autorização para poder subir. Do lado da Venezuela é o Inparques que a fornece, e do lado brasileiro é o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), em Pacaraima, localizado ao lado do prédio da Polícia Federal. As empresas de turismo que organizam os grupos para subir providenciam essas autorizações, onde é preciso apresentar o passaporte, ou RG (Carteira de identidade) e CPF (Cadastro de Pessoa Física), no caso dos brasileiros. Mesmo que alguém vá sem ser através de uma empresa especializada, igualmente é necessário tirar a licença.

Só é permitido subir acompanhado de guias e carregadores que conheçam a montanha, para não haver problemas. Eles são recrutados entre os Pemóns, em San Francisco de Yuruany e na aldeia de Paraitepuy e junto a empresas de turismo especializadas. É admirável como esses índios tem resistência para subir e descer a montanha levando pesadas cargas nas costas. Comparo-os aos sherpas do Himalaia, pela resistência. Dessa forma, servindo de guias e carregadores, é que os indígenas ganham dinheiro para a sua sobrevivência dentro

dense forest that surround the base of the mount on the Brazilian and Guyanese side do not permit access from those flanks. Surrounded by savannas that border the tropical forests of the basin of the Amazon, Orinoco and Essequibo, from the plateau originate several rivers that flow both toward Brazil (Cotingo) and toward Venezuela (Arabopô - Sororopan-Paru) and Guyana (Kakoó).

The top of Mount Roraima is a simply fantastic place, unique, unlike anything else. It is one of the oldest places of the planet, formed in the pre-Cambrian era. It belongs to the Maciço das Guianas (Guyanese massif), which originated 1.7 to 2 billion years ago, or even earlier, according to the theory of the separation of the continents of Africa and América, the Pangea.

It is not an easy task to talk about Mount Roraima, considering that to the Pemón Indians (of Venezuela) and to the Ingaricó and Macuxi Indians (of Brazil), it is the dwelling place, the god Makunaima. It is assumed, in advance, that the house of a god is a wonderful place, splendid. And indeed it is. Only to those who ever ventured through its rugged trails during two or three days on foot has a clear idea of what it is to have visited the house of the god Makunaima. When, finally, after the hard journey on foot, we arrive at the top, only then can we understand the smallness of man against the grandeur of nature.

A place where esoterics, mystics, adventurers and scientists are trying to decipher its mysteries and puzzles. A magical place, most of the time enveloped in clouds, where the clock seems to have stopped. Its rock formations are of an indescribable scenic beauty. Valleys, crevices, hills, rivers, springs, waterfalls, caves, caverns, labyrinths, plants, animals and ponds are part of the landscape. Over millions of years, an endemic fauna and flora were created, differentiated from other species due to the isolation and extreme weather conditions. The 'tepuy' has its own microclimate with unpredictable variations in temperature, with the possibility of reaching zero degrees Celsius (32° F) in the early morning hours. Due to constant winds and rain, the weather can change in a matter of minutes.

Whoever travels from Santa Elena de Uairén to Puerto Ordaz through the Trunk 10 over the "Panamericana" Highway that cuts through the Canaima Park, in southern Venezuela, and sees Mount Roraima in the distance, cannot imagine that it is so great. The longitudinal part measures about 17 km. Its irregular surface does not allow an exact calculation of its area and some publications mention more than 30 km², while others cite even more than 80 km² of area.

As the mount is inside protected national parks, it is necessary to get authorization to be able to climb it. On the Venezuelan side, it is the Inparques that furnishes it, and on the Brazilian side, it is the ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Chico Mendes Institute of Conservation of Biodiversity), in Pacaraima, located beside the building of the Federal Police. The tourism companies that organize the climbing groups provide these authorizations, where it is necessary to present one's passport, or RG (identity card) and CPF (personal financial card), in the case of Brazilians. Even though someone might go without going through a specialized company, it is equally necessary to get a license.

It is only permitted to climb accompanied by guides and porters who know the mountain, to avoid problems. They are recruited among the Pemón Indians in San Francisco de Yuruany and in the village of Paraitepuy and from specialized tourist companies. It is amazing how these Indians have the strength to climb up and down the mountain carrying heavy loads on their backs. I liken them to the Sherpas of the Himalayas, given their strength. In this manner, serving as guides and

do parque, além da venda de artesanato, restaurantes e de pequenas pousadas que administram.

Apesar da beleza das paisagens, a terra da savana é pobre e praticamente não produz nada. É coberta, na sua maior parte, por gramíneas e pequenos arbustos. Alguns locais perto de rios e baixios produzem alguma coisa, mas, de uma maneira geral, a agricultura é incipiente.

Os Pemóns são aculturados e, muitos, por necessidade e pelo convívio com estrangeiros que visitam a região, aprendem outros idiomas, como o inglês, italiano, francês, etc...

Desde que vi o monte Roraima pela primeira vez em 1991, ao longe, da carretera, fiquei impressionado com aquele colosso de arenito. Dessa época pra cá, retornei várias vezes à Venezuela e cada vez que passava pela Gran Sabana, lá estava ele, majestoso e imponente, parecendo me convidar para escalá-lo. Eu sempre pensava comigo mesmo: um dia ainda vou subir. E quando certo dia meu colega de trabalho, jornalista Edgar Borges, logo nos primeiros dias de janeiro de 2002 apareceu com a proposta de subí-lo junto com um grupo de amigos, não pensei duas vezes e aceitei o convite na hora. Morando e vivendo tão perto, levei longos onze anos até decidir subir o Monte Roraima pela primeira vez.

A segunda subida foi em março (26-03 a 02-04-2011), pois eu precisava de fotos novas para ilustrar o livro. Da primeira vez que subi (2002) choveu muito e não tinha conseguido bons registros fotográficos. Através da empresa Roraima Adventures juntei-me a um grupo de mais seis pessoas: quatro vindas de São Paulo, uma de Minas Gerais e uma do Rio Grande do Sul. Partimos de Boa Vista no sábado (26) às cinco horas da manhã, numa Van, com destino à Santa Elena de Uairén. Durante a viagem fomos nos conhecendo e conversando, falando sobre as experiências de cada um nesse tipo de aventura e fiquei sabendo que todos eram acostumados a fazer trilhas. Creio que o mais inexperiente do grupo era eu. Alex Vervuurt, Cristian Rosa, André Loppi Goulart e Wander de Moraes Paes eram de São Paulo, enquanto Rodrigo Moreialvar, de Minas Gerais, e Marco Rolan do Rio Grande do Sul. Marco contou-me, durante a caminhada, que já tinha até percorrido o caminho de Santiago de Compostela.

Em Santa Elena trocamos a Van que nos levou por uma Toyota 4X4 e depois de um café da manhã reforçado no centro da cidade, seguimos em direção à Paraitepuy. Chegamos já passado da hora do almoço e depois de tudo organizado em Paraitepuy, com os carregadores e guias todos a postos, começou o primeiro trecho da caminhada em direção ao nosso objetivo: o platô do monte Roraima.

O destino naquele dia seria o acampamento do rio Tek, numa caminhada de três horas e meia a quatro. Não houve nenhum problema (este trecho é light, a não ser por uma forte subida logo no começo) e lá pelas cinco e pouco estávamos no acampamento do rio Tek. Depois de um banho gelado nas águas do rio, de um jantar preparado pelo guia Marcelo e de prosas à luz das estrelas, todos se recolheram às barracas. O domingo nos aguardava para seguirmos até o acampamento Base, no pé da montanha.

Todos nos levantamos cedo e depois de um café preparado pelos nossos guias, lá pelas oito horas seguimos em direção ao monte. Atravessamos o Tek e meia hora depois passamos pela ermida de Santa Maria de Tökwono, uma pequena capela construída pelos indígenas, toda em pedra, no meio do descampado. Uma pequena parada para algumas fotos e minutos depois chegávamos

porters, the Pemóns earn money for their survival in the park, as well from selling handicrafts and from small inns that they manage.

It is only permitted to climb accompanied by guides and porters who know the mountain, to avoid problems. They are recruited among the Pemón Indians in San Francisco de Yuruany and in the village of Paraitepuy and from specialized tourist companies. It is amazing how these Indians have the strength to climb up and down the mountain carrying heavy loads on their backs. I liken them to the Sherpas of the Himalayas, given their strength. In this manner, serving as guides and porters, the Indians earn money for their survival in the park, as well from selling handicrafts, restaurants and from small inns that they manage.

Despite the beauty of landscapes, the land of the savanna is poor and practically does not produce anything. It is covered, for the most part, by grass and shrubs. Some places near rivers and floodplains produce something, but in general, agriculture is incipient.

The Pemóns are acculturated, and many, by necessity and by associating with foreigners who visit the region, learn other languages, such as English, Italian, French, etc.

When I saw Mount Roraima for the first time in 1991, from afar, from the highway, I was impressed with that colossus of stone. From that time until now, I returned various times to Venezuela, and every time that I passed through the Great Savanna, there it was, majestic and grand, seemingly inviting me to climb it. I always thought to myself, one day yet I am going to climb it. And when, one day my coworker, journalist Edgar Borges, in the early days of January 2002, appeared with the proposal to climb it together with a group of friends, I did not think twice and accepted the invitation immediately. Even though I live so close, it took me eleven long years to decide to climb Mount Roraima for the first time.

The second climb was in March (03-26 to 04/02/2011), because I was needed of new photos to illustrate the book. The first time I climbed (2002), it rained a lot and I couldn't take good photographic records. Through the company Roraima Adventures I joined a group of six more people: four coming from São Paulo, one from Minas Gerais and one from Rio Grande do Sul. We left from Boa Vista on Saturday (26) at five in the morning, in a minibus that headed to Santa Elena de Uairén. During the trip, we got to know each other and talking, about each other's experiences in this type of adventure and I found out that all were accustomed to hiking trails. I think the most inexperienced of the group was me. Alex Vervuurt, Cristian Rosa, André Loppi Goulart and Wander de Moraes Paes came from São Paulo, while Rodrigo Moreialvar from Minas Gerais and Marco Rolan were from Rio Grande of Sur. Marco told me, during the hike, that he had already traveled the road to Santiago de Compostela.

In Santa Elena, we changed the minibus that took us for find a Toyota 4X4 and after a very good breakfast in the city center, we continued towards Paraitepuy. We arrived after lunch and when it was all organized in Paraitepuy, with the porters and guides ready, we began the first stretch of the hike towards our goal: the plateau of Mount Roraima.

Our target on that day would be the camp of Rio Tek, a walk of three-and-a-half to four hours. There was no problems (this stretch was easy, except for a sharp climb at the beginning) and shortly after five o'clock, we reached the camp of Rio Tek. After a bath in the icy waters of the river, a dinner prepared by our guide Mar-

ao rio Kukenan. A travessia do rio é feita, ora por dentro d'água, ora por sobre as pedras. E, já molhados até os joelhos, a turma aproveitou para tomar um banho nas águas frias do Kukenan, para depois seguir viagem. Do Kukenan em diante começa um trecho mais difícil, com muitas pedras na trilha e algumas subidas mais íngremes, mas que, aos poucos, fomos vencendo.

O monte Roraima, à nossa frente, permanecia o tempo todo parcialmente encoberto, enquanto seu irmão Kukenan, exibido, mostrava a cara pra nós. Com algumas paradas para descanso e mais fotos, chegamos ao acampamento Base Sãos e salvos, depois das cinco.

O tempo estava bom, apesar de um pouco encoberto, e esperávamos que estivesse assim também no outro dia, sem chuva, em cima do monte. O banho naquele dia foi num pequeno riacho que desce do monte, com a água estupidamente gelada, mas revigorante para as dores musculares do esforço da caminhada. À noite, depois de uma gostosa sopa preparada pelos guias e com a temperatura baixa, o melhor que tínhamos a fazer era nos recolher às barracas e descansar para a subida do dia seguinte, o trecho mais difícil. À noite nos surpreendeu com uma garoa fina e de madrugada um forte vento sacudiu as barracas, o que nos assustou um pouco. Mas qual não foi a surpresa, pela manhã, pois em vez de tempo fechado, um céu claro e límpido nos esperava para a subida. Pela primeira vez o monte Roraima estava sem nuvens. Mas não demorou muito para aparecerem as costumeiras nuvens e o tempo começou a fechar.

Um grupo de venezuelanos estava no mesmo acampamento e saímos juntos para o último trecho, que é, seguramente, o mais difícil de ser vencido. Ele é quase todo em aclave, com muitas pedras, raízes, galhos, pequenos riachos que descem da montanha, etc... A turma foi se dispersando, os mais fortes na frente, cada qual empreendendo seu ritmo, conforme a resistência que o corpo aguentava. As horas iam passando e aos poucos o nosso grupo foi vencendo a íngreme subida, passando pelo mirante, pela lateral do paredão e pelo Vale das Lágrimas, um lugar de pedras soltas e constantemente úmido pela água que cai do alto do paredão. Faltava só o último trecho, que também foi sendo vencido aos poucos. Era segunda-feira, passando do meio dia, quando finalmente chegamos ao nosso objetivo, que era o platô do monte Roraima.

Depois de um breve descanso e de muitas fotos, seguimos para o hotel El Índio, nosso acampamento daquele dia. Os chamados hotéis do monte Roraima não passam de pequenas grutas ou rochas salientes onde é possível se proteger da chuva e das intempéries do monte. Depois de montadas as barracas e do preparo de um rápido almoço, naquele dia ainda aproveitamos o tempo restante para seguirmos até as Jacuzzis, banheiras esculpidas pela ação do tempo no leito de um pequeno riacho de águas límpidas e frias. Meus companheiros de jornada se aventuraram a um banho gelado, enquanto eu explorava as redondezas atrás de fotos para o livro. O tempo não colaborava muito, pois estava bastante encoberto, o que não era o ideal para fotografar. Com um pouco de paciência consegui belos registros, mostrados no livro.

No dia seguinte o programa seria ir até o marco tríplice das Três Fronteiras e o Vale dos Cristais. Porém, eu seguiria com meu guia e meu carregador até o hotel Coati, bem mais distante, separando-me do grupo, pois a intenção era permanecer dois dias a mais do que o grupo sobre o monte, e ir até o lago Gladys.

Pela manhã, quando saímos do hotel El Índio apanhei a mochila com meus equipamentos, enquanto meu guia e meu carregador levavam a barraca e de-

celo, and chit-chat poetry under the light of the stars, all retired to the tents. Sunday was awaiting us to continue towards the base camp at the foot of the mountain.

We all got up early and after a breakfast prepared by our guides, around eight o'clock we continued in the direction of the mountain. We crossed the Tek and half hour after, we passed the Chapel of Santa Maria de Tökwono, a small chapel built by Indians, all of stone, in the middle of the clearing. A brief stop for some photos and minutes later, we arrived at Rio Kukenan. Crossing the river is done, at times through the water, and at other times stepping over the rocks. And already wet up to the knees, the group took the opportunity to bathe in the cold waters of the Kukenan, and then continue the journey. From Kukenan onwards begins a more difficult stretch, with many stones on the trail and some more arduous climbs, but wick, little by little we conquered.

Mount Roraima, in front of us, it remained partially covered with clouds the whole time, while his brother Kukenán, exhibited, showed his face to us. With some stops to rest and more photos, we arrived at base camp safe and sound after five.

We had good weather, despite it being a little overcast, and we hoped that it would be thus the next day, without rain, on top of the Mount.

Our bath that day was in a small stream that descends the mountain, with extremely cold water, but reinvigorating for our sore muscles of due to the effort of the hike.

In the evening, after a delicious soup prepared by the guides and with the temperature low, the best thing we could do was to retire to our tents and rest for the next day's climb, the most difficult stretch. The night surprised us with a light drizzle and in the early morning, a strong wind shook the tents, which scared us a bit. But to our surprise, in the morning, instead of bad weather, a clear and clean sky awaited us for the climb. For the first time, Mount Roraima was cloudless. But it did not take long for the usual clouds to appear and the weather began to worsen.

A group of Venezuelans was in the same camp and we left together for the last stretch, which is surely the most difficult to overcome. It is mostly an ascent, with many stones, roots, branches, small streams that descend from the mountain, etc ... The group was scattering, the strongest up front, each one undertaking his own pace, according to the resistance and endurance of his body. The hours went by and slowly our group was conquering the steep climb, passing the lighthouse, the side of the cliff and the Valley of Tears, a place of loose stones and constantly wet by water falling from the top of the cliff. Only the last stretch was left, which also was conquered a little-by-little. It was Monday, just after mid-day, when we finally reached our objective which was the plateau of Mount Roraima.

After a short break and many photos, we wenton to the hotel El Índio, our camp for that day. The so-called hotels of Mount Roraima are nothing more than small caves or rock ledges where it is possible to protect oneself from the rain and the bad weather conditions of the Mount.

After pitching our tents and preparing a quick lunch, that day we still took advantage of the time remaining to go to the Jacuzzis, bathtubs sculpted by the action of time in the bed of a small stream of cold clear waters. My travelling companions took an ice-cold bath while I explored the surrounding area for photos for the book. The weather didn't collaborate much, as it was pretty overcast, which was not ideal for taking photos. With a little patience, I obtained some fine pictures,

mais apetrechos necessários para montar o acampamento no hotel Coati. Seguimos com o grupo até certo trecho da trilha e em certa altura nos separamos. Enquanto o grupo seguia até o Marco Tríplice, eu seguia para o El Fosso. Combinamos de nos encontrar novamente para o almoço no Marco Tríplice.

No El Fosso aproveitei para fotografar a gruta, que da primeira vez que subi o monte não conseguira, por causa da chuva. O caminho até a gruta é bastante perigoso e é preciso muito cuidado para não se acidentar. Mas vale a pena o risco porque o lugar é fantástico, um mundo subterrâneo de formas e cores deslumbrantes.

Depois de seguir até o Marco Tríplice e encontrar novamente o grupo, de lá, eu e meus companheiros indígenas, rumamos na direção do hotel Coati, numa caminhada de mais de duas horas. No mesmo dia ainda deu tempo de ir até o Abismo, um lugar de altos e íngremes paredões e de onde se avista o Roraiminha, um pequeno tepuy separado do monte Roraima, e, ao lado deste, um vale coberto por uma densa e extensa floresta, do lado brasileiro.

O programa do dia seguinte (quarta-feira) era seguir até o lago Gladys, mas infelizmente o tempo não colaborou. Instável como sempre, choveu bastante a noite e amanheceu encoberto e logo depois de sairmos para a caminhada de duas horas e meia, começou uma fina chuva, que aos poucos foi engrossando. A trilha estava pesada, com muita umidade, vento, rios cheios para atravessar e, aos poucos, eu e o guia Adelino fomos ficando encharcados pela chuva fria, apesar das capas.

Finalmente chegamos às bordas do lago Gladys, mas para minha decepção, não dava pra ver quase nada. A chuva e a névoa não deixavam ver mais do que vinte, trinta metros à frente. Ainda ficamos esperando por cerca de uma hora e meia, mas não adiantou, o tempo continuou fechado. Eu tremia de frio e, desse modo, achamos melhor voltar para o acampamento, para evitar algum mal maior, sem conseguir uma única foto sequer do famoso lago Gladys, celebrado até no livro “O Mundo Perdido”, de Sir Arthur Conan Doyle. O tempo só veio a melhorar às quatro horas da tarde, e assim mesmo, na direção do lago continuava fechado.

A manhã seguinte amanheceu com o tempo ainda fechado, o que me fez desistir de ir novamente ao lago Gladys. Resolvemos voltar e passar pelo Vale dos Cristais. Lá aconteceu um fato que mudou meus planos. Quando fui trocar as baterias da máquina, elas simplesmente acusavam estar quase descarregadas. Creio que o frio e a umidade foram os culpados. Ainda consegui fazer algumas fotos do Vale dos Cristais, mas sem baterias, minha missão no monte tinha terminado. E assim, o jeito foi descer o monte, o que fizemos no mesmo dia, seguindo até o acampamento Base. Foi uma senhora caminhada, do hotel Coati até o acampamento Base. No dia seguinte (sexta-feira) seguimos do acampamento Base até a aldeia de Paraitepuy, onde, no sábado, um carro me apanharia. O resultado de tanto esforço foi várias unhas pretas e os joelhos em frangalhos, que tentei recuperar com compressas e exercícios, semanas depois de voltar do monte. Acho que, chegando perto dos cinquenta e oito anos de idade, essa foi a última vez que subi o monte Roraima.

Tanto do lado venezuelano como do brasileiro, há empresas especializadas em formar pacotes turísticos com grupos de pessoas dispostas a enfrentar uma longa e desgastante caminhada para alcançar o topo do monte. Uma dessas empresas é a Roraima Adventures, de Boa Vista, que já tem vários anos de

shown in this book.

The next day, the program would be to go to the Triple Landmark of the Three Borders and Crystal Valley. However, I would continue with my guide and my porter to the Hotel Coati, much further, separating myself from the group, as it was my intention to stay two days longer than the group on the Mount, and go to Lake Gladys.

In the morning, when we left the Hotel El Índio, I picked up the backpack with my equipment, while my guide and my porter carried the tent and other equipment necessary to set up camp at the Hotel Coati. We continued with the group until a certain stretch of the trail and at a certain height we separated. While the group continued to the Triple Marker, I continued to the Moat. We agreed to meet again for lunch at the Triple Landmark.

At the Moat, I took the opportunity to photograph the cave, with the first time that I climbed the mount, I did not succeed, because of the rain. The path to the cave is rather dangerous and requires much care to avoid an accident. But it's worth the risk because the place is fantastic, a subterranean world of shapes and dazzling shapes and colors.

After continuing to the Triple Landmark and meeting again with the group, from there, my Indian companions and I headed to the Hotel Coati, with a hiking distance of more than two hours. The same day, we went to the abyss, a place of high and steep cliffs, where Roraiminha is visible, a little "Tepuy" that is separated from Mount Roraima, and alongside this, a valley covered by a dense and extensive forest, on the Brazilian side.

The program for the next day (Wednesday) was to go to Lake Gladys, but unfortunately the weather did not collaborate. Unstable as always, it rained a lot during at night and the morning was overcast. And right after we left for two-and-a-half hour hike, a fine rain began, which, little-by-little, became stronger. The trail was heavy, with much humidity, wind, rivers full of water to cross and gradually, the guide Adelino and I began to be drenched by the cold rain, despite our raincoats.

Finally we reached the borders of Lake Gladys, but to my disappointment, I could not see hardly anything. The rain and fog did not let us see more than 20 or 30 yards ahead. We even waited for about hour-and-a-half, but it didn't help any, the bad weather continued. I was shivering from the cold and, thus we thought it better to return to the camp to avoid something worse, without achieving so much even a single photo of the famous Lake Gladys, cited even in the book "The Lost World" by Sir Arthur Conan Doyle. The weather only began time to improve at four in the afternoon, and even so, in the direction of the weather continued to be bad.

The next day dawned with the weather still bad, which made me desist from going again to Lake Gladys. We decided to go back and go through the Crystal Valley. There something happened that changed my plans. When I went to replace the batteries in the camera, they simply almost empty. I think the cold and humidity were the culprits. Still, I managed to take some photos of Crystal Valley, but without batteries, my mission on the mount was finished. And so, the recourse was to descend the Mount, which we did on the same day, continuing until the base camp. It was a great walk from the Hotel Coati to the base camp. The next day (Friday), continued from the Base to the village of Paraitepuy, where on Sat-

experiência e fornece toda a infra-estrutura necessária, desde transporte, barracas, alimentação, guias, carregadores, etc...

A procura por essa eco-aventura vem crescendo ano após ano por parte dos brasileiros. Mas, mesmo assim, com a crescente demanda por parte dos brasileiros, a grande maioria dos turistas que sobe o monte é de estrangeiros que entram pela Venezuela, até porque o país caribenho fica mais próximo da América do Norte, da Europa e de outros centros que buscam esse tipo de turismo de aventura. Além do que, a Venezuela oferece ainda como atrativo as praias do Caribe, a cordilheira dos Andes, o teleférico de Mérida, o salto Ángel (o mais alto do mundo), a ilha de Margarita, Los Roques, além de outros, para os turistas.

Para subir o monte Roraima é preciso, antes de tudo, gostar de aventura. E ter disposição e coragem para enfrentar um longo e difícil trajeto. Mas, com um bom preparo físico, muita disposição e alguns cuidados, certamente não haverá problemas na escalada. A aventura começa realmente quando se chega à San Francisco de Yuruany, uma pequena vila dos Pemóns à margem da carretera que atravessa a Gran Sabana. A partir dali, somente carros tracionados conseguem vencer a estrada de terra cheia de obstáculos que corta a savana até a pequena aldeia indígena de Paraitepuy, local que serve de acampamento e ponto de partida da longa e estafante caminhada. Dali em diante é adrenalina pura. E muito esforço. Mas vale a pena, com certeza.

Engana-se quem pensa que a subida é a parte mais difícil da aventura. Claro, o desgaste da subida é enorme, pois ela exige muito esforço físico, aparecem bolhas nos pés, dores musculares, nos joelhos, nas costas, mas...

Há um ditado no Brasil que diz: “Morro abaixo todo santo ajuda”. Na teoria isso funciona, mas, na prática, talvez a coisa seja um pouco diferente. Pelo menos na opinião de quem escreve este texto, a descida, nas duas vezes, foi mais penosa do que a subida, pois o esforço da descida, exercido sobre os joelhos e pés, é tremendo. Com o peso da mochila nas costas, mais o cansaço da subida ainda sentido nas pernas, haja articulação que aguarde. A maioria do tempo é como se estivéssemos segurando com as próprias mãos um carro sem freios ladeira abaixo, o que resulta num esforço enorme e numa sobrecarga nos pés e joelhos. Mas, quando, finalmente, depois de horas, chegamos novamente ao pé da montanha, é um alívio. Cansados, doloridos, alquebrados, mas satisfeitos e recompensados pelo espetáculo que a montanha nos ofereceu. Como se diz no Brasil: o monte Roraima é tudo de bom.

Alguns dias depois, já em casa, tudo volta ao normal. As dores desaparecem, os joelhos desincham, as bolhas nos pés somem e na nossa memória ficam as imagens e lembranças das paisagens dos lugares e dos belos momentos vividos em um dos cenários mais fantásticos da natureza. Assim é o monte Roraima. Quem conhece, nunca esquece.

urday, a car would pick me up. The result of such effort was several black fingernails and knees in tatters, which I try to recuperate with compresses and exercises weeks after returning from the Mount. I think that, nearing fifty-eight years of age, this was the last time that I would climb Mount Roraima.

Both on the Venezuelan side and on the Brazilian, there are specialized companies that make tourist packages for groups of people willing to face a long and exhausting hike to reach the top of the mount. One of these companies is Roraima Adventures, of Boa Vista, which already has several years of experience and provides all the necessary infrastructure, such as transportation, tents, meals, guides, porters, etc.

The demand for this ecological adventure increases year after year on the part of the Brazilians. But, even so, with the increasing demand on the part of the Brazilians, the vast majority of tourists who climb the mount are foreigners who enter from Venezuela, because the Caribbean country is closer to North America, to Europe and to other centers that seek this kind of adventure tourism. In addition, Venezuela offers as an attraction the beaches of the Caribbean, the mountain range of the Andes and the cable car in Mérida, Angel Falls (the highest in the world), the island of Margarita, Los Roques, besides others for the tourists.

To climb Mount Roraima, it is necessary, before everything else, to like adventure. And you must have the disposition and courage to face a long and difficult path. But with a good physical preparation, much disposition and some precautions, there will certainly be no problems on the climb. The adventure really begins when you arrive in San Francisco de Yuruany, a small village of the Pemóns on the edge of the road that crosses the Great Savanna. From there, only 4 wheel drive cars manage to conquer the dirt road, full of obstacles, that cuts through the savanna to the small indigenous village of Paraitepuy, a place that serves as a camp and starting point for the long and grueling hike. From then on, it is pure adrenaline. And much effort. But it is worthwhile, for sure.

Whoever thinks that the climb is the hardest part of the adventure is mistaken. Sure, the wear and tear of the climb is enormous, because it requires much physical effort; blisters appear on the feet, muscle pains, in the knees, in the back, but...

There is a saying in Brazil that goes “Morro abaixo todo santo ajuda”, (Downhill, every saint helps). In theory, this works, but in practice, perhaps the thing is a little different. At least in the opinion of who is writing this text, the descent, both times, was more painful than the ascent, because the effort of the descent, exerted upon the knees and feet, is tremendous. With the weight of the backpack on the back, plus the exhaustion of the climb still felt in the legs, let there be joints that endure. Most of the time, it is as if we were, holding in our own hands a car without brakes that is going downhill, which results in an enormous effort and an overload on the feet and knees. But, when, finally, after hours, we arrive again at the foot of the mountain, it is a relief. We are tired, sore, broken, but satisfied and rewarded by the spectacle that the mountain offered us. As they say in Brazil, “O Monte Roraima é tudo de bom” (Mount Roraima is everything good).

A few days later, already at home, everything returns to normal. The pains disappear, the swelling of the knees goes down, the blisters on the feet go away and in our memory remain the images of landscapes and memories of the places and of the fine moments lived in one of the most fantastic scenes of nature. So is Mount Roraima. Whoever knows it, never forgets it.



Início da Trilha do monte Roraima - Start of the Trail of Mount Roraima



Trilha ao Monte Roraima - Trail to Mount Roraima





Paraitepuy - Ponto de partida da caminhada - Paraitepuy - Starting point of the journey



Tiago Orihuela

Carregadores - Porters



Taylor Nunes

Paredões do Monte Roraima - Cliffs of Mount Roraima



Acampamento Rio Tek - River Tek Camp



Ermida Santa Maria de Tökwono - Santa Maria de Tökwono Chapel







Adroaldo Ranzi

Vegetação nativa da savana - Native savanna vegetation



Bruno Garmatz

Arco Íris ao pé do monte Roraima - Rainbow at the foot of Mount Roraima



Bruno Garmatz

Nosso guia Marcelo - Our guide Marcelo



Adroaldo Ranzi

Trilha de acesso ao platô - Access trail to the plateau



Monte Roraima - Mount Roraima



Paredões - Cliffs



Carregador - Porter



Jardins suspensos - Hanging gardens





Monte Roraima e Kukenan ao fundo - Mount Roraima and Kukenan in the background



Turistas - Tourists



Trilhas sobre o Monte Roraima - Trails on the Mount Roraima



Jaccuzi



Jaccuzi





Cachoeira com chuva sobre o monte - Waterfall with rain on the mount.



Monte Roraima - paisagens – Mount Roraima - landscapes



Fendas - Cracks



Marco das Três Fronteiras - Landmark of the Three Frontiers



Caverna do Fosso - Moat Cavern



Caverna do Fosso - Moat Cavern







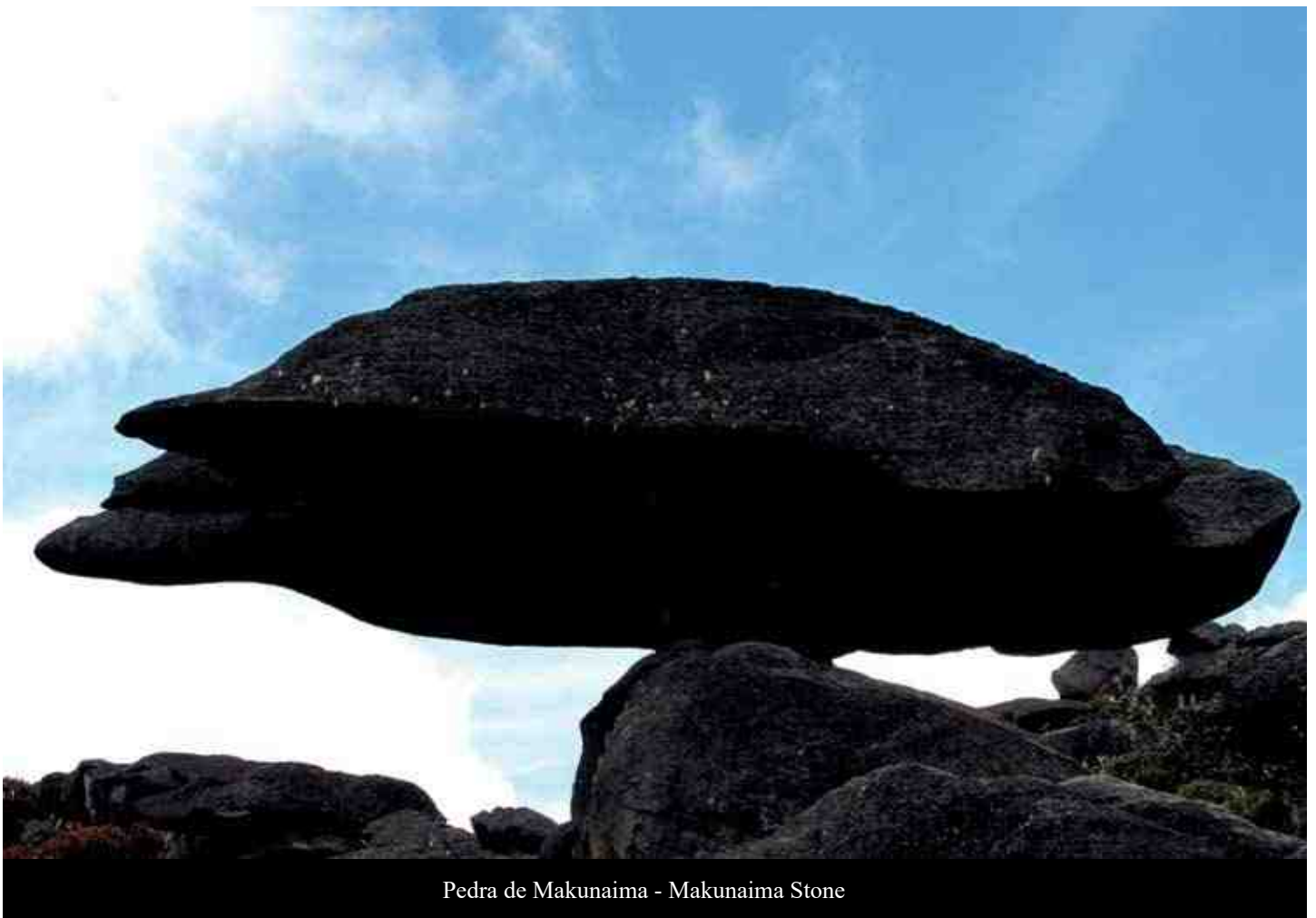


Caverna do Fosso - Moat Cavern



Caverna do Fosso – Moat Cavern





Pedra de Makunaima - Makunaima Stone



Bruno Garmatz



Adroaldo Ranzi



Bruno Garmatz

Monte Roraima formações rochosas – Mount Roraima rock formations





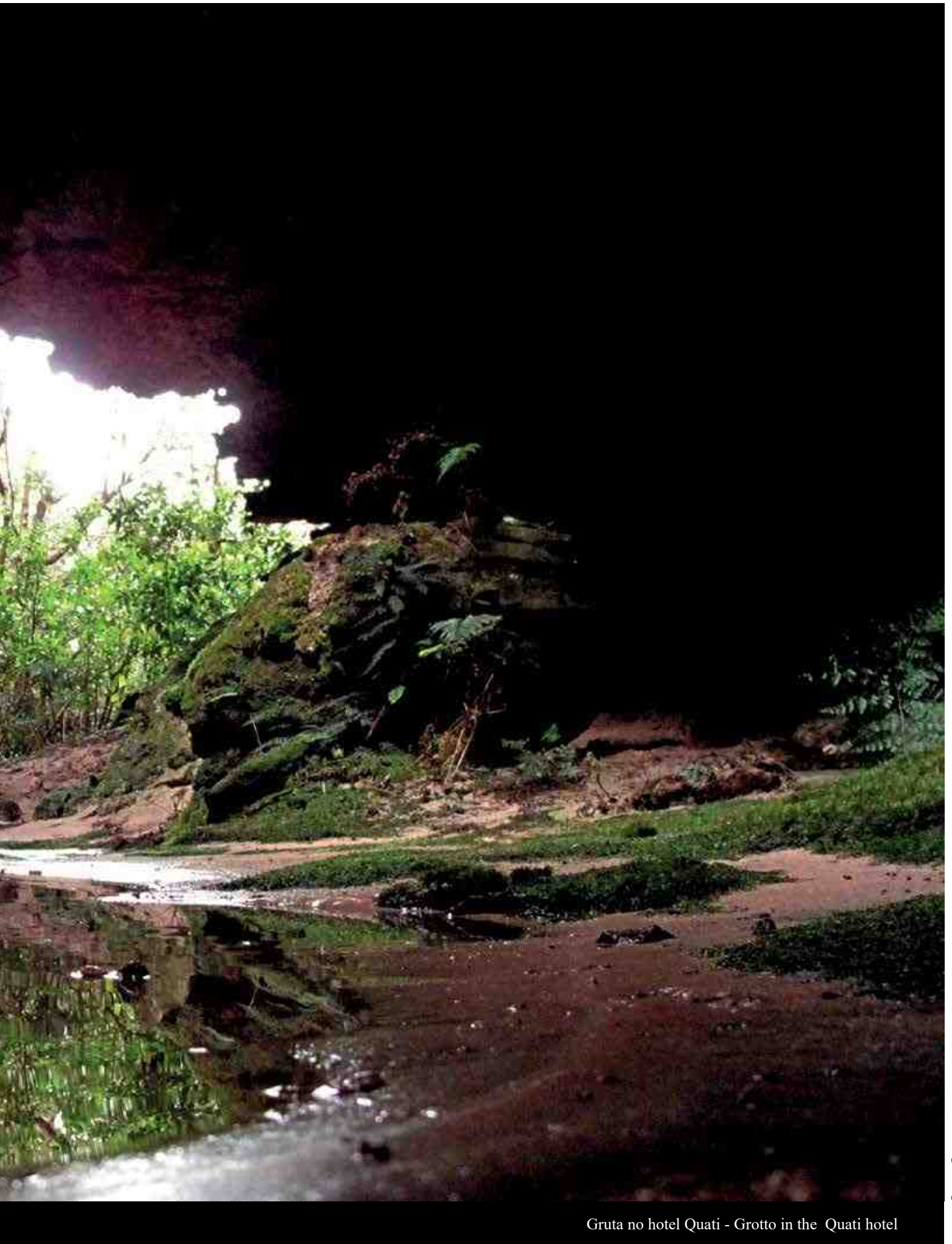
Vale dos Cristais - Crystal Valley

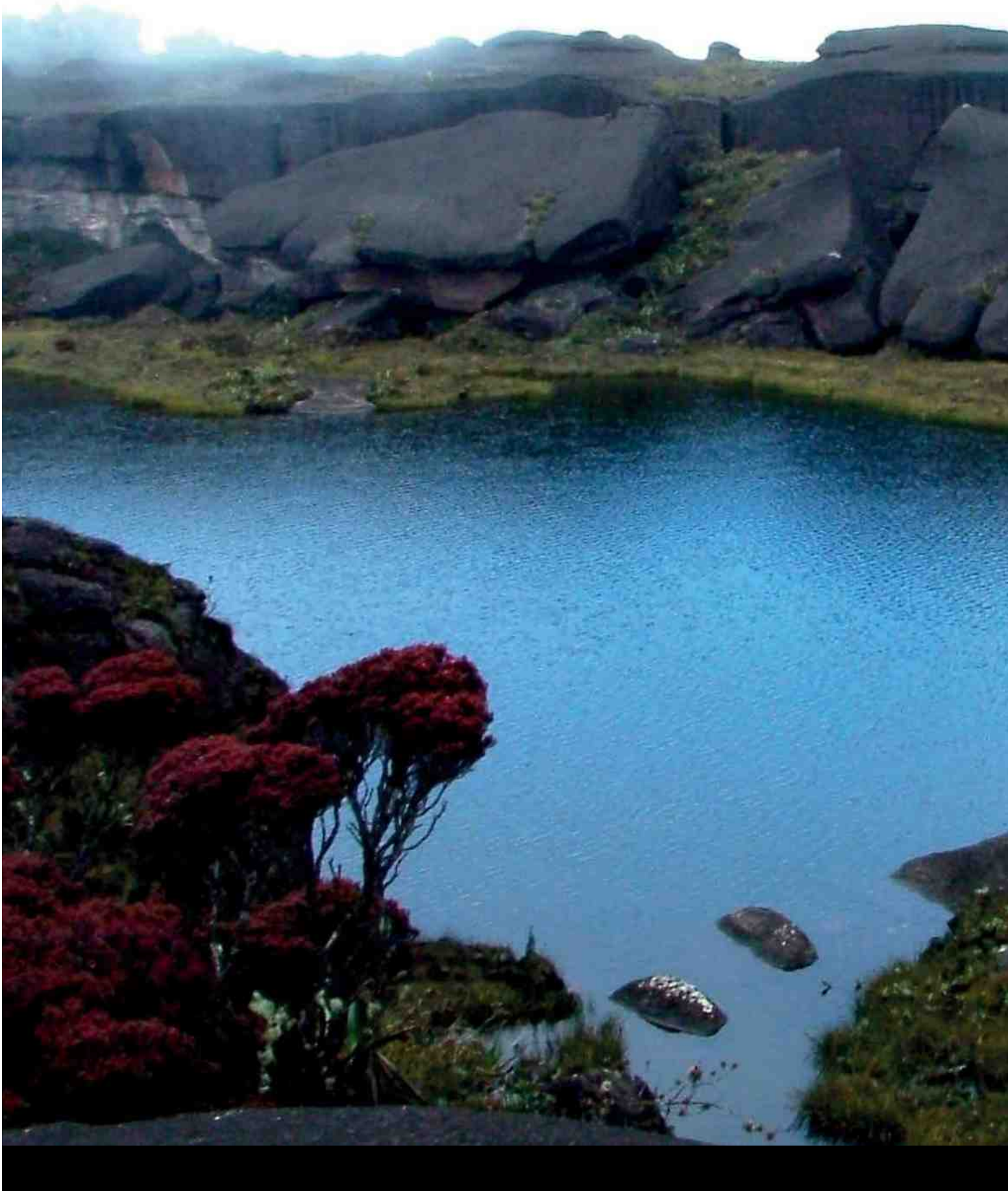
















Taylor Nunes

Roraiminha e Roraima ao fundo -- Roraiminha and Roraima in the background



Taylor Nunes

Roraima entre nuvens - Roraima enveloped by clouds

FAUNA E FLORA

O monte Roraima é cercado por uma grande savana, entrecortada por pequenos rios e cursos d'água que descem dele próprio e do seu irmão Kukenan. Na savana, a vegetação predominante são as gramíneas e ao longo dos cursos uma pequena e estreita mata ciliar acompanha o ziguezague das águas. Algumas ilhas de vegetação podem ser vistas formando-se na savana, geralmente perto d'água, onde o solo é um pouco melhor e há mais matéria orgânica e nutrientes disponíveis.

À medida que nos aproximamos do pé da montanha, a vegetação muda. Arbustos e árvores de pequeno porte constituem o entorno dos paredões íngremes e rochosos. Quanto mais subimos em direção ao platô, mais a vegetação se modifica. Ao largo da trilha podemos encontrar trechos em que abundam as samambaias e as bromélias, misturadas às árvores que teimosamente se agarram com suas raízes aéreas às pedras e ao solo escasso e raso. Orquídeas também são frequentes, de vários formatos e cores.

A falta de nutrientes no solo forçou as plantas a se adaptarem às condições locais. Notadamente no topo da montanha, o que contribuiu para o surgimento de variedades endêmicas. Das 2.300 espécies vegetais catalogadas, mais da metade delas só existem no alto dos tepuyes, não sendo encontradas em outras regiões. Algumas até com hábitos carnívoros.

O solo rochoso e pobre de nutrientes do alto da montanha, porém bastante úmido, favoreceu o aparecimento de musgos e líquens que proliferam por toda a extensão do monte. Há muitas espécies de plantas aquáticas, pois a montanha é rica em água, com a ocorrência de nascentes de rios, lagos e pequenas lagoas que se formam com as constantes chuvas, abundantes sobre o Roraima.

Só mesmo uma adaptação ao longo de milhares de anos ao clima adverso e imprevisível permitiu que as plantas e animais conseguissem sobreviver no alto da montanha, ora quente, ora muito frio, onde, muitas vezes, nas frias madrugadas, o termômetro chega perto de zero grau.

Não há uma grande variedade de animais no topo. Pequenos roedores, algumas espécies de pássaros, aranhas, escorpiões, pequenos invertebrados aquáticos e um sapo, pequeno e preto, são os mais comuns.

FAUNA AND FLORA

Mount Roraima is surrounded by a great savanna, intersected by small rivers and streams of water that descend from him and from its brother, Kuke-nan. In the savanna, the predominant vegetation are the grasses and along the courses, a small and narrow riparian follows the zigzag of the waters. Some islands of vegetation can be seen forming in the savanna, generally near the water, where the soil is a little better and there is more organic material and nutrients available.

As we approach the foot of the mountain, the vegetation changes. Shrubs and small trees are found on the steep and rocky cliffs. The higher we go toward the plateau, the more the vegetation changes. Along the trail, we can find stretches in which ferns and bromeliads abound, mixed with trees that cling stubbornly to their aerial roots to the rocks and to the scarce and shallow soil. Orchids are also frequent, of various shapes and colors.

The lack of nutrients in the soil has forced the plants to adapt to local conditions. Notably on the mountaintop, which has contributed to the emergence of endemic varieties. Of the 2,300 plant species cataloged, more than half of them only exist on top of the tepuys, not being found in other regions, some even with carnivorous habits.

The rocky soil and poor nutrients at the top of the mountain, but very wet, favored the emergence of mosses and lichens that flourish throughout all the extension of the mount. There are many species of aquatic plants, because the mountain is rich in water, with the occurrence of springs, rivers, lakes and ponds that are formed with the constant rains, abundant over Mount Roraima.

Only an adaptation over thousands of years to adverse and unpredictable weather, allowed the plants and animals to manage to survive on the top of the mountain, sometimes hot, sometimes very cold, where, often, on the cold early mornings, the thermometer comes close to zero degrees Celsius (32°F).

There is not a wide variety of animals at the top. Small rodents, some species of birds, spiders, scorpions, small aquatic invertebrates and a toad, small and black are the most common.



Adroaldo Ranzi





Adroaldo Ranzi



Bruno Garmatz









Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Tiago Orihuea



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Tiago Orihuela



Tiago Orihuela



Bruno Garmatz



Adroaldo Ranzi



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Adroaldo Ranzi



Adroaldo Ranzi



Bruno Garmatz



Tiago Orihuela

AS LENDAS

A Árvore do Mundo

Makunaima e seus irmãos estavam passando fome. Somente Akúli (a cutia) estava sempre bem alimentado. É que Akúli havia encontrado a árvore Wazaká, que estava carregada de todas as frutas boas que existem. Ele não disse nada sobre a árvore. Comia as frutas boas e trazia as imprestáveis para os outros. Makunaima ficou desconfiado. Um dia levantou o lábio de Akúli enquanto este dormia, e encontrou um grão de milho entre os dentes dele. Makunaima mandou vigiar Akúli para descobrir de onde vinha a comida. Certo dia seguiram Akúli e descobriram a árvore Wazaká. O irmão mais velho, Jigué, disse aos irmãos que comessem apenas as frutas que caíam no chão, mas Makunaima não concordou e derrubou a árvore. A árvore caiu para o norte, e é por isso que há diversas frutas silvestres naquela região. O toco da árvore é o Monte Roraima. Jigué cobriu o toco da árvore com um cesto, e de lá saíam muitos peixes. Makunaima levantou um pouco o cesto e começou a jorrar muita água de dentro do toco. Ninguém mais conseguiu conter a enchente. Makunaima e Jigué plantaram duas árvores de inajá e subiram nelas para esperar as águas baixarem. Jigué reclamou que as frutas do inajá não tinham gosto. Makunaima pediu uma fruta ao irmão, deu uma dentada nela e a esfregou em seu pênis. Depois a devolveu a Jigué dizendo: “Experimenta agora”. E até hoje a árvore de inajá dá frutos na época das chuvas.

Lendas extraídas do livro de Theodor Koch-Grünberg, “Do Roraima ao Orinoco”, volume I, narradas pelos índios da região do rio Uraricoera, no estado de Roraima: pgs 148, 149 e 150:

“José-Mayuluaípu me contou lendas de sua tribo. Ele conhece muitas delas. Diz que seu pai conhece muito mais. Ele me conta dos feitos do pérfido herói da tribo, Makunaima; do grande dilúvio; do grande incêndio que destruiu toda vida humana; de um homem que teve, aqui na terra, uma das pernas decepada por sua mulher adúltera; então ele foi para o céu e ainda hoje pode ser visto nas Plêiades, no grupo Aldebarã e numa parte de Órion. As mulheres se saem mal nessas lendas indígenas. Há muito tempo existia uma mãe malvada, que jogou seus cinco filhos num buraco e fugiu com seu amante; além dessa, havia uma sogra má e muito indecente em relação a seu genro. Todas são castigadas. Ele também me conta histórias engraçadas, fábulas de animais: da tartaruga inteligente, da anta burra, da onça burra, do abutre burro, do veado burro. E ainda muitas outras. É um material interessante e valioso que, como já posso reconhecer, tem muitos paralelos com as lendas de outras tribos, não só da própria América do Sul, mas também na parte norte desse grande continente.

Certa noite o velho Inácio se junta a nós. Também quer contar histórias: “Nuá mandou construir um barco grande e avisou todos os animais, onça, veado,

THE LEGENDS

The World Tree

Makunaima and his brothers were starving. Only Akúli (the agouti) was always well fed. Akúli had found the Wazaká tree, which was loaded with all the good fruits that exist. He said nothing about the tree. He ate the good fruits and brought the worthless ones for the others. Makunaima became suspicious. One day, he raised Akúli's lip while he was sleeping, and he found a kernel of corn between his teeth. Makunaima ordered everyone to watch Akúli to discover where the food came from. One day, they followed Akúli and discovered the Wazaká tree. The older brother, Jigué, told his brothers that they should eat only fruit that had fallen on the ground, but Makunaima disagreed and knocked down the tree. The tree fell to the north, and it is for this reason that there are diverse wild fruits in that region. The stump of the tree is Mount Roraima. Jigué covered the stump of the tree with a basket, and from there went out many fish. Makunaima lifted the basket a little and began to pour a lot of water into the stump. No one managed to contain the flood. Makunaima and Jigué planted two inaja trees and climbed them to wait for the waters to recede. Jigué complained that the inaja fruit had no taste. Makunaima asked his brother for a fruit, took a bite and rubbed it on his penis. Afterwards, he gave it back to Jigué saying, "Try it now." And until today, the inaja tree bears fruit during the rainy season.

Legends from the book by Theodor Koch-Grünberg, "From Roraima to the Orinoco," Volume I, narrated by the Indians of Uraricoera River region in the state of Roraima, pages 148, 149 and 150:

"Jose-Mayuluaípu told me tales of his tribe. He knows many of them. He says his father knows a lot more. He tells me the deeds of the tribe's perfidious hero, Makunaima; of the great flood, of the great fire that destroyed all human life, of a man who had, here on earth, one of his legs severed by his adulterous wife; so he went to heaven and even today can be seen in the Pleiades, in the star group Aldebaran and in a part of Orion. Women fare poorly in these Indian legends. Long ago there was a wicked mother who threw her five children in a hole and escaped with her lover; besides her, there was a bad mother-in-law who as very indecent towards her son-in-law. All of the women are punished. He also tells me funny stories, animal fables: of the smart tortoise, of the stupid tapir, of the stupid jaguar, of the stupid vulture, of the stupid deer. And even many other stories. It is an interesting and valuable material, which, as already I can recognize, has many parallels with the legends of other tribes, not only of South America itself, but also in the northern part of this great continent.

One night the old Ignatius joins us. He also wants to tell stories: "Nuá commanded to build a large boat and warned all the animals, jaguar, deer,

anta, capivara e outros, todos os animais da terra. Ele avisou também todas as pessoas: Tudo vai afundar na água! Mas as pessoas disseram: É mentira! Nuá fez um barco grande e mandou todos os animais entrarem nele, também plantou lá dentro todas as frutas, especialmente bananas, milho, mandioca, caju e outras. Ainda hoje, pode-se ver o barco do outro lado do Roroíma, uma rocha grande com um grande bananal junto dela. Nuá disse para as pessoas: Vocês vão ser transformados em delfins e peixes e cobras d'água e tartarugas! As pessoas, Majonggóng, Makuschí, Taulipáng, Wapischána, Saporá, Wayumará, Máku e outras, acreditaram em Nuá. Todos os outros viraram bichos que vivem n'água. Então veio muita água do Roroíma e alagou tudo. As pessoas que Nuá tinha avisado disseram: Não vamos fazer barcos, vamos subir nas árvores! Elas foram transformadas em formigas tocandiras, talvez também em borboletas. Agutipuru (esquilo) subiu numa inajá alta e é por isso que até hoje ele gosta dos frutos dessa palmeira. Outras pessoas subiram em árvores e viraram todo tipo de macaco, bugios, macacos de cheiro e outros. Por isso é que até hoje, os macacos se parecem com os homens. Outros foram transformados em pássaros. O tamanduá, que naquela época ainda era gente, disse: No que é que eu vou me transformar agora? Cutia, paca, anta, todos esses bichos são comidos. Isso eu não quero ser. Vou virar tamanduá, esse eles não comem! Um outro fez a mesma coisa e virou onça; um outro, raposa; bichos que não se comem; esses eram os espertos! Todos os pássaros foram para o céu: mutum, urubu, passarão, garça e outros. Dizem que o céu tem um buraco, o portão para esses bichos. Tudo ficou alagado e veio a noite; por muito tempo o sol não brilhou. Então Nuá disse (ou será que foi Jesu Cristo?): Quando for de manhã vocês devem cantar! Ele disse isso para os papagaios, araras, cutias, antas, para todos os bichos, para bugios, mutuns e outros. Um dia, Agutipuru estava comendo frutos de inajá e passou os caroços sobre seu membro. Aí, alguns pelos ficaram presos neles. Por isso é que, até hoje, o caroço tem fios. Agutipuru jogou um fruto de inajá na água, para ver se ela estava baixando. A fruta fez 'ting'; sinal de que ainda tinha muita água. Agutipuru fazia isso toda noite, por muito tempo. Um dia, a fruta fez 'pong'. Então Agutipuru percebeu que a água estava baixando. Aí, a água baixou tanto, que a fruta da inajá fez 'pau' quando ele a jogou na água. Então agutipuru percebeu que a fruta tinha caído em chão seco. Então o bugio cantou primeiro, depois o galo, o mutum e todos os pássaros que cantam de manhã, de madrugada. O dia clareou; o sol apareceu de novo. Então Nuá mandou o urubu, que naquela época ainda era uma pomba, ver se a terra estava seca. O pássaro ficou bastante tempo fora e comeu muitos bichos, especialmente peixes que estavam estragados. Ele ficou sujo, preto de lama, e fediu, e virou urubu. Então Nuá mandou uma pomba pequena atrás dele, para ver o que ele estava fazendo, já que ele demorava tanto. Ela não fez como o urubu, mas voltou e contou para Nuá. Então Nuá disse para o urubu: Você está sujo demais! Não quero mais você! Agora você pode viver sempre assim! Então ele ficou sendo um abutre. A pombinha disse: A terra está seca. Então Nuá veio lá do céu com sua canoa. Antes disso, ele ainda mandou o gavião, o corocoró, a garça, todos os pássaros que ainda hoje gostam de andar na lama e comem carne estragada e peixes. Todos ficaram e não voltaram mais. Então ele mandou o veado e disse para ele: Cuidado! Lá tem muita formiga! Deixe, primeiro, elas irem embora! Mas o veado era teimoso e disse: Isso não faz mal nenhum! Naquela época, ele ainda tinha carne na parte de baixo das coxas. Então as formigas comeram a carne dele, e até hoje ele corre com pernas finas. As formigas também comeram a carne da perna do veado mateiro. Nuá disse que era para ele se apressar; por isso é que o veado corre até hoje. Nuá disse para os bichos: Deixem que fique mais seco; deixem as formigas ir embora primeiro! Mas os bichos, veados, antas, não es-

tapir, capybara, and others, all the animals of the earth. He also warned all the people: "Everything will sink in water!" But the people said, "It's a lie!" Nuá made a large boat and ordered all the animals to enter it, he also planted inside it all fruits, especially bananas, corn, cassava, cashew and others. Even today, the boat can be seen on the other side of Roroíma, a large rock with a large banana grove with it. Nuá said to the people "You will be transformed into dolphins and fish and water snakes and turtles!" The people, Majonggóng, Makuschí, Taulipang, Wapischána, Saporá, Wayumará, Maku and others, believed in Nuá. All of the others became creatures that live in the water. Then much water came from Roroíma and flooded everything. The people whom Nuá had warned said, "We will not make boats, we will climb the trees!" They were transformed into Tucandera ants, perhaps also into butterflies. Agutipuru (squirrel) climbed a high inaja tree and it is for this reason that until today he enjoys the fruits of this palm tree. Other people climbed trees and turned into every type of monkey, apes, smelly monkeys and others. That is why until today, the monkeys look like people. Others were transformed into birds. The anteater, which at that time was still a person, said: "Into what am I going to transform myself now? Agouti, paca, tapir, all these animals are eaten. This I do not want to be. I'll turn into an anteater; that they do not eat!" Another did the same thing and turned into a jaguar, another, a fox, animals which they do not eat, those were the smart ones! All the birds went to heaven: curassow, vulture, wood ibis, heron and others. They say the sky has a hole, the gate for these animals. Everything was flooded and the night came; for a long time the sun did not shine. Then Nuá said (or perhaps it was Jesu Cristo?): When it is morning, you should sing! He said that to the parrots, macaws, agoutis, tapirs, to all the creatures, to apes, curassows and others. One day, Agutipuru was eating inaja fruits and passed the pits on his member. So, some hairs became caught in them. That is why, until today, the pit has threads. Agutipuru threw an inaja fruit into the water to see if it was descending. The fruit went 'ting'; a sign that there was still much water. Agutipuru did this every night, for a long time. One day, the fruit went 'pong'. Then Agutipuru realized that the water was descending. Then, the water dropped so much that the inaja fruit went 'pow' when he threw it into the water. Then Agutipuru realized that the fruit had fallen on dry ground. Then the ape sang first, then the rooster, the curassow and all the birds that sing in the morning, at dawn. The day broke; the sun appeared again. Then Nuá sent the vulture, which at that time was still a dove to see if the ground was dry. The bird spent a considerable time away and ate many animals, especially fish that were rotten. He became dirty, black with mud, and stank, and turned into a vulture. Then Nuá sent a small dove after him, to see what he was doing, since he was taking such a long time. She did not do like the vulture, but came back and told everything to Nuá. Then Nuá said to the vulture, "You're too dirty! I don't want you anymore! Now you can always live like this!" Then he became a vulture. The dove said: "The land is dry." Then Nuá came down from heaven with his canoe. Before that, he still sent the hawk, the corocoro, the heron, all of the birds that even today like to walk in the mud and eat rotten meat and fish. All of them stayed and did not come back again. Then he sent the deer and said to it "Beware! There, there are many ants! Let them first go away!" But the deer was stubborn and said: "It does not hurt at all!" At that time, he still had flesh on the underside of the thighs. So, the ants ate his flesh, and until today he runs with thin legs. The ants also ate the flesh of the leg of the small stag. Nuá said for him to hurry; for this reason, it is that the deer runs until today. Nuá said to the animals "Let

peraram e, por isso, as formigas comeram a carne das pernas deles. Então Nuá (ou Jesu Cristo?) disse para os veados, antas e todos os outros animais de caça: Quando vocês encontrarem pessoas, não fujam delas, mas falem com elas! Não tenham medo! Então o macaco disse: Não acreditem nele, fujam dos homens! Os animais seguiram o conselho do macaco e, por isso, até hoje são mortos pelos homens. Senão, seriam amigos até hoje”.

Esta é a lenda do dilúvio, tal como o chefe Inácio a contou para mim. Que bela companhia Noé e Jesus Cristo arranjaram! Se deixarmos a arca e as duas pombas de lado e substituirmos o “Nuá-Jesu Cristo” pelo herói da tribo, Makunaima, que segundo a verdadeira lenda dos Makuschí e dos Taulipáng, foi quem causou o dilúvio, então teremos o verdadeiro mito indígena. Os fragmentos bíblicos, provavelmente, já têm a idade de algumas gerações, oriundos da época da missão carmelita junto às tribos do Uraricoera.

LENDAS BRASILEIRAS

Lenda do Monte Roraima

Os índios Macuxi contam que antigamente, no local onde hoje existe o Monte Roraima, havia apenas terras baixas e alagadiças, cheias de igapó. As tribos que viviam naquela área não precisavam disputar comida, pois a caça e a pesca eram fartas.

Uma vez, nasceu um belo pé de bananeira. E a árvore era algo inédito na região.

A estranha planta cresceu muito rápido e deu belíssimos e apetitosos frutos. Os pajés então avisaram que aquele vegetal era na verdade um ser sagrado e que, como tal, seus frutos eram proibidos para qualquer pessoa da tribo. Os pajés avisaram ainda que caso alguém desobedecesse a regra e tentasse comer uma fruta daquelas, desgraças terríveis aconteceriam: a caça se tornaria rara, as frutas secariam e até a terra iria tomar um formato diferente. Era permitido comer de tudo, menos os frutos da bananeira sagrada.

Todos passaram a temer e a respeitar as ordens dos pajés. Mas houve um dia em que, ao amanhecer, todos correram para ver com espanto a primeira desgraça de muitas que ainda estavam por vir: um cacho da bananeira havia sido decepado. Todos se perguntavam, mas ninguém sabia dizer quem poderia ter feito aquilo. Antes que tivessem tempo para descobrir o culpado, a previsão dos mais velhos começou a acontecer. A terra começou a se mover e os céus tremiam em trovões. Todos os animais, da terra ou do céu, bateram em retirada. Um dilúvio começou a despencar e um enorme monte começou a brotar rasgando aquelas alagadas terras. E foi assim que nasceu o Monte Roraima.

É por tudo isso que, até os dias de hoje, acredita-se que o monte Roraima chora quando de suas pedras caem pequenas gotas de água cristalina.

it become drier; let the ants go away first!” But the animals, deer, tapirs, did not wait, and for this reason, the ants ate the flesh of their legs. Then Nuá (or Jesu Cristo?) said to the deer, tapirs and all other game animals: “When you meet people, do not flee from them, but speak with them! Do not be afraid!” Then the monkey said “Do not believe him; flee from the people!” The animals followed the advice of the monkey and, for this reason, until this day, they are killed by people. Otherwise, they would be friends until today.”

This is the legend of the flood, just as the chief Ignatius told it to me. What fine company Noah and Jesus Christ disposed! If we leave the ark and the two doves aside and substitute “Nuá-Jesu Cristo,” with the hero of the tribe, Makunaima, who, according to the true legend of Makuxi and of the Taurepang, was the one who caused the flood, then we will have the true indigenous myth. The biblical fragments probably already have the age of some generations, originating from the time of the Carmelite mission together with the tribes of the Uraricoera River.

BRAZILIAN LEGENDS

The Legend of Mount Roraima

The Macuxi Indians tell that formerly, in the place where Mount Roraima exists today; there were only low lands and marshes, full of swampland. The tribes that lived in that area did not need to dispute with one another about food, for game and fish were plentiful.

One day a beautiful banana tree sprouted. And the tree was something unknown in the region.

The strange plant grew very fast and gave very beautiful and appetizing fruits. The shamans then warned that this plant was indeed a sacred being and that, as such, its fruits were forbidden for any person on the tribe. The shamans also warned that if someone disobeyed the rule and tried to eat one of those fruit, terrible misfortunes would happen: game would become scarce, the fruit would dry up and even the land would take a different form. It was permitted to eat everything except the fruits of the sacred banana plant.

Everyone feared and respected the orders of the shamans. But there was a day when, at dawn, everyone ran to see with astonishment the first misfortune of many that were still to come: a bunch of bananas was cut off. Everyone wondered, but nobody could say who could have done that. Before they had time to discover the culprit, the prevision of the elders started to happen. The earth started to move and the heavens began to shake with thunders. All animals, of the earth or of the heaven, retreated in a hurry. A flood began to fall down and an enormous mount began to sprout tearing apart those flooded lands. And it was in this manner that Mount Roraima was born.

And it is because of all this that, until today, it is believed that Mount Roraima cries when small drops of crystalline water fall from its rocks.

OS PIONEIROS

SIR WALTER RALEIGH (1595)

Segundo os livros de história, sir Walter Raleigh, cidadão inglês nascido em 1552 (ou 1554) na aldeia de East Budleigh, em Devon, foi o primeiro branco a chegar aos pés do monte Roraima, em 1595.

Raleigh, um aventureiro nato, soube de um mito espanhol que falava de uma grande cidade dourada, localizada em território venezuelano, nas cabeceiras do rio Caroni. Montou uma expedição e explorou a região sul da Venezuela, a que é hoje o estado Bolívar, em busca da cidade de Manoa, e foi certamente durante essa procura que chegou aos pés do monte Roraima.

Quando voltou à Inglaterra, publicou um livro chamado “The Discovery of Guyana”, onde, exageradamente, relatava fatos da viagem, o que acabou contribuindo para a lenda do El Dorado.

Fez mais algumas viagens a outros locais e ocupou alguns cargos públicos, como governador da Channel Island, em Jersey.

Em 1603, por um suposto envolvimento num complô contra o rei Jaime I, Raleigh foi julgado e ele próprio conduziu sua defesa. No final do julgamento, sua vida foi poupada pelo rei, mas foi deixado preso da Torre de Londres até 1616.

Foi libertado nesse ano para conduzir uma segunda expedição à Venezuela em busca do El Dorado. Durante a expedição, os homens de Raleigh saquearam o posto avançado de San Thomé, no rio Orinoco, sob comando dos espanhóis.

Durante o assalto, o filho mais velho de Raleigh foi ferido e morto e quando voltou à Inglaterra, o embaixador espanhol, Diego Sarmiento Acuña, exigiu que o rei condenasse novamente Sir Walter à morte pelo ataque ao posto.

O pedido foi aceito e ele decapitado em Whitehall, em 29 de outubro de 1618.

ROBERT SCHOMBURGK (1839)

Naturalista e explorador alemão. Além de percorrer grande parte da então Guiana Britânica, fez coleções de exemplares da fauna e flora coletados nos rios Maú, Surumu, Unamara, Tacutu e proximidades do Monte Roraima. Do ponto de vista da ciência, seus relatos são de extremo valor para a geografia física e a ocupação humana de praticamente toda a região norte e nordeste de Roraima. Do ponto de vista político, suas descrições ajudaram a dar base para a decisão final de uma disputa territorial internacional entre o Brasil e a Inglaterra.

RICHARD SCHOMBURGK (1842)

Da mesma forma que Robert, seu irmão Richard realizou coletas botânicas e faunísticas na Guiana Britânica, tendo adentrado também no lado brasileiro pelos rios Tacutu, Cotingo e Surumu, além de excursionar pelas proximidades do Monte Roraima.

PIONEERS

SIR WALTER RALEIGH

(1595)

According to history books, Sir Walter Raleigh, an English citizen born in 1552 (or 1554) in the village of East Budleigh, in Devon, was the first white man to reach the foot of Mount Roraima, in 1595.

Raleigh, a born adventurer, he knew of a Spanish myth that spoke of a great golden city, located in Venezuelan territory, in the headwaters of the Caroni River. He mounted an expedition and explored the region south of Venezuela, which is now the state of Bolivar, in search of the city of Manoa, and it was certainly during this search that he reached the foot of Mount Roraima.

When he returned to England, he published a book called "The Discovery of Guyana," where, in an exaggerated manner, he related facts of the trip, which ended up contributing to the legend of El Dorado.

He made a few more trips to other places and held some public offices, such as governor of Channel Island in Jersey.

In 1603, for a supposed involvement in a plot against King James I, Raleigh was tried and he himself conducted his defense. At the end of the trial, his life was spared by the king, but he was left prisoner in the Tower of London until 1616.

He was released in that year to lead a second expedition to Venezuela in search of the El Dorado. During the expedition, Raleigh's men ransacked the outpost of San Thomé, on the Orinoco River, under command of the Spaniards.

During the assault, the eldest son of Raleigh was injured and died and when he returned to England, the Spanish ambassador, Diego Sarmiento Acuña, demanded that the king again condemn to death Sir Walter for the attack on the post.

The request was accepted and he was beheaded in Whitehall on October 29, 1618.

ROBERT SCHOMBURGK (1839)

German naturalist and explorer. Besides exploring a great part of the then British Guiana, he made collections of samples of the fauna and flora collected in the rivers Maú, Surumu, Unamara, Tacutu and vicinities of Mount Roraima. From the standpoint of science, their stories are of extreme value to the physical geography and human occupation of practically the entire region in the north and northeast of Roraima. From the political point of view, his descriptions have helped to give a basis for the final decision of an international territorial dispute between Brazil and England.

EVERARD IM TURN E HARRY PERKINS (1884)

Ambos eram ingleses e funcionários da Coroa Britânica na Guiana. Foram um misto de etnólogos, botânicos e geólogos que lideraram a primeira escalada oficialmente registrada ao topo do Monte Roraima em 1884. Seu ponto de partida foi o rio Potaro (Guiana), contornando a Serra de Pacaraima (pelo lado venezuelano) e perfazendo a subida por uma trilha (pouco modificada até hoje) localizada na parede oeste deste tepuy. Dos dois, destaca-se Im Thurn por ter feito ainda várias incursões à região limítrofe com o Brasil, o que lhe valeu conhecimentos sobre os povos locais e seu meio de vida.

ERNEST HEINRICH GEORG ULE (1908/09)

Botânico alemão que percorreu o rio Branco e localidades próximas das serras Grande, de Mucajaí e do Murupu, alcançando mais tarde o Monte Roraima. Pertencia ao Jardim Botânico de Berlim, chegando a publicar artigos específicos sobre a flora desta região.

THEODOR KOCH-GRÜNBERG (1911-1913)

Dos aventureiros e estudiosos que subiram o monte Roraima no começo do século XX, vale ressaltar a expedição de Theodor Koch-Grünberg, etnógrafo alemão, acompanhado de oito índios. Koch-Grünberg descreve em detalhes a paisagem, as dificuldades da viagem, o convívio com os nativos, as festas, as lendas, os costumes, deixando um legado grandioso nos campos da etnologia, geologia, geografia, lingüística e antropologia, através de cinco volumes posteriormente editados da sua obra “Do Roraima ao Orinoco”. Com uma prosa leve e leitura prazerosa, ele consegue relatar através de seus escritos uma parte da Amazônia até então pouco conhecida.

Busquei, através da leitura do primeiro volume da sua obra, descobrir o que esse “estrangeiro aventureiro” conseguiu enxergar, e o que os próprios brasileiros não conseguiam vislumbrar. Coletei pequenos trechos, parágrafos, passagens do seu livro, desde a sua chegada à Manaus, até a subida ao monte Roraima, dando assim uma dimensão de espaço e tempo.

Seus relatos, suas imagens (fotografias) e gravações captadas ao longo de dois anos (1911 a 1913) em que estive na região, constituem-se até hoje em fonte de pesquisas para estudiosos e universitários, principalmente na área de antropologia.

Filho e neto de teólogos, nascido em 1872, na cidade de Grünberg, Theodor Koch-Grünberg desde cedo mostrou interesse por assuntos relacionados aos índios. Não via os índios como selvagens, mas como homens de sensibilidade, dando atenção especial às mulheres e crianças.

Entre 1898 e 1900, participou da segunda expedição de Hermann Meyer ao rio Xingu, donde alcançaram o rio Ronuro, afluente do primeiro. Com os dados

RICHARD SCHOMBURGK (1842)

Just like Robert, his brother Richard made botanical and wildlife collections in British Guiana, having entered also on the Brazilian side by the Tacutu, Cotingo and Surumu Rivers, besides traveling in the vicinities of Mount Roraima.

EVERARD IM TURN AND HARRY PERKINS (1884)

Both were Englishmen and officials of the British Crown in Guyana. They were a mixture of ethnologists, botanists and geologists who led the first officially registered climb to the top of Mount Roraima. Their starting point was the Potaro River (Guyana), skirting the Serra Pacaraima (from the Venezuelan side) and accomplishing the climb on a trail (little changed until today) located on the west wall of this tepuy. Of the two men, Im Thurn stands out for having made yet several forays to the border region with Brazil, which brought him knowledge of the local peoples and their way of live.

ERNEST HEINRICH GEORG ULE (1908/09)

A German botanist who explored the White River and places near the serra Grande, of Mucajaí and of Murupu, later reaching Mount Roraima. He belonged to the Botanical Garden of Berlin, publishing specific articles about the flora of this region.

THEODOR KOCH-GRÜNBERG (1911-1913)

Of the adventurers and scholars who climbed Mount Roraima in the beginning of the twentieth century, it is worth highlighting the expedition of Theodor Koch-Grünberg, a German ethnographer, accompanied by eight Indians. Koch-Grünberg describes in detail the landscape, the difficulties of travel, living with the natives, the festivals, the legends, the customs, leaving a great legacy in the fields of ethnology, geology, geography, linguistics and anthropology, in five volumes afterwards published from his work "From Roraima to the Orinoco." With a light prose and pleasant reading, he manages to tell, by means of his writings, a part of the Amazon region until then little known.

I searched, through the reading of the first volume of his work, to find out what this "foreign adventurer" managed to see, and what the Brazilians themselves could not fathom. I collected small portions, paragraphs, passages from his book, since his arrival in Manaus, until the climb up Mount Roraima, thus giving a dimension of space and time.

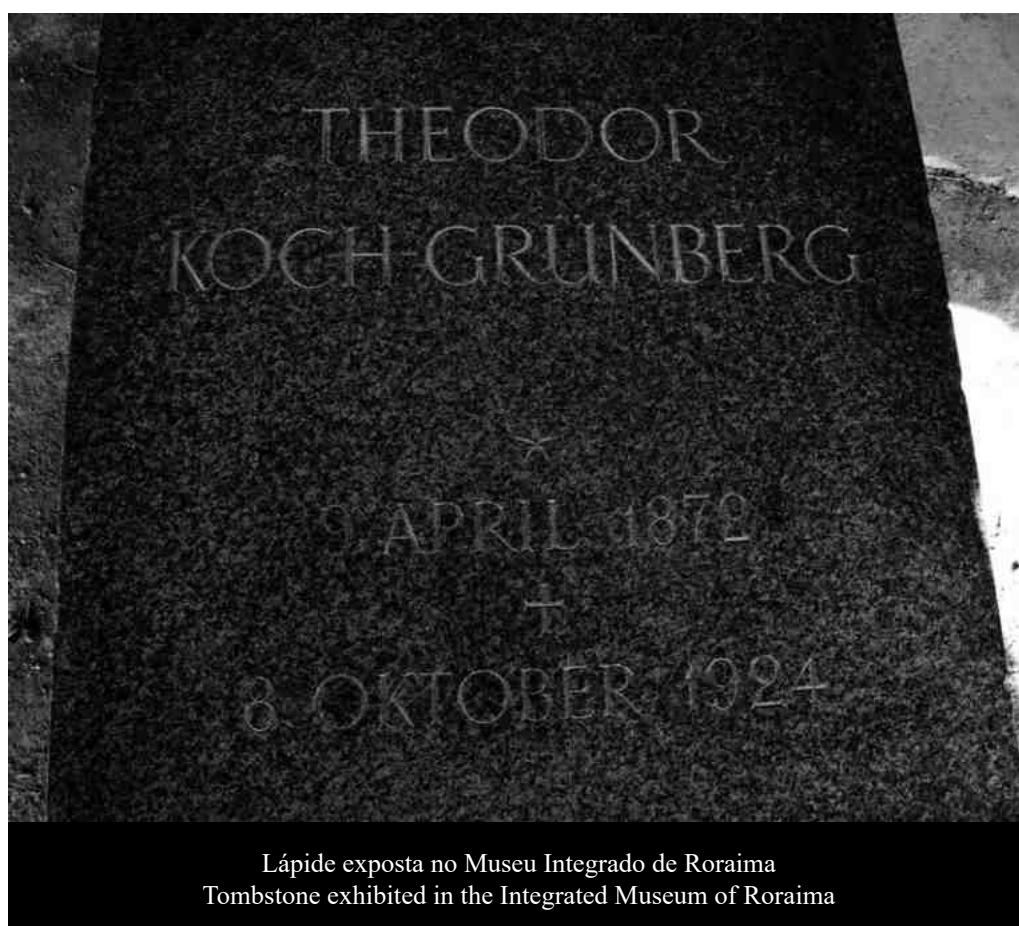
colhidos nessa viagem, escreveu alguns artigos para a revista Globus e apresentou um trabalho sobre o animismo entre os índios sul-americanos.

Em 1903, já doutorado, voltou ao Brasil, mais precisamente ao Amazonas e Rio Negro, onde alcançou o território dos Caiary-Uaupés e registrou cerca de quarenta dialetos, participou de danças e rituais fúnebres, procurando conhecer a vida psíquica dos índios através da língua e da arte.

Em 1911, depois de publicar estudos e vários artigos e trabalhos lingüísticos e passar algum tempo como professor na Universidade de Freiburg na sua Alemanha natal, Koch-Grünberg retorna à América do Sul, dirigindo-se novamente ao norte do Brasil, dessa vez subindo o rio Negro e o rio Branco, chegando até ao monte Roraima.

Depois, seguiu-se uma viagem difícil pelo rio Uraricoera, com uma permanência entre os índios Yekuana e uma tentativa de chegar às cabeceiras do Orinoco, finalmente alcançado pelo rio Ventuari, retornando pelo canal de Casiquiare, que une o Orinoco ao Negro, em território da Venezuela.

Em 1924, é convidado pelo pesquisador americano Hamilton Rice para uma nova viagem às cabeceiras do Orinoco, que seria dividida em duas partes. Uma, comandado por Rice, partiria do Orinoco, e a outra, comandado por Grünberg, deveria partir do Uraricoera em direção à serra Parima. No dia 20 de agosto, Koch-Grünberg subiu o rio Negro, entrou pelo rio Branco até Vista Alegre, onde veio a falecer de malária no dia 8 de outubro, aos 52 anos.



Bruno Garmatz

Lápide exposta no Museu Integrado de Roraima
Tombstone exhibited in the Integrated Museum of Roraima

His accounts, his images (photographs) and recordings captured over two years (1911 to 1913) in which he was in the region, constitute until today a source of research for scholars and academics, principally in the area of anthropology.

Son and grandson of theologians, born in 1872, in the city of Grünberg, Theodor Koch-Grünberg from early on showed interest in matters relating to the Indians. He did not see the Indians as savages, but as men of sensibility, giving special attention to the women and children.

Between 1898 and 1900, he participated in the second expedition of Hermann Meyer to the Xingu River, from where they reached the Ronuro River, a tributary of the former. With the data collected on this trip, he wrote some articles for the magazine *Globus* and presented a paper about animism among the South American Indians.

In 1903, already possessing a doctorate, he returned to Brazil, more specifically, to the state of Amazon and the Rio Negro, where he reached the territory of the Caiary-Uaupés and registered some forty dialects, participated in dances and funeral rites, trying to understand the psychic life of the Indians, by means of their language and art.

In 1911, after publishing studies and several articles and linguistic works and passing some time as a professor at Freiburg University in his native Germany, Koch-Grünberg returns to South America, heading again to northern Brazil, this time ascending the Negro River and White River, until reaching Mount Roraima.

Afterwards, he made a difficult journey on the Uraricoera River, with a stay among the Yekuana Indians and he made an attempt to reach the headwaters of the Orinoco, finally reaching his goal via the Ventuari River, returning via the Casiquiare channel, which joins the Orinoco to the Negro, in the territory of Venezuela.

In 1924, he is invited by the American researcher Hamilton Rice for a new trip to the headwaters of the Orinoco, which would be divided into two parties. One, led by Rice, would leave from the Orinoco, and the other, led by Grünberg, would leave from the Uraricoera in the direction of the serra Parima. On August 20, Koch-Grünberg ascended the Negro River, entered via the White River as far as Vista Alegre, where he died of malaria on October 8, at the age of 52.



Foto Reprodução "Von Roraima zum Orinoco"

Relatos do livro: “Do Roraima ao Orinoco”

No original em alemão: “Von Roraima zum Orinoco”

“Cheguei a Manaus em 27 de maio de 1911. O porto estava irreconhecível. A companhia Manaus-Harbour modernizou-o completamente. Por toda parte erguem-se longos armazéns. Os transatlânticos atracam diretamente nos pontões, nos quais se pode desembarcar com comodidade. Sem dúvida, isto prejudicou bastante o antes tão encantador panorama da cidade, que se elevava suavemente, cercada de verde fresco. O centro de Manaus mudou pouco. Acrescentaram-se alguns palácios, alguns cinemas, centros de cultura moderna. Os automóveis zunem e pulam pelas ruas acidentadas. Fora isso, a vida é tão laboriosa, mas também tão leviana e tão aventureira quanto há oito anos.” Pg. 29

“Por volta das oito horas da noite deixamos o rio Negro e, sob um magnífico céu estrelado, entramos no rio Branco, cuja proximidade já fora indicada horas antes pela coloração esbranquiçada da água. Em alguns pontos de seu curso inferior, o rio Branco tem a enorme largura de 3 mil a 4 mil metros, mas não é muito fundo. No verão ele seca bastante, de modo que surgem enormes bancos de areia, por entre os quais mal se encontra um caminho em estreitos regos, sendo, então, preciso empurrar o barco pela areia por longos trechos.” Pg. 32

“Em 21 de junho avistam-se, ao meio-dia, as primeiras serras altas, as cumeadas da serra Yauára na margem esquerda. Navegamos ao longo da alta margem de Vista Alegre. Apesar do nome, é apenas uma cabana ruim, no lugar da antiga aldeia indígena Inajatuba.” Pg.36

“Logo estamos ancorados no porto de Boa Vista, capital do município de Rio Branco, sede das autoridades, uma fileira de casinhas brancas e agradáveis na alta e rochosa margem direita”. Pg. 39

“São Marcos é o ponto central das Fazendas Nacionais, gigantescas fazendas de gado do governo brasileiro cuja extensão total é estimada em aproximadamente 35 mil km². São, na verdade, três fazendas: São Bento, ao sul e oeste, São José, a leste, e São Marcos, ao norte. Destas, porém, somente a última, com uma superfície de cerca de 8 mil km², ainda está em funcionamento. Ela é delimitada, ao sul, pelo Uraricoera e pelo Tacutu, a leste, pelo Cotingo, ao norte, pelo rio Surumu e a oeste, pelo Parimé. Nas últimas décadas, estabeleceu-se nessas imensas propriedades do Estado um grande número de pessoas, criadores de gado que tomaram posse da terra ilegalmente e puseram sua marca no gado sem dono que encontraram por lá. Assim, segundo informação do administrador, encontram-se na fazenda São Marcos cerca de 18 mil a 20 mil cabeças de gado, das quais, porém, apenas cerca de 5 mil pertencem oficialmente ao Estado. As restantes levam a marca do falecido latifundiário Sebastião José Diniz, do Pará, cujos herdeiros movem há anos um processo contra o Estado. O governo brasileiro poderia expropriar legalmente todos esses fazendeiros ativos quando bem entendesse, se tivesse poder para tanto nesses territórios longínquos e não temesse uma revolução”. Pg. 41



Foto Reprodução "Von Roraima zum Orinoco"



Foto Reprodução "Von Roraima zum Orinoco"

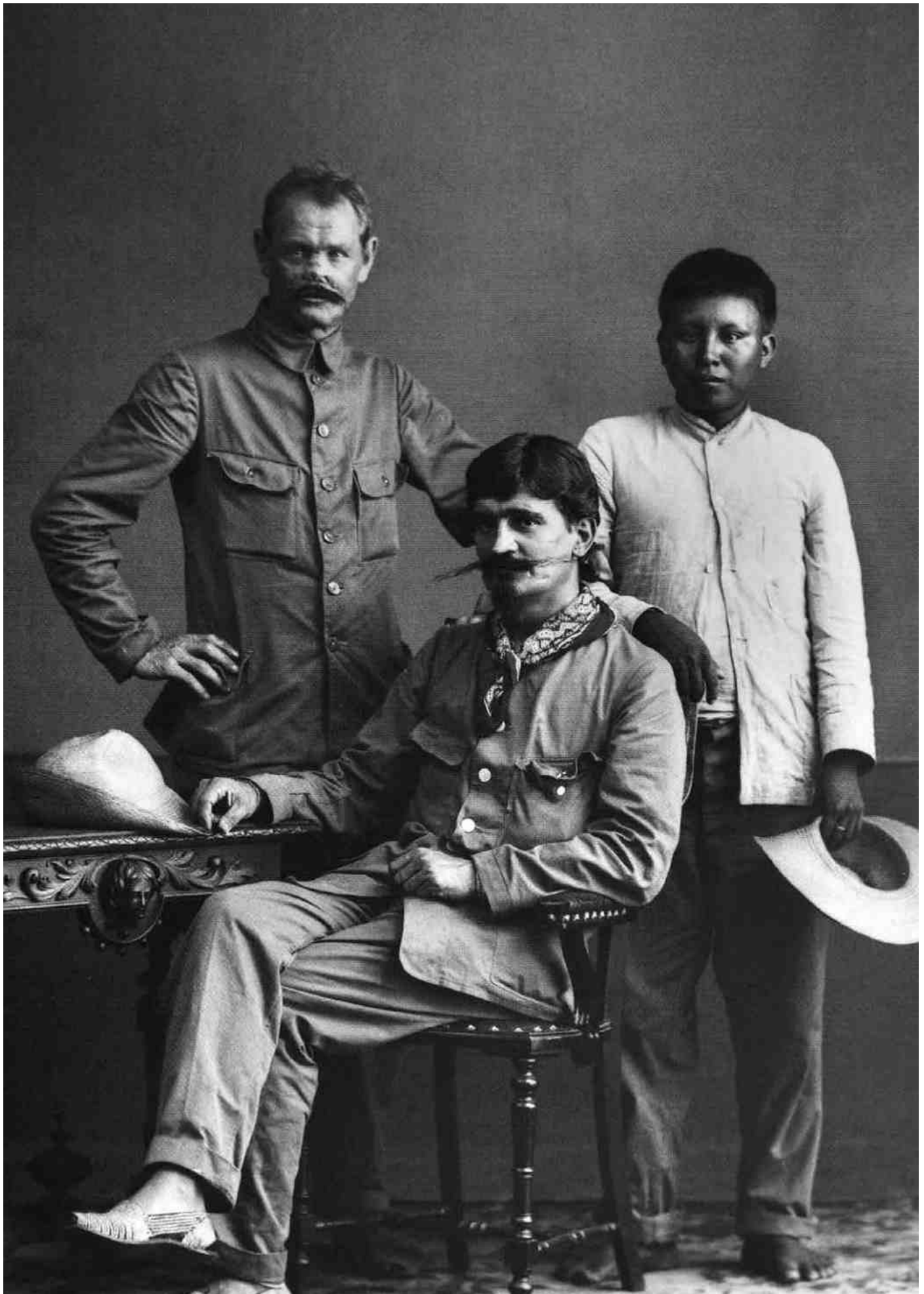


Foto Reprodução "Von Roraima zum Orinoco"

Reports from the book: “From Roraima to the Orinoco”

In the original German: “Von Roraima zum Orinoco”

“I arrived in Manaus on May 27, 1911. The port was unrecognizable. The company Manaus-Harbour modernized it completely. Everywhere rise long warehouses. The ocean liners dock directly at the pontoons, on which one can disembark comfortably. Without a doubt, this hurt considerably the previous enchanting panorama of the city, which rose gently, surrounded by fresh green. The center of Manaus changed little. They added a few palaces, some movie theaters, centers of modern culture. The cars buzz and bounce on the uneven streets. Other than that, life is as laborious, but also as light and as adventurous as eight ago.” Pg. 29

“Around eight o’clock in the evening, we left the Negro River and, under a magnificent starry sky, we entered the White River, whose proximity already had been indicated hours before by the whitish water. In some points of its lower course, the White River has the enormous width of 3000 to 4000 meters, but is not very deep. In summer it dries up considerably, in a way that huge sandbanks arise, between which scarcely is found a path in narrow channels, being then necessary to push the boat in the sand for long stretches.” Pg. 32

“On June 21, are seen, at noon, the first high mountains, the summits of the serra Yauára on the left bank. We navigated along the high bank of Vista Alegre. Despite its name, it is just a poor shack, in the place of the old Indian village Inajatuba.” Pg.36

“Soon we are anchored in the port of Boa Vista, capital of the municipality of White River, headquarters of the authorities, a row of pleasant white houses on the high and rocky right bank.” Pg. 39

“São Marcos is the centerpiece of National Farms, huge cattle ranches of the Brazilian government whose total length is estimated at approximately 35.000 km². There are actually three farms: São Bento, to the south and west, São José, to the east, and São Marcos, to the north. Of these, however, only the last, with an area of about 8000 km², is still in operation. It is bordered on the south by the Uraricoera and by the Tacutu, to the east by the Cotingo, to the north by the Surumu River, and to the west, by the Parimé. In recent decades, there became established in these immense properties of the state a large number of people, cattle ranchers who illegally took possession of the land and put their brand on the wild cattle they found there. Thus, according to information from the administrator, in the São Marcos ranch there are about 18 thousand to 20 thousand head of cattle, of which, however, only about 5.000 officially belong to the state. The rest have the brand of the deceased landowner Sebastião José Diniz, from Pará, whose heirs have been moving for years a lawsuit against the state. The Brazilian government could legally expropriate all these flashy farmers whenever it well wished, if it had power for such in those remote territories and did not fear a revolution.” Pg. 41

“These immense fields, uniform and monotonous, which seem to have no end, awaken in man the sensation of an enormous sadness and abandonment, and reminds him so well of how small, how insignificant he is comparison with the immense nature. And yet, they have their charm, their beauty, despite, or perhaps pre-

“Esses campos imensos, uniformes e monótonos, que parecem não ter fim, despertam no homem a sensação de uma enorme tristeza e abandono, e lembram-no tão bem de quão pequeno, quão insignificante ele é em comparação com a imensa natureza. E, no entanto, eles tem seu encanto, sua beleza, apesar de, ou, talvez, justamente por causa de sua angustiante tristeza.” Pg. 48

“Pode-se pensar o que quiser das missões - falo aqui do ponto de vista puramente humano – mas esta missão traz um grande benefício: ela protege os pobres índios dos abusos dos brancos e impede, mesmo que talvez por um curto período, que eles se transformem em bêbados degenerados, acometidos das doenças da civilização. Do ponto de vista cristão, apesar dos hinos e das orações, com certeza eles ainda se encontram no mais profundo paganismo e repetem tudo sem pensar no que estão dizendo. Mas será que, por isso, são moralmente inferiores à maioria de nós? Pg. 54

“O conceito de Kanaimé desempenha um papel muito importante na vida desses índios. Designa, de certo modo, o princípio mau, tudo que é sinistro e prejudica o homem e de que ele mal consegue se proteger. O vingador da morte, que persegue o inimigo anos a fio até matá-lo traiçoeiramente, esse “faz kanaimé”. Tribos inteiras tem a má fama de ser Kanaimé. Kanaimé, porém, é sempre o inimigo oculto, algo inexplicável, algo sinistro. Kanaimé não é um homem, diz o índio. Ele anda por aí à noite e mata gente, não raro com a maça (porrete) curta e pesada, como a que se leva ao ombro durante a dança. Com ela, parte “ em dois todos os ossos” da pessoa que ele encontra; só que a pessoa não morre imediatamente, mas “vai para casa. À noite porém fica com febre e, depois de quatro ou cinco dias, morre”.

Quem experimentou no próprio corpo as agudas febres da Guiana, especialmente a malária com seus sintomas, entende essa crença dos índios. Pg. 70

“Agora já faz um mês que estou em Koimélemong e sou bom amigo de todos os moradores. Sou benquisto porque sempre tenho tempo para todos, sou simpático com todo mundo, nunca fico bravo e recompenso cada pequeno serviço com miçangas, tabaco e pequenos anzóis. E, no entanto, meu olhar se dirige diariamente, cheio de ansiedade, para o norte, para as serras distantes que fecham o horizonte. Atrás delas deve ficar o Roraima, aquele maravilhoso monte de arenito que levou cada viajante que o viu a fazer descrições apaixonadas”. Pg. 81 e 82

Nota do Autor - Segundo relatos contidos no livro de Theodor Koch-Grünberg – “Do Roraima ao Orinoco” vol. 1, Robert Schomburgk conviveu com os índios Taulipáng, moradores da região do monte Roraima, quando de suas viagens pela região por volta de 1838 à 1842. Só não conseguiu subir a montanha porque na época ainda não tinha sido descoberta a trilha que leva ao topo. Nos relatos de Grünberg, os índios se referiam a Schomburgk como Samburukú e os mais velhos contavam longas histórias sobre ele, e que, no pé da montanha ele gravou alguns sinais, provavelmente a sua assinatura.

“Na manhã seguinte bem cedo partimos com Pitá, Pirokaí e seis Taulipáng para escalar o Roraima. Subimos por rochas lisas, em cujas fendas as mãos trêmulas se agarram. Mais um esforço e chegamos ao nosso destino. Um frio extraordinário nos circunda. O termômetro indica 11,6°C pouco depois do meio-dia. Assustados, olhamos para os rostos pálidos e enrugados uns dos outros. A agradável cor morena dos índios deu lugar a um feio tom verde-pálido. Ao respirarmos, sai fumaça de nossa boca.

cisely because of its overwhelming sadness” Pg. 48.

“One can think whatever he wants of the missions - I speak here of the purely human point of view - but this mission brings a great benefit: it protects the poor Indians from the abuses of the white people and prevents, even though perhaps for a short period, that they transform themselves into degenerate drunkards, suffering from the diseases of civilization. From the Christian point of view, despite the hymns and the prayers, for sure they are still find themselves in the most profound paganism and repeat everything without thinking about what they are saying. But could it be the case that, for this reason, they are morally inferior to most of us?” Pg.54.

“The concept of Kanaimé plays an important role in the lives of these Indians. It designates, in a certain sense, the evil principle, all that is sinister and hurts man and from which he can barely protect himself. The avenger of death that pursues the enemy for years and years until he kills him treacherously, this person “does kanaimé.” Whole tribes have the bad reputation of being kanaimé. Kanaimé, however, is always the hidden enemy, something inexplicable, something sinister. Kanaimé is not a man, says the Indian. He walks around at night and kills people, often with a short and heavy mace (club), like the one that is carried over one’s shoulder during the dance. With it, he breaks “in two parts all of the bones” of the person that he meets, only that the person does not die immediately, but “goes home. At night, however, he has a fever, and after four or five days, he dies.”

Whoever has experienced in his own body the acute fevers of Guyana, especially malaria with its symptoms, understands this belief of the Indians. Pg. 70

“Now it is already a month that I am in Koimélemong and I am a good friend of all of the residents. I am well liked because I always have time for everyone, I am nice with everyone, I never get angry, and I reward each small service with beads, tobacco and small fishhooks. And yet, my gaze is directed daily, full of anxiety, to the north, to the distant mountains that close the horizon. Behind them should be (Mount) Roraima, that wonderful mount of sandstone that has led every traveler who has seen it to make impassionate descriptions.” Pg. 81 and 82.

Author’s note - According to reports contained in the book by Theodor Koch-Grünberg - “From Roraima to the Orinoco” vol. 1, Robert Schomburgk lived with the Taurepang Indians, inhabitants of the region of Mount Roraima, when he made his journeys through the region from 1838 to 1842. Only he did not manage to climb the mountain because at that time because the trail that leads to the top was not yet discovered. In Grünberg’s reports, the Indians referred to Schomburgk as Samburukú and the older people told long stories about him, and that, at the foot of the mountain he engraved some signs, probably his signature.

“Very early the next morning, we left with Pitá, Pirokaí, and six Taurepang to climb (Mount) Roraima. We walked up smooth rocks, in whose cracks our trembling hands clung. One more effort and we reached our destination. An extraordinary cold surrounds us. The thermometer indicates 11.6°C (52°F) shortly after noon. Startled, we looked at one another’s pale and wrinkled faces. The pleasant dark color of the Indians gave way to an ugly pale-green tone. When we breathe,

Encontramos abrigo contra a chuva sob uma rocha saliente. Em vão tentamos acender um fogo com ervas secas. Os dedos, enrijecidos pelo frio, quase não conseguem enrolar um cigarro. Desde a aldeia subimos mais de 1300m em quatro horas e meia e nos encontramos agora numa altitude de 2600m acima do nível do mar.

Até onde podemos ver, o cume do Roraima é aplainado e coberto de rochas de formas grotescas, formações da erosão, ora elevando-se como cogumelos gigantes, ora assemelhando-se, recortadas e alcantiladas em muitos pontos, a figuras de animais e homens ou aos muros desfeitos das ruínas de um castelo. O platô do Roraima, que apresenta uma flora pobre, mas, em grande parte, única, tem depressões aqui e ali e forma um imenso reservatório que se estende longe para o norte e manda numerosas artérias fluviais para os três grandes sistemas fluviais do Amazonas, do Orinoco e do Essequibo. Percorrer o platô em toda a sua extensão é muito perigoso, dizem os índios, pois seria fácil a gente se perder na imensa confusão de rochas e não se encontraria mais o caminho de volta. ... Após uma hora no alto, iniciamos a marcha de volta. Pg. 122 e 123

“Apesar desse clima relativamente áspero para os trópicos, com o qual até mesmo os nativos as vezes sofrem, eles amam sua terra ventosa e se orgulham, com razão, do seu Roraima. Muitas de suas canções e muitos de seus mitos têm relação com esse monte majestoso. Para eles, o Roraima é o berço da humanidade. Aqui, o herói de sua tribo, Makunaima, viveu com seus irmãos. Aqui, em sua loucura e cobiça, ele derrubou a árvore do mundo, que dava frutos bons. A copa caiu para o norte. Por isso, ao norte do Roraima até hoje nascem todas as frutas na úmida região de florestas, enquanto ao sul do Roraima, na seca savana, somente com muito trabalho é que o índio tira o alimento do solo. O tronco caiu sobre o Caroni. Está lá até hoje, como uma grande rocha que atravessa o rio, formando uma alta catarata, onde os barcos têm de ser descarregados e arrastados por terra. O rochedo Roraima é o cepo que ficou de pé. Dele veio o grande dilúvio, do qual poucos se salvaram.

Nossos belos dias perto do Roraima estão chegando ao fim. Os víveres se tornam cada vez mais escassos. Pitá, cujo filho caçula tem estado com um forte resfriado nos últimos dias, quer voltar para casa”. Pg. 126 e 127.

G. H. H. TATE (1927/28)

Naturalista do Museu Americano de História Natural que integrou a Expedição de Lee Garnett ao Monte Roraima. Entrou pelo rio Branco até ultrapassar o rio Miang, de onde iniciou a subida ao Roraima. Durante todo o percurso o grupo fez diversas anotações científicas e coletou diferentes espécies de plantas e animais, compartilhando a idéia da grande variedade de vida nesta região. Foi Tate quem deu início ao questionamento sobre a existência de uma possível zona biogeográfica de vida nesta região, caracterizada por relevos tabulares. Após encontrar e receber ajuda de Rondon, finalizou a expedição cortando o alto rio Maú até a Guiana Inglesa.

smoke comes out of our mouth.

We found shelter from the rain under a protruding rock. In vain we tried to light a fire with dried herbs. Our fingers, stiff with cold, almost do not manage to roll a cigarette. From the village we climbed over 1300m in four-and-a-half hours and we find ourselves now at an altitude of 2600m above sea level.

As far as we can see, the summit of (Mount) Roraima is level and covered with rocks of grotesque shapes, formations from the erosion, sometimes rising like giant mushrooms, sometimes resembling, with their jagged and craggy edges in many places, the figures of animals and men or the broken walls of the ruins of a castle. The plateau of (Mount) Roraima, which has a poor flora, but in a large part, unique, has depressions here and there and forms a huge reservoir that extends far to the north and sends numerous river arteries for the three major river systems of the Amazon, Orinoco and Essequibo. To explore the plateau in all of its extension is very dangerous, the Indians say, because it would be easy for us to get lost in the huge confusion of rocks and the way back would not be found any longer. ... After an hour on top, we started the march back. Pg. 122 and 123

“Despite this relatively harsh climate for the tropics, with which even the locals sometimes suffer, they love their windy land and boast, with good reason, of their (Mount) Roraima. Many of their songs and many of their myths are related to this majestic mount. For them, (Mount) Roraima is the cradle of humanity. Here, the hero of their tribe, Makunaima, lived with his brothers. Here, in his madness and greed, he felled the tree of the world, which gave good fruit. The top of the tree fell toward the north. Therefore, in the north of Roraima until today grow all of the fruits in the humid forest region, while in the south of Roraima, in dry savanna, only with much work is it that the Indian takes food from the soil. The trunk fell across the Caroni. It is there until today, like a great rock that crosses the river, forming a high waterfall, where the boats have to be unloaded and dragged along the ground. The rock Roraima is the stump that remained standing. From it came the great flood, from which few saved themselves.

Our beautiful days near (Mount) Roraima are coming to an end. The living things become increasingly scarce. Pitá, whose youngest son has been with a strong cold in the last days, wants to go home.” Pg. 126 and 127.

G. H. H. TATE (1927/28)

A Naturalist of the American Museum of Natural History who joined the expedition of Garnett Lee to Mount Roraima. He entered via the White River until he passed the Miang River, from where he began the ascent of (Mount) Roraima. Throughout the journey the group made various scientific notes and collected different species of plants and animals, sharing the idea of the diversity of life in this region. Tate, who initiated the questioning about the existence of a possible biogeographic zone of life in this region, characterized by table-like relief. After finding and receiving help from (Marshal) Rondon, the expedition ended passing via the upper Maú River to British Guiana.

MARECHAL RONDON (1927)

Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, nasceu em 05 de maio de 1865, no distrito de Mimoso, em Santo Antônio de Leverger, no Mato Grosso. De origem indígena por parte de seus bisavós maternos (índios Bororo e Terena) e bisavó paterna (índios Guaná), Rondon tornou-se órfão precocemente, sendo criado pelo tio. Com a morte deste, transferiu-se para o Rio de Janeiro para ingressar na Escola Militar. Ainda estudante, teve participação nos movimentos abolicionistas e republicanos.

Foi nomeado chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso e designado para a Comissão de Construção da linha telegráfica que ligaria Mato Grosso e Goiás.

Realizou expedições com a chamada “Comissão Rondon”, com o objetivo de explorar a região Amazônica. Em 1910 organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios e que nos dias atuais corresponde à FUNAI.

De maio de 1913 a maio de 1914 realizou uma expedição, em conjunto com o presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, quando o próprio presidente americano esteve presente em companhia de Rondon no norte de Mato Grosso, por um certo período.

Rondon, no comando da Inspetoria de Fronteiras, organizou uma longa expedição ao monte Roraima, nas fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana. A expedição contou com mais de 180 índios da etnia macuxi da aldeia do Barro, com suas mulheres e filhos, que acompanharam Rondon até a tríplice fronteira.

O major Thomaz Reis, que acompanhava Rondon, realizou um filme chamado “Viagem ao Monte Roraima” (1927), mostrando as dificuldades que a expedição teve na travessia de rios e montanhas. A cena final mostra aqueles que poderiam guardar a fronteira, os próprios índios do lugar, reconhecidos como brasileiros, numa forma apoteótica, e como ocupação simbólica do lugar. Rondon aparece segurando a bandeira nacional, ladeada pelas bandeiras da Venezuela e da Guiana em meio ao numeroso grupo de índios, no topo do monte Roraima.

Em 1931, Rondon subiu novamente o monte e durante essa missão foi erguido o marco da tríplice fronteira, que funciona como um divisor de águas. Coube ao Brasil a menor parte do topo do monte Roraima, mas nem por isso, de menor importância. Portanto, devemos a Rondon, esse admirável militar brasileiro, a colocação do marco das três fronteiras sobre o platô do monte, um dos locais mais visitados pelos turistas.

Morreu em 19 de janeiro de 1958, quase cego e perto de completar 93 anos.

PHILLIP FREIHERR VON LUETZELBURG (1928)

Integrou a expedição de Rondon, percorrendo os rios Branco, Uraricoera e Tacutu, alcançando por fim o Monte Roraima. Seu interesse principal era a coleta da flora amazônica.

MARSHAL RONDON (1927)

Cândido Mariano da Silva Rondon, better known as Marshal Rondon, was born on May 5, 1865, in the District of Mimoso, in Santo Antônio de Leverger, in Mato Grosso. Of indigenous origin on the part of his maternal great-grandparents (Bororo and Terena Indians) and paternal great-grandmother (Guaná Indians), Rondon became an orphan early on, being raised by his uncle. After the death of his uncle, he moved to Rio de Janeiro to join the Military School. While he was still a student, he participated in the abolitionist and republican movements.

He was named chief of the Telegraph District of Mato Grosso and assigned to the committee for the construction of the telegraph line that would link Mato Grosso and Goiás.

He conducted expeditions with the so-called “Rondon Commission”, with the objective of exploring the Amazonian region. In 1910 he organized and came to direct the Indian Protection Service, and which nowadays corresponds to FUNAI - Fundação Nacional do Índio – (National Indian Foundation).

From May 1913 to May 1914, he made an expedition in conjunction with the president of the United States, Theodore Roosevelt, when the American president himself was present with Rondon in northern Mato Grosso, for a certain period.

Rondon, in command of the Border Survey, organized a long expedition to Mount Roraima, on the borders between Brazil, Venezuela and Guyana. The expedition included over 180 Indians of Macuxi ethnicity from the village of Barro, with their wives and children, who accompanied Rondon as far as the triple border.

Major Thomas Reis, who accompanied Rondon, made a film called “Viagem ao Monte Roraima” (Journey to Mount Roraima) - 1927, showing the difficulties that the expedition had when crossing rivers and mountains. The final scene shows those who could guard the border, the Indians themselves of that place, recognized as Brazilians, in a eulogizing manner, and as a symbolic occupation of the place. Rondon is shown holding the national flag, flanked by the flags of Venezuela and Guyana in the midst of the large group of Indians, on top of Mount Roraima.

In 1931, Rondon again climbed the mount and during this mission was erected the landmark of the triple border area, which functions as a watershed. The smallest part of the summit of Mount Roraima belongs to Brazil, but not for the reason of least importance. Therefore, we owe to Rondon, this wonderful Brazilian military man, the erection of the sign of the three borders on the plateau of the mount, one of the places most visited by the tourists.

He died on January 19, 1958, almost blind and close to completing 93 years of age.

PHILLIP FREIHERR VON LUETZELBURG (1928)

He joined the Rondon expedition, traveling the White, Uraricoera and Tacutu Rivers, finally reaching Mount Roraima. His main interest was the collection of Amazonian flora.

MONTE RORAIMA NA LITERATURA E CINEMA

SIR WALTER RALEIGH

Sir Walter Raleigh , em 1595, depois de sua viagem exploratória atrás do lendário El Dorado, chegou aos pés do monte Roraima. Na sua volta à Inglaterra, lançou um livro chamado “The Discovery of Guyana”, em que relatava fatos da viagem e nos quais fazia referências às montanhas da região, provavelmente ao Monte Roraima, que na época não tinha ainda esse nome. O livro foi um enorme sucesso e contribuiu ainda mais para a lenda do El Dorado.

SIR ARTHUR CONAN DOYLE



Arthur Ignatius Conan Doyle nasceu no dia 22 de maio de 1859 em Edimburgo, na Escócia. Entre 1876 e 1881 cursou Medicina na Universidade de Edimburgo e enquanto estudava começou a escrever pequenas histórias. Sua primeira obra foi publicada no Chambers’s Edinburgh Journal antes dos vinte anos de idade.

Criador do famoso personagem detetive Sherlock Holmes e de seu inseparável auxiliar, Dr. Watson, é na obra “Um Estudo em Vermelho” que Sherlock aparece pela primeira vez. Doyle inspirou-se em um professor da época da faculdade, chamado Joseph Bell, para criar o seu famoso detetive.

Em 1912 lança o livro “O Mundo Perdido” (The Lost World), que imediatamente se torna um sucesso na Inglaterra e Estados Unidos. Nele, conta as peripécias de uma expedição a regiões remotas da Amazônia, comandada pelo professor Challenger, que, junto com o jornalista Ed Malone, o professor Summerlee e do nobre, caçador e aventureiro lord John Roxton, embarca numa aventura eletrizante. Nela, eles encontram em pleno século XX criaturas pré-históricas vivendo no alto de um imenso platô praticamente inacessível.

O mundo perdido que Doyle descreveu tão bem na obra, um mundo desconhecido e isolado, seria hipoteticamente o monte Roraima, localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana.

Para escrever a ficção, Doyle inspirou-se em relatos de alguns aventureiros e pesquisadores da época. Um deles foi o botânico inglês a serviço da coroa britânica, Everard Im Turn, o primeiro homem branco a chegar ao topo do monte Roraima através de uma trilha descoberta pelo lado venezuelano, em 1884, a mesma trilha usada até hoje pelos turistas que o visitam. Doyle assistiu a uma palestra de Im Turn na Royal Geographical Society, sobre o monte.

Doyle tinha paixão pela paleontologia e pelas coisas da ciência em geral. Estava mergulhado no clima de controvérsia e disputa que envolvia Darwin e sua Teoria da Evolução das Espécies, suas viagens e descobertas; as inúmeras

MONTE RORAIMA IN LITERATURE AND THE CINEMA

SIR WALTER RALEIGH

Sir Walter Raleigh, in 1595, after his exploratory trip in search of the legendary El Dorado, arrived at the foot of Mount Roraima. On his return to England, he published a book called "The Discovery of Guyana," in which he related facts of the trip and in which he made references to the mountains of the region, probably to Mount Roraima, which at that time did not yet have that name. The book was an enormous success and contributed even more to the legend of El Dorado.

SIR ARTHUR CONAN DOYLE

Arthur Ignatius Conan Doyle was born on May 22, 1859 in Edinburgh, Scotland. Between 1876 and 1881, he studied medicine at Edinburgh University and while he was studying, he began to write short stories. His first work was published in Chambers's Edinburgh Journal before he was twenty years old.

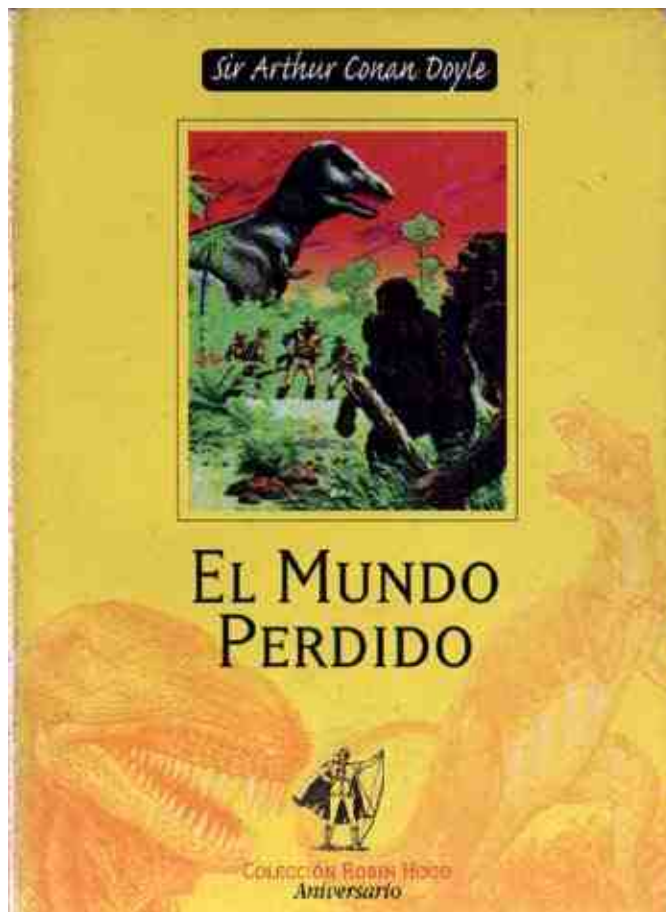
Creator of the famous detective personality Sherlock Holmes and his inseparable assistant, Dr. Watson it is, in "A Study in Scarlet" where Sherlock first appears. Doyle was inspired by a professor from the college of that time, named Joseph Bell, to create the famously known detective,

In 1912, he publishes the book "The Lost World," which immediately becomes a success in England and the United States. In it, he tells the adventures of an expedition to remote regions of Amazonian, led by Professor Challenger, who, along with journalist Ed Malone, professor Summerlee and the aristocrat, hunter and adventurer Lord John Roxton, embarks on a electrifying adventure. In it, they find, in the twentieth century, prehistoric creatures living on top of a huge plateau practically inaccessible.

The lost world which Doyle described so well in the work, an unknown and isolated world, could hypothetically be Mount Roraima, located in the triple border between Brazil, Venezuela and Guyana.

To write the fiction, Doyle was inspired by reports from some adventurers and researchers of that time. One of them was the English botanist in the service of the British Crown, Everard Im Turn, the first white man to reach the top of Mount Roraima through a trail discovered by the Venezuelan side, in 1884, the same track used until today by the tourists who visit it. At a meeting of the Royal Geographical Society, Doyle attended a lecture by Im Turn about the mount.

Doyle had a passion for paleontology and the things of science in general. He was immersed in the climate of controversy and dispute involving Darwin and his theory of the evolution of species, his travels and discoveries, the innumerable extraordinary expeditions of explorers like Sir Richard Francis Burton (1821-1890), discoverer of the headwaters of the Nile. Burton came to live in Santos, Brazil, made a few trips in the interior of the country and wrote a book called "Explorations of the Highlands of Brazil," published in 1869.



expedições extraordinárias de expedicionários como Sir Richard Francis Burton (1821-1890), descobridor das nascentes do rio Nilo. Burton chegou a morar em Santos, no Brasil, fez algumas viagens pelo interior do país e escreveu um livro chamado “Explorations of the Highlands of Brazil” (Exploração das Terras Altas do Brasil), publicado em 1869.

Certamente Doyle conhecia o livro, o mesmo que chamou a atenção de outro grande explorador dessa época, Percy Fawcett, que terá um papel importante na composição do mistério da localização do mundo perdido de Doyle. É por intermédio de Fawcett que Doyle fica sabendo de uma região isolada, bravia, de mesetas antiquíssimas, na qual um viajante poderia se defrontar com todo tipo de surpresa. Doyle se encontrou com Fawcett, em Londres, quando este retornou da missão que lhe havia sido conferida pela Royal Geographical Society para arbitrar uma disputa de fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru. Fawcett conta que Doyle lhe falou “da ideia de uma novela passada no centro-sul da América e pediu informações”.

O diplomata irlandês Roger Casement (1864-1916) foi outro que ajudou a inspirar Doyle, pois ele conhecia a Amazônia de viagens que fez à região do rio Putamayo, entre Peru e Colômbia, além de servir como cônsul em Belém do Pará por algum tempo. Doyle mantinha correspondência com Casement e pediu que ele lhe falasse sobre a região, enviasse informações “sobre qualquer coisa fora do comum e estranha” que ele encontrasse em suas viagens, para enriquecer uma história que concebia sobre uma missão inglesa montada para explorar um platô desconhecido em um tributário do Amazonas, onde a biologia havia ficado parada e onde fauna e flora extintas em outras partes ainda existiam. Essas informações o ajudaram na descrição da região, pois ele próprio nunca a visitou.

A região Norte do Brasil (Amazônia) sempre foi rica em lendas. Os viajantes que ali chegavam ouviam falar de cidades perdidas, macacos gigantes, índios brancos, animais desconhecidos, canibais ferozes. Fato e fantasia se misturavam constantemente nessas lendas.

Munido desses relatos e informações, não foi difícil para a mente privilegiada do criador de Sherlock Holmes inspirar-se e criar o enredo de seu romance de aventuras, que foi considerada uma obra precursora no quesito ficção científica e acabou inspirando outros autores.

A partir do sucesso do livro, e inspirado nele, em 1925 a obra foi transportada para as telas do cinema, tornando-se outro grande sucesso, embora mudo e em preto e branco. Ambos, o livro e o filme, levaram ao fascínio mundial pela região, hoje frequentada por turistas do mundo todo.

Certainly, Doyle knew the book, the same that drew the attention of another great explorer of that time, Percy Fawcett, who would have an important role in the composition of the mystery of the localization of the lost world of Doyle. It is through Fawcett that Doyle comes to know of an isolated region, wild, of very old small plateaus, where a traveler could be faced with every type of surprise. Doyle met with Fawcett, in London, when the latter returned from the mission that had been conferred upon him by the Royal Geographical Society to arbitrate a border dispute between Brazil, Bolivia and Peru. Fawcett relates that Doyle told him “of the idea of a novel in south-central America and requested information.”

The Irish diplomat Roger Casement (1864-1916) was another who helped to inspire Doyle, because he knew the Amazon region from trips that he had made to the region of the Putumayo River region, between Peru and Colombia, besides serving as consul in Belém do Pará for a while. Doyle maintained correspondence with Casement and asked him to speak to him about the region, to send information “about anything unusual and strange” that he might encounter during his travels, in order to enrich a story that he had conceived about an English mission that was organized to explore an unknown plateau in a tributary of the Amazon River, where the biology had become static and where fauna and flora that was extinct in other parts of the world still existed. This information helped him to describe the region, because he himself had never visited it.

The northern region of Brazil (Amazonia) has always been rich in legends. The travellers who arrived there heard tales of lost cities, giant apes, white Indians, unknown animals, ferocious cannibals. Fact and fantasy were mixed constantly in these legends.

Armed with these reports and information, it was not difficult for the privileged mind of the creator of Sherlock Holmes to become inspired and to create the plot of his adventure novel, which was considered a pioneer work in the category of science fiction and ended up inspiring other authors.

From the book's success, and inspired by it, in 1925 the work was transported to the screens of the cinema, becoming another great success, although silent and in black and white. Both, the book and the film, brought about a worldwide fascination for the region, now frequented by tourists from all over the world.

MÁRIO DE ANDRADE

In 1928, the Brazilian writer Mário de Andrade published the book “Macunaíma, the hero without any character.” The story's main character is Macunaíma, an Indian born in the Amazonian forest. He goes through various adventures that lead him to the city of São Paulo, and, finally, back in his land, he transforms himself into a constellation.

The book became a classic of Brazilian literature. Some people see in the amorality of the main character a perfect representation of the nature of the Brazilian people.

What is little known is that Macunaíma is an important character of the stories of the mythology of the indigenous groups that inhabit until today the border region between Brazil, Venezuela and Guyana. In 1911 and 1912, the German anthropologist Koch-Grünberg collected and published stories of these Indians

MÁRIO DE ANDRADE

Em 1928, o escritor brasileiro Mário de Andrade lançou o livro “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”. O personagem principal da história é Macunaíma, um índio nascido na floresta amazônica. Ele passa por diversas aventuras que o levam até a cidade de São Paulo, e, por fim, de volta à sua terra, transforma-se em uma constelação.



O livro tornou-se um clássico da literatura brasileira. Houve quem enxergasse na amoralidade do personagem principal uma representação perfeita da índole do povo brasileiro.

O que é pouco divulgado é que Macunaíma é um importante personagem das histórias da mitologia dos grupos indígenas que habitam até hoje a região de fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Em 1911 e 1912, o antropólogo alemão Koch-Grünberg recolheu e publicou histórias desses índios no livro “Do Roraima ao Orinoco”,

lançado na Europa em 1916. Mário de Andrade nunca escondeu que essa obra foi a fonte de inspiração principal para a redação de seu “Macunaíma”, lançado doze anos depois.

Existem histórias em que os heróis são corretos e incorruptíveis e que combatem vilões que encarnam o mal absoluto. Nas histórias dos índios, Macunaíma não se enquadra nessas classificações. Os resultados de suas ações são boas (como a criação dos homens e da geografia do lugar), mas nem sempre são boas suas intenções. Macunaíma faz trapalhadas, age de forma vil ao espalhar suas feridas pelos caminhos só para que os índios também se machuquem, engana o irmão para fazer sexo com a cunhada... e, às vezes, até age de forma nobre. Foi essa complexidade que atraiu a atenção de Mário de Andrade ao escrever sua obra mais conhecida.

O antropólogo alemão Koch-Grünberg, através dos índios Mayluaípu, da tribo Taurepang, e Akúli, da tribo Arekuná, recolheu algumas narrativas das histórias originais de Makunaima.

Uma das principais características das histórias de Makunaima, narradas pelos índios Akúli e Mayluaípu para Koch-Grünberg é a ausência de definição nos traços do personagem. Makunaima é extremamente corajoso em uma história e covarde em outra; resolve problemas de forma brilhante em certas ocasiões para mais tarde ser enganado de forma estúpida. É um herói. Um vilão. E também vítima, dependendo da ocasião.

Essas incoerências, essas múltiplas faces, não causam problemas na descrição da grande maioria dos seres humanos. Dos seres humanos reais, que já passaram todos por papéis variados durante suas vidas. Ela causa estranhamento se tentarmos encaixar as narrativas em um esquema onde o bem e o mal estão bem definidos e separados. Mário de Andrade sentiu-se atraído pela

in the book “From Roraima to the Orinoco,” released in Europe in 1916. Mário de Andrade has never concealed that this work was the principal source of inspiration for writing his “Macunaíma,” released twelve years later.

There are stories where the heroes are right and incorruptible, and that fight villains that embody absolute evil. In the stories of the Indians, Macunaíma does not fit into these classifications. The results of their actions are good (like the creation of men and of the geography of the place), but their intentions are not always good. Macunaíma makes messes, acts in a vile manner to spread his sores on the paths only so that the Indians also become hurt, he deceives his brother to have sex with his sister-in-law ... and, sometimes, even acts in a noble manner. This complexity attracted the attention of Mário de Andrade when he wrote his best-known work.

The German anthropologist Koch-Grünberg, through the Mayuluaípu Indians, of the Taurepang tribe, and through Akúli, of the Arecuná tribe, collected some narratives of the original stories of Maku-naima.

One of the principal characteristics of the stories of Makunaima, narrated by the Akúli and Mayuluaípu Indians to Koch-Grünberg is the absence of definition of the traits of character. Makunaima is extremely courageous in one story and cowardly in another; he resolves problems in a brilliant manner in certain occasions only later to be deceived in a stupid manner. He is a hero. A villain. And also a victim, depending upon the occasion.

These incoherent things, these multiple faces, do not cause problems in the description of the great majority of human beings. Of the real human beings, who already have all experienced various roles during their lives. It would appear strange if we were to try to fit the narratives into a scheme where good and evil are well defined and separate. Mário de Andrade felt himself attracted by the fluidity and heterogeneity of Makunaima. He judged it perfect to describe the contradictions of the period of 1920. And by that point of view, the hero without any character remains increasingly modern.

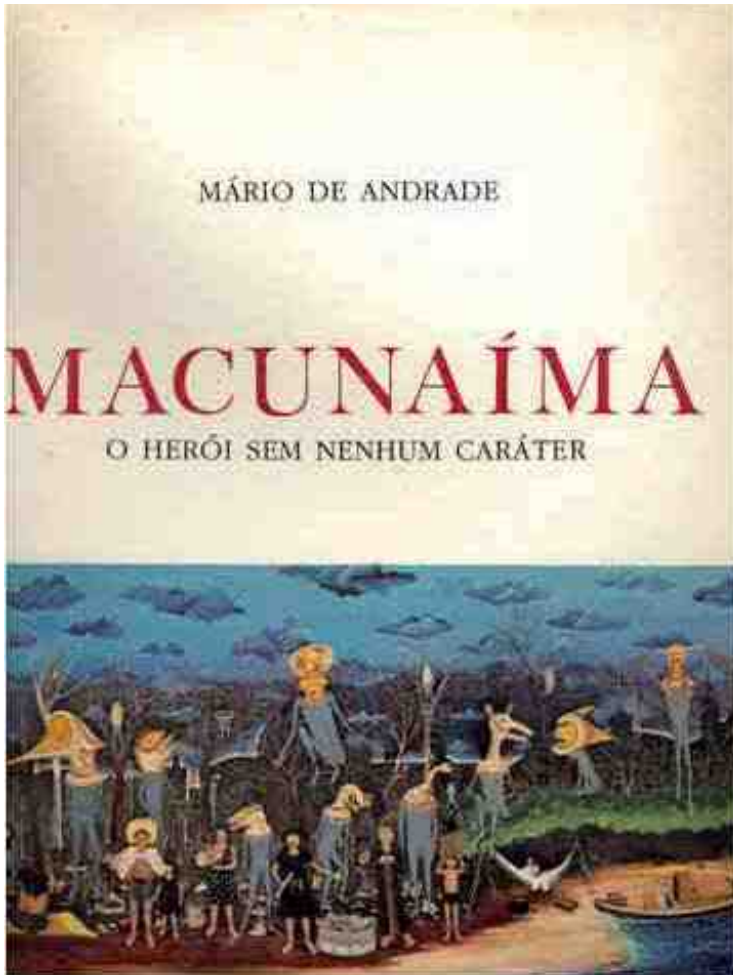
The Pemón Indians, who live on the borders between Brazil, Venezuela and Guyana, recognize Makunaima as a hero of their people. The Pemóns are divided into different tribes: the Taurepang, the Arekuná, the Macuxi and Kamarakoto. For the Pemóns, Makunaima not create the world, but transformed it in a way that the Indians could live in it. When he fell the tree that gave all sorts of fruit, Makunaima spread the various fruits throughout the region. It was also he who created pottery, when he formed men from the clay. Besides this, he made fire and with his actions, he molded all of the geography of that area.

What seems to be more valued by the Pemón Indians in these stories is the capacity of transformation. Makunaima is more creative and adaptable to changes than his brothers are, for example. To get an idea of how important this is, it is necessary to remember that this area where the Pemón Indians live was the scene of skirmishes between Spanish, Portuguese, Dutch, English and dozens of other indigenous groups who, when they fled from the European invaders, entered into conflict with other Indian neighbors.

And in the end, what happened to Makunaima? One of the indigenous narrators tells that he went “to the other side of (Mount) Roraima, where he is until today.”

** The change of spelling of the name of the hero or indigenous god varies according to the author. Koch-Grünberg uses Makunaima with “k” instead of “c” and without accent on the “i”, while the Macunaíma of Mário de Andrade is with a “c” and an accent on the “i”.*

fluidez e heterogeneidade de Makunaima. Julgava-o perfeito para descrever as contradições da época de 1920. E por esse ponto de vista, o herói sem nenhum caráter permanece cada vez mais moderno.



Os índios Pemóns, que moram nas fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana, reconhecem Makunaima como um herói de seu povo. Os Pemóns dividem-se em diferentes tribos: os Taurepang, os Arekuná, os Macuxi e os Kamarakoto. Para os Pemóns, Makunaima não criou o mundo, mas o transformou de uma forma que os índios pudessem viver nele. Ao derrubar a árvore que dava todos os frutos, Makunaima espalhou as diversas frutas pela região. Foi ele também quem criou a cerâmica, ao fazer os homens do barro. Além disso conseguiu o fogo e com suas ações, moldou toda a geografia dessa área.

O que parece ser mais valorizado pelos índios Pemóns nessas histórias é a capacidade de transformação. Makunaima é mais criativo e adaptável a mudanças do que seus irmãos, por exemplo. Para se ter uma idéia do quanto isso é importante, é preciso lembrar que essa área onde vivem os índios Pemóns foi palco de disputas entre espanhóis, portugueses, holandeses, ingleses e de outras dezenas de grupos indígenas que, ao fugir dos invasores europeus, entravam em conflito com outros índios vizinhos.

E no fim, o que aconteceu com Makunaima? Um dos narradores indígenas conta que ele foi “para o outro lado do Roraima, onde está até hoje”.

**A mudança de grafia do nome do herói ou deus indígena varia conforme o autor. Koch-Grünberg usa Makunaima com “k” no lugar do “c” e sem acento no “i”. Já o Macunaíma de Mário de Andrade é com “c” e acento no “i”.*

CHARLES BREWER-CARIAS

Empresário, explorador, escritor, fotógrafo e espeleólogo, já dirigiu mais de 200 expedições à Guayana venezuelana. É um estudioso dos tepuyes e já escreveu oito livros sobre seus descobrimentos em geografia, antropologia, etnologia, botânica e espeleologia. Vinte e cinco espécies de plantas, além de artrópodes e répteis levam seu nome em homenagem e reconhecimento pelo seu trabalho de pesquisa. Fala a língua do yekuanas, habitantes da Amazônia venezuelana. É creditada a ele a descoberta, em 1976, do Vale dos Cristais, no monte Roraima. Segundo o venezuelano Brewer-Carias, os tepuyes são como “ilhas do tempo”.

CHARLES BREWER-CARIAS

Businessperson, explorer, writer, photographer and spelunker, already he has directed more than 200 expeditions to the Venezuelan state of Guayana. He is a scholar of the tepuyes and already he has written eight books about his discoveries in geography, anthropology, ethnology, botany, and caving. Twenty-five species of plants, besides arthropods and reptiles carry his name in honor and recognition for his research work. He speaks the language of the Yekuanas, inhabitants of the Venezuelan Amazonia. He is credited with the discovery, in 1976, of the Valley of Crystals, on Mount Roraima. According to the Venezuelan Brewer-Carias, the tepuyes are like “islands in time”.

ELIAKIN RUFINO

Inspired by the natural beauty of Roraima, by the indigenous culture, the legends, the customs, the food, the traditions, there emerged in the decade of the eighties, in Boa Vista, a musical-cultural movement called “Roraimeira,” which sought to exalt and rescue the local culture. The principal objective of the movement was to value and preserve the culture of Roraima and ended up influencing other forms of artistic expression such as literature, dance, theater, photography and visual arts. Heading this movement are the poets and musicians Eliakin Rufino, Zeca Preto and Neuber Uchôa.

The poet, philosopher, teacher and singer roraimense Eliakin Rufino usually, through his poetry, books and lyrics, extolling his homeland. His poetry speaks not only of the things of Roraima, but also of the things of Amazonia, the traditions, the legends, the customs, the food, the Indians, the landscapes, the plewed land...

We can see one example of this in the lyrics of the song:

“City of the Field”

Buriti* of the field what a pleasure
Stream so good to know you
Boa Vista goes wherever the vision sees
In the green of the field I saw you

Myths run in the wind
Stone of Makunaima
My thought flies
Over Mount Roraima

City of the field on the bank of the river
Star of the North of Brazil
City of the field at sunset
Boa Vista lovely to be seen

ELIAKIN RUFINO

Inspirado nas belezas naturais de Roraima, na cultura indígena, nas lendas, nos costumes, na comida, nas tradições, surgiu na década de oitenta, em Boa Vista, um movimento músico-cultural chamado “Roraimeira”, que buscava exaltar e resgatar a cultura local. O objetivo principal do movimento era valorizar e preservar a cultura roraimense e que acabou influenciando outras formas de expressão artística como a literatura, a dança, o teatro, a fotografia e as artes plásticas. Encabeçavam esse movimento os poetas e músicos Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa.

O poeta, filósofo, professor e cantor roraimense Eliakin Rufino costuma, através de suas poesias, livros e letras de música, enaltecer a sua terra natal. Sua poesia fala não só das coisas de Roraima, mas também das coisas da Amazônia, das tradições, das lendas, dos costumes, da comida, dos índios, das paisagens, do lavrado...

Um exemplo disso podemos ver na letra da canção:

“Cidade do Campo”

Buriti do campo que prazer
Igarapé tão bom te conhecer
Boa Vista vai onde a vista vê
No verde do campo vi você

Correm mitos no vento
Pedra de Makunaima
Voa meu pensamento
Sobre o monte Roraima

Cidade do campo beira rio
Estrela do norte do Brasil
Cidade do campo entardecer
Boa Vista linda de se ver

Correm rios de tempo
Águas de Pacaraima
Montes em movimento
Coração de Roraima

(Música: Armando de Paula – Letra: Eliakin Rufino)

Eliakin é hoje, sem dúvida, um dos expoentes da cultura roraimense e procura mostrar esse seu jeito de ser, ver e gostar da terra onde nasceu e vive, através dos livros, CDs e shows que realiza Brasil afora.

Run rivers of time
Waters of Pacaraima
Mounts in movement
Heart of Roraima

(Music: Armando de Paula - Lyrics: Eliakin Rufino)

** Translator's notes: The buriti is a regional treefruit. The above wording is a literal translation of the original lyrics by Eliakin Rufino.*

Eliakin is today, without a doubt, one of the exponents of the culture of Roraima and he seeks to show his way of being, seeing and loving the land where he was born and lives, through books, CDs and shows that he performs all over Brazil.

THE LOST WORLD”

In the cinema

The first version for the cinema of “The Lost World” was made in 1925, in the United States. The film, directed by Harry O. Hoyt had in the cast Bessie Love, Lewis Stone, Wallace Beery, Lloyd Hughes, Arthur Hoyt and a small participation by Arthur Conan Doyle himself. It was the first movie over an hour in length that contained dinosaurs, a creation by the technician of special effects, Willis H. O’Brien, a revolutionary in the field of special effects at the time. The producers created 49 prehistoric monsters made of wood and controlled by rubber cords. Although filmed in black and white, and silent, it was an enormous success. In the decade of the 1930’s, Willis also participated in the first version of the film “King Kong.”

In 1927, Major Luiz Thomaz Reis (1878-1940) accompanied Marshal Rondon in the so-called “Rondon Commission,” charged with inspecting borders and bringing communication to the Brazilian backland by means of the telegraph. During the stay of the commission in Roraima, the marshal traveled as far as the extreme north, climbing Mount Roraima in 1927. Thomaz Reis was the official cinematographer and recorded the climb up the mountain through a film titled “Viagem ao Monte Roraima” (Journey to Mount Roraima), in which he showed the difficulties that the team had in crossing rivers, forests and mountains. The final scene shows Rondon holding the flag of Brazil, flanked by the flags of Venezuela and Guyana, among the numerous groups of Indians who accompanied the expedition.

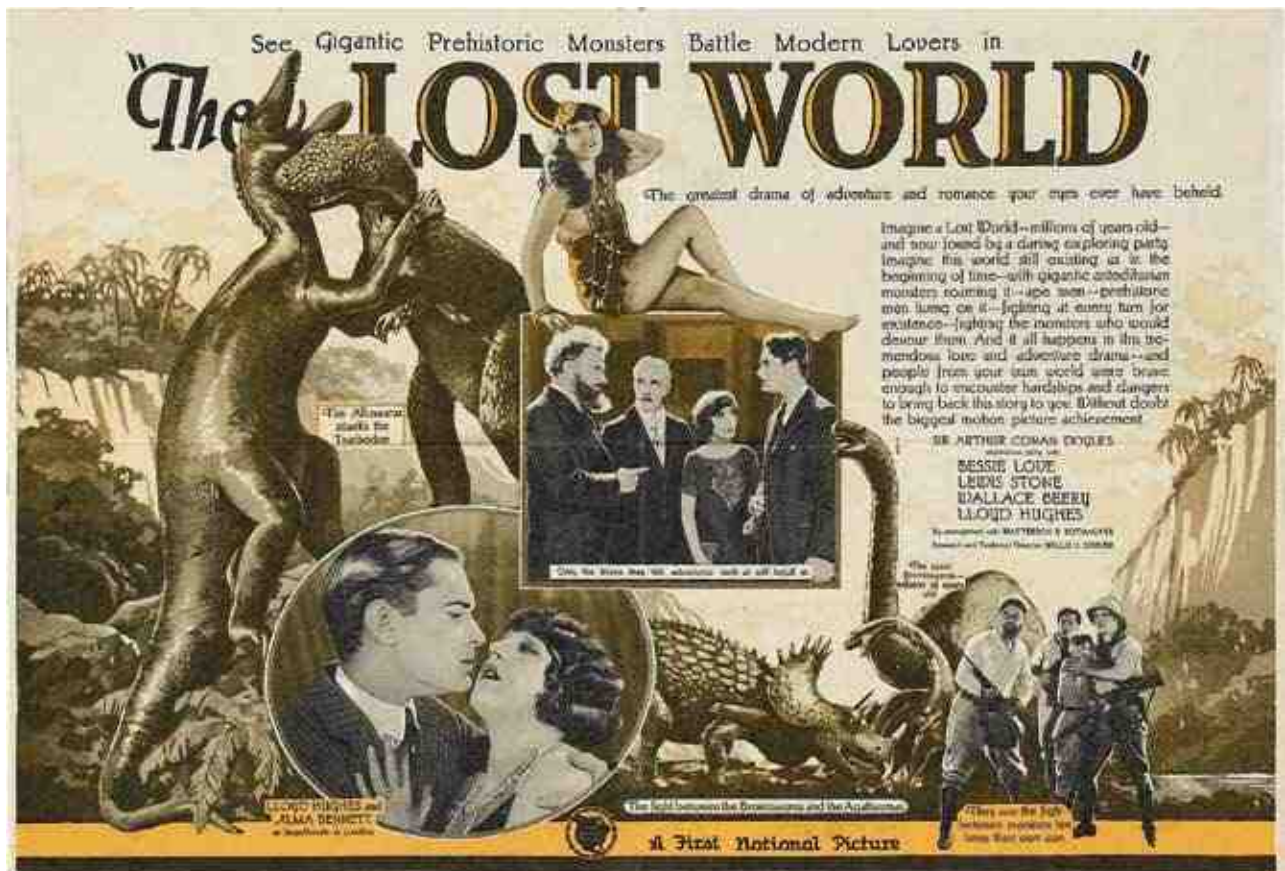
In the decade of 1960, there was a remake of The Lost World, in which the special effects were supervised by the same Willis H. O’Brien of the film of 1925.

In the decade of 1990, there emerged a TV series produced in the United States, based on the work of Doyle and filmed in Australia and New Zealand.

The director Hector Babenco produced in 1991 the film “Brincando nos Campos do Senhor” – (Playing in the Fields of the Lord) through Universal Studios.

“O MUNDO PERDIDO” no cinema

A primeira versão para o cinema de “O Mundo Perdido” foi feita em 1925, nos Estados Unidos. O filme, dirigido por Harry O. Hoyt tinha no elenco Bessie Love, Lewis Stone, Wallace Beery, Lloyd Hughes, Arthur Hoyt e uma pequena participação do próprio Arthur Conan Doyle. Foi o primeiro filme acima de uma hora de duração que continha dinossauros, criação do técnico em efeitos especiais Willis H. O’Brien, um revolucionário no campo dos efeitos especiais na época. Os produtores criaram 49 monstros pré-históricos feitos de madeira e controlados por fios de borracha. Embora filmado em preto e branco, e mudo, foi um enorme sucesso. Na década de 30 Willis também participou da primeira versão do filme King Kong.



Em 1927, o major Luiz Thomaz Reis (1878-1940) acompanhava o marechal Rondon na chamada “Comissão Rondon”, encarregada de inspecionar fronteiras e de levar a comunicação ao sertão brasileiro através dos telégrafos. Durante a estada dessa comissão em Roraima, o marechal seguiu até o extremo norte, subindo o monte Roraima em 1927. Thomaz Reis era o cinegrafista oficial e registrou a subida ao monte através de um filme intitulado “Viagem ao Monte Roraima”, em que mostrava as dificuldades que a equipe teve na travessia de rios, matas e montanhas. A cena final mostra Rondon segurando a bandeira do Brasil, ladeado pelas bandeiras da Venezuela e Guiana, em meio ao numeroso grupo de índios que o acompanhava na expedição.

Na década de 60 houve um remake de O Mundo Perdido, em que os efeitos especiais eram supervisionados pelo mesmo Willis H. O’Brien do filme de 1925.

The plot, set in the Amazonian forest, in some aerial takes used landscapes of the National Park Canaima and of Angel Falls, both located in Venezuela.

In 2001, a new adaptation of Conan Doyle's work was made for the BBC (British Broadcasting Company), with a cast in which Bob Hoskins stood out as the famous Professor Challenger. Peter Falk, James Fox, Elaine Cassidy and Matthew Rhys were also part of the cast.

In summary, the book's story tells the adventures of a scientific expedition, led by the researcher and Professor Challenger, who leaves England in the beginning of the twentieth century with a destination in a remote Amazonian region, with the objective of proving that in this place there still were dinosaurs similar to the ones that inhabited the Earth in prehistoric times.

UP – THE FILM

The cinema director Pete Docter revealed that he had been inspired by Mount Roraima and by Angel Falls (after visiting them) to compose in 3D scenery of the new animated film of Pixar Studio in partnership with Disney. The film, which made the official opening of the Cannes film festival in 2009, received Oscar nominations and soon after its release in the United States, it became a blockbuster. It ended up receiving the Oscar for the best soundtrack.

DOCTV

Journalist and filmmaker Thiago Briglia, of Roraima, produced, in 2007, a 52-minute documentary - "On the trails of Makunaima" - aired on public TV on the national network through the program of the Ministry of Culture entitled DOCTV. The documentary portrays the indigenous myth best known in the extreme north of the country and its relationship with the sacred mountain - Mount Roraima. From narratives of the Ingaricó, Taurepang and Macuxi Indians, the diverse aspects of Makunaima are presented, an ancient warrior of the Indians of Karib origin, described as a god of nature by some ethnic groups and the influence that this myth exercises on the habits and customs of these peoples. In the film, made largely on Mount Roraima, Briglia directs and captures, with his camera, the trails of the mount, considered the holy temple where the spirit of Makunaima lives.

Na década de 90 surgiu uma série de TV produzida nos Estados Unidos, baseada na obra de Doyle e filmada na Austrália e Nova Zelândia.

O diretor Hector Babenco realizou em 1991 o filme “Brincando nos Campos do Senhor” através do Estúdio Universal. A trama, passada na floresta amazônica, em algumas tomadas aéreas utiliza-se das paisagens do Parque Nacional Canaima e do Salto Ángel, localizados na Venezuela.

Em 2001 foi feita uma nova adaptação da obra de Conan Doyle, para a BBC, com um elenco em que se destacava Bob Hoskins como o famoso professor Challenger. Ainda faziam parte do elenco Peter Falk, James Fox, Elaine Cassidy e Mathew Rhys.

Em resumo, a história do livro conta as aventuras de uma expedição científica, chefiada pelo pesquisador e professor Challenger, que deixa a Inglaterra no começo do século XX com destino a uma remota região Amazônica com o objetivo de provar que neste local ainda havia dinossauros iguais aos que habitaram a Terra na pré-história.

UP – ALTAS AVENTURAS

O diretor de cinema Pete Docter revelou ter se inspirado no Monte Roraima e no salto Ángel (depois de visitá-los) para compor o cenário do novo filme de animação em 3D do estúdio Pixar em parceria com a Disney. O filme, que fez a abertura oficial do festival de cinema de Cannes em 2009, recebeu indicações ao Óscar e logo depois do lançamento nos Estados Unidos se transformou num campeão de bilheteria. Acabou recebendo o Óscar de melhor trilha sonora.

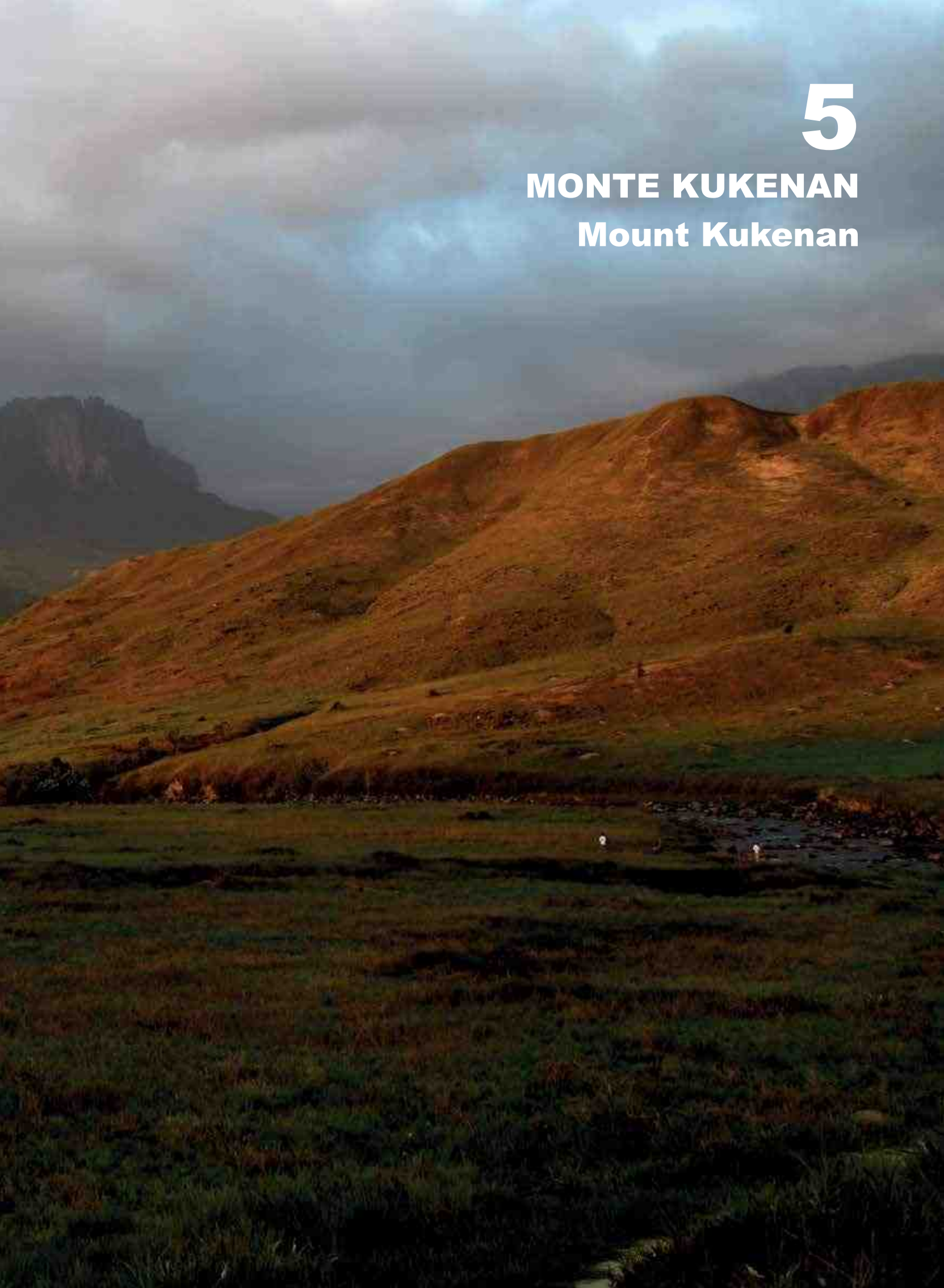
DOCTV

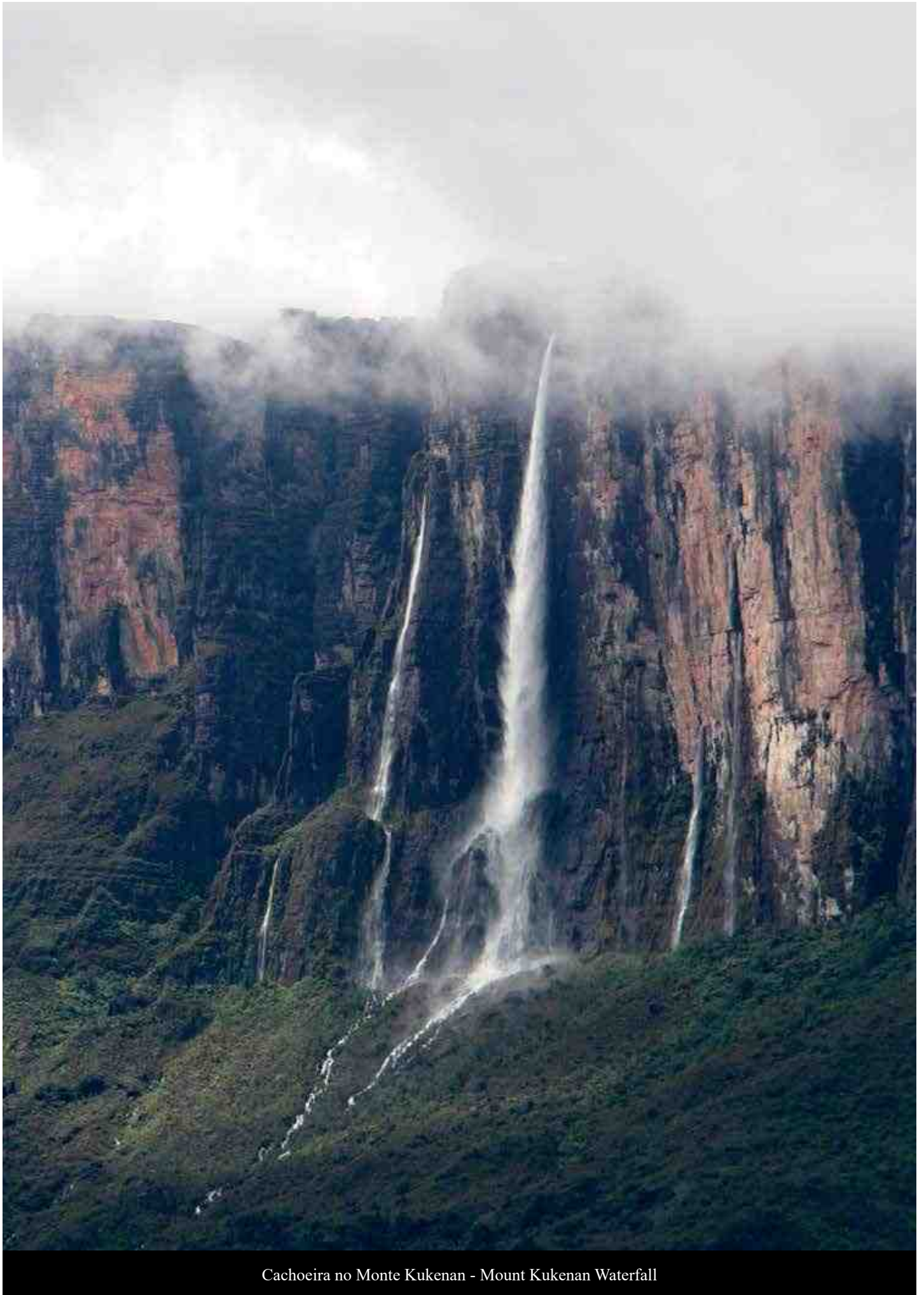
O jornalista e cineasta roraimense Thiago Briglia realizou em 2007 um documentário de 52 minutos - “Nas Trilhas de Makunaima”- exibido na TV pública em rede nacional por meio do programa do Ministério da Cultura intitulado DOCTV. O documentário retrata o mito indígena mais conhecido do extremo norte do país e sua relação com a montanha sagrada – o monte Roraima. A partir de narrativas dos índios Ingaricó, Taurepang e Macuxis, são apresentadas as diversas faces de Makunaima, um ancestral guerreiro dos índios de origem Karib, descrito como um deus da natureza por algumas etnias e a influência que este mito exerce nos hábitos e costumes destes povos. No filme, feito em grande parte sobre o monte Roraima, Briglia conduz e percorre com sua câmera as trilhas do monte, considerado o templo sagrado onde vive o espírito de Makunaima.



5

MONTE KUKENAN
Mount Kukenan





Cachoeira no Monte Kukenan - Mount Kukenan Waterfall

MONTE KUKENAN

O monte Kukenan, com 2.678m, localizado ao lado do monte Roraima, é também conhecido pelos índios Pemóns como Matawi-Tepuy, que significa “a montanha onde eu quero morrer”. O Kukenan é temido pelos Pemóns e é visto como assassino de homens, sempre esfomeado e querendo aniquilar almas. Espíritos ameaçadores que ali vagueiam, segundo a lenda, são de índios mortos em combate, numa antiga guerra que os Pemóns enfrentaram com invasores vindos das selvas onde hoje é a Guiana.

Eles acreditam que os espíritos dos índios inimigos mortos na antiga guerra vivem por lá, e, por isso, querem vingança. Por esse motivo a montanha é considerada assassina, pois os Pemóns crêem que essas almas comem humanos.

A lenda fala de uma sangrenta guerra que os Pemóns enfrentaram para defender as savanas e os tepuyes sagrados. Na batalha, os inimigos foram vencidos e o chefe deles sentiu tal desonra pela derrota que escalou o Kukenan até o cume e suicidou-se, saltando em queda livre para a morte do alto de seus paredões rochosos.

Por causa da lenda não é fácil conseguir guias Pemóns para subir a montanha. Os poucos que se arriscam o fazem por dinheiro, e em segredo, pois os chefes e anciãos Pemóns proíbem, pelas suas leis, qualquer visita ao Kukenan.

Embora fique localizado ao lado do monte Roraima, separado apenas por um profundo vale, o Kukenan é pouquíssimo visitado. A dificuldade de acesso ao topo tem como principal obstáculo as crenças dos Pemóns, os paredões íngremes e a falta de uma trilha que facilite o acesso, diferentemente do monte Roraima.

Porém, é igualmente belo e majestoso como seu irmão, o Roraima.

MOUNT KUKENAN

Mount Kukenan, with 2.678m, located next to Mount Roraima, is also known by the Pemón Indians as Matawi-Tepuy, which means “the mountain where I want to die.” Kukenan is feared by the Pemóns and is seen as a killer of men, always hungry and wanting to annihilate souls. Threatening spirits that roam there, according to the legend, are of Indians who died in combat, in an ancient war that the Pemóns faced with invaders coming from the jungles of what is now Guyana.

They believe that the spirits of the enemy Indians killed in the ancient war live there, and for this reason, they want revenge. For this motive, the mountain is considered an assassin, for the Pemóns believe that these souls eat humans.

The legend tells of a bloody war that the Pemóns faced to defend the sacred savannas and tepuyes. In the battle, the enemies were defeated and their leader felt such dishonor by the defeat, that he climbed Kukenan to the top and killed himself, jumping in free fall to his death from the height of its rocky walls.

Because of the legend, it is not easy to get Pemón guides to climb the mountain. The few who risk themselves do it for money, and in secret, because the chiefs and elder Pemóns prohibit, by their laws, any visit to Kukenan.

Although it is located next to Mount Roraima, separated only by a deep valley, the Kukenan is scarcely visited. The difficulty of access to the top has as the main obstacle the beliefs of the Pemóns, the steep cliffs and the lack of a trail that facilitates the access, different from Mount Roraima.

However, it is equally beautiful and majestic as its brother, (Mount) Roraima.



Monte Kukenan - Mount Kukenan



Acampamento rio Tek e Monte Kukenan - Tek River camp and Mount Kukenan



Rio Kukenan e Monte Kukenan - Kukenan River and the Mount Kukenan

Roraima Adventures



Monte Kukenan visto do acampamento do Rio Tek - Mount Kukenan seen from the Rio Tek camp

Roraima Adventures



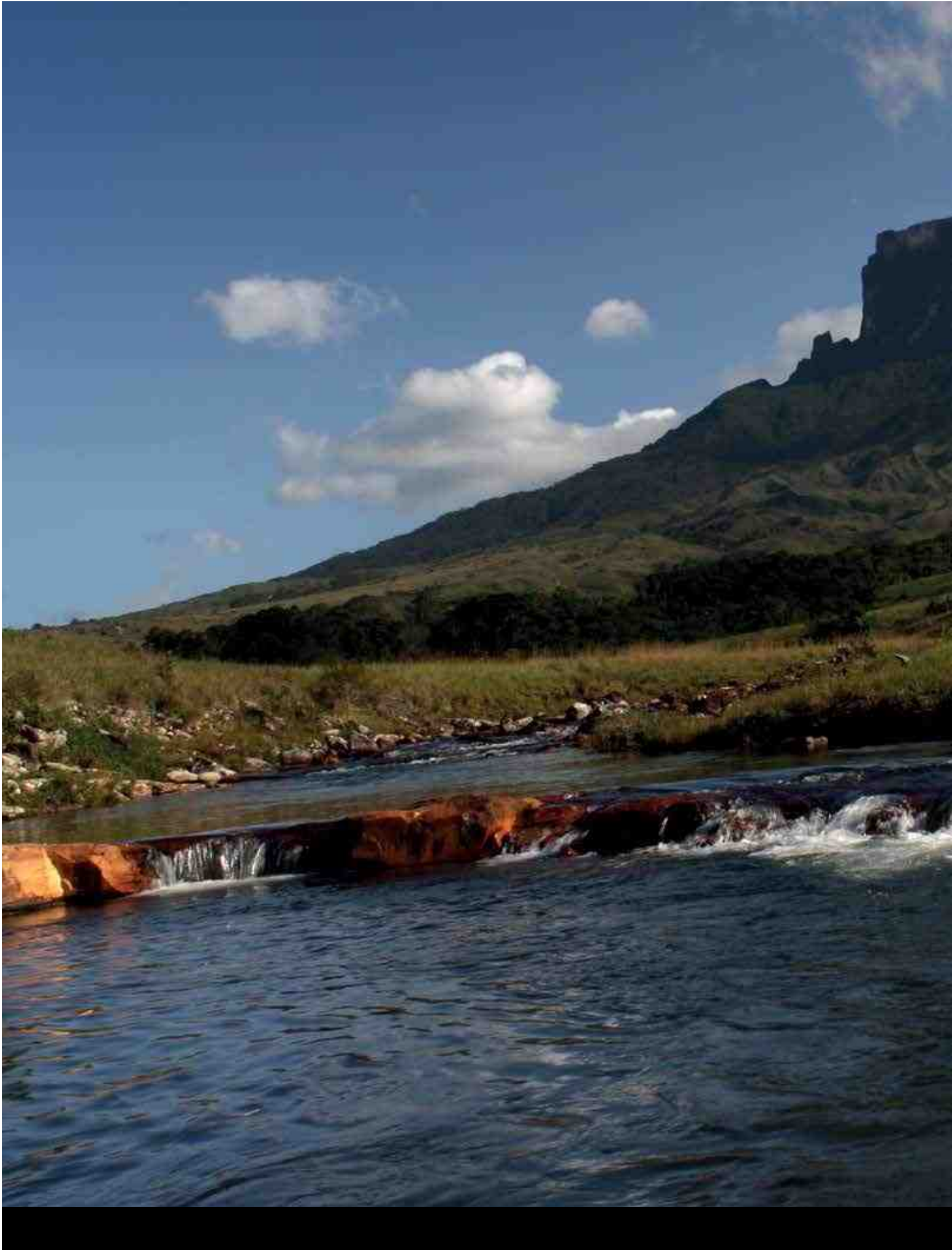
Adroaldo Ranzi

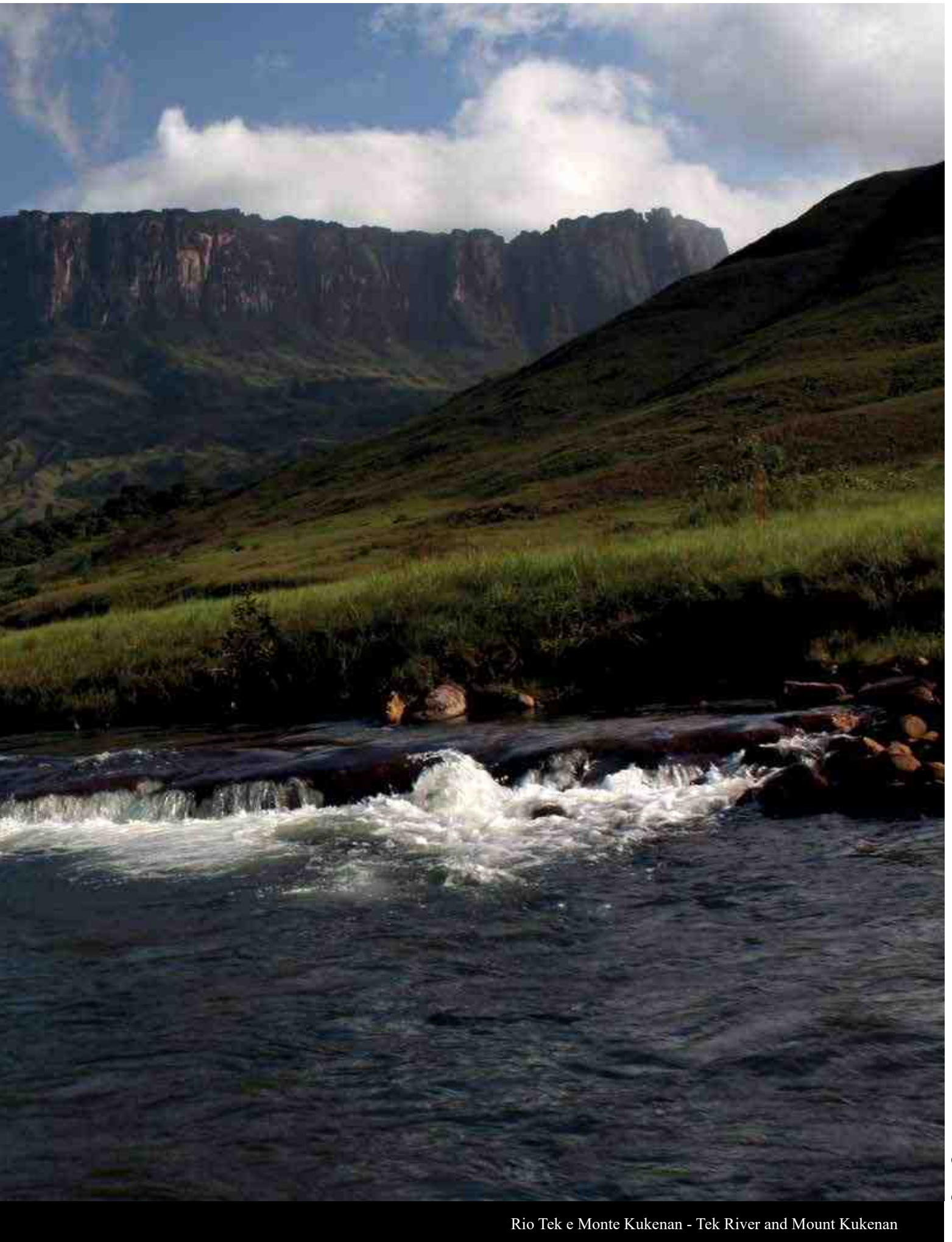
Monte Kukenan visto da subida do Roraima - Mount Kukenan seen from the ascent of Roraima.



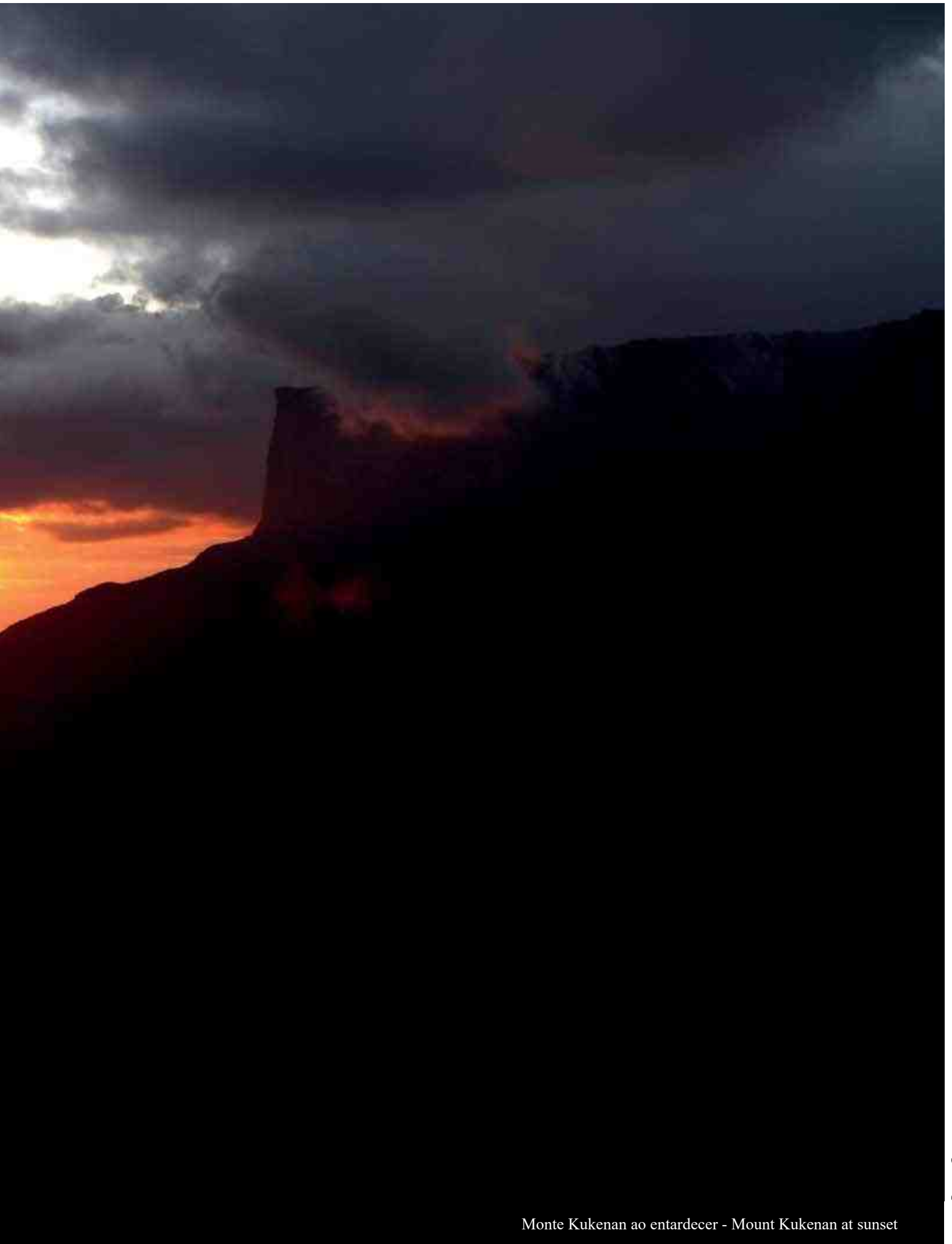
Adroaldo Ranzi

Monte Kukenan à esquerda e o Monte Roraima - Mount Kukenan on left and Roraima Mount.









Monte Kukenan ao entardecer - Mount Kukenan at sunset



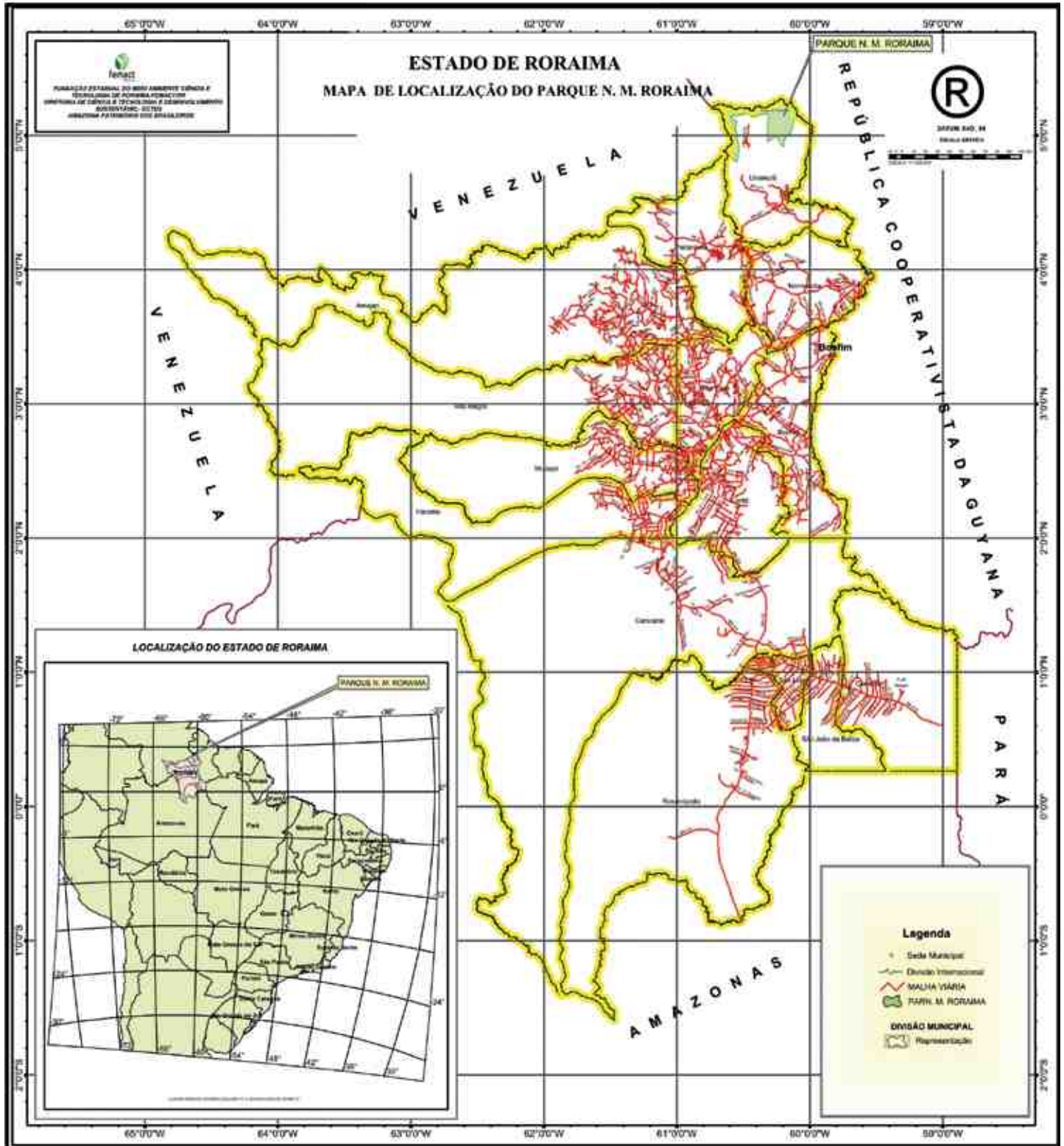




6

PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA
National Park of Mount Roraima





Fonte Femact Edilson Melo – Técnico em Agrimensura (mapa do Parque)

Mapa Parque Nacional Monte Roraima - Map of National Park of Roraima Mount

PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA

O Parque Nacional do Monte Roraima foi criado pelo Decreto nº 97.887, de 28 de junho de 1989, no governo do presidente José Sarney. Localiza-se ao norte de Roraima, no município de Uiramutã e possui uma área de 116.000 hectares, fazendo fronteira com a Venezuela e República da Guiana. Com a recente homologação da área indígena “Raposa-Serra do Sol”, o parque ficou inserido dentro da reserva.

O objetivo do parque é a proteção da flora, fauna e demais recursos naturais, características geológicas, geomorfológicas e cênicas da serra de Pacaraima. O acesso ao parque é controlado atualmente pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), permitido para visitação, educação e pesquisas científicas mediante autorização.

Também é dentro do Parque Nacional do Monte Roraima que se localiza o ponto extremo do norte do Brasil. Trata-se do monte Caburaí, com 1.465m de altitude, localizado a 84,5km acima do rio Oiapoque, no estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, que rio ostentava o título de ponto extremo do território brasileiro, e de onde vinha a expressão “Do Oiapoque ao Chuí”.

Uma nova expedição foi organizada em 1998, envolvendo o Exército, Aeronáutica, IBGE, INCRA, IBAMA, FUNAI, UFRR, Departamento Estadual de Turismo, Assembléia Legislativa e Governo de Roraima, com o objetivo de corrigir o erro que perdurava por muitos anos nos livros didáticos. Com as novas medições efetuadas pela expedição com o uso de GPS, chegou-se a conclusão que o monte Caburaí está situado a 5°16'20'' de Latitude e 60°12'37,3'' de Longitude, constituindo-se dessa forma no ponto mais setentrional do Brasil e que deverá constar nos livros didáticos editados após 2002 a expressão - “Do Caburaí ao Chuí” - e não mais “Do Oiapoque ao Chuí”.

Os principais habitantes do parque são os índios Ingarikós, termo que, traduzido, quer dizer “habitantes das serras”.

NATIONAL PARK OF MOUNT RORAIMA

The National Park of Mount Roraima was created by Decree No. 97,887, on June 28, 1989, during the government of President José Sarney. It is located in northern Roraima, in the municipality of Uiramutã and possesses an area of 116,000 hectares, bordering Venezuela and the Republic of Guyana. With the recent legal ratification of the indigenous area “Raposa-Serra do Sol,” the park was inserted inside the reservation.

The objective of the park is the protection of the flora, fauna and other natural resources, and the geological, geomorphological and scenical characteristics of Pacaraima ridge. The access to the park is controlled by ICMBio Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Chico Mendes Institute of Conservation of Biodiversity), allowed for visitation, education and scientific research with authorization.

It is also within the National Park of Mount Roraima that the extreme northern point of Brazil, is located. This point, mount Caburaí, with 1.465m of altitude, is located 84.5km above the Oiapoque River in the state of Amapá, which borders French Guyana, wich river had prided itself in being the extreme northern point, from which arose the expression “Do Oiapoque ao Chuí” - (From Oiapoque to Chuí).

A new expedition was organized in 1998, involving the Army, Air Force, IBGE, INCRA, IBAMA, FUNAI, UFRR, the State Department of Tourism, the Legislative Assembly and the Government of Roraima, with the objective of correcting the error that persisted for many years in the didactic books. With the new measurements made by the expedition, with the use of GPS (Global Positioning System), it was concluded that Mount Caburaí is located 5°16'20" latitude and 60°12'37, 3" longitude, constituting in this manner the most northern point of Brazil and that, in textbooks published after 2002, the expression should be, “From Caburaí to Chuy,” and not anymore, “From Oiapoque to Chuí.”

The main inhabitants of the park are the Ingarikó Indians, a term which, translated, means “inhabitants of the ridges.”



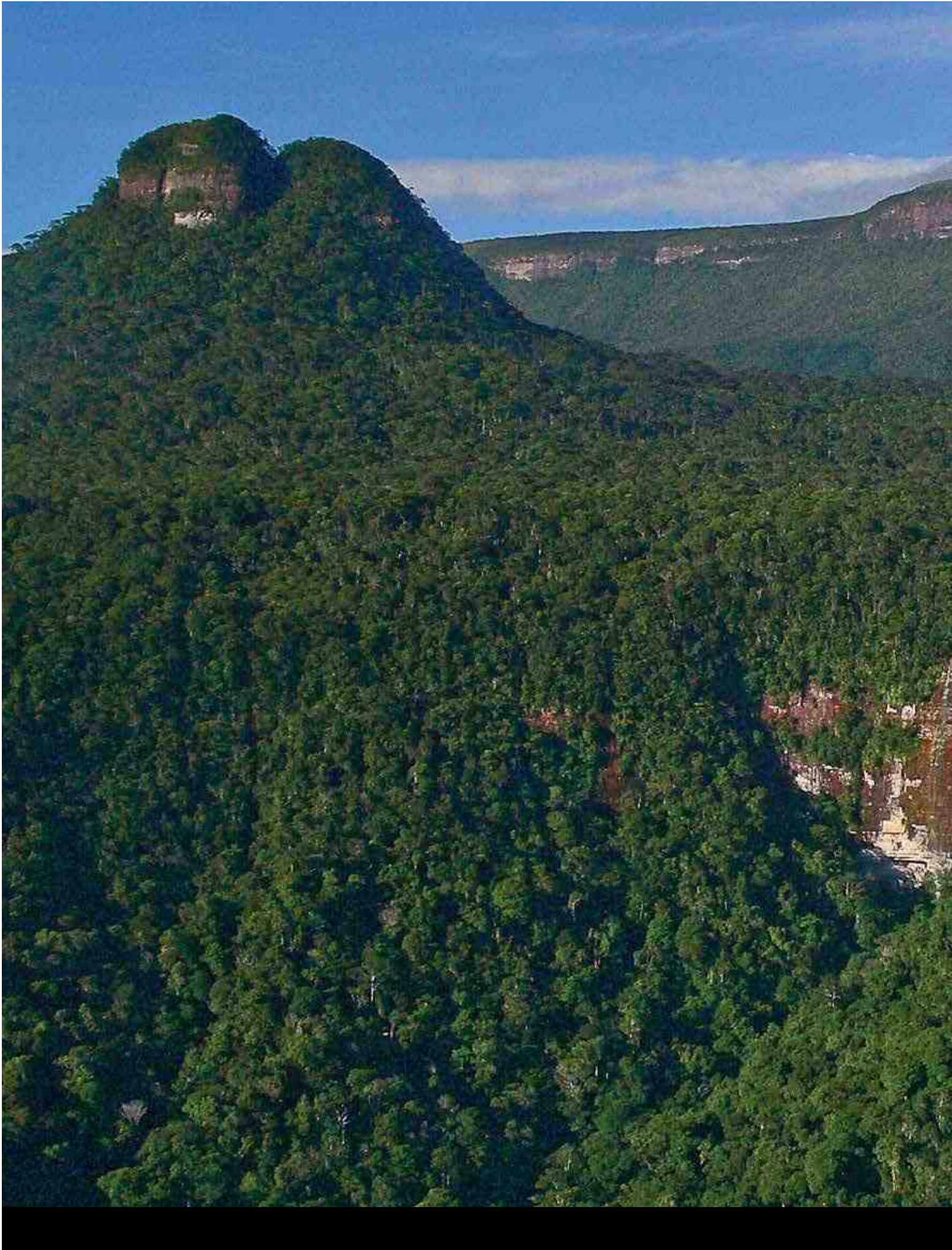
Lewiski

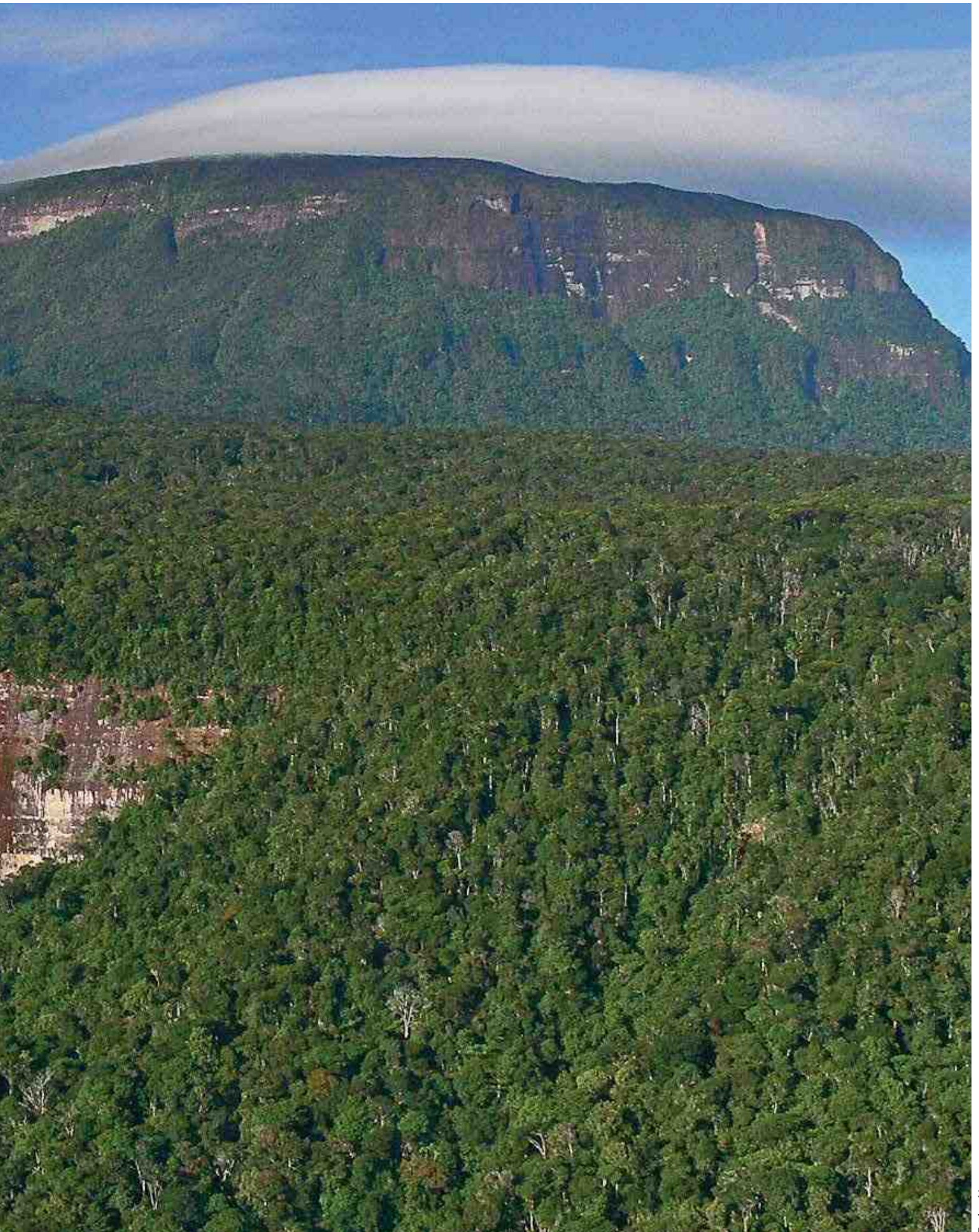
Serra do Sol - Saw of Sun



Lewiski

Malocas indígenas - Indigenous Cabana

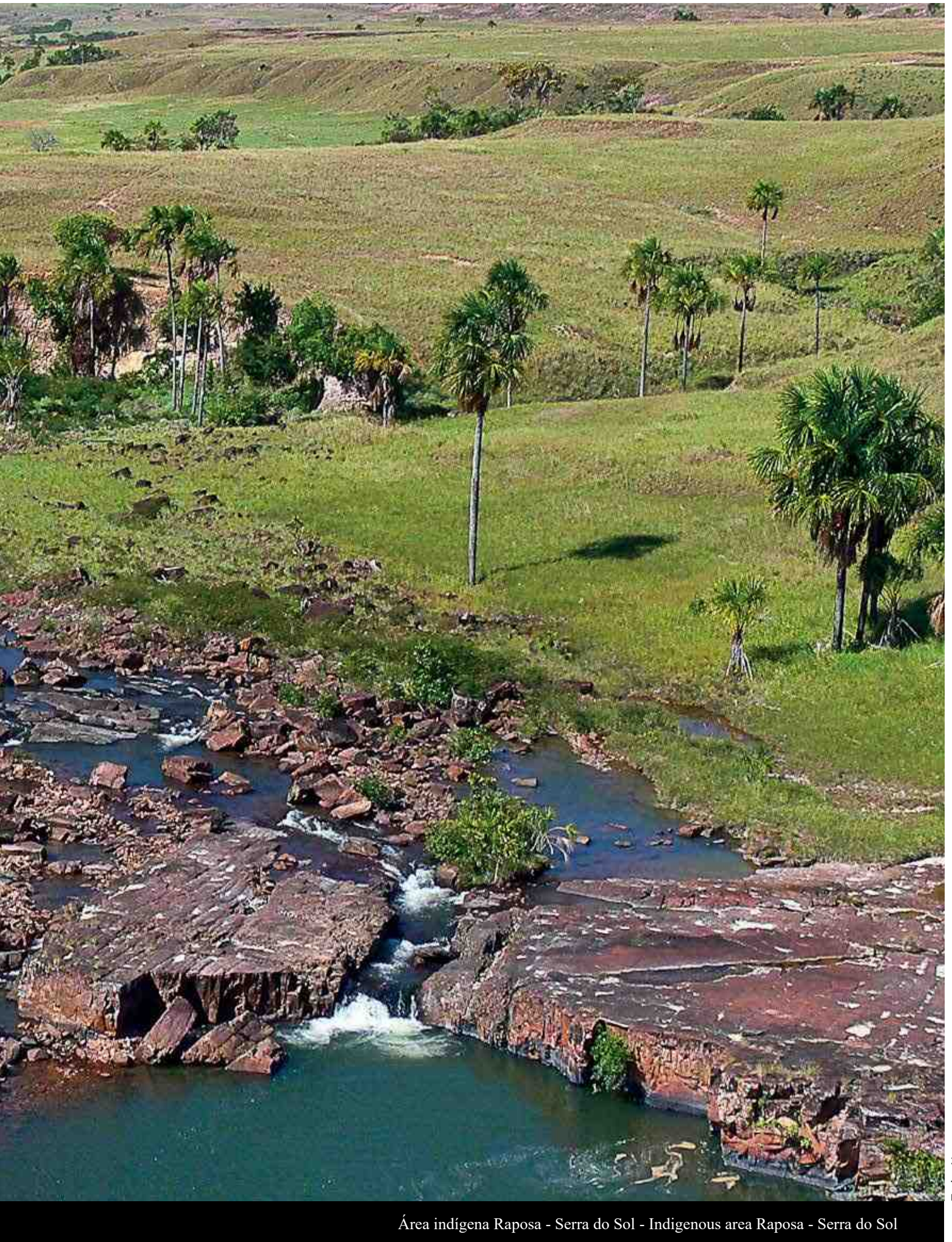




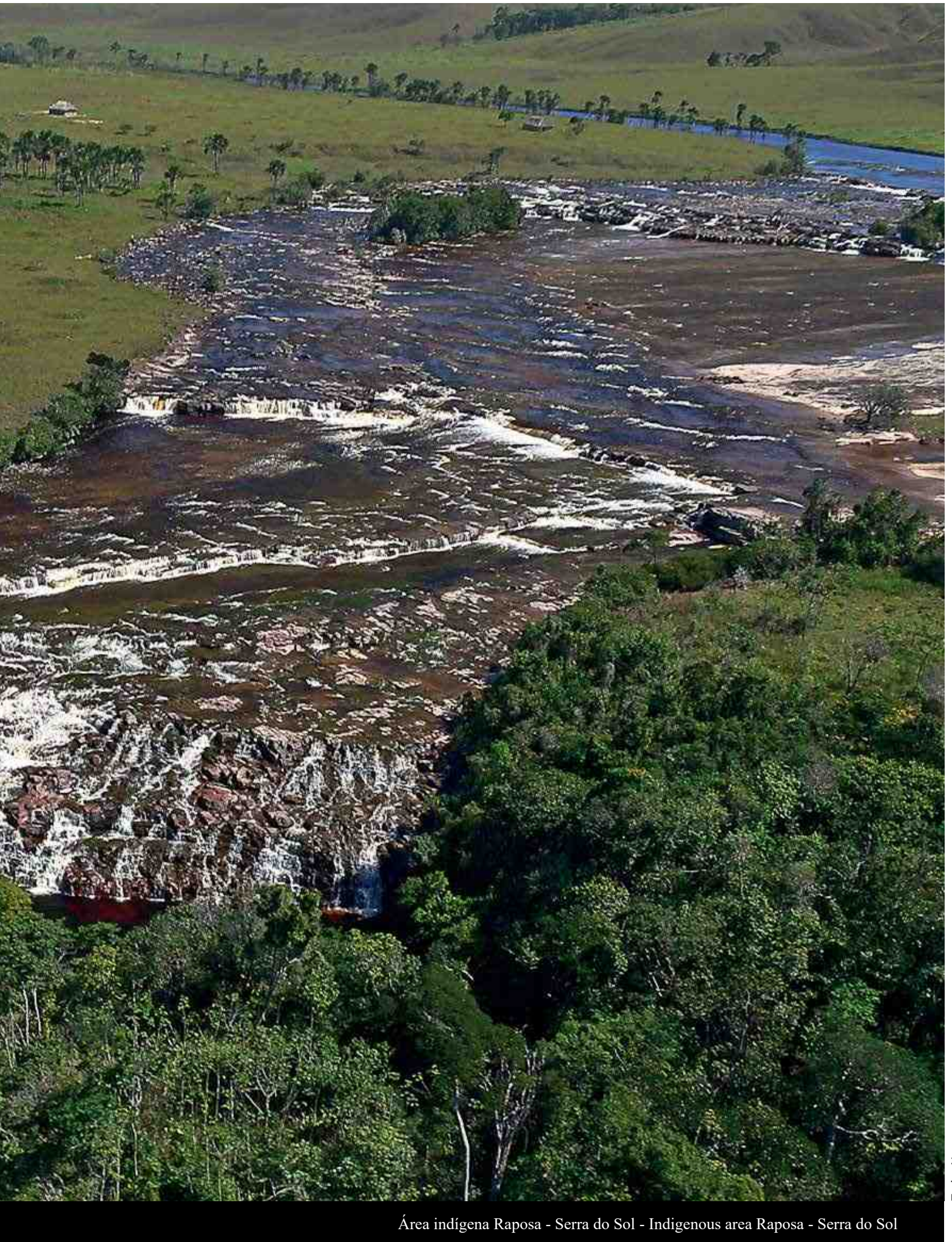
Taylor Nunes

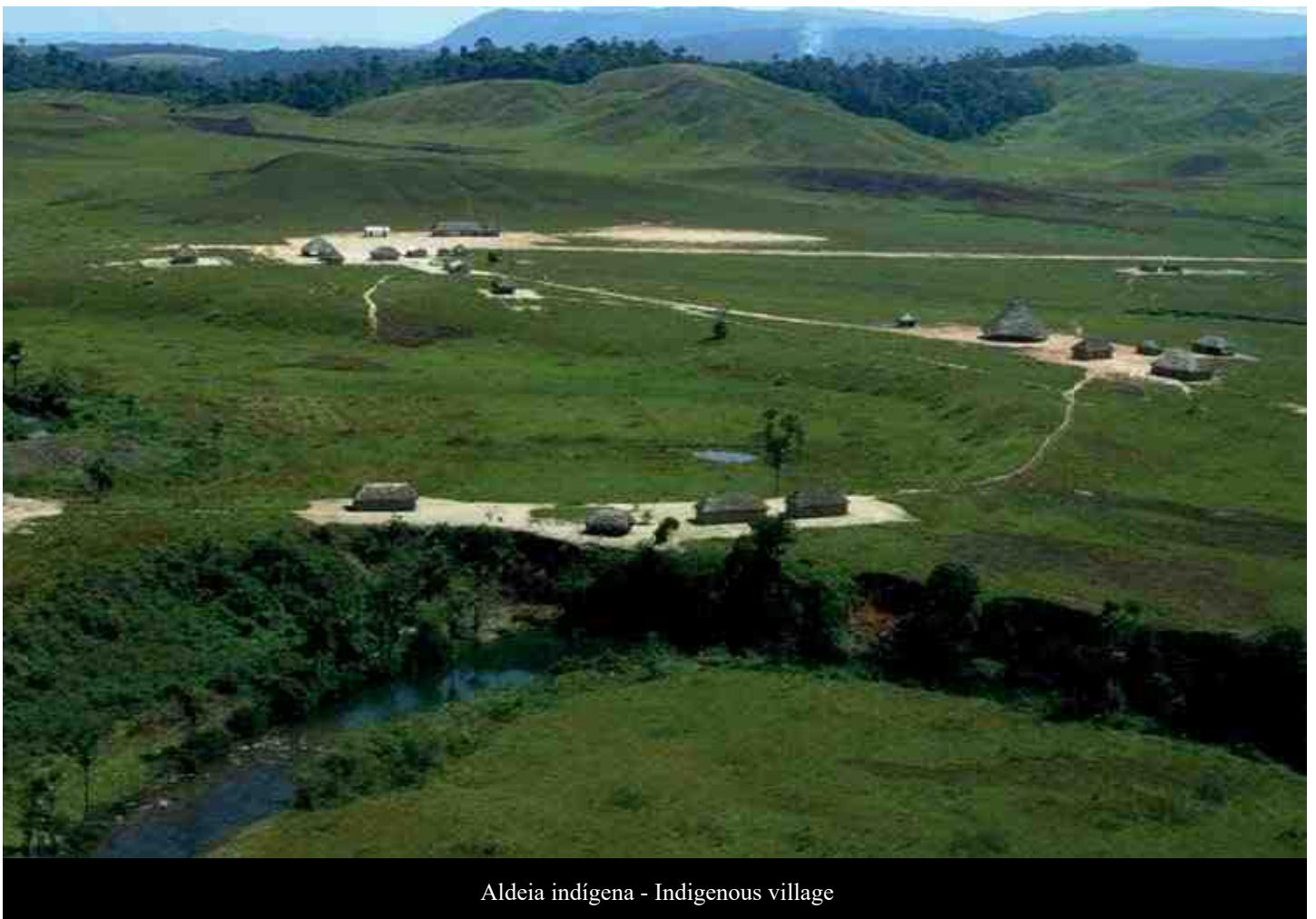
Parque Nacional do Monte Roraima - Serra do Sol - Park National of Mount Roraima - Saw of Sun











Aldeia indígena - Indigenous village

Lewiski



Taylor Nunes



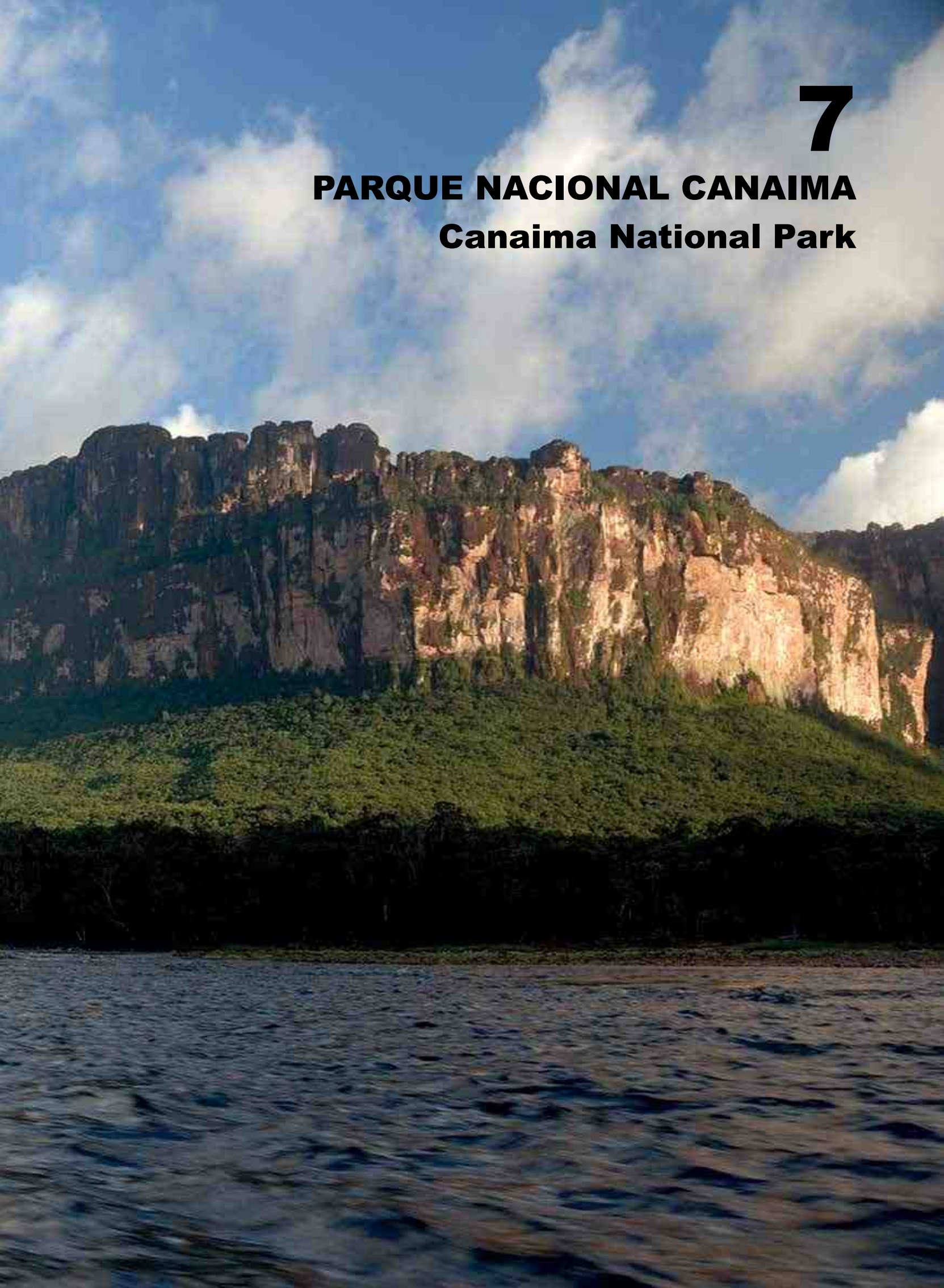
Orib Ziedson

Monte Caburáí - ponto extremo ao norte do Brasil - Monte Caburáí - extreme northern point of Brazil



7

PARQUE NACIONAL CANAIMA
Canaima National Park





PARQUE NACIONAL CANAIMA

O Parque Nacional Canaima está localizado no estado Bolívar, sul da Venezuela. Foi criado em 12 de junho de 1962 pelo então presidente Rômulo Betancourt e declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO no ano de 1994. Está sob a administração do Inparques (Instituto Nacional de Parques), ligado ao Ministério do Poder Popular para o Ambiente.

Possui uma área de 3.000.000 de hectares (maior que o território da Bélgica) e por seu tamanho é considerado o sexto maior parque nacional do mundo. Cerca de 65% do parque está ocupado por mesetas de rocha chamadas tepuyes. Estes constituem um meio ambiente único, apresentando também um grande interesse geológico. Suas montanhas escarpadas e suas quedas de água, incluindo o Salto Ángel (979 m), considerada a cachoeira mais alta do mundo, formam paisagens espetaculares.

As atrações principais do parque são, sem dúvida, o Monte Roraima e o Salto Ángel. Mas, mesmo quem vem só para conhecer o monte Roraima ou o Salto Ángel, dificilmente deixa de visitar as outras inúmeras atrações do parque. Quebrada de Jaspe, salto Kamá-Meru, salto Aponwao, salto Pacheco, salto Yuruany, rápidos de Kamoirán, Kawanayén, são apenas algumas das belas surpresas que o parque nos reserva.

O acesso ao parque pela Venezuela é através do troncal 10 da rodovia Panamericana, chegando até a fronteira do Brasil, em Pacaraima. Pelo lado brasileiro, o acesso é pela BR 174 que liga Manaus, no Amazonas, até Pacaraima, cortando o estado de Roraima no sentido sul-norte, passando por vários municípios e pela capital Boa Vista. O Parque Canaima é bastante frequentado nos finais de semana pelos brasileiros que vivem em Roraima, principalmente no período de verão, quando buscam suas cachoeiras e rios de águas limpas para o lazer.

CANAIMA NATIONAL PARK

The Canaima National Park is located in the state of Bolívar, in southern Venezuela. It was created on June 12, 1962, by the then president Rómulo Betancourt and declared a Patrimony of Humanity by UNESCO in the year of 1994. It is under the administration of INPARQUES -Instituto Nacional de Parques – (National Institute of Parks), linked with the Ministério do Poder Popular para o Ambiente – (Ministry of Popular Power for the Environment).

It possesses an area of 3,000,000 hectares (larger than the area of Belgium) and for its size, it is considered the sixth largest national park in the world. About 65% of the park is occupied by rocky plateaus called tepuyes. These constitute a unique environment, presenting also a great geological interest. Its rugged mountains and its waterfalls, including Angel Falls (979 m), considered to be the highest waterfall in the world, form spectacular landscapes.

The principal attractions of the park are, without a doubt, Mount Roraima and Angel Falls. But, even so whoever comes only to know Mount Roraima and Angel Falls hardly overlook visiting the other numerous attractions of the park. Jasper Falls, Kamá-Meru Falls, Aponwao Falls, Pacheco Falls, Sapo Falls, the Kamoiran Rapids, Kawanayén, are just some of the beautiful surprises that the park reserves for us.

The access to the park in Venezuela is through trunk 10 of the Panamerican Highway, reaching as far as the border of Brazil, in Pacaraima. On the Brazilian side, access is through highway BR 174, which links Manaus, in the state of Amazonas, with Pacaraima, crossing the state of Roraima in a north-south direction, passing through various cities and the capital of Boa Vista. Canaima Park is quite frequented on the weekends by Brazilians who live in Roraima, mainly during the summer period when they seek its waterfalls and rivers of clean water for recreation.



Salto Canaima - Canaima Falls



Rio Carrao - Carrao River



Salto e Laguna Canaima



Laguna and Canaima Falls







Salto Ángel - 979m - Ángel Falls - 979m



Salto Ángel topo - Ángel Falls top

A GRANDE SAVANA

O inglês Russel Mittermeier é o chefe da Conservation International, uma das mais competentes e respeitadas organizações ambientais do mundo. Numa entrevista à revista brasileira *Veja* (edição 2.186 de 13 de outubro de 2010), perguntado pelo repórter sobre qual era o lugar mais bonito dos 141 países que já tinha visitado, ele respondeu: “Adoro o sul da Venezuela, é uma região fantástica, com mata virgem, cascatas gigantescas e os tepuyes, aquelas montanhas cujo topo é achatado, dando-lhes a aparência de uma mesa. É um pedaço lindíssimo do planeta”. Mittermeier se referia a La Gran Sabana, região ao sul da Venezuela, no estado Bolívar, fronteira com o Brasil, onde se localiza o monte Roraima e o Salto Ángel, as duas maiores atrações dessa fantástica paisagem.

La Gran Sabana está localizada no Planalto das Guianas e inserida dentro do Parque Nacional Canaima, um dos maiores do mundo, com três milhões de hectares. Milhares de turistas do mundo todo visitam La Gran Sabana todos os anos e se encantam com suas paisagens, tepuyes, cachoeiras e rios de águas cristalinas.

As mesmas paisagens da Gran Sabana podem ser encontradas no lado brasileiro em toda a fronteira norte do estado de Roraima com a Venezuela e Guiana. A savana brasileira faz parte da reserva Raposa-Serra do Sol e nela se encontra o ponto extremo do Brasil ao norte, o monte Caburaí, além da Serra do Sol, que dá nome à reserva. A região abriga ainda várias comunidades indígenas.

La Gran Sabana venezuelana é habitada pelos índios Pemóns (etnias Tau-repang-Arekuna-Kamarakoto) há centenas de anos e eles fazem dela o seu habitat. Nos feriados prolongados na Venezuela é possível encontrar as ruas de Santa Elena de Uairén apinhadas de turistas. E centenas de visitantes filmando, fotografando e desfrutando das belas paisagens e dos banhos de cachoeira ao longo da estrada que corta o Parque Canaima. Realmente, como disse Mittermeier em sua entrevista, La Gran Sabana é um pedaço lindíssimo do nosso planeta.

THE GREAT SAVANNA

The Englishman Russell Mittermeier is the director of Conservation International, one of the most competent and respected environmental organizations in the world. In an interview with the Brazilian magazine *Veja* (edition 2,186 of October 13, 2010), when asked by the reporter about which was the most beautiful place of the 141 countries that had already visited, he responded: "I love the south of Venezuela; it is a fantastic region, with virgin forest, giant waterfalls and the tepuyes, those mountains whose top is flat, giving them the appearance of a table. It is a very beautiful piece of the planet." Mittermeier was referring to the Great Savanna, a region in southern Venezuela, in the state of Bolivar, bordering Brazil, where Mount Roraima is located and Angel Falls, the two biggest attractions of this fantastic landscape.

The Great Savanna is located in the Guyana Shield and inserted inside of the Canaima National Park, one of the largest in the world with three million hectares. Thousands of tourists from all over the world visit the Great Savanna every year and are enchanted with its landscapes, tepuyes, waterfalls and rivers of crystalline clear waters.

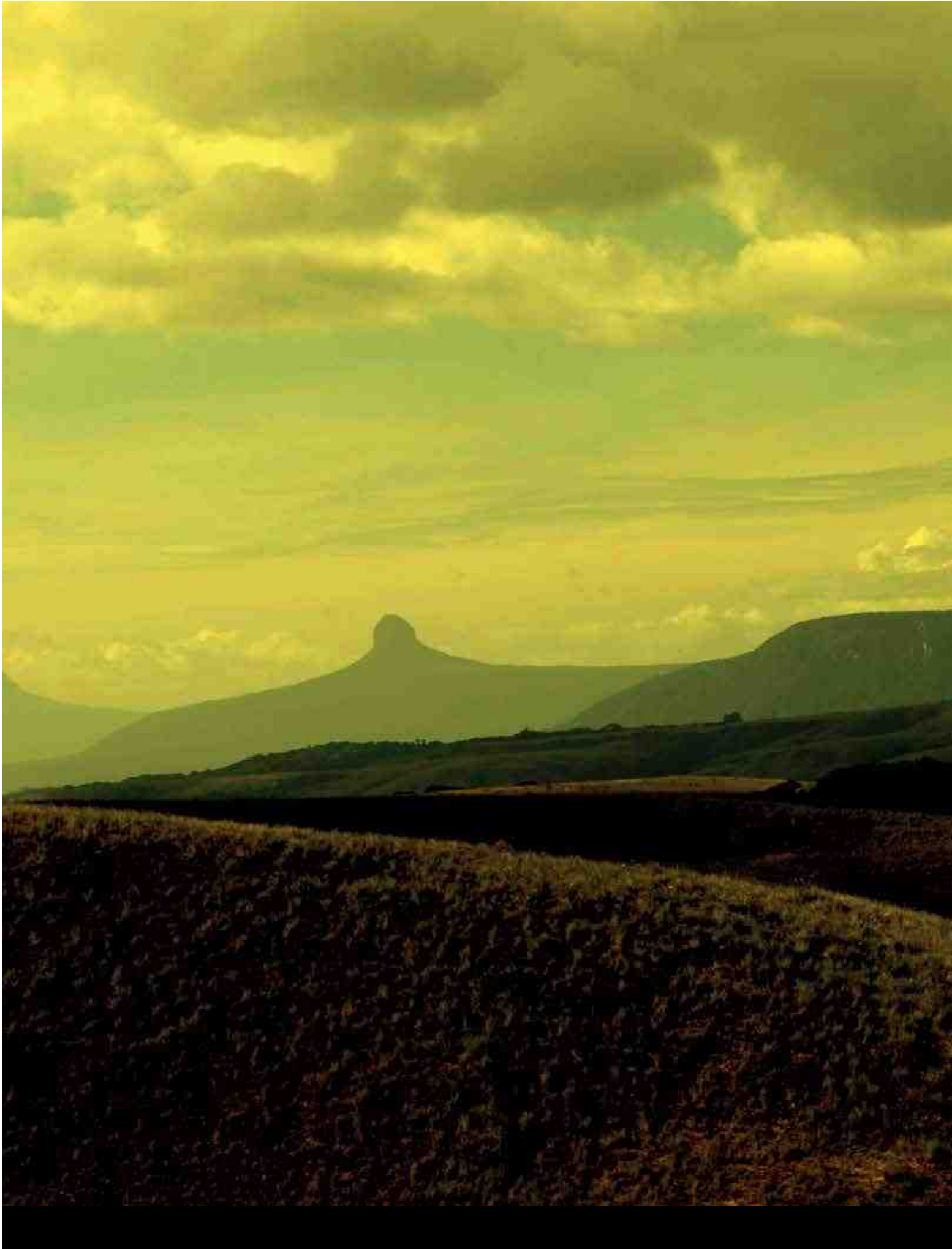
The same landscapes of the Great Savanna can be found on the Brazilian side along the northern border state of Roraima in Venezuela and Guyana. The Brazilian savanna is part of the Raposa-Serra do Sol reservation and in it is located the extreme northern point of Brazil, Mount Caburái, as well as Serra do Sol, which gives name to the reservation. The region also includes several indigenous communities.

The Venezuelan Great Savanna is inhabited by the Pemón Indians (ethnic groups Taurepan-Arekuna- Kamarakoto) for hundreds of years and they make it their home. In the prolonged holidays in Venezuela, it is possible to find the streets of Santa Elena de Uairén crowded with tourists. And hundreds of visitors filming, photographing and enjoying the beautiful landscapes and the swimming holes by waterfalls along the road that crosses the Canaima Park. Really, as Mittermeier said in his interview, the Great Savanna is a very beautiful piece of our planet.



Kawanayen

Bruno Garmatz







Bruno Garmatz



Tiago Orihuela



Bruno Garmatz



Bruno Garmatz



Salto Kamá-Meru - Kamá-Meru Falls



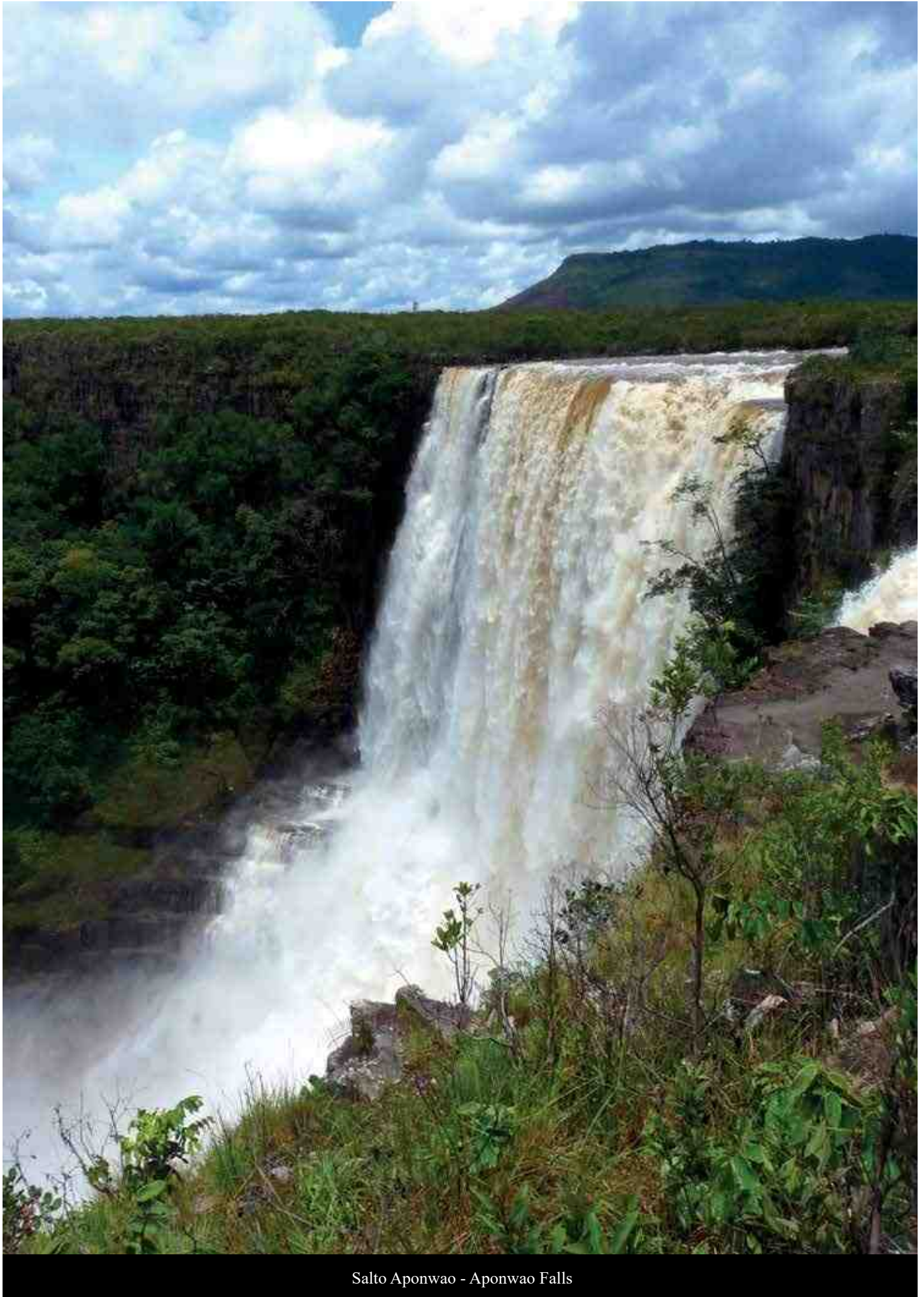
Quebrada de Jaspe - Jaspe Falls

Tiago Orihuea

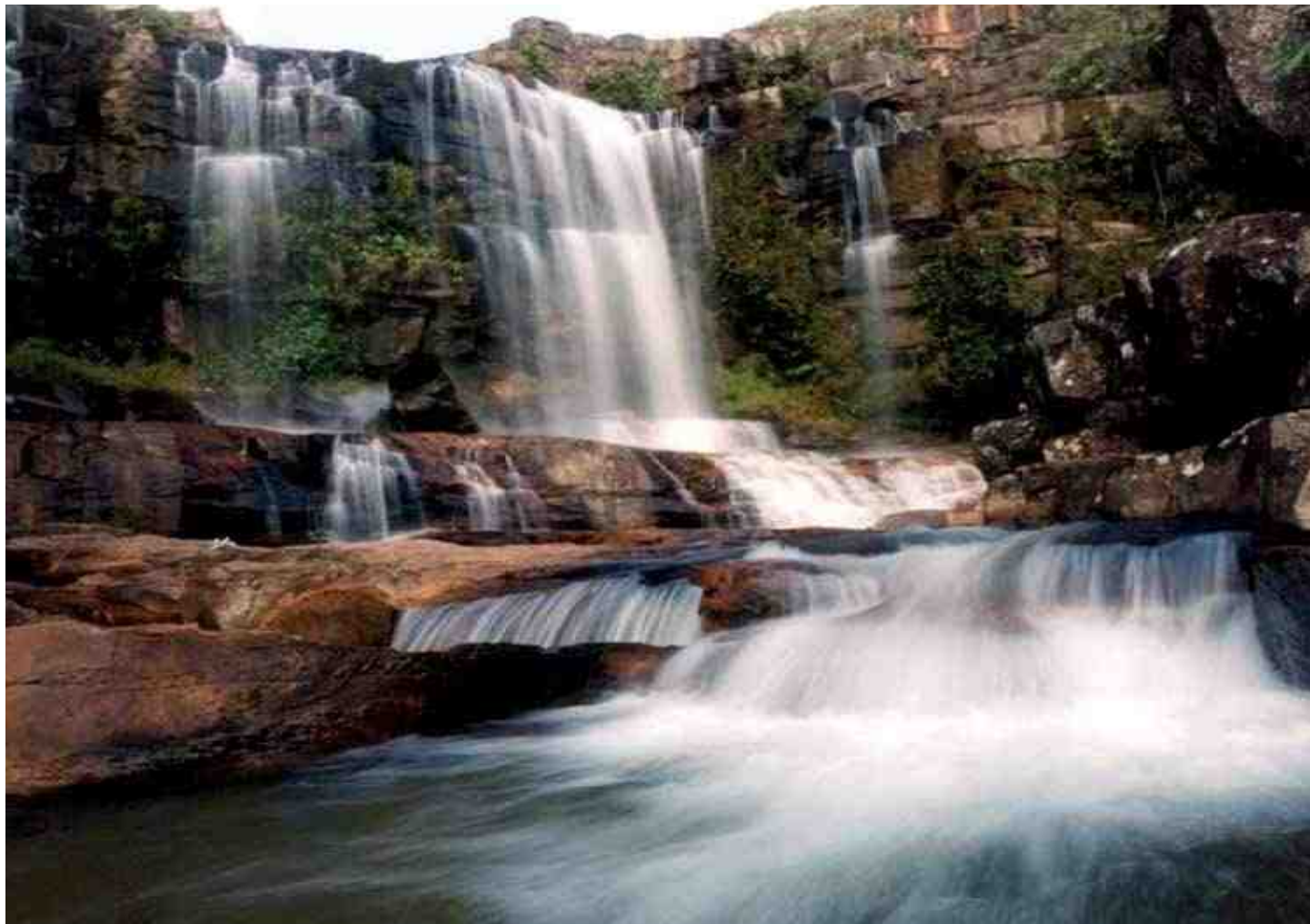


Salto Aponwao - Aponwao Falls

Roraima Adventure



Salto Aponwao - Aponwao Falls



Salto Arapan - Arapan Falls



8

SANTA ELENA DE UAIRÉN

Santa Elena of Uairén



SANTA ELENA DE UAIRÉN

A cidade foi fundada por Lucas Fernández Peña, no ano de 1923, quando chegou ao lugar em busca de diamantes. O nome é em homenagem a Elena, um de seus 23 filhos. Uairén significa, na língua indígena, pequeno recipiente em forma de canoa, usado para elaborar uma bebida fermentada da mandioca. Também é o nome de um pequeno riacho que atravessa a cidade.

Santa Elena é o núcleo populacional mais importante do município Gran Sabana. A cidade fica localizada ao sul do estado Bolívar, implantada a 907m de altitude, num vale rodeado de montanhas e somente a 15 km da fronteira com o Brasil, da cidade de Pacaraima, também chamada pelos venezuelanos de “La Línea”. A população de Santa Elena varia em torno de 20 mil habitantes e a temperatura média fica entre 25 e 28°C.

Possui um aeroporto com boa estrutura e a economia da cidade gira em torno do comércio, turismo e garimpo. Santa Elena, como área de livre comércio, tem uma boa rede hoteleira, com hotéis de vários níveis, pousadas, hospedarias, acampamentos, restaurantes, padarias, pizzarias, vendas de bebidas, postos de gasolina, supermercados, lanchonetes, eletrônicos, etc... Enfim, conta com todos os serviços de que um turista necessita para tornar a estada na cidade agradável e cômoda.

Um dos locais mais visitados em Santa Elena é a Catedral de Pedra, construída na metade do século passado com pedras dos arredores. A missão de Santa Elena é administrada pelos padres capuchinhos da ordem Franciscana.

A cidade é bastante movimentada, por receber grande número de turistas das outras regiões da Venezuela, bem como do Brasil e de outros países. É possível encontrar em Santa Elena e na Gran Sabana, americanos, alemães, franceses, canadenses, australianos, japoneses, italianos, etc...

Somente para conhecer o monte Roraima, calcula-se em torno de 3.000 turistas anualmente. Nos finais de semana e feriados prolongados muitos bo-avistenses “sobem a serra” para fazer compras em Santa Elena, abastecer os carros com uma das gasolinas mais baratas do mundo e se deliciar com os banhos nas cachoeiras da Gran Sabana, criando um intenso intercâmbio entre os dois países.

SANTA ELENA OF UAIRÉN

The city was founded by Lucas Fernández Peña, in the year 1923, when he arrived at the place in search of diamonds. The name is in honor of Elena, one of his 23 children. Uairén means, in the indigenous language, “a small canoe-shaped vessel,” used to prepare a fermented beverage made from cassava. It is also the name of a small stream that crosses the city.

Santa Elena is the most important population center of the county Great Savanna. The city is located in the southern part of the state of Bolívar, at an altitude of 907m, in a valley surrounded by mountains and only 15 km from the border with Brazil, from the city of Pacaraima, also called by Venezuelans “La Línea” (The Line). The population of Santa Elena varies around 20,000 inhabitants and the average temperature stays between 25 and 28°C (77 and 81°F).

It possesses an airport with a good structure and the economy of the city revolves around commerce, tourism and mining. Santa Elena, as a free trade area, has a good hotel network, with hotels of various levels, inns, hostels, campgrounds, restaurants, bakeries, pizzerias, liquor stores, gas stations, supermarkets, luncheonettes, electronics, etc. Finally, it has all the services that a tourist needs to make his stay in the city pleasant and comfortable.

One of the most visited places in Santa Elena is the Stone Cathedral, built in the middle of the past century with stones from around the vicinity. The mission of Santa Elena is administered by the Capuchin priests of the Franciscan order.

The town is rather busy, in that it receives a large number of tourists from the other regions of Venezuela, as well as from Brazil and from other countries. It is possible to find in Santa Elena and in the Great Savanna, Americans, Germans, Frenchmen, Canadians, Australians, Japanese, Italians, etc.

It is calculated that around 3,000 tourists visit per year, just to know Mount Roraima. On the weekends and prolonged holidays, many people from Boa Vista “ascend the ridge” to make purchases in Santa Elena to supply their cars with one of the cheapest gasolines in the world and delight in swimming holes by the waterfalls of the Great Savanna, creating an intense exchange between the two countries.



Estátua de Simon Bolívar - Simon Bolívar Statue



Centro Comercial de Santa Elena - Santa Elena Shopping Center



Fronteira Brasil - Venezuela - Brazil - Venezuela Border



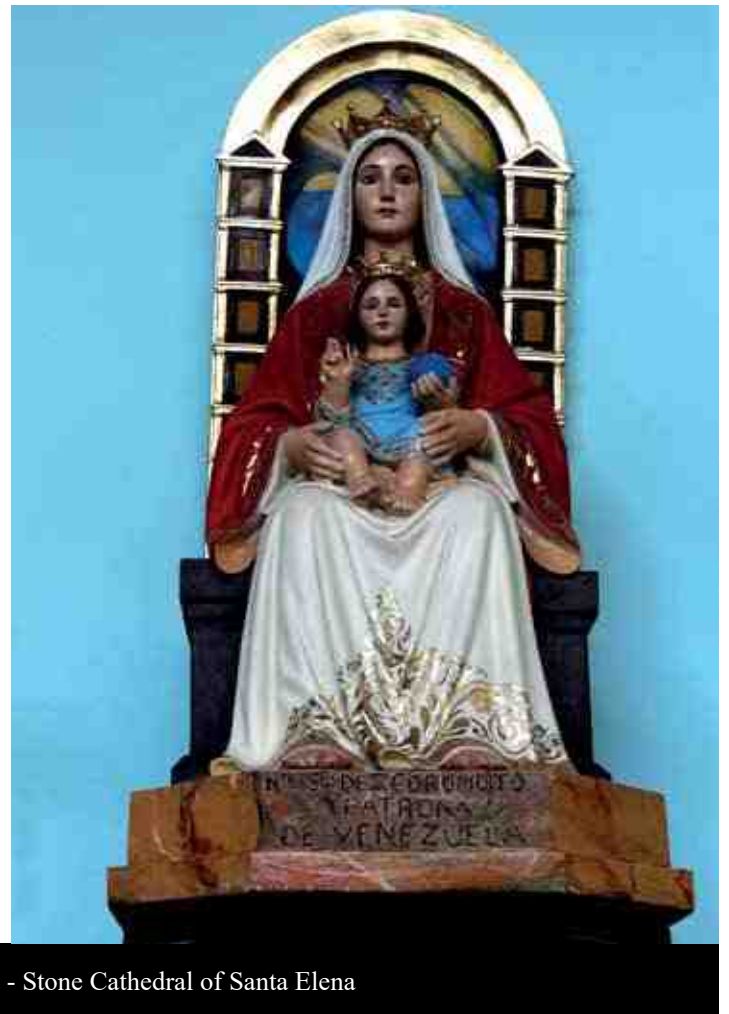
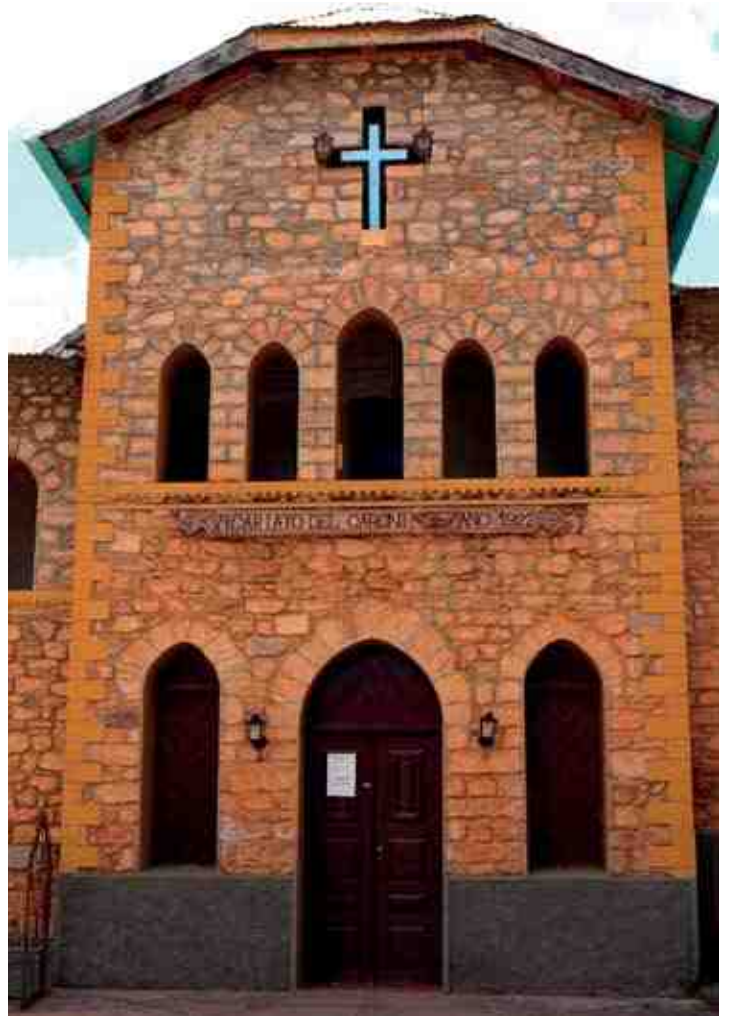
Fronteira Brasil - Venezuela Border



Estrada para Santa Elena - Road to Santa Elena



Hotel Anaconda - Anaconda Hotel



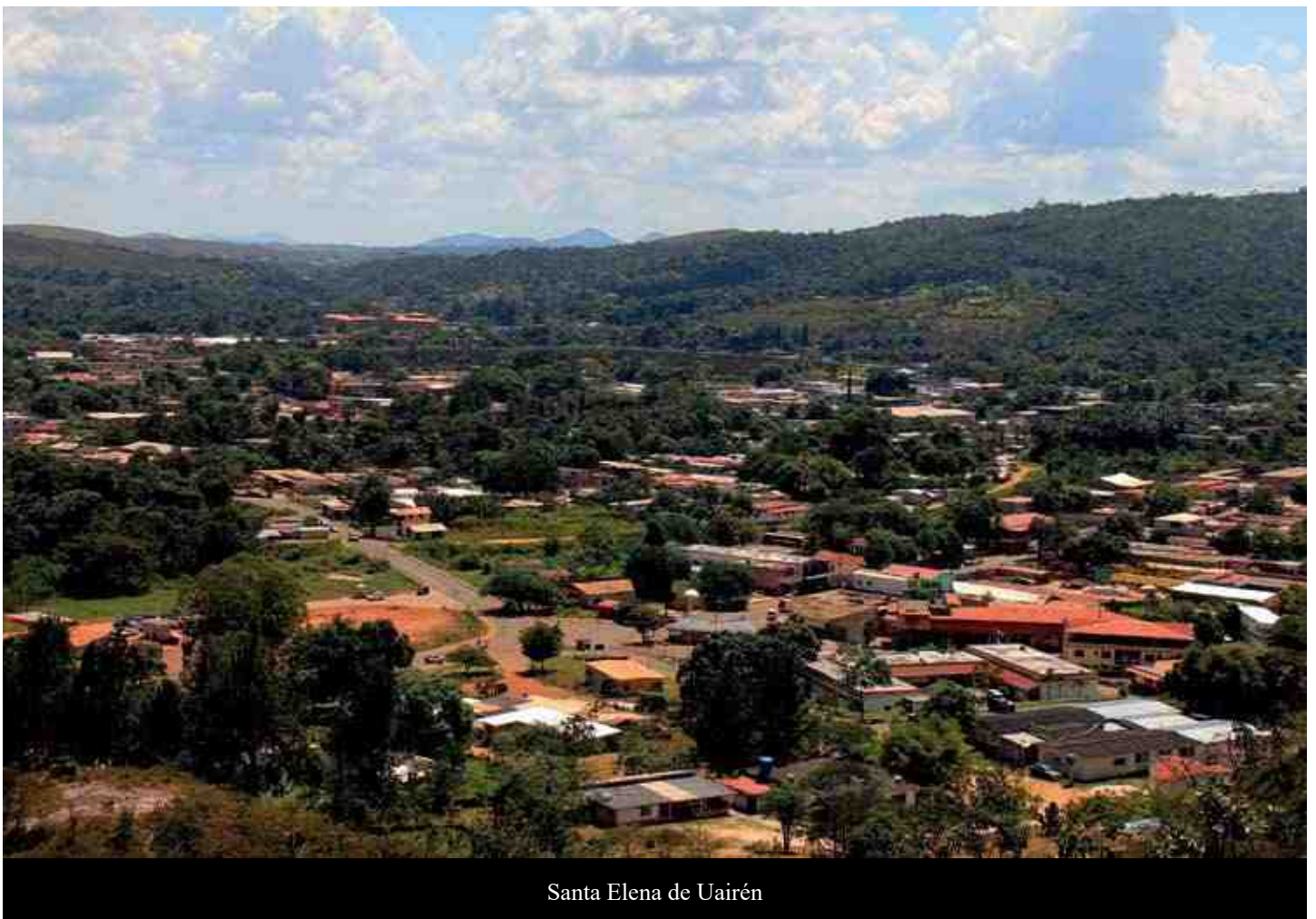
Catedral de Pedra de Santa Elena - Stone Cathedral of Santa Elena



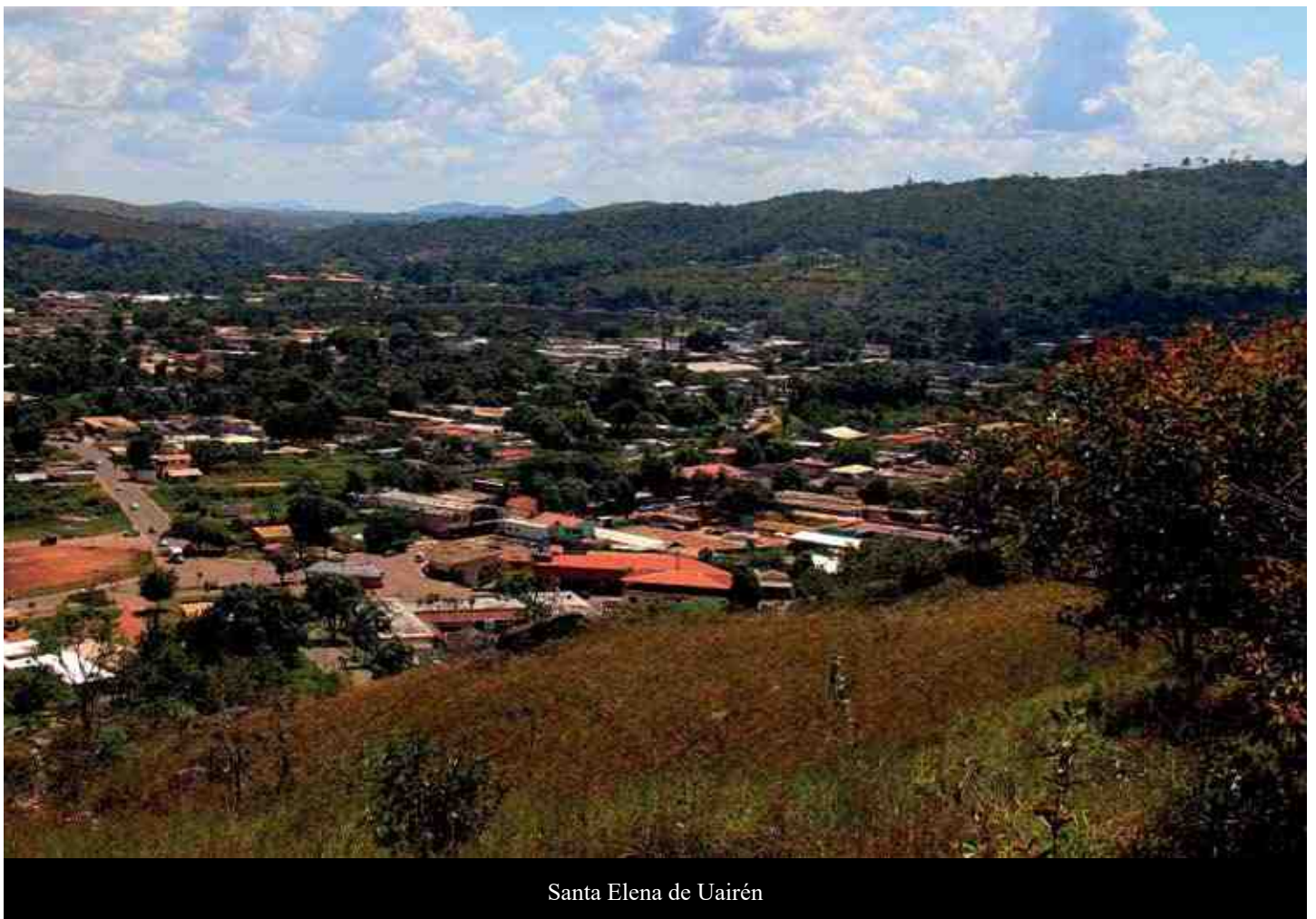
Catedral de Pedra de Santa Elena - Stone Cathedral of Santa Elena



Catedral de Pedra de Santa Elena - Stone Cathedral of Santa Elena



Santa Elena de Uairén



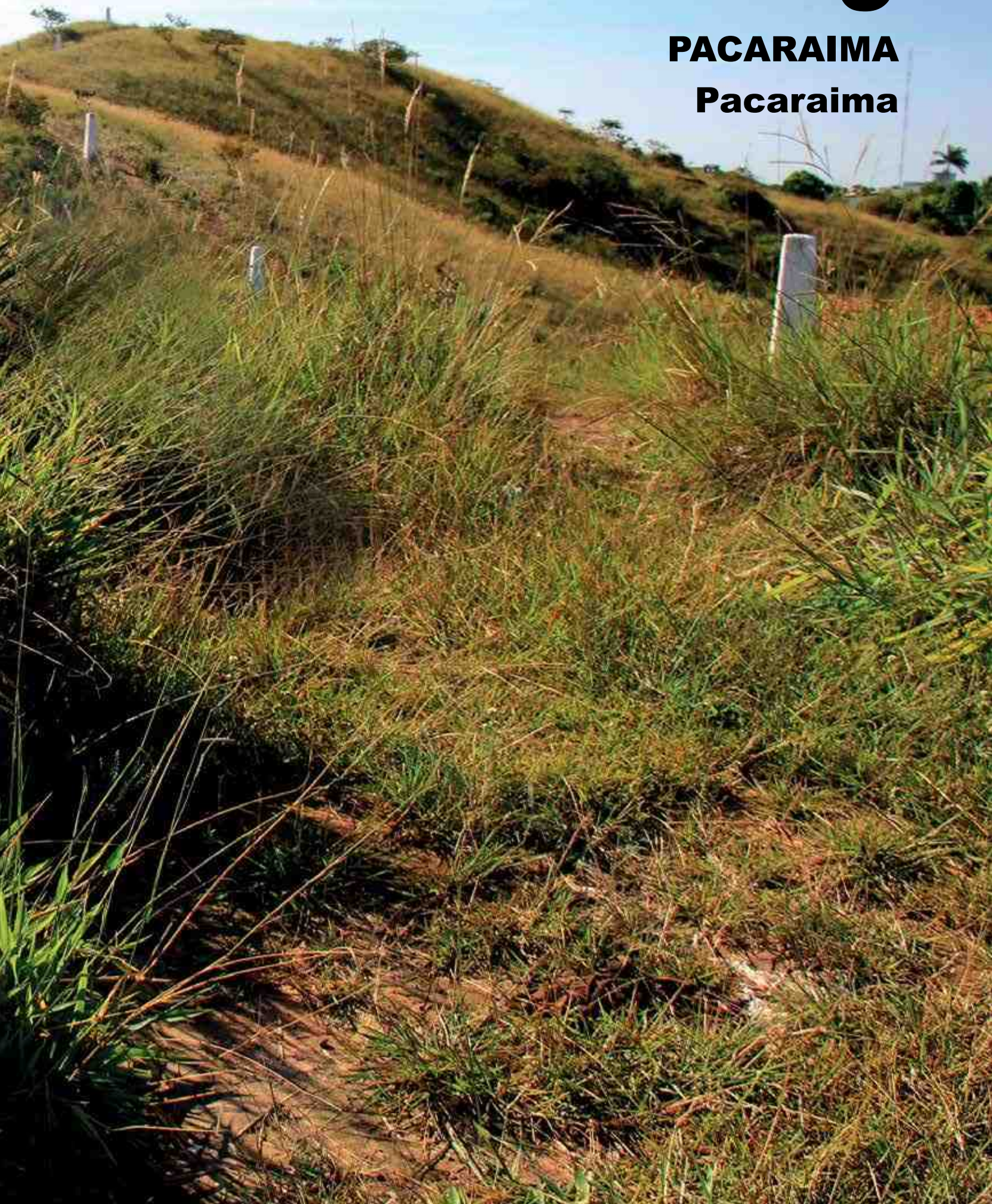
Santa Elena de Uairén

BV-8

9

PACARAIMA

Pacaraima



Localização do Município de Pacaraima

Pacaraima localization



PACARAIMA

A cidade de Pacaraima, antigamente conhecida por BV-8, está localizada na região norte do estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela. A sua história e localização estão ligadas à demarcação da fronteira com o país vizinho, através da colocação de marcos divisórios colocados pelo Exército, entre eles, o marco BV 8. Pacaraima é passagem obrigatória para quem vem de Boa Vista e deseja conhecer a Venezuela, o monte Roraima e as praias do Caribe.

Fica distante 220 km de Boa Vista e o acesso é pela rodovia BR-174, totalmente asfaltada. Por estar implantada a 940 metros de altitude, a temperatura média anual oscila entre 21°C e 25°C, bem diferente do clima tropical quente de quase todo o restante do estado, em que a temperatura pode chegar facilmente aos 35°C.

Há um serviço regular de ônibus ligando Boa Vista à Venezuela, bem como serviço de vans e táxis que fazem o percurso diariamente. A população de Pacaraima gira em torno de 10 mil habitantes e a sua emancipação política deu-se em 17 de outubro de 1995, quando desmembrou-se do município de Boa Vista.

A base de sua economia é o comércio fronteiriço, funcionando como um entreposto comercial, atraindo compradores de bens de consumo do país vizinho.

Para quem vem de carro do Brasil e deseja conhecer a Venezuela, não é obrigatório o passaporte, apenas o RG, o certificado de vacinação contra febre amarela, que os documentos do carro estejam no nome do condutor, além de uma licença do DETRAN (Departamento Nacional de Trânsito) com os dados do veículo.

Depois da polêmica questão da demarcação da reserva Raposa-Serra do Sol, a cidade de Pacaraima ficou inserida dentro da reserva indígena, criando dessa forma certo empecilho para o seu desenvolvimento. Recentemente, em 2010, o STF - Supremo Tribunal Federal, decidiu excluir a área urbana das terras demarcadas.

Pelo clima agradável de montanha que apresenta, muitos boavistenses possuem casa em Pacaraima, onde passam os finais de semana, aproveitando para descansar, fazer compras em Santa Elena de Uairén ou visitar a Gran Sabana.

Por outro lado, os vizinhos venezuelanos visitam Pacaraima para também fazerem compras, intensificando dessa forma o comércio entre as duas cidades fronteiriças. Nos feriados de Carnaval e Semana Santa é bastante intenso o movimento de carros venezuelanos não apenas em Pacaraima, mas também em Boa Vista.

Já se tornou tradicional em Pacaraima “A Micaraima”, o carnaval fora de época realizado uma semana depois do carnaval oficial. A festa reúne durante dois dias (sábado e domingo) milhares de pessoas, vindas não só de Roraima, bem como de Manaus e cidades da Venezuela. Bandas famosas do Brasil e da Venezuela agitam a festa que a cada ano reúne mais adeptos que dançam ao som de axés, sambas, salsas, merengues e reggatons.

PACARAIMA

The city of Pacaraima, formerly known as BV8, is located in the northern region of the state of Roraima, on the border with Venezuela. Its history and location are linked with the demarcation of the border with the neighboring country, through the placement of landmarks placed by the Army, among them the landmark BV 8. Pacaraima is an obligatory passage for whoever comes from Boa Vista and who wishes to know Venezuela, Mount Roraima and the Caribbean beaches.

It is 220 km from Boa Vista and access is by highway BR-174, fully paved. Being located at 940 meters of altitude, the average annual temperature oscillates between 21°C and 25°C (70°F and 76°F) , quite different from the hot tropical weather in almost all the rest of the state, in which the temperature can easily reach 35°C (95°F).

There is a regular bus service linking Boa Vista with Venezuela, as well as a service of vans and taxis that make the trip daily. The population of Pacaraima is around 10 thousand inhabitants and its political emancipation came about on October 17, 1995, when it separated from the municipality of Boa Vista.

The basis of its economy is the border commerce, working as a commercial emporium, attracting buyers of consumer goods from the neighboring country.

For whoever comes by car from Brazil and wishes to know Venezuela, it isn't obligatory to have one's passport, only Identification Card, a certificate of vaccination against yellow fever, that the car documents should be in the driver's name, and he/she should also have a license from DETRAN - Departamento Nacional de Trânsito – (National Department of Transit) with the vehicle's data.

After the controversial issue of demarcation of the reservation “Raposa-Serra do Sol”, the city of Pacaraima ended up inserted inside the indigenous reservation, creating, in this manner, a certain obstacle to its development. Recently, in 2010, the STF - Supremo Tribunal Federal - (Federal Supreme Tribunal) decided to exclude the urban area from the demarcated lands.

Given the pleasant mountainous weather, many people from Boa Vista have a house in Pacaraima, where they pass the weekends, using the time to relax, make purchases in Santa Elena de Uairén or visit the Great Savanna.

On the other hand, the Venezuelan neighbors visit Pacaraima also to make purchases, intensifying in this form the commerce between the two border cities. During the holidays of Carnival and Easter, the movement of Venezuelan cars is rather intense, not only in Pacaraima, but also in Boa Vista.

Already it has become traditional in Pacaraima “the Micaraima,” an off-season carnival held one week after the official carnival. The festival brings together over two days (Saturday and Sunday), thousands of people, who come, not only from Roraima, but also from Manaus and from cities in Venezuela. Famous bands from Brazil and from Venezuela excite the festival, which, each year, brings together more fans, who dance to the sound of axés, sambas, salsas, merengues and reggatons.



Estrada para Pacaraima ao amanhecer - Road to Pacaraima at dawn

Bruno Garmatz



Estrada para Pacaraima - Road to Pacaraima

Bruno Garmatz



Estrada para Pacaraima - Road to Pacaraima



Estrada para Pacaraima - Road to Pacaraima



Malocão Indígena na Região do rio Surumu - Reserva São Marcos - Indigenous hut in the Surumu river region - São Marcos reserve



Marco BV-8 deu origem à Pacaraima - Landmark BV-8 to originate Pacaraima





Taylor Nunes

Foto aérea de Pacaraima - Pacaraima aerial photo



Av. de acesso à Venezuela - Avenue of access to Venezuela



Postos de Fiscalização na fronteira - Checkpoints at the border



Rua Comercial de Pacaraima - Commercial Street in Pacaraima



Rua Comercial de Pacaraima - Commercial Street in Pacaraima

Livros e Sites Pesquisados – Books and sites researched

Sites:

WWW.venezuelatuya.com
WWW.a-venezuela.com
WWW.inparques.gob.ve
WWW.lagransabana.com
WWW.presidencia.gob.ve
WWW.rena.edu.ve
WWW.globoamazonia.com
WWW.dc.mre.gov.br
WWW.agenciabrasil.ebec.com.br
WWW.pacaraima.rr.gov.br
WWW.sigep.cprm.gov.br
WWW.guiaroraima.com.br
WWW.ibge.com.br

Livros - books

Mi Querida Venezuela – vários autores venezuelanos
Do Roraima ao Orinoco – Theodor Koch- Grünberg
Geografia e história de Roraima – Aimberê Freitas
El estado Bolívar y sus municipios – Carlos A. Betancourt
Historiografia das Expedições Científicas e Exploratórias no Vale do Rio Branco – Reinaldo Imbrozio Barbosa
Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista – FETEC (Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista)



SOBRE O AUTOR

O jornalista e fotógrafo Bruno Claudio Garmatz nasceu em Ibirubá/RS e vive em Boa Vista/RR desde 1983. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Roraima.

Em 2007 lançou seu primeiro livro “Conversando com Guillermo”, com 265pg de textos, fotos e documentos onde narra as aventuras do costarricense Guillermo Alfaro Garbanzo através de suas andanças pelo mundo nas décadas de 40-50 e 60 do século XX.

“Monte Roraima – A Morada de Makunaima” é o seu segundo livro, através do qual mostra toda a beleza do monte, bem como do entorno, incluindo informações gerais, históricas, geográficas e registros fotográficos da Venezuela, República da Guiana e do estado de Roraima.

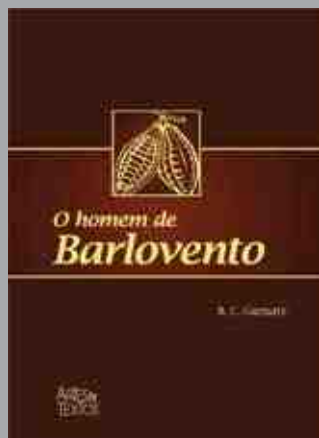
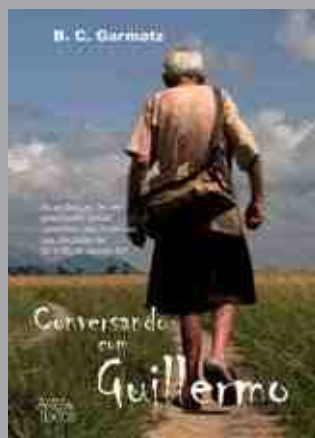
“O Homem de Barlovento” é um romance de ficção que tem como trama uma história de amor e mistério e tem como pano de fundo Roraima, Goiás e a Venezuela.

“Escolhas Erradas” é outro romance de ficção, tendo como tema ambição, política e corrupção e desenrola-se no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

“Remanescente das Sombras” é o seu último romance, que narra a caçada a um fugitivo nazista da 2ª Guerra Mundial que vem se esconder em Boa Vista em 1959.

Já realizou várias exposições fotográficas em Boa Vista, bem como no Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

Outros livros do autor | Another books of author



Contato | Contact
brunogarmatz@gmail.com
brunogarmatz.com.br
WhatsApp - 95 99136-7080

ABOUT THE AUTHOR

The journalist and photographer Bruno Claudio Garmatz was born in Ibirubá/RS and lives in Boa Vista/RR since 1983. He graduated in Social Communication from the Federal University of Roraima.

In 2007, he released his first book “Conversing with Guillermo” with 265pages of texts, pictures and documents where he narrates the adventures of the Costa Rican Guillermo Alfaro Garbanzo through his travels around the world in the decades 40-50 and 60 of the twentieth century.

“Mount Roraima - The Abode of Makunaima” is his second book, through which shows all the beauty of the mountain and as well as surrounding area, including general information, history, geography and photographic records of Venezuela, The Republic of Guyana and the state of Roraima.

“The Man of Barlovento” is a fictional romance whose plot is a story of love and mystery and has the backdrop of Roraima, Goiás and Venezuela.

“Wrong Choices” is another fictional romance, having as its ambition, politics and corruption and it takes place in Rio Grande do Sul and Mato Grosso do Sul.

“Remnant of Shadows “ is his latest novel , which tells the hunt for a Nazi fugitive of the 2nd World War that has been hiding in Boa Vista in 1959 .

He has already held various photo exhibitions in Boa Vista, as well as in Mato Grosso do Sul and Rio Grande do Sul.

